CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

REFORMISMO SOCIAL E AÇÃO POLÍTICA DE ANDRÉ REBOUÇAS: ENSINO TÉCNICO NO BRASIL EM FINAIS DO SÉC.XIX

WLADIMIR BARBOSA DA SILVA

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Educação, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Ciência, Tecnologia e Educação.

Orientadora: Tereza Maria Rolo Fachada Levy Cardoso

Coorientadora: Prof.ª Dra. Maria Renilda Nery Barreto

Rio de Janeiro
Outubro 2020

REFORMISMO SOCIAL E AÇÃO POLÍTICA DE ANDRÉ REBOUÇAS: ENSINO TÉCNICO NO BRASIL EM FINAIS DO SÉC.XIX

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Ciência, Tecnologia e Educação.

Wladimir Barbosa da Silva

Banca Examinadora:

_____

Presidente, Prof.ª Dra. Tereza Maria Rolo Fachada Levy Cardoso (CEFET/RJ) (orientadora)

_____

Professora Dra. Maria Renilda Nery Barreto (CEFET/RJ) (coorientadora)

_____

Professora Dra. Andreia Guerra de Moraes (CEFET/RJ)

_____

Professora Dra. Sheila Cristina Ribeiro Rego (CEFET/RJ)

_____

Professor Dr. Samuel Silva Rodrigues de Oliveira (CEFET/RJ)

_____

Professor Dr. Olival Freire Junior (UFBA)

Rio de Janeiro
Outubro 2020

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

S586 Silva, Wladimir Barbosa da
Reformismo social e ação política de André Rebouças: ensino técnico no Brasil em finais do séc.XIX / Wladimir Barbosa da Silva —2020.
192f : il. (algumas color.), enc.

Tese (Doutorado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca , 2020.
Bibliografia : f. 181-192
Orientadora: Tereza Maria Rolo Fachada Levy Cardoso Coorientadora: Maria Renilda Nery Barreto

1. André Pinto Rebouças, 1838-1898. 2. Ensino técnico.

3. Integração social. 4. Ciência - História. 5. Intelectuais negros.
I. Cardoso,Tereza Maria Rolo Fachada Levy (Orient.). II. Barreto, Maria Renilda Nery (Coorient.). III. Título.

CDD 926.2

Elaborada pela bibliotecária Tania Mello – CRB/7 nº 5507/04

AGRADECIMENTOS

Nada disso seria possível sem Dalva Castro Barbosa da Silva, minha mãe. Mulher negra, divorciada, operária e com dois filhos homens para criar, viu e viveu os horrores de morar em um local dominado por facções criminosas. Temerosa pelos filhos, Dalva acreditou incondicionalmente na educação como mecanismo de mudança social. Para isso, abriu mão da própria felicidade. Devido à situação financeira restrita, pagava uma conta e a outra ficava em atraso, adquiriu empréstimos e evitou comprar roupas e calçados para si mesma. Dalva faleceu em 2009, orgulhosa, não escondia a alegria em falar que seu filho Wladimir era professor de História!

Mas o serviço de Dalva não estava completo, ainda faltava colocar três mulheres na vida do filho Wladimir. Sua esposa Núbia e as professoras Tereza Maria R. F. Levy Cardoso e Maria Renilda N. Barreto. No mestrado em Relações Étnico-Raciais, cursado no CEFET Maracanã, Professora Renilda cobrou o que podia e o que não podia de mim, me conduziu com a sua extensa sabedoria durante a construção da dissertação. Tereza fez a mesma coisa na elaboração da tese no doutorado. No momento mais difícil da minha vida, quando precisei operar um adenoma no cérebro, cujo resultado foi à perda da visão direita, Tereza e Renilda me acolheram com o afago de uma mãe. Não deixaram de me cobrar, entretanto, foram pacientes e compreensivas, me ouviram quando tentei abandonar o curso por mais de três vezes. Sei que tem o dedo de minha mãe neste processo e também sei que Renilda e Tereza estavam destinadas a não me deixar desistir.

Para um homem negro nas minhas condições: pai de família, morador do subúrbio carioca, professor em duas escolas localizadas na periferia de dois municípios diferentes no Rio de Janeiro, recém-operado e com um bebê em casa, a vida não haveria de ser simples. Aliás, para negros como eu, os obstáculos são muitos: ausência de rede de ensino adequada, ausência do Estado nas comunidades promovendo ao menos saneamento básico, ambiente hostil em função da criminalidade, dificuldade de renda, entre outros impeditivos sociais que dificultam a vida dos negros e dos mais pobres no país.

Os desafios foram muitos ao longo dos quatro anos de curso, mas aqui estou eu, Wladimir Barbosa da Silva, contribuindo para aumentar o número ainda pequeno de negros doutores por este país tão desigual chamado Brasil.

Deixo meu enorme agradecimento a todos os professores do CEFET-Maracanã, obrigado pela ajuda e compreensão. Agradeço imensamente à Fundação Joaquim Nabuco pelo atendimento *on-line.* Em especial, fica o meu eterno agradecimento às professoras Tereza Fachada e Renilda Barreto. Sem vocês, esta tese não ficaria pronta. Agradeço em nome da

minha mãe e da minha esposa, todo o empenho, dedicação e carinho que vocês, professores, tiveram por mim durante esta longa caminhada. Obrigado do fundo do meu coração!

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar a trajetória intelectual de André Pinto Rebouças (1838-1898), entre os anos de 1870 a 1888. Integrante da elite imperial, Rebouças destoava, neste cenário, por ser negro, letrado e com educação de nível superior. Ele foi engenheiro, professor, empresário, jornalista e amante da ciência. Sua trajetória familiar, intelectual e profissional esteve interligada por uma extensa rede de sociabilidade. Rebouças sofreu com o racismo dentro e fora do Brasil, mas, nem por isso, abandonou o pensamento reformista europeu, típico da geração de 1870. Convicto em suas ideias, Rebouças apresentou sólida compreensão dos anseios sociais da época, cujo desejo por educação, trabalho e moradia repercutia em todo território brasileiro. Na segunda metade do século XIX, Rebouças problematizou a relação entre ensino, tecnologia e reforma social, destacando que o acesso a terra seria o mecanismo de ascensão social para negros e imigrantes europeus, cujos desenvolvimentos estariam alicerçados no ensino técnico, respeitando as especificidades de cada região do país. Realizamos um longo trabalho de garimpagem histórica nos diários de Rebouças entre os anos de 1870 a 1876, com o propósito de identificar e discutir suas produções intelectuais dedicadas ao ensino técnico e reforma social. Outras fontes se somaram ao diário, tais como correspondências, jornais, documentos da Escola Politécnica e a produção intelectual do próprio Rebouças. A relevância desse trabalho é somar reflexões no campo do ensino de ciência, da história das ciências, dos intelectuais e, em particular, dos cientistas e intelectuais negros.

Palavras-chave: André Rebouças; Ensino técnico; Reforma social; Ensino de ciências; história das ciências; intelectuais negros.

ABSTRACT

This research aims to analyze the intellectual trajectory of André Pinto Rebouças (1838-1898), between the years 1870 to 1888. Member of the imperial elite, Rebouças distined, in this scenario, for being black, littered and with higher education. He was an engineer, professor, businessman, journalist and science lover. His family, intellectual and professional trajectory was interconnected by an extensive network of sociability. Rebouças suffered from racism inside and outside Brazil, but he did not for that reason abandon the european reformist thinking, typical of the 1870 generation. Convinced in his ideas, Rebouças introduced a solid understanding of the social wishs of the time, whose desire for education, work and housing reverberated throughout Brazilian territory. In the second half of the nine teenth century, Rebouças problematized the relationship between education, technology and social reform emphasizing that acess to land would be the social ascension mechanism for blacks and European immigrants, whose development would be based on technical education, respecting the specificities of each region of country. We carried out a long work of historical mining in Rebouça's diaries between 1870 and 1876, with the purpose of identify and discuss his intellectual productions dedicated to technical education and social reform. Other sources were added to the diary, such as correspondence, newspapers, documents from the polytechnic school and the intellectual production of Rebouças. The relevance of this work is to add reflections in the field of science teaching, the history of sciences, intellectuals and, in particular, black scientists and intellectuals.

Keywords: André Rebouças; Technical education; Social reform; science teaching; history of sciences; black intellectuals.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Breve organização genealógica da família Rebouças. 56

Figura 2 – Imagem de Antonio Pereira Rebouças. 65

Figura 3 – Revista de Engenharia, 1886, ano VIII, nº 129. 72

Figura 4 – Colégio Kopke. 75

Figura 5 – Antigo Chafariz da Carioca e Novo Chafariz da Carioca. 86

Figura 6 – Busto de Antonio Rebouças Pereira Filho e André Pinto Rebouças. 100

Figura 7 – Parte externa do Sleeping Cars. 122

Figura 8 – Parte interna do Sleeping Cars. 122

Figura 9 – Mapa da Região flagelada pela seca de 1877 141

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Ação Política de André Rebouças entre os anos de 1870 a 1876. 136

Tabela 2 – Atuação intelectual de André Rebouças em clubes e associações entre 1870 a 1876. 138

Tabela 3 – Leituras realizadas por André Rebouças entre os anos de 1870 a 1876. 144

Tabela 4 – Atas e pareceres do Congresso da Instrução do Rio de Janeiro – 1883. 167

Tabela 5 – Quadro de disciplinas a serem ministradas nos cursos constantes na reforma do ensino técnico em 1887. 175

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AN	Arquivo Nacional
BN	Biblioteca Nacional
FJN	Fundação Joaquim Nabuco
GN	Gás Natural
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
MI	Museu Imperial
SAIN	Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional
SBCE	Sociedade Brasileira Contra a Escravidão

SUMÁRIO

Introdução **12**

1 A família Rebouças: trajetórias, origem familiar e redes de sociabilidade 41

1.1 Ser homem e mulher de cor em finais do séc. XIX no Brasil 41

1.2 A trajetória da família Rebouças em finais do séc. XIX 56

1.3 André Pinto Rebouças 73

1.4 André Rebouças e a geração de 1870 83

1.5 Os irmãos Rebouças e a geração de 1870: a noção de progresso e a crise hídrica na Corte 86

1.6 Pai feitiço e pai quimbombo 100

2 André Rebouças para além do atlântico: racismo e rede de sociabilidade de um engenheiro negro no séc. XIX **109**

2.1 Um negro produtor de ciência entre Europa e os Estados Unidos da América 109

2.2 Clientelismo e rede de sociabilidade 119

2.3 O retorno de Rebouças ao Brasil 127

3 Ação política, intelectualidade e o magistério na perspectiva de André Rebouças **135**

3.1 Ação Política 135

3.2 Intelectualidade 138

3.3 O magistério na perspectiva de André Rebouças 148

4 Inclusão social e o lugar de fala de André Rebouças na educação técnica Nacional **156**

4.1 Inclusão Social 156

4.2 Educação técnica e modernidade: o lugar de fala de André Rebouças 165

Considerações finais **177**

Referências **181**

Introdução

> Sempre pensei no sentido da Instrução Livre; havendo somente interseção do Estado quanto a Moral e a Higiene, devendo pertencer à parte religiosa a família e aos ministros das diversas religiões. Também cuidei no estabelecimento de duas Universidades, uma no Norte e outra no Sul do Brasil, em faculdades e os institutos necessários, e, portanto, apropriados às diversas regiões, sendo o provimento das cadeiras por meio de concurso público.
>
> André Pinto Rebouças (*Minha fé de ofício*)

Os anos finais do séc. XIX, no Brasil, apresentaram grandes transformações sociais, políticas, culturais e ideológicas. Nesse período, foi possível observar o percurso dos movimentos abolicionista e republicano à nascente industrialização, bem como a ampliação da formação superior com a criação dos cursos de Direito, Engenharia e Medicina. Durante este processo de mudanças ocorridas no país, André Pinto Rebouças se dedicou a pensar uma nação desenvolvida, ou como ele mesmo denominou, "sem ignorância". Para isso, conjecturou a implementação da "instrução livre", gratuita e científica como suporte viável para os avanços necessários no campo social e econômico. Era entusiasta das novas formas de modernidade em circulação na Europa e na América do Norte, como o melhoramento de estradas de ferro, transporte fluvial, porto para recebimento de mercadorias, alfândegas para estocagem e distribuição de produtos, estruturas de saneamento básico, calçamento e pavimentação de ruas.

André Rebouças idealizava a possibilidade de unir conhecimento técnico por meio do ensino com a redistribuição das terras em partes iguais para os homens e mulheres fora do cativeiro, bem como imigrantes que chegavam da Europa para engrossar as fileiras do mercado de trabalho nacional. Em linhas gerais, Rebouças defendia a divisão igualitária da terra e a não centralização de grandes áreas nas mãos de um pequeno grupo de pessoas. Entendia que esses espaços se tornariam locais prósperos se negros libertos e imigrantes recebessem treinamento específico sobre o uso da terra e o produto que melhor se adaptaria em cada região do país. Assim, para ele, este seria um dos aspectos integrados ao que chamou de "Democracia Rural".

O engenheiro compreendia que, inicialmente, a produção nessas áreas deveria atender a subsistência das pessoas, no entanto, havendo excedentes, esses alimentos escoariam para o mercado consumidor local, aumentando a oferta e diminuindo o valor de produtos a serem consumidos pelos mais pobres. Essa reorganização da terra, segundo Rebouças, nortearia o estabelecimento do ensino técnico a partir de cursos que respeitassem as características e especificidades de cada região do país. No entanto, a tarefa de seguir com este audacioso programa de ensino e reformismo social exigiu-lhe intensas articulações políticas, fundamentadas em argumentos técnico-científicos utilizados para reafirmar a urgência de ter no Brasil um programa integrado entre educação e reformas sociais.

Por esta razão, nosso trabalho, no campo da história social, busca compreender os mecanismos utilizados por André Rebouças para implantar no Brasil um ensino de qualidade atrelado à democratização da terra, aproveitando, sobretudo, o conhecimento científico mais moderno em circulação nos EUA e na Europa, em finais do séc. XIX. Não obstante, encaramos a tarefa de organizar um estudo unindo três características que julgamos marcantes no tocante ao engenheiro: intelectualidade, ação política e autoconfiança.

Intelectualidade, porque se dedicou ao estudo de questões científicas, políticas e sociais. Pensou e organizou trabalhos de grande relevância acadêmica, tornou-se engenheiro, professor, jornalista e empresário. Incentivou o desenvolvimento da indústria e da agricultura nacional, atravessou o Oceano Atlântico em busca de novos conhecimentos científicos ligados à engenharia, preocupou-se com a implementação de novos portos e ferrovias para o país, defendendo a necessidade de diversificação de transportes para escoar a produção de insumos nacionais e internacionais.

Politicamente, agiu nos bastidores do Segundo Reinado brasileiro, optando pela discrição. Mesmo com esta característica sóbria de ação política, Rebouças estabeleceu contatos nacionais e internacionais de grande importância comercial e científica. Lutou pela abolição da escravatura, produzindo artigos em jornais ou propondo mudanças na legislação em benefício dos cativos. Defendeu a entrada de imigrantes no Brasil como forma de alavancar o progresso do país. Procurou convencer amigos e adversários sobre a necessidade de tornar o Brasil mais moderno e desenvolvido.

Em meio a esses contatos, foi, contudo, altamente confiante em suas convicções, já que os encontros e desencontros do mundo político processaram mudanças sociais e econômicas com as quais foi obrigado a conviver. Seu perfil autoconfiante lhe rendeu mais de 10 anos de esforço intelectual e político na defesa do seu programa de ensino e reforma social.

O racismo enfrentado por André, ao longo desse período, também se tornaria um poderoso adversário que o perseguiria dia e noite. Insultos contra sua honestidade e inteligência ganharam as páginas dos jornais, como o próprio Rebouças sinalizou em seus diários. Periódicos de grande circulação, como *Correio Mercantil* e *Diário do Rio de Janeiro,* traziam insultos "injuriosos" revestidos de "preconceito de cor" (*Diário de André Rebouças* - Vol. 10 – 10 de outubro de 1870 a 3 de junho de 1871). Ao longo deste estudo, traremos à baila alguns episódios de preconceito racial sofridos pelo engenheiro. Estes fatos sobremaneira evidenciam o quão difícil era a ascensão do negro em uma sociedade altamente preconceituosa; embora letrado, com curso superior e experiência internacional na Engenheira Civil, Rebouças tinha contra si o fator "cor da pele", que lhe impôs limites políticos, profissionais e sociais.

O caminho trilhado até chegar a André Pinto Rebouças

Durante minha graduação em História, sempre me fascinou o estudo por questões ligadas ao movimento pela libertação dos escravos no Brasil e seus desdobramentos em decorrência da abolição. Por indicação dos meus professores, tive contato com algumas obras como *A Campanha Abolicionista*, de José Murilo de Carvalho (1996), *Minha Formação,* de Joaquim Nabuco (1974), *O abolicionismo*, também da autoria de Joaquim Nabuco (2000), assim como *André Rebouças: reforma & utopia no contexto do Segundo Império: quem possui a terra possui o homem*, de Joselice Jucá (2001).

Após essas leituras, decidi problematizar o cenário abolicionista a partir da perspectiva dos jornais, o que me levou a escrever a monografia de final de graduação, intitulada *A Imprensa como propagadora das ideias abolicionistas no Rio de Janeiro e*

a Sociedade Brasileira Contra a Escravidão (1880 – 1888). No decorrer da referida pesquisa, ficou esclarecido para mim o quão importante foram os periódicos no cenário sociopolítico do Brasil no final do séc. XIX. Essa constatação fez meu professor de História do Brasil II, Marcos Sanches, indicar-me o livro: *História da Imprensa no Brasil*, de Nelson Werneck Sodré (1999). A partir desse material, passei a pesquisar os periódicos ligados ao movimento abolicionista e logo me deparei com *O Abolicionista*. Lançado em 1880, esse periódico tinha como principal objetivo ser o órgão de imprensa da Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, fundada no mesmo período, cujo manifesto contou com a participação efetiva de André Pinto Rebouças, que, em companhia de outros abolicionistas, transformou esta sociedade em um centro político nos momentos finais da luta pela liberdade dos homens e mulheres escravizados.

Para o Mestrado em Relações Étnico-Raciais, decidi continuar a explorar o periodismo leigo, ampliei o quantitativo, ou seja, além de *O Abolicionista* trabalhei também com *A Novidade* (Corte), *A Reforma* (Corte); *Gazeta de Notícias* (Corte), *Gazeta da Tarde* (Corte), *Cidade do Rio* (Corte), *O País* (Corte), *Libertador* (Ceará), *O Pacotilha* (Maranhão); *Ave Libertas* (Recife), *Vinte e Cinco de Março* (Ceará) e *Ceará Livre* (Ceará).

Estendi também a abrangência geográfica, uma vez que os periódicos da Corte mantinham correspondência com outros, das mais diversas províncias do Brasil e mesmo com outros países. Os clubes, sociedades e associações abolicionistas surgiram em diversas regiões do Império dando um caráter nacional à luta pela escravidão. Essas instituições abolicionistas estabeleceram conexões internacionais em busca de apoio, visibilidade e fortalecimento do movimento, que, por sua vez, agregava ações políticas em jornais, clubes e associações.

Ao fazer esse movimento de cruzamento de fontes e de leitura atenta dos periódicos, observei que as mulheres foram também protagonistas desse movimento, tanto quanto os homens. A historiografia atribui o mérito da campanha abolicionista às ações de Nabuco, Patrocínio, Rebouças, Clapp, Dantas, entre outros personagens masculinos. A participação feminina é apenas comentada, mas não analisada. Dessa forma, explorei outro viés do movimento pela abolição: o protagonismo feminino.

Na esteira das análises documentais sobre a campanha abolicionista, observei que outro problema transitava pela pauta política daqueles que lutavam em favor dos

homens e mulheres escravizados, todavia sua relevância perdeu fôlego com o advento do regime republicano e os novos rumos que o país ganhava após a assinatura da Lei Áurea, em 1888. Em linhas gerais, tal problemática dizia respeito às políticas que seriam desenvolvidas em favor dos homens e mulheres libertos. Posso afirmar que uma dezena ou mais de projetos entraram na pauta das discussões políticas sobre o assunto. Pessoas ligadas à elite imperial como Rui Barbosa e André Rebouças, assim como grupos femininos abolicionistas, se dedicaram a organizar projetos direcionados à inserção dos libertos na sociedade, pensando, sobretudo, em ensino, moradia, trabalho, garantia de direitos, etc. Entretanto, sabemos que, na prática, esses ganhos sociais não foram absorvidos pelo regime republicano, embora a Constituição de 24 de fevereiro de 1891. Em seu Art. 72, § 2º, disse que todos eram iguais perante a lei, incluindo, é claro, os homens e mulheres que sofreram com o cativeiro.

Em meio ao grande volume de informações e um número significativo de personagens históricos envolvidos com a temática do pós-abolição, me interessou verificar o quão significativo foi o projeto idealizado por André Pinto Rebouças (1833-1898), cuja pretensão era fornecer "instrução livre" para o povo, com fundamentos no ensino técnico, atrelando este modo de conhecimento ao processo de democratização da terra. Assim, áreas então inexploradas e nas mãos de grandes proprietários receberiam mão de obra especializada para alavancar a agricultura nacional, e, por conseguinte, o desenvolvimento socioeconômico do país.

Negro, letrado, com educação de nível superior, André Rebouças tornou-se engenheiro, professor, empresário, jornalista e um amante da ciência. Sua intensa produção escrita apontou para um amplo projeto de reforma social e econômica, pautado no incremento do ensino técnico como mecanismo de inserção social de homens e mulheres saídos do cativeiro, bem como imigrantes vindos da Europa. Em paralelo, e não desconectado dos seus princípios educacionais, pretendia ele dividir o solo brasileiro, cujo destino final desembocaria na igualdade de condições sociais para que libertos e imigrantes obtivessem, por meio do seu trabalho, as condições necessárias para sua sobrevivência social e econômica no cenário nacional.

Diante do desafio de compreender as ações de Rebouças no campo intelectual e político, desenvolvemos este trabalho historiográfico nos embasando sobremaneira nos documentos produzidos pelo engenheiro durante os anos de 1870 a 1880.

O presente estudo relaciona-se com a linha de pesquisa História e Filosofia da Ciência e da Tecnologia no Ensino, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Educação do CEFET-RJ. Este tema vem sendo maturado durante a minha participação no grupo de estudos História e Historiografia dos Intelectuais, coordenado pelas professoras Maria Renilda Barreto e Tereza Fachada L. Cardoso. Entendemos que a trajetória intelectual, política e profissional de André Rebouças convergiu de modo bastante significativo para o seu pensamento reformador. Com isso, abrimos um campo de discussão abordando a relação entre ensino técnico, ação política e reformismo social, procurando demonstrar que o acesso a terra, na sua perspectiva, seria um mecanismo viável de ascensão social para negros e imigrantes europeus.

Objeto

Esta tese discute a trajetória intelectual e familiar de André Pinto Rebouças. Utilizamos os seus diários pessoais como fonte histórica primordial para estabelecer o nosso recorte temporal entre os anos de 1870 a 1880. Nesse período, André Rebouças realizou um intenso trabalho para colocar em prática o seu programa de reforma social vinculado à educação de negros e imigrantes. Imbuído deste propósito, ele articulou contatos políticos em âmbito nacional e internacional, transitou pelos salões da elite imperial buscando apoio entre políticos de grande prestígio na corte, discutiu com o Imperador D. Pedro II os benefícios econômicos para o país, em função da implantação do seu programa de reforma social e ensino técnico, pretendendo com isso elevar o Brasil ao patamar produtivo de nível internacional, cujo amparo estava no conhecimento científico difundido em toda a Europa.

Ao longo da sua trajetória, André Rebouças conviveu com o cenário racial em função da sua origem africana, pois sua condição de "mulato" recorrentemente era utilizada como artifício ofensivo. Segundo ele, as ações preconceituosas estavam ligadas à sua condição de "homem de cor", fato que, em algumas ocasiões, retardou seus objetivos pessoais. O que podemos afirmar com isso é que essa condição de homem negro não se tornou um apêndice em sua vida, logo a missão de buscar espaço entre a elite imperial não foi interrompida mesmo diante de ofensas racistas.

Selecionar um espaço temporal concernente às produções intelectuais deste homem não foi uma tarefa relativamente simples, mesmo porque sua vida e obra, nos últimos 20 anos, tem sido bastante explorada por historiadores, o que torna ainda mais desafiador o processo de escolha das fontes, assim como sua viabilidade para o campo da História e Historiografia dos intelectuais.

A despeito das fontes encontradas, boa parte foi complementada à medida que as impressões de André Rebouças ganhavam substância ao longo dos anos. Em outras palavras, há remissões temporais concatenando fatos do presente ao passado, principalmente em seus diários pessoais, o que nos levou ao encontro de outros documentos escritos anos mais tarde e que serviram de complementação de ideias lançadas anteriormente. Por este motivo, avançamos para além de 1880 como forma de compreender alguns desfechos iniciados a partir do nosso recorte cronológico inicial, a relembrar, 1870. Assim, em termos documentais, avançamos até 1888, ano em que foi possível complementar o sentido das opiniões e perspectivas de Rebouças acerca da execução do seu programa de reforma social e ensino técnico.

Este recorte cronológico também nos permite visualizar um cenário intelectual e político bastante interessante sobre o engenheiro, já que nesse período realizou importantes estudos sobre Engenharia Civil, tais como portos e ferrovias; elaborou projetos econômicos guiados pelo liberalismo; se estabeleceu como um importante correspondente internacional na imprensa da Corte, trabalho que lhe rendeu uma nova ramificação política, em função da circulação dos seus artigos fora do Brasil. Ao mesmo tempo, adquiriu respeito e admiração de alunos e professores da Escola Politécnica do Rio de Janeiro.

Enfim, o período selecionado reserva importantes considerações a serem levantadas sobre a atuação intelectual e política de André Rebouças. Vale ressaltar que os anos subsequentes relativos à vida do engenheiro vêm sendo explorados com frequência em trabalhos historiográficos recentes. Por este motivo, priorizamos preencher hiatos significativos da historiografia no que se refere à sua condição de importante intelectual brasileiro.

Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa busca analisar a trajetória familiar e intelectual de André Pinto Rebouças entre os anos de 1870 a 1880, discutindo sua preocupação em organizar um audacioso projeto de reforma social a partir da democratização do solo nacional em finais do séc. XIX. Ele entendia que o avanço produtivo do Brasil estava em fornecer ensino técnico para negros e imigrantes. Deste modo, regiões que outrora permaneciam improdutivas receberiam atividade econômica especializada onde homens e mulheres estariam prontos para lidar com as especificidades climáticas, produtivas e comerciais de cada região do país.

Em termos específicos, nos propomos a:

1. Analisar a trajetória familiar de André Pinto Rebouças, observando suas relações de parentesco e estratégias de sobrevivência social em finais do séc. XIX, levando em consideração que os Rebouças eram uma família tipicamente brasileira, ou seja, misturada em suas origens e diversificada em suas relações pessoais;

2. Problematização o entendimento acerca do termo "homem de cor" e sua distinção social em finais do séc. XIX;

3. Identificar as bases do programa de reforma social, buscando compreender a relação entre projeto de ensino técnico para capacitação de negros e imigrantes europeus e reforma agrária;

4. Contextualizar o projeto de ensino técnico apresentado pelo engenheiro, expondo alguns entraves políticos que dificultaram a sua inserção como modelo educacional viável para o país em finais do séc. XIX;

5. Discutir a produção intelectual de André Rebouças, publicada em periódicos e outros escritos, destacando como o engenheiro construiu seus argumentos filosóficos em defesa de ter um programa de reforma social vinculado a "instrução livre";

6. Caracterizar a ação política de André Rebouças, privilegiando suas articulações pessoais e profissionais realizadas entre os anos de 1870 a 1880;

Problematização

Reconstruir os traços marcantes da atuação intelectual e política de André Rebouças requereu problematizar uma extensa cadeia de relações sociais, raciais, culturais e profissionais. Nossa investigação se inicia com o estudo das relações sociais da família Rebouças, identificando seus laços de parentesco e estratégias de sobrevivência na sociedade imperial brasileira no final do séc. XIX.

A proposta é, nesse sentido, observar a trajetória de André Rebouças desde quando ainda era criança na Bahia, passando pela vinda da sua família para o Rio de Janeiro, sua formação no curso de Engenharia Militar e, tão logo, sua inserção no disputado e segmentado mercado de trabalho do império brasileiro. Com o passar do tempo e diversas experiências profissionais, culturais e raciais, André resolve propor um projeto de educação/ensino que contemplasse negros libertos ou ainda escravizados, além de imigrantes. No entanto, sabemos que a questão da emancipação dos escravos e os anseios de liberdade expressos nos conflitos vivenciados entre escravos e libertos que tomam parte nas conjurações, sedições e revoltas ocorridas em várias regiões brasileiras – e, também nas lutas e resistências cotidianas de enfrentamento ao poder senhorial -, são alguns dos elementos que compõem a complexa estrutura social oitocentista, cuja mobilidade dos menos favorecidos, em sua maioria negros, era praticamente impossível, salvo raras exceções.

Durante a pesquisa, foi possível identificar a inclinação de Rebouças para o campo da reforma social. Esta, por sua vez, fundamentava-se no ensino técnico e no acesso a terra como ponte de mudança socioeconômica para o grupo que defendia. Essa tendência mais humana/social do engenheiro reforça nossa tese de que seus laços

familiares, assim como sua extensa rede de contatos sociais, foram determinantes e exerceram grande influência política e intelectual nas escolhas que fez ao longo da vida. No entanto, é preciso levar em consideração a boa educação que recebeu, na qual parte do seu avanço profissional se deu por esforço próprio, sendo a outra metade creditada a seu pai, Antonio Pereira Rebouças (1798-1848).

Constatamos que a fundamentação por uma "democracia rural brasileira", a defesa de uma política econômica e social voltada para evitar outras formas alternativas de escravidão, bem como a idealização de um projeto educacional voltado para população negra e de imigrantes – foram uma pauta recorrente nos Rebouças.

Sua construção como intelectual deve-se, em grande parte, à geração de 1870, a qual contribuiu de forma sensível para sua formação ideológica. Influenciado pela ideia de modernidade defendida pelo movimento intelectual de 70, projetou um Brasil desenvolvido a partir da instrução pública de qualidade com fundamentos científicos, no qual os indivíduos estariam livres da escravidão. Em paralelo, essas pessoas seriam beneficiadas pela redistribuição de terras de modo igualitário, fornecendo aos trabalhadores qualificação técnica para o melhor desenvolvimento da agricultura nacional, colocando assim, como entendia Rebouças, o "Brasil no caminho do progresso".

Ao longo do nosso estudo, foi possível verificar o descontentamento do engenheiro com a rotina política do parlamento brasileiro, o qual, segundo Rebouças, "criava obstáculos" para temas sensíveis tais como abolição da escravatura, desenvolvimento da agricultura nacional com base nos princípios liberais, assuntos ligados à educação dos negros, ora ainda na condição de escravizados ou daqueles já libertos do cativeiro. É justamente a partir deste incômodo político que Rebouças toma a decisão de elaborar um extenso programa de reforma social para o Brasil. A problemática está em questionar se a condição de homem negro, juntamente com os eventos históricos ocorridos no Brasil, determinou o fracasso do seu projeto educacional. A instabilidade política do Império brasileiro em finais do séc. XIX e o advento da República, que, por sua vez, não se preocupou em solucionar o problema da escolarização dos negros, ignorando, com isso, projetos de caráter reformador como o proposto por André Rebouças.

Outro impeditivo diz respeito à sua escolha ideológica e ação política. Se por um lado negou assumir cargos no Estado, como deputado, senador e vereador, por outro, foi necessário contar com a boa vontade de políticos com grande prestígio no Império, como José Maria da Silva Paranhos (Visconde de Rio Branco) e Joaquim José Rodrigues Torres (Visconde de Itaboraí). Este mecanismo de trânsito entre a elite política não surtiu efeito a longo prazo. Nosso estudo observou que o engenheiro abertamente tecia pesadas críticas à forma como os governantes encaravam as demandas prioritárias do país no campo social e econômico. Sendo assim, o entrave seguinte estaria no erro estratégico quanto à dependência política de algumas figuras do Estado (deputados, senadores e ministros) que não deram a celeridade devida e atenção necessária ao seu projeto de ensino.

Ou seja, no seu entendimento, estes homens moviam-se por conveniência das elites que representavam, logo, executar um programa de reforma social e ensino técnico que esbarrava nos anseios quanto à manutenção do *status quo* desta elite. Não por acaso, seu programa de melhoramento para o país foi deixado à margem daquilo que objetivava as forças políticas do período. Todavia, a busca por respostas a estas indagações reserva pontos de observação bastante interessantes acerca da movimentação política e intelectual de André Rebouças ao longo de 10 anos de articulações, logrando o implemento do seu audacioso programa de ensino e reforma social.

Contribuição historiográfica e ineditismo da pesquisa

Nos últimos 20 anos, diversos historiadores se dedicaram ao estudo dos aspectos mais relevantes sobre a vida e obra de André Rebouças. Embora alguns destes estudos tenham importante profundidade historiográfica, ainda é possível enxergar hiatos significativos no que se refere à sua intelectualidade.

Desta forma, no decorrer das nossas análises, foi possível identificar que apenas uma obra se dedicou a depurar suas relações sociais. Este trabalho foi desenvolvido por Irina Vassilieff (2009), a qual defende a tese do quão ativo foi o engenheiro na ajuda aos imigrantes europeus. A autora argumenta que, ao se tornar sócio da *Sociedade Central de Imigração (SCI)*, André exerceu importante influência junto aos integrantes

desta sociedade. Vassilieff realizou uma análise social dos indivíduos, levando em consideração suas profissões. Entretanto, ela não avançou para além da fronteira formal destes dados, ignorando o intercâmbio social, político, econômico, cultural e profissional formado em torno do engenheiro e não explorou as conexões sociais ou "rede de sociabilidade" que integraram o conjunto de relações vivenciadas por Rebouças, tampouco discutiu com profundidade o quanto influenciou e foi influenciado pelas relações estabelecidas.

Em relação à origem familiar, observamos que as obras de Louzeiro (1968), Ruiz (1973), Santos (1985), Juca (1988 e 2001), Carvalho (1998) e Vassilieff (2009) apenas reproduziram os laços familiares de André, estabelecendo o que podemos chamar de consenso historiográfico, mencionando apenas fragmentos da infância de Rebouças, a origem de seus pais, o convívio com seu irmão Antonio Pereira Rebouças e de modo discreto a relação com José Pereira Rebouças, seu irmão mais novo. Nenhum dos estudos se preocupou em reconstruir as relações familiares de uma família de negros levando em consideração seus mecanismos de sobrevivência entre a elite imperial. Assim, nos dedicamos ao preenchimento destes espaços deixados por estes pesquisadores, embora reconhecendo a grande dificuldade em concatenar os dados familiares do engenheiro.

Por esta razão, trabalhamos com a perspectiva de remontagem da árvore genealógica dos Rebouças, cujos dados revelam a existência de uma família tipicamente brasileira, ou seja, misturada em suas origens e diversificada em suas relações pessoais, contudo marcada pela forte herança africana refletida na cor da sua pele. Este mapeamento nos possibilitou compreender determinados gostos e estilos de André, principalmente no que diz respeito à sua construção intelectual e política. Logo, podemos afirmar que suas experiências familiares não se limitaram aos muros da corte com seu pai, mãe e irmãos, tampouco estiveram restritas à Bahia, com seus tios. Alguns dos seus parentes atravessaram o Atlântico, se estabeleceram em outros países, retornaram ao Brasil para assumir postos de prestígio social, situação que nos permitiu identificar determinadas estratégias e mecanismos de sobrevivência social utilizados pela família, tendo em vista a difícil tarefa de se manterem ativos em uma sociedade altamente estratificada e racista.

No tocante aos seus laços sociais ou "rede de sociabilidade", procuramos demonstrar, de forma inédita, como foi construída sua teia de relacionamento durante os anos de 1870 a 1880. Acreditamos que este período foi extremamente relevante para sua consolidação como intelectual e político. Este último cenário, discreto em relação à exposição pessoal, porém extremante atuante do ponto de vista de intercâmbio social. Investigamos a importância deste espaço temporal levando em consideração seu intenso trabalho junto a amigos, colegas de profissão, aliados internos à política, bem como integrantes de sociedades científicas ou promotora das artes e ofícios. Entre 1870 a 1876, quantificamos e qualificamos a sua "rede de sociabilidade", atentando em especial para as conexões que lograram êxito e/ou não tiveram o resultado político esperado.

André esteve envolvido em diversos episódios raciais. Por esta razão, recorremos às obras de Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes. Este conjunto literário tem como finalidade apresentar ao leitor uma discussão acerca da abordagem conceitual das noções de raça, racismo e identidade negra. Reforçando essas abordagens, temos a obra de Paul Gilroy: *O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência*, a partir da qual buscaremos mostrar como André Rebouças é inserido e pensado na perspectiva do Atlântico Negro, resgatando seu lugar de fala como um engenheiro negro que vivenciou as experiências da segregação racial americana e o perverso racismo brasileiro. Gilroy rompe com o silenciamento da história moderna, que se limitou em calar a história do negro escrita pelo próprio negro. Encontramos na figura de Rebouças este ponto de ruptura contra o preconceito étnico e seu *estabelichment* historiográfico eurocêntrico.

Objetivamente, embarcaremos na missão de comprovar o quão importante foi para Rebouças transitar entre a elite imperial, ora porque necessitava sobreviver social, político e profissionalmente, ora porque acreditava que seus laços de amizade, bem como sua boa relação com figuras de grande representação política na corte, o ajudariam a por em prática seu extenso projeto reformista. Ao longo deste estudo, será possível perceber que, embora tenha trabalhado exaustivamente em busca de seus interesses, a transcorrência dos acontecimentos ao seu redor apresentou caminhos aos quais ele teve que se adaptar constantemente. Por este motivo, ressaltamos as

características de resistência e autoconfiança como fatores altamente positivos na busca de seus objetivos.

Referencial teórico-metodológico

Existe uma rica documentação sobre André Rebouças nos arquivos da Biblioteca Nacional (BN) – RJ, Museu Imperial (MI), em Petrópolis – RJ, Arquivo Nacional (AN) – RJ e Fundação Joaquim Nabuco (FJN) – PE. Nas fontes, selecionamos apenas os temas ligados à reforma social, ao ensino técnico, à promoção do conhecimento científico produzido em finais do séc. XIX, bem como apontamentos ligados às suas relações pessoais e profissionais.

O mapeamento destas fontes históricas, tais como diários pessoais, matérias publicadas nos jornais, além de correspondências pessoais, nos permitiu identificar algumas das estratégias utilizadas pelo engenheiro para pôr em prática suas ideias. Desta forma, nos debruçamos sobre este material com o intuito de defender a tese do quão relevante foi o engajamento intelectual e político do engenheiro em favor de um amplo programa de reforma social com fundamentos educacionais para o país.

Estudar o aspecto intelectual de André Rebouças por meio de sua longa produção escrita indica que uma parcela significativa de seus documentos ainda carece de análises mais aprofundadas, tendo em vista a grande diversidade de temas que o interessava. Não obstante, para tornar possível o desenvolvimento de um estudo que privilegiasse a tessitura intelectiva do engenheiro, foi necessário estabelecer alguns critérios para a seleção das fontes históricas.

Entendemos que este conjunto de dados integra uma complexa rede de "*sociabilidade intelectual*" (SIRINELLI, 2003), ou seja, a prática que constitui os grupos de intelectuais, cujos objetivos e formas de associação, por vezes, inclui instituições e organizações que facilitam uma atuação ampliada na sociedade. Por atuar intensamente nestes grupos, o critério de escolha das fontes primárias se processou a partir das conexões existentes entre os documentos, privilegiando a importância que

estes possuem em retratar o caráter político, intelectual, humanitário, educacional e reformista do engenheiro.

Por ordem de importância, a primeira fonte histórica diz respeito aos *Diários pessoais de André Rebouças.* Estes documentos nos ajudam a compreender a sua percepção social, embora saibamos que a escrita nos diários não representa fidedignamente a sequência de fatos descritos pelo engenheiro, porém os dados apresentados nos permitem traçar um panorama bastante valorativo a respeito do seu gosto intelectual (livros e autores), suas relações políticas (com quem se relacionou e dividiu interesses), laços familiares (convívio com pai, mãe, irmãos, tios, cunhados e afilhados), além do campo profissional (com quem trabalhou ou realizou negócios dentro e fora do país).

A análise dos diários nos possibilitou verificar, compreender e analisar um dos períodos que julgamos mais intensos em relação à movimentação intelectual e política de André Rebouças, ou seja, entre aos anos de 1870 a 1876, que estão dispostos do volume 9 ao 17, todos digitalizados e cedidos pela FJN. Entendemos que, neste espaço temporal, houve um grande amadurecimento do engenheiro no campo intelectual e político, cujo desdobramento se refletiu no avanço da sua condição como homem de negócios e pensador social. Entre os anos de 1877 a 1880, a pesquisa verificou um sensível declínio no que tange aos novos contatos sociais. Sendo assim, foi possível identificar que, a partir de 1877, houve a repetição exponencial das interlocuções por parte de Rebouças. No entanto, complementamos as demais ações políticas, observando outros documentos, cuja tessitura possibilitou a ampliação da nossa cadeia de análise.

A segunda fonte histórica diz respeito ao documento produzido por André Rebouças intitulado, *Minha fé de ofício.* Esta documentação também foi cedida em forma digital pela Fundação Joaquim Nabuco (FJN). Nela, constam informações preciosas acerca do autorretrato do engenheiro, isto é, ponderação sobre seu espírito liberal, seu apego à religiosidade, sua crença na mudança social a partir da "instrução livre para o povo", pensamentos sobre divisão igualitária da terra e seu desenvolvimento agrícola contemplados em pequenas propriedades com colônias de imigrantes e inserção dos negros libertos ou ainda alforriados a ela, fazendas e engenhos centrais com espaços para o cultivo com áreas para o ensino ligado à agricultura, comércio e indústria, imposto territorial como forma de retorno financeiro ao Estado em função das terras

cedidas, desenvolvimento da alfândega e indústria nacional com base no que de mais moderno havia em termos técnicos e científicos já em prática no continente europeu e americano, além do uso do trabalho assalariado em detrimento da utilização da mão de obra escrava. Enfim, para André, esse era o caminho a ser trilhado para ter "um Brasil sem ignorância".

A terceira documentação diz respeito à seleção de alguns jornais nos quais foi possível identificar matérias escritas por Rebouças, todavia, boa parte delas não apresenta assinatura, o que era algo comum para época, já que muitos jornalistas e escritores preferiam o anonimato para preservar sua imagem em meio a abordagens de temas sensíveis na esfera política e social. Este comportamento evitava possíveis represálias de ordem política, econômica ou mesmo social (SODRÉ, 1999). No caso específico das produções jornalísticas de Rebouças, selecionamos os assuntos de caráter científico ligados ao ensino/educação, com ênfase no reformismo social.

Desta maneira, os periódicos selecionados foram *A Nação de 1874 e 1875*, *Jornal do Comercio de 1871 a 1875*, *Mercantil de 1864 e 1875*, *O Novo Mundo* publicado em Nova York *de* 1875, *A Imigração de 1883 e 1884 e Jornal do Agricultor de 1879.* Estes documentos estão digitalizados, podendo ser encontrados no acervo digital disponibilizado pela BN. Todavia, sua seleção não ocorreu de forma descontinuada, ou seja, para localizar os respectivos jornais, foi preciso realizar um cuidadoso cruzamento de dados, obtidos principalmente por meio dos diários pessoais de Rebouças. Assim sendo, foi posto em prática um minucioso exercício de confrontar, dia, mês, ano, assunto e forma de escrita para chegarmos às produções que, de fato, foram escritas pelo engenheiro, isso porque em quase 100% das matérias não encontramos sua assinatura.

A quarta documentação refere-se ao que Rebouças intitulou de *Confederação Abolicionista: programa de solução depois da lei de 13 de maio de 1888*. Esta fonte foi cedida também pela FJN por meio digital. Em seus diários, Rebouças fez algumas remissões a este documento, situação que despertou nossa atenção. É importante ressaltar que a confecção deste programa, idealizado para o pós-abolição, possui sua origem no ano de 1870, logo, é possível concluir que, durante 18 anos, André deu corpo e substância a tudo que idealizava, incluindo sua entrada na campanha abolicionista em 1880. Aliás, foi ele um dos poucos dentro do movimento pela abolição que se

preocupava com o destino dos cativos tão logo fossem libertos. André comentou que muitos dos seus companheiros de campanha estavam despreocupados com a "sorte" dos libertos. Para ele, o movimento abolicionista se omitiu ao não construir um programa de reforma social para os negros. Segundo Rebouças, era preciso pensar no destino dos homens e mulheres libertos após a abolição, por isso seu programa de soluções visava a inserir os negros libertos no mundo social, mas, para isso, era preciso dar a esses homens e mulheres trabalho digno como assalariados, além de terras para que pudessem plantar e produzir para sua própria subsistência, vendendo a preço justo seus excedentes.

André entendia que as condições para o trabalho na cidade ou em área rural necessitavam de um amplo projeto educacional, cuja instrução técnica destes indivíduos se daria de forma a atender as especificidades de cada região do Brasil.

Como sinalizamos, foi necessário caminhar para além de 1880 no sentido de buscar respostas acerca da tramitação do programa de ensino e reforma social proposto pelo engenheiro. Nesse sentido, utilizamos a documentação localizada no Museu Imperial (MI), mais especificamente as correspondências que André Rebouças remeteu a D. Pedro II e a seu genro Luís Filipe Maria Fernando Gastão, o Conde d'Eu.

A quinta documentação refere-se ao livro escrito por Rebouças - *Agricultura Nacional: estudos econômicos; propaganda abolicionista e democrática (1988)* – obra fundamental para compreendermos as bases do seu projeto de ensino técnico, cujos princípios sobre agricultura nacional e democracia rural integravam o programa de reforma social idealizado pelo engenheiro.

Por último, a sexta documentação remete à ligação de Rebouças com o magistério. Localizamos no Arquivo Nacional documentos sobre a Escola Politécnica do Rio de Janeiro, entre os quais identificamos e selecionamos os do concurso para professor nesta escola em 1879. A leitura dos diários de André sempre apontou para o seu desejo em se tornar professor. Assim, acompanhamos todo o processo de seleção do concurso, desde a inscrição até sua entrada como primeiro colocado no certame, seu início de carreira, bem como sua relação com colegas de profissão e alunos.

Sobre este conjunto documental, é preciso atentar para duas questões extremamente importantes. A primeira reside na conquista de André Rebouças em integrar um significativo espaço de "sociabilidade intelectual", já que, dentro da escola,

organizou e fundou um centro de luta abolicionista, bem como esteve diretamente ligado às produções intelectuais da Revista de Engenharia da respectiva escola. Melhor dizendo, ele agia em dois flancos ao mesmo tempo, engajamento político denunciando os horrores da escravidão e intelectual, realizando ampla divulgação das recentes descobertas científicas pelo mundo e exaltação da ciência nacional.

A segunda questão apresenta duas linhas de interesse por parte do engenheiro. A primeira estava diretamente ligada à segunda por uma razão muito simples. Analisando os diários, foi possível identificar sua grande atração pelo magistério, não obstante o gosto pelo ensino surgiu como um recurso social e econômico. Em outras palavras, Rebouças passava por dificuldades financeiras nos meses finais de 1878 devido ao pouco lucro que vinha obtendo nos negócios. Daí tornar-se professor, por meio de concurso público, representaria um alívio econômico significativo em suas finanças.

Revisão da Literatura

Ana Flora Veríssimo e Inácio José Veríssimo produziram o livro: *André Rebouças: Diários e Notas Autobiográficas* em 1938. A respectiva obra serviu como objeto de estudo sobre a vida de André Rebouças, principalmente a partir da segunda metade do séc. XX. Seu valor historiográfico é inegável, entretanto cabe esclarecer que este livro não trata da transcrição completa dos diários de André Rebouças. Os autores escolheram os fatos sequenciados que melhor lhes convinham para trabalhar a trajetória do engenheiro.

Deste modo, Ana Flora Veríssimo e Inácio José Veríssimo condensaram fatos estanques concernentes aos diários de André Rebouças, cometendo o que Araci Lisboa (2001) denominou de "amnésia historiográfica". Este processo de esquecimento histórico o qual menciona a autora passou despercebido por alguns historiadores e, certamente, influenciou na percepção e análise acerca da vida e obra do engenheiro.

O livro de Joselice Jucá - *André Rebouças: reforma & utopia no contexto do Segundo Império: quem possui a terra possui o homem* - (2001) foi o divisor de águas no processo de definição do nosso objeto de pesquisa. Isso porque, ao trabalhar as

características reformistas do engenheiro, a autora abriu um campo de análise ainda não explorado por historiadores em relação à intelectualidade de Rebouças, voltada para a elaboração de um projeto de ensino de nível nacional atrelado à reforma social que tanto defendia. Por este motivo, nosso diálogo com Jucá pretende abrir uma interface entre as novas descobertas obtidas com a pesquisa e o que foi problematizado e discutido pela autora.

Ainda sobre o aspecto reformista de André, tal como seu empenho em atender e promover a imigração europeia, a obra de Vassilieff *(*2009) contribuiu sensivelmente para que pudéssemos ampliar nosso campo de análise sobre a sua construção intelectual política. Ao fazer parte da Sociedade Central de Imigração (SCI), Rebouças defendia a inserção do imigrante no cenário econômico brasileiro como trabalhador assalariado, porém não se limitava a este aspecto como único e irrestrito.

Ao integrar outras sociedades, André ampliava seu horizonte político estabelecendo contato com pessoas de diferentes interesses. Desta forma, utilizava estes espaços para divulgar o conhecimento científico que tinha de outras áreas. Sendo assim, unia uma coisa a outra por meio das boas relações políticas que fazia ao frequentar diferentes espaços. A leitura das fontes mostrou-nos que o engenheiro também promoveu importantes articulações para além do Oceano Atlântico, onde seus contatos não se restringiram aos médicos, políticos, professores, engenheiros e empresários brasileiros. Encontramo-nos estabelecendo contato político e intelectual fora do Brasil, com objetivos bem definidos, em outros termos, ampliando os negócios com investidores estrangeiros, da mesma maneira expandindo seu conhecimento a partir das descobertas científicas da época, incluindo outras curiosidades pessoais. O diálogo com Vassilieff se deu no sentido de demonstrar que a participação de André, na SCI, fez parte de um projeto político e intelectual com a intenção de ampliar seus contatos clientelistas, defendendo, em paralelo, a inserção de aparatos científicos em favor do aumento produtivo nas áreas destinadas aos imigrantes.

Sydney M. G. dos Santos, ao escrever *André Rebouças e seu tempo* (1985), realizou um trabalho de fôlego quando se propôs a identificar e analisar um grande número de produções escritas por Rebouças. Denso em conteúdo, o trabalho do autor alcançou seu objetivo com sucesso ao demonstrar o quão dinâmico intelectualmente foi André Rebouças ao abordar estudos complexos sobre portos e ferrovias, sistema

métrico, madeiras do Brasil, agricultura nacional e avanços tecnológicos, tanto de ordem econômica, como de engenharia. Em função da sua importância, a obra de Santos foi fundamental para esta pesquisa, já que um dos nossos objetivos é evidenciar a relevância dos projetos de caráter educacional idealizados por Rebouças, reafirmando seu espaço como um dos principais intelectuais do seu tempo.

A obra de Maria Alice Rezende de Carvalho - *O quinto século: André Rebouças e a Construção (1998)* - traz um amplo debate ao estudar a construção de uma autobiografia vinculada à história do Brasil. A autora discute o dinamismo intelectual de André, sua relação de amizade com Joaquim Nabuco, Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay e o Imperador D. Pedro II, emergindo como pano de fundo a ideia de construção do Brasil entrelaçada a própria biografia de Rebouças.

Nesse sentido, a discussão proposta pela autora reforça nossa tese sobre a importância intelectual do engenheiro para com os homens do seu tempo, todavia, julgamos que a sua construção não esteve restrita apenas ao debate ideológico que manteve com pessoas de expressão no Império, como Nabuco, Taunay ou D. Pedro II. Desta maneira, a "rede de sociabilidade" que integrou possui desdobramentos extremamente complexos no que concerne ao seu posicionamento intelectual e político; sua interlocução com o outro não se limitou ao convívio com indivíduos da elite imperial, o que nos permite afirmar que sua concepção política e intelectual moldou-se, sobretudo, em função das diferentes experiências sociais que estabeleceu com pessoas no campo político e profissional, sendo elas ou não da elite.

O estudo organizado por Ângela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen - *Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política* (2016) - nos deu um importante suporte para pensarmos acerca do aspecto intelectual de Rebouças. As proposições levantadas pelo referido estudo também esclareceram como os diversos entrelaces sociais, articulações políticas e participação em eventos culturais compõem uma organizada e extensa rede de contatos pessoais, modo de divulgação das práticas culturais e ações políticas executadas pelos intelectuais. Deste modo e levando em consideração os apontamentos contidos na obra em análise, podemos concluir que Rebouças faz parte de uma complexa "rede de sociabilidade", cujos desdobramentos indicam que sua engrenagem abriu ramificações de ordem intelectual e política extremamente importantes para equilíbrio do engenheiro no campo profissional, social e

político. As proposições neste livro ajudaram a defender André Rebouças como um dos principais intelectuais do seu tempo.

Permanecendo na análise bibliográfica, a fim de compreender o engenheiro como um importante intelectual brasileiro do seu tempo, o estudo de Jean-François Sirinelli - *Por uma História Política* (2001) - apresenta algumas indagações de grande relevância para pensarmos: qual o papel desempenhado pelos intelectuais na história política? Quem são os intelectuais? Os intelectuais influem na vida das sociedades? Como as ideias chegam aos intelectuais? Como elas ganham terreno ou se enfraquecem? Quando surge o interesse pelo estudo do comportamento político dos intelectuais? Quais as novas propostas e desafios da pesquisa?

Ao demonstrar que a construção da representação de um intelectual dependeria da atuação que este exerceria para a sociedade, Sirinelli indaga quem seria este indivíduo: um padre? um professor? um oficial? Para o autor, a resposta também está relacionada à "qualidade humana". Nesse sentido, é possível se pensar talvez em duas acepções do intelectual, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os "mediadores" culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. De acordo com o autor, o intelectual faz uma "autorrepresentação" de si que é "dissonante", "ampla e restrita". Ele fala de si em seu tempo e espaço e, por sofrer mutações de acordo com contornos políticos e sociais, torna-se dissonante. Não por acaso, selecionamos o documento *Minha fé de Ofício*, escrito por André Rebouças, por haver uma objetiva intenção de deixar para a posteridade o seu autorretrato.

Sirinelli alerta para a necessidade de se pensar na prosopografia e exegese do intelectual, informando que é preciso evitar generalizações. O itinerário, a geração e a sociabilidade importam para o conjunto de eixos a serem pensados quando se pretende observar a trajetória dos intelectuais. A rede de sociabilidade e o lugar de trânsito do intelectual podem identificar traços marcantes de sua história. Por este motivo, e guiando-nos por meio dos questionamentos e apontamentos elaborados pelo autor, embarcamos na difícil tarefa de discutir a intelectualidade de André Rebouças e seus desdobramentos no campo político e social.

Seguindo o rastro da sua formação intelectual, dialogamos, ao mesmo tempo, com as obras de Maria Aparecida Rezende Mota - *A Geração de 1870 e a invenção simbólica do Brasil* (ANPUHL, 2013); Álvaro Manuel Machado - *A Geração de 70:*

uma revolução cultural e literária (1986) e Ângela Alonso - *Ideias em Movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império* (2002). Nosso objetivo é situar Rebouças em seu espaço/tempo, demonstrando como a geração de 1870 influenciou sensivelmente suas ideias, principalmente em se tratando de pensar o Brasil a partir da perspectiva de modernização e avanços de ordem social e política. Discutiremos como esta geração questionou e apresentou propostas viáveis de desenvolvimento e progresso para o país, cujo alinhamento residia nas ideias propagadas pelos iluministas, corrente que não era bem vista pelo setor tradicional da elite imperial brasileira. Este, altamente enrijecido e preocupado em manter seu *status quo,* e privilégios de ordem econômica, o que incluía a manutenção do regime escravista.

A partir da obra de Thales de Azevedo em *As elites de cor: um estudo de ascensão social* (1955), recuperamos o significado do termo "homem de cor" que o sociólogo usou na primeira metade do século XX, mas nos possibilita perceber o ethos que envolveu esse vocabulário em finais do séc. XIX. A leitura dos diários de André sinaliza, por diversas vezes, o termo em destaque, que, por sua vez, sempre esteve atrelado aos atos de preconceito sofridos pelo engenheiro ao longo do período que nos propusemos estudar. Por esta razão, julgamos de extrema relevância problematizar este vocabulário, haja vista que um número expressivo de homens e mulheres no Brasil deste tempo poderiam ser considerados como uma "pessoa de cor".

Doravante, ampliamos o debate trazido com a obra de Azevedo, isso porque, para o séc. XIX, observamos impeditivos de ordem socioeconômica e política atingindo diretamente esses homens e mulheres ditos "de cor". Não raro, o efeito pejorativo do termo adentrou pelo séc. XX, fortalecendo sensivelmente não só o imaginário, como também o comportamento social dos indivíduos. Motivados pelo desejo de saber quem eram as pessoas "de cor", realizamos um esforço intelectual para discutir o tema buscando, sobretudo, encontrar um sentido que melhor representasse esta expressão no Brasil em finais do séc. XIX.

Conceitos

Ao longo deste estudo, trabalhamos com quatro conceitos fundamentais, os quais consideramos ser relevantes quando pensamos em André Rebouças sobre a perspectiva de um indivíduo sensivelmente preocupado com o destino social de uma grande parcela da população brasileira em finais do séc.XIX.

Inicialmente, abrimos um campo de discussão para entender Rebouças como um agente *intelectual e político,* o qual guarda uniformidade em seus interesses, tendo em vista a necessidade de levar adiante seu programa de ensino técnico interligado à reforma social. Desta maneira, torna-se visível a compreensão de um indivíduo altamente articulado com os diversos segmentos da sociedade, cujos laços de amizade não se restringem as pessoas pertencentes à sua classe social. Este trânsito fluente entre os diversos estratos sociais é um artifício poderoso no campo das ideias, que, por conseguinte, evidencia a divulgação e discussão dos bens culturais produzidos por este indivíduo. Ao possuir estas características de cunho intelectual e político, Rebouças dominou ao mesmo tempo um notório conhecimento técnico e científico sobre diversos assuntos: Astronomia, Matemática, Física, Desenho, Literatura, Filosofia e etc. sem perder o refino do tratamento dispensado às pessoas que estavam ao seu redor, o que, por sua vez, consumiam intelectualmente seus bens culturais.

Neste contexto, ganha corpo e importância os apontamentos de Sirinelli (1998), a fim de pensarmos o engenheiro como um *mediador cultural* ou *intelectual mediador*, isto é, aquele que contribui para a difusão e vulgarização da criação artística e literária do progresso do saber. A reunião destes atributos deu origem à construção de um indivíduo consciente da sua atuação intelectual e política, tendo em vista que produzia, escrevia, problematizava e disseminava suas produções em benefício do povo, cujo espírito de auto-sobrevivência refletia-se nas demandas que possuía no campo pessoal, social e profissional. Conforme indicamos anteriormente, André não se lançou na investidura de cargos políticos por questões ideológicas próprias, no entanto, optou em fazer política por meio de atalhos, ora reafirmando sua presença no campo intelectual, ora criticando, exigindo e apresentando propostas de mudança na estrutura social do país. Esse caminho seguia por vias burocráticas com políticos que integravam sua rede

de sociabilidade, servindo, simultaneamente de ponte para difusão das suas ideias de caráter reformista. Notadamente seus contatos possuíam o objetivo de explanar o mais longe possível suas produções culturais, ao mesmo tempo em que ele buscava alcançar o maior público com menos ou mais instrução, de semelhante posição ideológica ou não, transitando por diferentes camadas sociais como músicos, ajudante de obras, meeiros, advogados, políticos, médicos, engenheiros, entre outros.

Defendemos que a convicção ideológica de André esteve direcionada para um amplo canal de comunicabilidade. Este, por sua vez, envolvia propositalmente a difusão cultural por intermédio da sua rede de sociabilidade. Embora boa parte dos historiadores que trataram da sua biografia insistirem que o engenheiro era um homem introspectivo, frio no tratamento com as pessoas e ocasionalmente melancólico, o fato é que não congregamos com o seu enquadramento nesta categoria. Isso porque, ao mapearmos as suas relações sociais durante dez anos, identificamos um homem que fez uso de uma extensa "rede de sociabilidade", cujos desdobramentos intelectuais em nada se assemelham ao que até então, suas biografias têm apontado.

No que diz respeito à sua intelectualidade, recorremos a Xavier (2016). A autora acrescenta que a trajetória possibilita observação articulada entre o intelectual e sua criação, chamando atenção para seu engajamento político e para a interação do percurso individual com as redes de sociabilidade. Utilizando a interpretação de Xavier para o nosso estudo, podemos afirmar que Rebouças estava imerso em diversas redes sociais na área profissional, cultural e política. Diante desta perspectiva, é possível afirmar que os diversos espaços frequentados por ele constituíam o que Sirinelli (2003) denominou de *sociabilidade intelectual*, ou melhor, a prática que constitui os grupos de intelectuais, cujos objetivos e formas de associação por vezes incluem instituições e organizações que facilitam atuação ampliada na sociedade. Como estruturas elementares da sociabilidade, tanto os manifestos como as revistas dão a oportunidade de perceber os laços estabelecidos entre os intelectuais, amizades, debates, cisões e as posições tomadas. Além de possibilitar conhecer e analisar as ideias de uma rede, "uma revista, é antes de tudo, um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade". No caso de um manifesto, é possível verificar como se formou o grupo de apoio, que correntes ideológicas o moveram e como tomou a dimensão nacional. Como um abaixo-assinado, "é um bom sismógrafo para revelar e

medir as ondas, os abalos e estremecimentos que percorreram a consciência nacional" (SIRINELLI, 2003, p. 249).

É justamente, a partir dessas observações, que lançamos o olhar sobre o engenheiro, entretanto, não podemos ignorar o fato de que era ele um homem negro, inserido em uma elite cuja estrutura ancorava-se na aristocracia racista, na qual o regime escravista ainda representava a grande barreira social e de desenvolvimento econômico do país em finais do séc. XIX. Ante o exposto, torna-se importante perguntar que estratégias este homem negro, ou "de cor", como ele se autorrepresentava, utilizou para transitar pelos salões imperiais, frequentando um *não espaço* comum para pretos, levando em consideração uma realidade social segregacionista?

Posto isto, o conceito de "*homem de cor*" nos ajudará a problematizar melhor o entrelace racial vivido por Rebouças. À medida que alargava seus laços sociais, tornava-se também mais suscetível aos atos de preconceito proferidos por alguns dos seus pares no campo profissional. Observamos que, por diversas vezes, o próprio engenheiro atribuiu a seus problemas pessoais ou profissionais à implicação negativa de ser "homem de cor". Todavia, a busca por compreender este conceito não se apresenta de maneira linear, tampouco bem esclarecida, isso porque o próprio André não explicitou o que era ser um "homem de cor" em finais do séc.XIX no Brasil. Por este motivo, seguimos suas pistas correlacionando-as a discussão proposta por Thales de Azedo (1955) com a tarefa de construir um sentido lógico para o que seria um "homem de cor" na visão de André.

Objetivamente, entendemos que "homem de cor" fazia referência a uma expressão de inferioridade social, intelectual e física, em decorrência da descendência africana dos homens e mulheres, cujas qualidades foram ignoradas, e marcadas por estereótipos altamente pejorativos. Podemos acrescentar o questionamento sobre a capacidade intelectual, valores morais e éticos ligados ao suposto subdesenvolvimento dos povos africanos. Em contrapartida, exaltava-se a superioridade, o civismo, a inteligência e o desenvolvimento do "branco europeu". Não menos, as ditas "pessoas cor" eram taxadas de preguiçosas, dadas ao vício e portadores de doenças.

Esta visão foi influenciada pelo pensamento eugenista difundido em toda a Europa já em finais do séc. XVIII, quando os povos de origem africana fundamentalmente recebiam o estigma de raça inferior. No Brasil, em finais do séc.

XIX, o termo "pessoa de cor" ou "homem de cor" passou a ser motivo de extensos debates nas páginas dos jornais. Com isso, o combate ao preconceito racial ganhava contorno político.

Dentre os jornais, destacam-se *O Homem de cor ou Mulato; Brasileiro Pardo*; *O Cabrito* e o *Lafuente*, a partir de 1833, no Rio de Janeiro. Em 1876, no Recife, surgia *O homem: realidade constitucional ou dissolução social*. Já em São Paulo, o jornal *A pátria – orgam dos homens de côr* nascia em 1889, mesmo ano em que foi publicado o jornal *O progresso: orgam dos homens de cor.* No sul do país, em Porto Alegre, *O exemplo* apareceu no apagar das luzes do Império brasileiro, em 1892, este, por sua vez, ajudou a compor o engajamento político e intelectual em favor das "pessoas de cor".

Imbuídos em desconstruir toda carga pejorativa e estereotipada difundida contra os "homens e mulheres de cor" (o que podemos entender toda e qualquer pessoa de origem africana independente da tonalidade da cor da pele), esses jornais também questionavam o não cumprimento das leis que resguardavam a igualdade entre as pessoas, principalmente as consideradas de "cor". Não obstante, temos por intuito discutir com a maior amplitude possível o entendimento acerca desta distinção social em finais do séc.XIX, mas, especificamente, reposicionamos a fala de Rebouças para um campo de compreensão no qual o duelo entre aristocracia, regime escravocrata e o reconhecimento de possuir origens no continente africano tencionava o processo da sua permanência na elite imperial, ao mesmo tempo em que retardava não somente a sua ascensão social, política, econômica e profissional, tal qual de outras pessoas.

Como temos defendido, Rebouças integrava uma longa "rede de sociabilidade" que se iniciava no mais simples ajudante de obras, passava por homens que possuíam engajamento intelectual e político, expressando seus descontentamentos por meio das páginas dos jornais, principalmente aqueles que lutavam por igualdade de direitos e o fim do preconceito em relação às pessoas "de cor", terminando em agentes políticos de grande expressão na corte. Entre essa vasta lista de pessoas, encontramos alguns intelectuais negros de grande respeito e influência na imprensa do Império, como Teixeira Sousa, Luiz Gama, Paula Brito e José do Patrocínio.

Esse engajamento entre Rebouças e seus pares reforça a nossa argumentação sobre a extensa *rede de sociabilidade e sociabilidade intelectual* na qual esteve envolvido. Sua participação nestes espaços intelectual e político se processou de forma

variada, privilegiando, sobretudo, seus próprios interesses e recursos de sobrevivência social e profissional diante do complexo jogo de forças que compunham a elite imperial brasileira.

Desenho dos capítulos

Inicialmente, apresentamos o cotidiano familiar de André Pinto Rebouças. Integrante da elite imperial em finais do séc. XIX, ele destoava deste cenário por ser negro, letrado e com educação de nível superior. Imerso nos estudos, tornou-se engenheiro, professor, empresário, jornalista e um amante da ciência. Seu acesso e circulação pelos salões aristocráticos abriu caminho para tecer conexões com empresários, políticos, investidores nacionais e internacionais. Certamente não esteve livre de experienciar episódios de preconceito racial ao longo da sua trajetória de vida, em que as ofensas partiam dos próprios pares da elite, os quais eram desafetos declarados devido à intensa busca por prestígio e espaço na corte. Por casualidade, com frequência, as discussões ganhavam as páginas dos jornais tendendo contra André não só a disputa intelectual contra seus adversários, mas também o preconceito em função da sua cor.

De modo incisivo, podemos afirmar que o percurso social dos integrantes da família Rebouças foi indiscutivelmente mais difícil do que os ditos "homens brancos", a fim de reforçar este posicionamento, trabalhamos com a desconstrução do que denominados *consenso historiográfico* criado sobre Rebouças e seus parentes. Trouxemos à tona episódios de significativa carga simbólica para a família, levando em consideração seus elementos *genotípicos* (compreensão hereditária africana e portuguesa) e *fenotípicos* (características físicas: cor da pele e tipo de cabelo, por exemplo). Nesse capítulo, exploramos os impeditivos sofridos por André Rebouças e alguns dos seus familiares, demonstrando a constante luta por reconhecimento social e político, algo que se fazia constante tendo em vista sua inserção em uma sociedade notadamente estratificada e preconceituosa como a imperial brasileira.

Por isso, abrimos um campo de discussão a fim de demonstrar como se processou a construção da extensa *rede de sociabilidade* e *sociabilidade intelectual* integrada pelo engenheiro. Detalhamos suas características apresentando ao leitor seus espaços de atuação no cenário imperial e internacional. Assim, quantificamos e qualificamos suas leituras, as sociedades de cunho científico ou promoção das artes das quais participou, bem como o posicionamento social, político e intelectual dos seus pares, sendo estes amigos, desafetos profissionais ou políticos, percebendo as polêmicas nos jornais com conteúdo racista e disfarçadas de ofensas morais. Em paralelo, será possível perceber um relativo incômodo daqueles que atentavam contra os Rebouças, isso porque tanto André, quanto seu pai e irmão Antonio demonstravam um reconhecido grau de competência intelectual, logo, seus desafetos procuravam sempre atacá-los pela via da ancestralidade africana.

No que lhe diz respeito, ao estender seu campo de atuação para além do Oceano Atlântico, André manifestava todo o seu fascínio pelas invenções científicas do seu tempo. Em função disso, utilizou toda sua influência para ter contato com esses novos experimentos, fosse no campo da Engenharia ou Ciências Naturais. Em contrapartida, ao passo que alargava seus contatos intelectuais e profissionais, trazia os holofotes para sua origem africana, isto é, sua condição de "homem de cor" e a circulação entre a elite. Seu trânsito no *não lugar* para negros não passou despercebido, logo, o enfrentamento contra o preconceito se estendeu para fora do Brasil.

No segundo capítulo, abrimos uma discussão acerca do trânsito de André pelo Atlântico Negro, observando como lidou com o racismo ostensivo em solo americano. Nossa reflexão caminha no sentido de compreender as implicações deste processo na sua formação como indivíduo, levando em consideração o apoio recebido fora do país por sua extensa rede clientelista.

A questão racial envolvendo André Rebouças também será abordada sobre perspectiva do seu comprometimento com o ensino/educação. Este tópico reserva uma polêmica envolvendo a inscrição do engenheiro no concurso para professor da Escola Politécnica. De acordo com o que escreveu em seus diários, o certame para o magistério aparentou inclinar-se para mais um possível episódio de preconceito, já que não havia motivo plausível para o indeferimento da sua inscrição. A conclusão que chegou era que sua condição de "homem de cor" poderia ter criado embaraços na comissão

organizadora. Todavia, o edital não impedia que negros participassem do concurso, salvo aqueles que não apresentassem os requisitos necessários para o cargo de professor. A impugnação da sua inscrição não aconteceu, sendo ele aprovado em primeiro lugar para a cadeira de Ciências Físicas e Matemáticas.

Ainda no que se refere à Escola Politécnica, abordarmos como Rebouças foi visto por seus colegas de trabalho e alunos, observando quais ações, o agora professor, pôde executar e qual mecanismo educacional utilizou? Qual a sua visão em relação ao ensino técnico? Qual proposta apresentou para transformar a Escola Politécnica em local de maior abrangência social? Enfim, buscamos concatenar suas ações não perdendo de vista o viés educacional e reformista que possuía.

O terceiro capítulo enfatiza o projeto de ensino técnico. Discutiremos o que foi esse projeto, como o engenheiro empenhou-se para que suas ideias fossem implantadas em todo território nacional e suas estratégias e investidas para pôr em prática seu audacioso programa de ensino. Apontaremos algumas decepções políticas que ele adquiriu ao longo de quase 10 anos de articulações para o fomento de suas ideias. Por fim, abrimos um campo de reflexão sobre as possíveis causas do seu insucesso tanto no projeto de ensino técnico, quanto nas reformas sociais, percebendo sua amplitude intelectual e ação política no cenário imperial brasileiro.

CAPÍTULO 1 – A FAMÍLIA REBOUÇAS: TRAJETÓRIAS, ORIGEM FAMILIAR E REDES DE SOCIABILIDADE

> O prejuízo da cor impediu-me de assistir ao espetáculo no "Grand Opera House" magnífico edifício, construído pelo famoso banqueiro Fisk, e no Boothes Theater, que funciona também em um majestoso edifício, construído por amigos de Booth que é considerado o Talma americano.
>
> *Diário de André Rebouças - Vol. 15 – 1 de maio de 1873 a 16 de novembro de 1873.*

1.1- Ser homem e mulher de cor em finais do séc. XIX no Brasil

Iniciamos este capítulo com a seguinte questão: o que era ser uma "pessoa de cor" em finais do séc. XIX? A classificação dada a estes indivíduos em finais do século possuía um pesado valor simbólico de ordem pejorativa ancorada na ideia de raça. Sua consequência resultou na difícil mobilidade social destes indivíduos então chamados de "pessoas de cor". Por conseguinte, este aspecto depreciativo trazia consigo o estigma da marginalização e o racismo como o seu produto final. O antropólogo Kabengele Munanga ressalta que:

> A classificação da humanidade em raças hierarquizadas desembocou numa teoria pseudo-científica, a raciologia, que ganhou muito espaço no início do século XX. Na realidade, apesar da máscara científica, a raciologia tinha um conteúdo mais doutrinário do que científico, pois seu discurso serviu mais para justificar e legitimar os sistemas de dominação racial do que como explicação da variabilidade humana (MUNANGA, 2003).

Para o autor, esta relação entre cor e raça "é um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação" (MUNANGA, 2003). Nesse sentido, o processo de escravização dos negros reforçou a crença na divisão dos seres humanos em raças inferiores e superiores, impedindo, deste modo, a fala de homens e mulheres das diversas regiões da África, lançados forçosamente em um movimento diaspórico sem precedentes.

Obviamente a liberdade dessas pessoas passava, sobretudo, pela construção da sua própria identidade. Segundo Munanga:

> A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (MUNANGA, 1994, p. 177-178).

O que nos interessa é perceber como esse grupo de pessoas intituladas "de cor" se movimentou para construir sua autodefinição, ao mesmo tempo em que defendiam a própria unidade política e social. A fim de compreender melhor essa questão, dispomos do suporte teórico de Nilma Lino Gomes (2005), que, por sua vez, é complementar ao elaborado por Munanga (op.cit). Essas leituras nos ajudam a refletir sobre a construção da identidade de pessoas mestiças e/ou "de cor" em finais do séc. XIX e início do séc. XIX. Gomes buscou apoio em Silvia Caiuby Novaes para consubstanciar suas ideias, e segundo ela:

> a identidade não se prende apenas ao nível da cultura. Ela envolve, também, os níveis sócio-político e histórico em cada sociedade. Assim, a identidade vista de uma forma mais ampla e genérica é invocada quando "um grupo reivindica uma maior visibilidade social face ao apagamento a que foi, historicamente, submetido" (NOVAES, 1993, p.25).

De antemão, é importante compreender que não é uma tarefa fácil o entendimento acerca do que é e/ou seria identidade. A reflexão elaborada por Gomes nos ajuda a concatenar as ideias no sentido de perceber o caráter político da luta dos mestiços e pessoas "de cor" por visibilidade social. Como sabemos, estes indivíduos sofreram com o seu apagamento social resultante da herança escravagista brasileira. Esse tensionamento social foi ignorado pela suposta democracia racial defendida por Gilberto Freyre em seu famoso livro *Casa Grande e Senzala* (1933), já no início do séc. XX. Freyre foi apenas mais um a colaborar com a ideia falha de harmonia entre as raças que viviam no Brasil, calando inclusive as vozes indígenas e negras que tanto sofreram

com a escravização. Minimizou a relação conflitante entre colonizadores portugueses e escravizados indígenas e negros, desconsiderou o apresamento de indígenas, o extermínio de etnias locais ou vindas da África, os abusos sexuais sofridos por mulheres indígenas e africanas, além da perda de direitos sociais que até hoje se encontram latentes no cenário nacional.

Os documentos históricos que selecionamos são categóricos no sentido de comprovar que a cor da pele era a causa determinante para o enfrentamento de barreiras sociais e políticas no final do séc. XIX e início do séc. XX.

Para consubstanciar nossas análises, utilizamos um conjunto de jornais que circularam à época. Em 1833, no Rio de Janeiro, o jornal *O mulato* ou *O homem de côr*[1], ressaltava o desrespeito ao parágrafo XIV do artigo 179 da Constituição de 1824, a qual previa que "todo o cidadão pode ser admitido aos cargos públicos civis, políticos e militares, sem outra diferença que não seja a de seus talentos e virtudes". Para o referido jornal, não cabia diferenciar as pessoas pela cor da sua pele, já que, aos olhos da lei, todos eram cidadãos brasileiros, logo a dicotomia social e política ancorada na raça não poderia pesar para nenhum lado da balança (ditos "pessoas de cor" ou "brancos"). Embora o jornal tenha buscado amparo jurídico, havia neste período uma calorosa discussão para categorizar quem era cidadão. De acordo com as observações de Cardoso,

> Na sessão da Assembléia Constituinte de 5 de junho, travou-se uma longa discussão sobre quem deveria ser considerado cidadão, brasileiro e cidadão brasileiro. Estabeleceu-se, então, uma distinção entre os cidadãos ativos, que seriam os detentores dos direitos políticos e civis, e os cidadãos passivos, aos quais eram atribuídos os direitos civis, mas não o direito político [...] (CARDOSO, 1998, p.221 - 226).

A autora fez uso dos documentos históricos relativos ao discurso dos políticos envolvidos na sessão e, segundo ela, havia, para alguns deputados, o entendimento de que "a diferença entre as duas categorias de brasileiros seria exercida pelo voto". Para outros, "a apropriação de um discurso iluminista, do pacto social, justifica o

[1]*O homem de cor*, edição nº 1 de 1833. Este jornal circulou entre setembro e novembro de 1833, possuindo cinco exemplares disponíveis na Biblioteca Nacional. Fundado pelo tipógrafo e escritor Francisco de Paula Brito, o jornal começou a circular em 14 de setembro de 1833 e adotou, a partir da sua terceira edição, o título O Mulato *ou O Homem de Cor*. Para mais, ver: PINTO, Ana Flávia Magalhães. *De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1833-1899).* 2006.

diferenciarem-se os habitantes nascidos no Brasil". Cardoso ressalta que, para o deputado Maciel da Costa, "a propriedade era o fundamento da cidadania, seria possível se tornar cidadão, ao se tornar proprietário". Conforme endossou este político, "ao passarem da classe de simples brasileiros a de cidadãos ativos, depende de condições que eles podem bem preencher, como são o ter uma certa propriedade, e capacidade moral". Já o deputado Carvalho e Melo se manifestou dizendo que "a expressão dessa cidadania, era o voto censitário", complementou sua fala alegando que "o que não possui certo rendimento não pode votar para os Deputados; mas se ele trabalhar e conseguir esse rendimento, passa logo a exercitar esse direito".

Após analisar cuidadosamente a apreciação dos políticos, Cardoso concluiu que:

> Ficava então excluída da sociedade política brasileira grande parte da população, formada pelos escravos e pelos homens livres pobres, assim como também ficaria excluída do acesso à educação, porque a Constituição de 1824, em seu art. 179, §32 só garantia educação gratuita aos cidadãos [...]
> Entretanto, o setor mais radical e conservador da política soube travar as propostas liberais que avançavam na questão das conquistas sociais e da cidadania. O fechamento da Assembleia Constituinte exemplifica essa ação (CARDOSO, idem.).

Conforme demonstrou a autora, neste período, nem todo indivíduo era visto como cidadão. Para o periódico *O mulato* ou *O homem de côr*, esta ação legitimava um claro ato "anticonstitucional". Seus escritores entendiam que os indivíduos mulatos e pretos estavam na desvantagem em relação aos ditos "brancos" e, por este motivo, justificavam o seu engajamento político na luta por igualdade de diretos e contra as injustiças.

A dicotomia colocada em questão pelo jornal gerava um ponto de interseção entre o que estava estabelecido em lei e o que, de fato, estava sendo praticado pelo governo. Esta desconformidade se alinha às reflexões de Paul Gilroy e sua obra *O Atlântico Negro* (2001). Gilroy alerta para o fato de que as prerrogativas modernas de fundamentação iluminista evitaram tocar em questões raciais ou antirraciais, isso quer dizer que muito dos pensadores iluministas preferiram abster-se diante da escravidão, optando pelo silêncio. Para o autor, é a partir dessa problemática que as vozes negras do

mundo moderno ecoaram em busca de visibilidade, daí não nos surpreende que os integrantes do jornal *O mulato* ou *O homem de cor* estivessem lutando por seus direitos.

Essa tomada de consciência nos jornais com narrativas de amor, perdas e exílios representava a ampliação do campo reivindicatório das pessoas de cor. Gilroy entende que esse contexto era "um papel especial, organizando socialmente a consciência do grupo 'racial' e afetando o importante equilíbrio entre atividade interna e externa". Assim, para ele, essas narrativas são fundamentais para se "inventar, manter e renovar" identidades. Por este motivo, compreendemos que essas práticas constituíram o Atlântico negro como uma tradição não tradicional, um conjunto cultural irredutivelmente moderno, excêntrico, instável e assimétrico, que não pode ser apreendido mediante a lógica maniqueísta da codificação binária (GILROY, idem, p. 370). Nas palavras do autor, teríamos então uma tradição fundadora de uma cultura negra distinta e autoconsciente: "compreensivelmente invocada para sublinhar as continuidades históricas, conversações subculturais, fertilizações cruzadas intertextuais e interculturais" (GILROY, idem, p. 353).

Ao passo que a tomada de consciência avançava, outros jornais surgiam inovando, mantendo e renovando a questão racial brasileira. Na visão do jornal *Brasileiro pardo*[2], o problema social da "classe dos homens pardos" estava no fato de serem igualmente considerados homens de cor, logo, gozavam do desprestígio social e político frente ao governo Imperial. É interessante observar que, ao estabelecerem a categoria de "classe parda", os escritores do periódico viam-se superiores aos pretos em termos sociais. A ausência de outras edições deste jornal, além da primeira nos arquivos da BN, limitou a concretude de uma análise mais contundente, não obstante é possível dizer que os ditos "pardos" desejavam tratamento diferente dos "homens de cor", fato que não ocorreu, pelo menos, ao que tudo indica, na edição nº1 do jornal.

Ainda no Rio de Janeiro, o jornal *O cabrito*, em sua edição de nº 1, publicada a 07 de novembro de 1833, informava que era preciso que os mulatos tivessem consciência da sua condição perante a lei. Neste caso, a referência não estava na

[2] A primeira edição deste jornal ocorreu a 21 de outubro de 1833, no Rio de Janeiro. O mesmo apresenta apenas um exemplar disponível para consulta nos arquivos digitais da Biblioteca Nacional.

constituição de 1824, mas, sim, na lei de 07 de novembro de 1831[3]. Neste período, a Regência em nome de D. Pedro II declarava que "todos os escravos, que entrarem no território ou portos do Brasil, vindos de fora, ficam livres". Utilizando o simbolismo como artifício político, este periódico iniciou sua luta contra o preconceito racial no mesmo dia e mês em que a lei foi promulgada. Segundo seus redatores, havia um completo desrespeito à pátria, em função do não cumprimento deste dispositivo legal.

Também é possível perceber o jogo simbólico com o próprio nome do periódico, ou seja, cabrito ou cabra se referia aos escravos de ancestralidade e mistura racial indefinida (KARASCH, 2000). Tomando para si a luta contra o preconceito em relação às pessoas de cor, o redator do jornal realizou uma espécie de desabafo ainda na primeira edição. Dirigindo-se especificamente aos mulatos, informava que quem lhe "escrevia era um cabrito que hoje ainda tem manchas no corpo recebidas na Rua da Quitanda" (local de grande importância comercial na corte). Ao que tudo indica, este redator havia sofrido os horrores do açoitamento, por esta razão possuía propriedade de causa no que tange ao desrespeito (maus tratos) aos "cabritos" e "mulatos". Em linhas gerais, o jornal era mais um a contribuir com a incipiente e combativa imprensa negra do Império.

De modo menos explicito, o jornal *O Lafuente*, publicado no Rio de Janeiro, em 16 de novembro de 1833, surgia para denunciar o preconceito contra os mulatos, ao passo que defendia a permanência de D. Pedro II como futuro Imperador do Brasil. Isso porque, à época, o então príncipe D. Pedro tornava-se regente em função da abdicação de seu pai, D. Pedro I, em 07 de abril de 1831. Na ocasião, Pedro I sofria pesadas acusações de favorecer interesses portugueses no Brasil, situação inclusive debatida pelo jornal, cuja inclinação política tendeu para o lado de D. Pedro II e o próprio sentimento de favorecer os brasileiros em detrimento aos portugueses. Em termos de classificação social e política, o periódico entendia que os mulatos eram "pessoas de cor".

Caminhando no tempo, em 1876, no Recife, o periódico *O homem: realidade constitucional ou dissolução social* surgia com o caráter altamente alinhado aos princípios iluministas. Na primeira página, é possível observar os dizeres: igualdade, liberdade e fraternidade. A página inicial também trazia o Art. 179, parágrafo I da

[3] Coleção de Leis do Império do Brasil - 1831, Página 182 Vol. 1 pt I (Publicação Original)

Constituição de 1824, enfatizando que "nenhum cidadão pode ser obrigado a fazer, ou deixar de fazer alguma coisa, senão em virtude da Lei". Fundamentado em tais premissas, denunciava o retrocesso social e político a que eram submetidos os pretos, pardos, crioulos, negros e mulatos, todos por assim entender "pessoas de cor".

Assim, o periódico sofria com um problema consideravelmente grave, ou seja, as tradições dos princípios iluministas não estavam sendo respeitadas. Considerando que, entre os escritores do jornal, havia indivíduos negros e/ou de cor, é possível refletir a partir das observações de Gilroy, quando salienta que este descompasso entre tradição iluminista e a prática exercida pelos europeus no novo mundo abriu caminho para a construção de vias de combate ao racismo exercido por escritores negros. Estes se empenharam em

> estabelecer que a história dos negros no Novo Mundo, particularmente as experiências do tráfico escravo e da plantation, era uma parte legítima da história moral do Ocidente como um todo. Não eram eventos únicos–episódios discretos na história de uma minoria que poderiam ser apreendidos por seu impacto exclusivo sobre os negros em si mesmos, nem eram aberrações em relação ao espírito da cultura moderna que provavelmente teriam de ser superados pelo progresso inexorável rumo a uma utopia secular, racional. A existência permanente do racismo desmentiu estes dois veredictos e exige que consideremos mais profundamente a relação de terror e subordinação racial com a própria natureza interna da modernidade (idem, p. 154).

Em outras palavras, a construção da escrita negra trouxe uma perspectiva filosófica ao debate racial brasileiro. Segundo o autor, a ação contestatória desses indivíduos influenciou na construção de uma cultura política do Atlântico negro, quer dizer, as trocas intelectuais que essas pessoas obtiveram com o intercâmbio obtido além das fronteiras do Oceano Atlântico ganharam um caráter de debate. A análise de Gilroy (2001, p. 153) aponta que há, na escrita negra, a construção de que tem "se repetido e reformulado desde então na cultura política do Atlântico negro". Isso quer dizer que os jornais e mesmo André Rebouças elaboraram uma "razão negra do negro" (MBEMBE, 2014).

Retornando aos jornais, em São Paulo, o jornal *A pátria – orgam dos homens de côr,* surgia em 1889. Os indícios apontam que seus editores eram negros e, como forma de agradecimento pelo fim da escravidão, foi prestada homenagens aos grandes

abolicionistas nas primeiras edições do periódico. Inicialmente trataram de reconhecer a luta de Luiz Gama e Fernandes Coelho, ambos negros e de grande influência dentro do movimento abolicionista. Na edição seguinte, abolicionistas categoricamente brancos como José Bonifácio, José Maria da Silva Paranhos (conhecido como Visconde do Rio Branco); Feliciano Bicudo e Fernando de Albuquerque receberam as honras pela luta contra a escravidão.

De acordo com os apontamentos de Pinto (2006), os escritores deste jornal "acreditavam que só a partir da República o negro brasileiro poderia alcançar sua cidadania plena". Assim sendo e, por meio da nova forma de governo, seria possível alcançar o "direito à educação, ao trabalho e à participação política", já que tomavam como ponto de partida um governo do povo, submetido à vontade popular. Em sua 2ª edição, o periódico ressaltava que "teremos sempre por divisa: Liberdade, Igualdade, Fraternidade", e acrescentou informando que "abraçando por essa forma as doutrinas republicanas, porque só nela encontraremos a reabilitação da nossa raça estigmatizada pela escravidão". Assim, é oportuno observar que a luta contra o preconceito racial ganhou as páginas dos jornais de modo bastante combativo em regiões importantes do país. Estas, por sua vez, veriam o movimento abolicionista fincar suas bases operacionais 50 anos mais tarde. Além do Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, é preciso acrescentar a forte atuação Cearense e Baiana neste processo.

A movimentação dos jornais nos leva a dois pontos de reflexão: (1) pessoa de cor poderia ser pardo, preto, mulato, cabrito, crioulo ou negro; (2) isso estava ligado diretamente à raça, logo, este entendimento trazia uma condição inverossímil de causa e efeito: quanto mais claro fosse o indivíduo menos preconceito ele sofreria. Obviamente este modelo de pensamento não abrangia por completo o intrincado cenário racial brasileiro em finais do séc. XIX, aliás, cabe aqui uma abertura de parênteses para discutirmos algumas considerações sobre o conceito de raça.

Iniciamos esta discussão com o antropólogo Kabengele Munanga. Este autor discute o conceito raça a partir da perspectiva de que existe uma historicidade nos conceitos. Assim, enfatiza que os conceitos são objetos de manipulação política e ideológica, logo, se faz necessário dispor do máximo de atenção para analisá-los, percebendo a sua aplicabilidade no trato com os elementos da contemporaneidade. Para Munanga, é possível depreender que

> O conceito de raça, tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. A raça, sempre apresentada como categoria biológica, isto é natural, é de fato uma categoria etnosemântica. De outro modo, o campo semântico do conceito de raça é determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam. Os conceitos de negro, branco e mestiço não significam a mesma coisa nos Estados Unidos, no Brasil, na África do Sul, na Inglaterra, etc. Por isso que o conteúdo dessas palavras é etno-semântico, político-ideológico e não biológico. Se na cabeça de um geneticista contemporâneo ou de um biólogo molecular a raça não existe, no imaginário e na representação coletivos de diversas populações contemporâneas existem ainda raças fictícias e outras construídas a partir das diferenças fenotípicas como a cor da pele e outros critérios morfológicos. *É a partir dessas raças fictícias ou "raças sociais" que se reproduzem e se mantêm os racismos populares (*MUNANGA, 2003). [grifo nosso]

Munanga amplia seu campo de análise ao discutir a questão da mestiçagem no pensamento brasileiro. Ele nos chama a atenção para o fato de que o ideário de superioridade racial é algo que possui ideologia enraizada no imaginário nacional.

> A pluralidade racial nascida do processo colonial representava, na cabeça dessa elite, uma ameaça e um grande obstáculo no caminho da construção de uma nação que se pensava branca, daí por que a raça tornou-se o eixo do grande debate nacional que se tratava a partir do fim do século XIX e repercutiu até meados do século XX. Elaborações especulativas e ideológicas vestidas de cientificismo dos intelectuais e pensadores dessa época ajudariam hoje, se bem reinterpretadas, a comparecer as dificuldades que os negros e seus descendentes mestiços encontraram para construir uma identidade coletiva, politicamente mobilizadora *(*MUNANGA, 1999).

A discussão trazida por Lilia Moritz Schwarcz (1993) se entrelaça com as proposições levantadas por Munanga. A autora discute a compreensão e relevância das transformações da teoria racial no Brasil entre os anos de 1870 a 1930. Nesse sentido, Schwarcz destaca que a dinâmica de reconstrução de conceitos e modelos, recebeu um contexto à medida que essas teorias se inseriram no Brasil. Nesse sentido, o entendimento de "como o argumento racial foi política e historicamente construído, assim como o conceito "raça" que além de sua definição biológica acabou recebendo uma interpretação, sobretudo social." (Idem, p. 17). Segundo a autora, se faz vital

entender as vigências e absorções das teorias raciais no país, mencionando que houve uma originalidade do pensamento racial brasileiro, o qual procurou se adaptar "ao modelo de sucesso Europeu" dos oitocentos, no que se refere ao ideal civilizatório. Schwarcz ressalta que embora tenha chegado tarde ao Brasil, as teorias raciais são recebidas com entusiasmo pela reduzida elite pensante nacional, estabelecida em espaços de ensino e pesquisa da época. Os chamados "homens de ciência" receberam a incumbência de reflexão sobre a nação brasileira, seu futuro e seus impasses, definidos como intelectuais que lutavam "pelo progresso scientífico do país" (Idem, p. 37). Dentre estes intelectuais estavam: Tobias Barreto, da Faculdade de Direitos de Recife, Francisco José de Oliveira Viana, do IHGN, Manoel de Oliveira Lima, do IAGP, Silvio Romero, da Faculdade de Direito de Recife, João Bapistista Lacerda, do Museu Nacional, Euclides da Cunha, do IHGB, Raimundo Nina Rodrigues, da Faculdade de Medicina da Bahia, Edgard Roquete Pinto, do Museu Nacional, Herman Von lhering, do Museu Paulista, Oswaldo Cruz, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Miguel Pereira, da Academia de Medicina do Brasil, A. A. de Azevedo Sodré, da Faculdade de Medicina do Rio do Janeiro. Conforme informa Schwarcz, as teorias raciais europeias como o evolucionismo, o positivismo, o naturalismo, o social darwinismo começam a difundir-se no Brasil a partir dos anos de 1870. Estas teorias sofreram adaptações e foram atualizadas de acordo com o contexto político e social. Os intelectuais da época selecionaram o que lhes convinha mediante o cenário brasileiro, desconsiderando o que era problemático para a construção de uma argumentação racial sobre a nação, afirma a autora. Desta maneira, as teorias raciais se transformaram de modo a criar critérios diferenciadores de cidadania, dando voz a um projeto civilizatório para o país. Paralelamente, ela legitimava as diferenças sociais da antiga ordem escravocrata.

Schwarcz sinaliza que os "homens de Sciencia" foram chamados de "Novos ricos da cultura" por Antonio Candido (1988, p. 30). Estes tenderam a adotar os modelos evolucionistas e, em especial o social-darwinista, já bastante desacreditados no contexto europeu da época. Esses grupos de intelectuais passaram a fazer do ecletismo e da leitura e interpretação de textos e manuais positivistas e darwinistas sua atividade intelectual por excelência.

Giralda Seyferth (2002) analisa uma perspectiva a qual podemos chamar de segunda escola racista, cuja origem histórica teria surgido nos Estados Unidos e na

Europa, entretanto, demonstrou-se influente também no Brasil. A autora observa que Arthur de Gobineau ou Conde Gobineau em sua célebre obra: "Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas", publicada em 1855, deu voz a discussão sobre racismo e eugenia. Em linhas gerais, Gobineau defendia que a miscigenação era um processo que estaria levando a humanidade a graus sempre mais altos de degeneração intelectual e física. Por coincidência, afirmou que: "não creio que viemos dos macacos, mas creio que vamos nessa direção". Defensor ardoroso da pureza das raças, Gobineau argumentava sobre a "raça suprema ariana", "produtora exclusiva de civilização e sobre a associação entre a mestiçagem e a decadência, levando a suposição que a mistura de raças 'desiguais' conduz à degeneração de um povo" (Idem, 2002, p. 19). A autora enfatiza que para Gobineau, o surgimento das grandes civilizações ocorreu mediante a conquista das raças inferiores. Assim, a abordagem histórica teve como marca principal o culto ao arianismo.

A respeito do sociólogo Roberto Damatta (1987), este defende uma perspectiva sociológica seguindo na direção do pensamento racista intitulado de "determinismo biológico". Segundo o autor, no determinismo biológico, "as diferenciações biológicas são vistas como tipos acabados e que cada tipo está determinado em seu comportamento e mentalidade pelos fatores intrínsecos ao seu componente biológico" (idem, p. 71). Para Damatta, o aspecto biológico é imutável pela ação social. Em outras palavras, ele tira a responsabilidade da sociedade, já que são os elementos herdados por cada indivíduo que determinam, desde o seu nascimento, o que ele será futuramente: um agricultor, um desempregado, um burguês ou um mendigo, sem que ninguém possa intervir nesses resultados. Assim, esse determinismo é usado para justificar a superioridade e o domínio de uma raça sobre outra. Neste ponto, cabe o seguinte questionamento: em qual local se situa a "humanização" da história se os africanos não eram vistos como seres humanos, mas, sim, como "coisa", uma propriedade material sem direitos?

Durante os séculos XVII, XVIII e XIX, pensadores como Georg W.F Hegel (1770-1831), François Bernier (1625-1688), Carolus Linnaeus Carlos Lineu (1707-1778), Buffon (1707-1788), Georges Cuvier (1769-1832), Blumenbach (1752-1840), Gobineau (1816-1882), Francis Galton (1822-1911), entre outros, fundamentaram suas teorias de superioridade baseadas em critérios como cor da pele, tamanho do crânio, cor

do cabelo e raça (umas mais e outras menos desenvolvidas). Esse conjunto teórico-racial europeu influenciou todo um pensamento ao longo do século XIX, na Europa, na América do Norte e no Brasil.

Por aqui, os chamados "estudos africanos" surgiram no final do século XIX para explicar como o negro se inseriria na nacionalidade do Estado emergente, o que elucida desde o princípio sua amalgamação aos estudos conhecidos como "afro-brasileiros". Como bem informam Gondra e Schueler, (2008, p. 237), em termos jurídicos e não em relação a práticas sociais, os negros escravizados não possuíam direito à escola. "Escravo, como não-cidadão, como coisa não tinha direto à instrução pública". Esse exemplo acerca da desconstrução social dos indivíduos africanos serve para ilustrar todo um aparato construído para justificar o não lugar do negro escravizado na sociedade brasileira.

Para os intelectuais deste período, olhar para a África só se justificaria para demonstrar a inviabilidade de uma nação composta por um número tão elevado de africanos e seus descendentes (OLIVEIRA JUNIOR, 2013, p. 347). Nesse sentido, intelectuais como Silvio Romero, Raimundo Nina Rodrigues e outros incorporaram o discurso eurocêntrico dominante, por conseguinte, também possuíram seus seguidores. Notadamente, esse processo de construção das diferenças raciais fortaleceu o entendimento sobre o *modus operandi* das raças fictícias ou "raças sociais" (MUNANGA, 2003). Essa perspectiva ganha sentido quando analisamos as especificidades morfológicas das ditas "pessoas de cor" nos anos finais do séc. XIX e início do séc. XX.

Este processo de diferenciação dos indivíduos denominados "de cor" nos exigiu uma formalização metodológica distribuída em dois parâmetros de análise, isto porque a observação desta perspectiva é bastante complexa. Inicialmente, recorremos às vozes jornalísticas do final do séc. XIX e seu entendimento social e político sobre o assunto "pessoas de cor". Em seguida, nos apropriamos do estudo desenvolvido por Thales Azevedo (1955), cuja pesquisa com indivíduos baianos no início do séc. XX, teve o intuito de compreender como a sociedade deste período se via em relação aos seus traços morfológicos. Também como suporte aos termos utilizados no final do séc. XIX, foi importante o estudo de Mary C. Karasch (2000), uma vez que a autora também se dedicou ao imbricado entendimento das classificações dos negros.

De antemão, é de fundamental importância compreender como se processava a divisibilidade dos escravos nos anos finais do séc. XIX. Grosso modo, podemos entender que a cisão pela cor estava nomeada aos escravos brasileiros, enquanto os africanos eram divididos pelo seu local de origem (KARASCH, op. cit, p. 38-43). Portanto:

• **Pardos** eram os indivíduos nascidos no Brasil, filhos de pais africanos e europeus. Estes preferiam o termo pardo para diferenciar-se dos crioulos;

• **Pretos** fazia referência aos africanos sem nascimento no Brasil;

• **Mulatos** era a própria definição de pardo. Para os pardos, o termo mulato soava como um insulto. Assim preferiam pardo para distinguir-se dos crioulos e outros grupos racialmente mistos. Nos anúncios de jornais, para captura de escravo fugido, vinha o adjetivo claro ou escuro (para mulato ou pardo), pois alguns pardos poderiam se passar por brancos;

• **Cabra** se referia aos escravos de ancestralidade e mistura racial indefinida;

• **Negro novo era** usado para caracterizar um escravo de importação recente;

• **Negro** "**boçal ou buçal**" se referia aos escravos que não aprenderam os costumes brasileiros e portugueses depois de muitos anos de escravidão;

• **Crioulo** era o negro nascido no Brasil e ocasionalmente os africanos nascidos em colônias portuguesas na África.

Em relação à percepção classificatória de meados do séc. XX, Azevedo (op. cit, p. 25 - 37) identificou morfologicamente que:

• **Pardos** era o termo empregado mais ou menos como sinônimo de *mulato*, isto é, descendentes do cruzamento entre europeu e africano;

• **Pretos** eram os indivíduos com as características físicas do negro africano, particularmente a pele muito escura;

• **Mulatos**, derivação do branco com o preto, podendo ser claro;

• **Negros**, indivíduos de origem africana, já no início do séc. XVIII denominados de negros da Guiné, negros da Costa ou negros de "nação", isto é, de tais ou quais tribos africanas. De um modo geral, "negros" eram quaisquer escravos;

• **Crioulos** eram os filhos de africanos nascidos no Brasil.

Podemos identificar uma proximidade classificatória em relação às ditas "pessoas de cor". Para os dois períodos, a imagem social e política desses indivíduos está carregada de igual valor pejorativo devido à cor da pele. Por este motivo, defendemos que "pessoa de cor", "homem de cor" ou "gente de cor", expressava um sentido de inferioridade social, intelectual e física, cuja origem possui ligação direta com o preconceito sofrido pelo povo africano, em que os mais de 350 anos de escravidão no Brasil ajudaram a consolidar este estigma, sem desconsiderar ainda as alterações sofridas no próprio continente africano em decorrência do imperialismo.

No início do séc. XX, no Brasil, a imagem construída sobre as pessoas "de cor" ratificaria a de *"submissão racial"* por decorrência da origem africana. Este pensamento ganhou força a partir da difusão das ideias eugenistas entre a elite intelectual do país. Dentre seus simpatizantes, podemos citar: Monteiro Lobato, Gilberto Freyre, Miguel Couto, Renato Kehl e outros, que viam na "higiene social" um artifício viável para a limpeza étnica do povo brasileiro, por conseguinte, mecanismo este útil para o novo projeto de nação e "progresso do país". Todavia, essas ideias ancoravam-se no entendimento da superioridade branca em relação ao fenótipo africano. Esse caráter marginal de inferioridade étnica atribuído aos "mestiços", ou como chamamos, hoje afro-brasileiros, transitou do final do séc. XVIII para o XX, deixando marcas profundas e ainda perceptíveis na sociedade brasileira.

André Rebouças e seus familiares no séc. XIX também foram enquadrados nesse modelo pejorativo de classificação social, embora transitassem com relativa liberdade entre a elite imperial. No caso específico de André, o fato de ter sido menosprezado pelos oponentes políticos e empresariais com rótulo de preto ou mulato demonstra como a cor da pele era um poderoso artifício de diminuição social.

Portanto, para aqueles que buscavam atingi-lo sentimental e moralmente, a simples menção à sua tonalidade de pele mais escura reforçava o seu *"não lugar"* entre a elite imperial. Mesmo possuindo educação de nível superior e bons relacionamentos profissionais e políticos, a cor da pele de Rebouças sempre o colocava à margem da sociedade. Em outras palavras, André não se enquadrava no itinerário natural dos acontecimentos sociais, logo, seu "verdadeiro local" deveria ser o da subalternidade, cuja raça inferior deveria ocupar.

Todavia, estamos certos de que Rebouças compreendia esse imbróglio político-racial e, talvez por isso, tenha se dedicado por longos anos a inserir os negros na sociedade, dando-lhes ensino de qualidade e justa distribuição da terra, para que esse grupo social pudesse desenvolver seu trabalho, garantido assim a própria sobrevivência socioeconômica.

1.2- A trajetória da família Rebouças em finais do séc. XIX

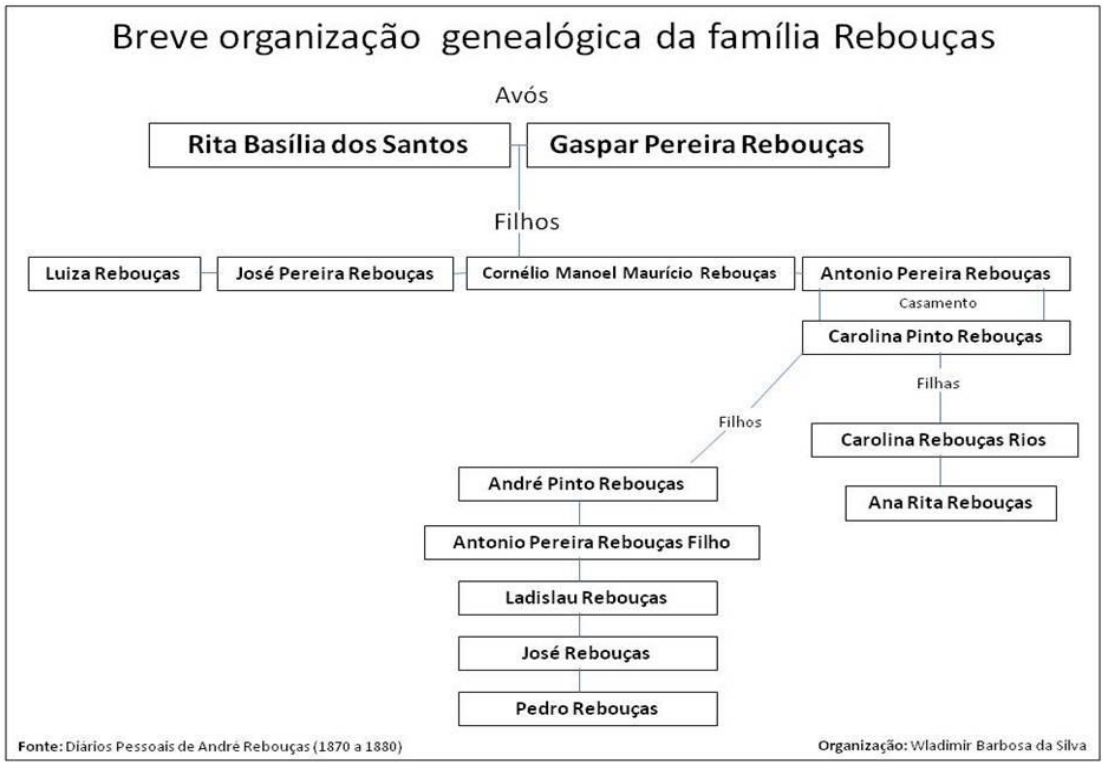


Figura 1 – Breve organização genealógica da família Rebouças.
Fonte: Diários pessoais de André Rebouças de 1870 a 1880.

Iniciamos a discussão sobre a genealogia da família Rebouças ressaltando que este organograma não contempla todas as suas relações parentais. Por conseguinte, os dados utilizados estão contidos em referências escritas por André Rebouças em seus diários, entre os anos de 1870 a 1876. Sabemos também que existe um número significativo de obras dedicadas a estudar a vida e obra de André Rebouças, entre as quais podemos citar Ana Flora e Inácio José Veríssimo (1938), os quais analisaram os diários de Rebouças, mencionando elementos da sua vida em família, seu início como engenheiro, sua entrada nos negócios com as docas do Rio de Janeiro, seus embates profissionais, sua entrada na campanha abolicionista, entre outras questões pessoais e profissionais. Louzeiro (1968) e Ruiz (1973) se dedicaram cada qual a seu estilo, em observar momentos relevantes a despeito da vida e obra de Rebouças; Jucá (1988 e

2001) pesquisou e discutiu o empenho de Rebouças no trabalho como engenheiro, como de homem de negócio e reformista social; Santos (1985) elaborou um estudo de grande fôlego debatendo o vanguardismo científico de Rebouças; Vassilieff (2009) pesquisou a articulação de Rebouças em associação de caráter imigratório e valorização da indústria nacional. Por fim, Carvalho (1998) analisou a trajetória do pensamento de Rebouças no cenário brasileiro nas últimas décadas do séc. XIX.

Se por um lado as respectivas leituras apresentem grande relevância para compreensão histórica sobre André Rebouças, por outro elas não se preocuparam em revisitar seus laços familiares, e tampouco houve o aprofundamento de um debate sobre a condição social dos Rebouças, já que eram homens e mulheres "de cor" no Brasil imperial. A essa família, cabia então buscar espaço no que Lilia Moritz Schwarcz chamou de boa sociedade.

> A cidade fluminense, sede da corte, passará a funcionar como um pólo centralizador e difusor de hábitos, costumes e até linguagens para todo o país, além de se transformar no cenário principal em que se desenrolava a dramatização da vida social da boa sociedade [...]. A corte se opõe à província, arrogando-se o papel de informar os melhores hábitos de civilidade, tudo isso aliado à importação dos bens culturais reificados nos produtos ingleses e franceses. Nas casas os homens jogam voltarete, gamão, xadrez e whist, e os moços o jogo da palhinha. Já as mulheres divertem-se com jogos de prenda, de flores, do bastão, do amigo ou amiga e do lenço queimado. Nos teatros completava-se a cena (SCHWARCZ, 1998, p.153-154).

Obviamente esse espaço não estava reservado às ditas pessoas "de cor". Por este motivo, foi importante investigar minuciosamente os diários de André Rebouças, buscando compreender quais estratégias foram utilizadas por seus familiares para compor a tão estratificada boa sociedade. O objetivo é discutir a amplitude dos laços familiares dos Rebouças, procurando desconstruir uma espécie de conveniência historiográfica que as obras citadas insistem em reproduzir, ou seja, os laços afetivos de André Rebouças estavam intimamente restritos a Antonio Pereira Rebouças (seu pai) e Antonio Rebouças Filho (seu irmão).

Os relatos escritos por André Rebouças indicam uma movimentada vida em família, contudo, estamos cientes que ele não se preocupou em registrar com afinco sua rotina, o que tornou bastante desafiador o estudo das entrelinhas dos seus diários no

decorrer de seis anos. Ainda sim, o conteúdo escrito vislumbra um cenário historiográfico promissor, isso porque ele nos permite compreender um pouco sobre como as famílias “de cor” no Brasil do final do séc. XIX lutaram por sua sobrevivência social.

A documentação existente sobre a origem familiar dos Rebouças no Brasil data do ano de 1780, quando chegou a Salvador (BA) o alfaiate português Gaspar Pereira Rebouças, então avô de André Pinto Rebouças. Gaspar, após pequeno período na capital, mudou-se para a vila de Maragogipe, localizada às margens do Rio Paraguaçu. Ali instalado, casou-se Rita Basília dos Santos (ao que tudo indica Rita era negra). Jocelice Jucá (2001) salienta que a história da família Rebouças é a "de uma minoria de cor que, através de suas qualidades pessoais, com talento e a competência, se destacou em importantes posições sociais durante o reinado de Pedro II".

Da união entre Gaspar e Rita, resultou o nascimento de quatro filhos a que temos notícias, sendo uma mulher, Luiza Rebouças e três homens: José Pereira Rebouças, Cornélio Manuel Maurício Rebouças e Antonio Pereira Rebouças. Antonio Rebouças, segundo as anotações de André, teve duas filhas: Carolina Rebouças Rios e Ana Rita Rebouças, além de cinco homens: André Pinto Rebouças, Antonio Pereira Rebouças Filho, Ladislau Rebouças, José Rebouças e Pedro Rebouças. Seguindo as indicações de André, localizamos nos jornais que José Pereira Rebouças era um exímio violinista e compositor com uma carreira frutífera, chegando a tocar em várias cidades europeias. Em seu diário de 15 de dezembro de 1872, André registrou algumas passagens do seu cotidiano quando realizava sua segunda viagem a Europa para estudos científicos sobre Engenharia e contatos comerciais. Nesta ocasião, se encontrou em Gênova na Itália, com César Persiano, ex- médico do Imperador D. Pedro II e amigo da família Rebouças desde 1833. Ao conversar com André, César contou que José Rebouças se tornou “maestro pelo Conservatório de Bologna, rabequista distinto, músico da Casa Imperial, e, por muito tempo, regente da orquestra do Teatro da Bahia”. César Persiano também disse a André que fez amizade em Bologna com José Rebouças quando ainda era estudante de medicina, e que o futuro músico residiu na casa da célebre cantora Bestinota, viúva do rabequista Radicati. Revelou que José comprou e levou para a Bahia a rabeca de Radicati do célebre fabricante Stradivarius.

Ao passar por Bolonha, em 5 de abril de 1873, André aproveitou para visitar o antigo edifício da Universidade "Arciginnasis antico" [grifo original da obra]. Lá esteve na biblioteca e no arquivo procurando pelos registros do tio, formado em violino e contraponto. Contudo, não conseguiu sucesso na obtenção dos documentos relativos à vida acadêmica de José Pereira Rebouças, que faleceu em 1842 conforme recorda André Rebouças[4].

As ações de José Pereira Rebouças confirmam sua proeminência e importância musical, contudo, ao escrever sobre *André Rebouças e seu tempo,* Santos (1985) elenca-os como os prodígios entre os filhos de Gaspar Rebouças e Rita Basília, os irmãos Cornélio Manoel Maurício Rebouças e Antonio Pereira Rebouças (pai de André). Como bem mostramos, José Pereira Rebouças também alcançou grande prestígio dentro e fora do Brasil, porém vale lembrar que Sydney M. G. dos Santos baseou-se nos escritos de Ana Flora e Inácio José Veríssimo: *André Rebouças – Diários e Notas Autobiográficas* (1938). Embora a respectiva obra seja de grande relevância, Sydney não se preocupou com as diversas fragmentações que o trabalho apresenta. O respectivo livro não trata da transcrição completa dos diários de André Rebouças. Ana Flora e Inácio José trabalharam com fatos estanques concernentes aos diários de André, realizando o que Araci Lisboa (2001) denominou de "amnésia historiográfica", na qual a seleção ou organização de uma documentação esconde fatos, pessoas e instituições da história.

Acerca de Cornélio Manoel Maurício Rebouças, consta nos escritos de André Rebouças que seu tio faleceu em 25 de maio de 1866. Foi possível apurar que Manoel Maurício começou sua carreira como escrevente, estudou na França, onde tornou-se bacharel em Ciências e doutor em Medicina. De volta ao Brasil, lecionou por muitos anos na Escola de Medicina da Bahia, prestando relevantes serviços nas epidemias de febre amarela e cólera. Médico respeitado, Cornélio Manoel Maurício Rebouças esteve envolvido ativamente com as questões científicas da sua época, recebeu vários títulos, dos quais vale destacar o de Conselheiro do Imperador e Cavaleiro da Ordem do Cruzeiro. Citado em jornais, sempre foi reverenciado por sua notória sabedoria. Em 10 de outubro de 1845, o jornal *O Crepúsculo,* cuja publicação tratava de assuntos instrutivos relacionados à ciência e a moral, acabou por se envolver em uma discussão

[4] Fundação Joaquim Nabuco (FJN) – Recife (PE) / (cópia digitalizada), Coleção André Rebouças: Diário Pessoal. Vol.XIV (1872-1873).

científica sobre as propriedades da planta do chá. Devido ao embaraço da notícia, o periódico necessitou se posicionar política e cientificamente sobre o assunto e, para isso, recorreu ao médico e professor Manoel Maurício Rebouças, que explicou com propriedade as questões científicas acerca da planta do chá. A fim de ressaltar o prestígio de Manoel Maurício, o referido jornal informava ser "o Dr. Rebouças, a maior autoridade que possuímos na Bahia; porque, além de exercer com suma satisfação há treze anos a cadeira de botânica na Academia Médica desta cidade, especialmente estudou na França a agricultura com grande aplicação".

Neste ponto, é importante abrir um parêntese para chamar a atenção sobre um fato bastante interessante acerca da trajetória científica e profissional do então menino André Rebouças. Em função da rede de sociabilidade na qual seu pai e tios estiveram inseridos, é possível depurar que, desde a infância o futuro engenheiro nutria-se de laços culturais e intelectuais que o imergiram em espaços onde seus pares homens e mulheres das elites culturais do período se articulavam em "itinerários intelectuais" e "trajetórias" que, direta ou indiretamente, o influenciariam como homem, engenheiro, professor e intelectual.

Vale ressaltar também que a construção intelectual de André Rebouças pode ser analisada a partir da proposição reflexiva de Bourdieu, que afirma serem os intelectuais seres socialmente determinados em função da classe, ocupação, ideologia e da posição ocupada no campo intelectual. Os relatos históricos descritos indicam que os tios de Rebouças estavam envoltos nessa atmosfera cultural e intelectual e tampouco desconexos entre si, certos gostos culturais, posicionamento político e opções científicas iriam influenciar sensivelmente o futuro engenheiro, conforme veremos adiante.

O terceiro filho do casal Gaspar e Rita de que temos notícia, se refere a Antonio Pereira Rebouças[5] (1798 – 1880), pai de André Rebouças, como seus outros dois irmãos, Antonio também ganhou notoriedade no Império brasileiro. Antonio Rebouças iniciou sua carreira como contador aos 16 anos de idade. Em 1814, trabalhou como nobiliário em um escritório de advocacia. Atuante no foro e com intensa militância,

[5] Maiores detalhes sobre a vida parlamentar de Antonio Pereira Rebouças, ver: REBOUÇAS, *Recordações da Vida Parlamentar*, Volumes I e II. Rio de Janeiro: TYP Universal de Laemmert, 1870 ou GRINBERG, Keila. *Em defesa da propriedade: Antonio Pereira Rebouças e a escravidão*. Afro-Ásia, 21-22. (1998 – 1999), 111-146.

esteve envolto nas discussões sobre a extinção da escravidão. Antonio não chegou a cursar a Escola de Direito, curso que data aproximadamente no ano de 1827. Valendo lembrar que os debates sobre criação e instalação de uma escola jurídica no Brasil tiveram apreciações executadas na constituinte de 1823.

Autoditada, e então beneficiado pelo decreto imperial número 647, promulgado em 04 de setembro de 1847, Antonio Rebouças adquiriu o direto de advogar. Fato já respaldado em 1846, quando devido ao seu notório saber, a Câmara dos Deputados concedia-lhe a licença para advogar em todo o país, tornando-o, assim, rábula - já que não possuía formação acadêmica em Direito. A essa altura, Antonio era visto como uma das maiores autoridades em Direito Civil no Brasil imperial. Ingressou na carreira política como deputado representando a Bahia na Câmara entre os anos de 1830 e 1873, com algumas interrupções nos mandatos. Em 1837, apresentou um projeto proibindo a importação de africanos e foi também secretário do governo de Sergipe e Conselheiro do Imperador D. Pedro II.

O estudo de Oliveira (2018) nos ajuda a entender "o lugar social e a atuação política" de Antonio Pereira Rebouças. Segundo a autora, o grupo baiano pertencente ao Conselho Geral de Província, do qual Rebouças pai foi integrante, sempre se manteve presente de modo repetido nos lugares de poder. Nas palavras de Oliveira, "isso indica que esses homens se empenharam no fortalecimento das instituições que representavam poder e prestígio para aqueles poucos que as ocupavam". A autora salienta que "certamente, dentre as instâncias políticas, o Conselho Geral de Província se apresentava como uma esfera capaz de congregar uma representação provincial, pelo menos em tese, mais ampla do que outras instituições". Para ela, o "Conselho Geral de Província se constituiu como um espaço de experiência política capaz de projetar seus membros para atuação em esferas de caráter nacional, assim como fortalecer o poder nas províncias".

Não por acaso a grande atividade política de Rebouças pai lhe rendeu a saída da Bahia com projeção nacional. Antonio Pereira Rebouças atuou no Parlamento Liberal Moderado, ora combatendo o governo, ora combatendo as reformas de cunho mais radical vindas dos liberais exaltados. Embora tivesse posições liberais na Câmara dos Deputados, Rebouças pai repudiou veementemente qualquer associação entre cor e posições políticas ou condição social. Keila Grinberg (1998-1999) interpreta esta

posição como estratégica, pois reforça a participação significativa de mulatos e negros nos movimentos sociais e revoltas no Brasil.

Entusiasta do liberalismo, do direto de propriedade, e defensor das restrições censitárias para a cidadania, Rebouças pai valorizava os "talentos" e "virtudes" individuais, lutava pela entrada de libertos nos cargos públicos mais altos do Estado desde que comprovassem suas posses (GRINBERG, 2002). Este posicionamento político reforça nossa abordagem em relação às apreciações ocorridas na Assembleia Constituinte de 1823, cuja compreensão relacionava a propriedade como uma condição para a cidadania. Em função do seu engajamento político nas lutas sociais da regência brasileira, Antonio Rebouças ganhou visibilidade junto aos revoltosos e, por este motivo, "temia ser identificado como um radical". Segundo Ruiz (1973), o pai de André Rebouças passou a ser perseguido pelos remanescentes da Sabinada, senhores de terra e escravocratas ferrenhos, os quais insistiam em categorizar seus opositores como "negros que não conheciam o seu lugar".

A saída de Antonio Pereira Rebouças do território baiano se integra a importantes fatos históricos nacionais e internacionais. No Brasil, o período regencial de 1831 a 1840 se refere ao espaço tempo entre a abdicação de D. Pedro I e a posse de D. Pedro II no trono brasileiro. Nos idos de 1833, a situação política e social do país se agrava com conflitos internos e o surgimento de intenções separatistas. A Cabanagem (1835 a 1840) no Pará dá início à onda das revoltas, que, em seguida, deságua na Guerra dos Farrapos no Rio Grande do Sul (1835 a 1845), a Sabinada (1837 a 1838) e a Revolta dos Malês (1835) eclode na Bahia, e a Balaiada (1838 a 1841) no Maranhão. Esses movimentos ganharam fôlego devido ao aumento de impostos e falta de ações sociais que descontentava a população. Entre os revoltosos, estavam pobres, pessoas de camadas médias e altas da sociedade da época, assim como africanos escravizados.

Aliás, a revolta dos escravos na Bahia merece uma atenção diferenciada. Ela foi organizada por muçulmanos de origem iorubá – nagôs – que viviam na Bahia. De acordo com João José Reis, "durante o levante, seus seguidores ocuparam as ruas usando roupas islâmicas e amuletos contendo passagens do Alcorão, sob cuja proteção acreditavam estar de corpo fechado contra as balas e as espadas dos soldados". Embora curto em números de dias, este levante representa um marco histórico importante.

> Esses escravos iriam modificar fundamentalmente a vida da comunidade africana que ali vivia, tanto em termos de sua estrutura interna – hierarquias sócio-culturais, estratégias de alianças e conflito interétnico, reorganização do espaço urbano de trabalho, etc. – como em termos de seu relacionamento com a classe senhorial e os habitantes nativos de um modo geral (REIS, 2003).

A organização de indivíduos escravizados criou um grande receio entre a elite "branca", que, obviamente, temia a eclosão descontrolada de outras revoltas. Como mencionamos, havia precedentes internacionais que inquietavam sobremaneira esta elite, especificamente, notícias de insurreições negras atravessavam o Atlântico, chegando a diversos pontos do Império brasileiro. O processo de revolução mais importante ocorreu na antiga colônia francesa de São Domingos, no atual Haiti. O levante haitiano tinha como objetivo paralisar a violência do governo francês. Entre 1791 a 1804, mais de 100 mil escravos participaram das lutas por libertação na colônia. Mesmo com o governo declarando a abolição em 1794, havia outras aspirações sociais por parte dos revolucionários cativos e libertos. Assim, a luta armada se estendeu até 1804, quando finalmente os revoltosos derrotam a França de Napoleão. Como resultado, é declarada a independência da região, recebendo o nome de Haiti. Segundo Gilroy (2012), o medo da Revolução Haitiana "marcou o edifício da euro-modernidade de forma muito mais profunda do que se tem reconhecido". Isso quer dizer que o impacto do movimento libertário haitiano subverteu o domínio metropolitano francês. Como consequência, houve a queda sobre o preço do açúcar, levando a instauração de um grande medo sobre as possíveis perdas nas relações coloniais em outros lugares da América escravista.

Talvez você se pergunte: mas qual seria a relação deste processo com Antonio Pereira Rebouças? A resposta se encontra em uma observância macro da história.

> Aparentemente desconexas, tais cenas permitem refletir sobre personagens transatlânticas que teriam articulado complexas experiências e visões da liberdade e da escravidão negras, ligando Europa, América e África entre os séculos XVI e XIX. Durante a escravidão no Brasil e em outras partes da América, africanos e seus descendentes não viviam isolados do mundo das ideias políticas. Em vários contextos deram provas de conhecer e avaliar a conjuntura à sua volta, usando-a em seu proveito. É possível rastrear pistas e seguir indícios sobre a circulação de ideias, os contatos pontuais e as percepções próprias dessas personagens em torno do que acontecia no

> cenário internacional — na África ou na América, em conflitos e motins em cidades européias ou em rebeliões escravas no Caribe —, atravessando o Atlântico nos dois sentidos (GOMES; SOARES, 2002, p.2).

O impacto libertário do chamado "haitianismo" (termo utilizado nas Américas para definir a influência política dos africanos, negros, mulatos e escravos libertos que lutaram na revolução Hatiana) avançou por todo mundo atlântico. Inevitavelmente, as notícias chegaram ao Brasil. Por sua vez, o cenário político e social brasileiro se apresentava historicamente diferente daqueles ocorridos na ex-colônia francesa. No momento em que Antonio Pereira Rebouças resolve deixar o território baiano sob a iminência de ser identificado como um negro radical, já havia uma grande preocupação das elites locais com o cenário de revoltas ocorridos durante a regência de D. Pedro II.

Um dos entendimentos sobre a chegada do medo haitiano em território brasileiro encontra amparo nas reflexões de Paul Gilroy. Ele ressalta que a intensidade de pessoas que circularam pelo "Atlântico Negro", efetuando trocas culturais do período colonial à modernidade, possibilitou a criação de redes entre as populações durante a diáspora africana[6]. Segundo o autor, essas pessoas formaram uma cultura que não pode ser identificada exclusivamente como caribenha, africana, americana ou britânica, isso porque todas elas aconteceram ao mesmo tempo. Embora Gilroy nos inspire a observar esse trânsito cultural sobre a perspectiva de um olhar voltado para a desterritorialização, é inegável que a declaração do primeiro Estado negro independente no Haiti rompeu com o "edifício da euro-modernidade". O resultado desse processo foi a primeira autodeclaração de um território livre da escravidão negra, liderado unicamente por negros sob a forma constitucional.

Indubitavelmente a quebra do *status quo* francês criou inúmeras discussões e disputas nos dois lados do Atlântico sobre igualdade, liberdade, raça, colonialismo, nacionalidade e cidadania. O Império brasileiro não esteve alheio a este fluxo transcultural de tensões revolucionários do ocidente, daí o receio com Antonio Pereira Rebouças e outros indivíduos negros cujas falas de combate à escravidão eram vistas

[6] Luiz Felipe de Alencastro (2006) "aponta que a dinâmica do comércio atlântico negreiro tornou a reprodução mercantil dos escravos mais rápida e mais efetiva que a reprodução demográfica, eventualmente gerada nas famílias cativas dos engenhos e das fazendas luso-brasileiras".

como libertárias pelas elites locais, estas, por sua vez temiam uma participação armada de negros em revoltas contra o governo.

Em relação à biografia de Rebouças pai, é André, já adulto, quem revisa toda a obra: *Recordações da Vida Parlamentar*. Durante a pesquisa, foi possível observar que pai e filho estiveram sempre próximos, todavia não é correto afirmar que sua mãe tenha tido papel secundário em sua formação, se pensarmos em uma sociedade cuja mulher ainda vivia tolhida pelo patriarcalismo, principalmente na esfera das negociações políticas, mundo no qual pai e filho transitavam com frequência. Sendo assim, é compreensível que o engenheiro registrasse maiores recordações da imagem paterna. Rebouças pai quase sempre estava na companhia de André, ora em visitas às filhas Ana Rita e Carolina, ora mediando ações políticas de interesses seus e do filho, mostrando um intenso trabalho de ampliação das redes de sociabilidade da família. Estas ações rotineiras se faziam importantes devido ao cenário de luta pela sobrevivência em uma sociedade marcada pelo "preconceito de cor", como assim denominava André Rebouças.

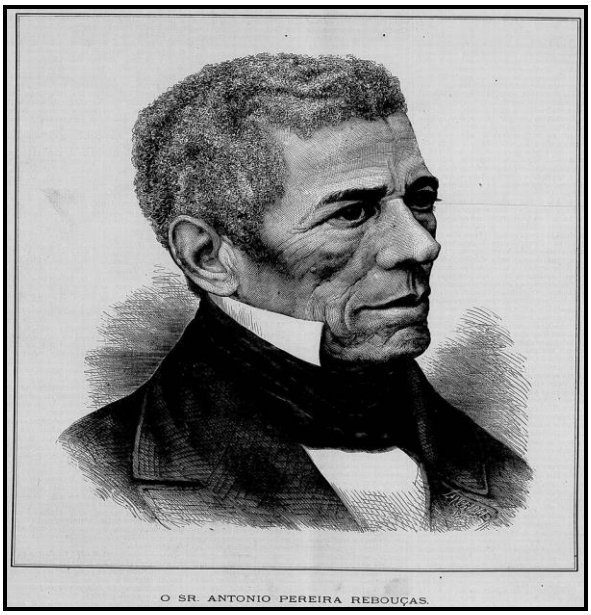


Figura 2 - Imagem de Antonio Pereira Rebouças.
Fonte: Biblioteca Nacional - Jornal *Novo Mundo*. Vol. V. 22/02/1875, pag.1.

Antonio Pereira Rebouças[7] e Carolina Pinto Rebouças formaram uma família extensa. Dos filhos que temos notícias, Carolina Rebouças Rios era a irmã mais velha de André Pinto Rebouças. De acordo com os dados contidos nos diários de André, Carolina nasceu em 1835, enquanto ele em 1838. Este fato aponta uma falha nas informações contidas na obra de Roberto Ruiz (1973): *André Rebouças: sua vida, sua obra, suas ideias*, em que afirma que, entre os filhos de Antonio e Carolina, André era o mais velho, seguido de Antonio Pereira Rebouças Filho. Em seus diários, Rebouças menciona a existência de outros irmãos: Ana Rita Rebouças, Ladislau Rebouças, José Rebouças e Pedro Rebouças.

Entre as irmãs, iniciaremos nossas observações por Ana Rita Rebouças. Embora André não tenha entrado em detalhes mais íntimos sobre a irmã, foi possível encontrá-los juntos transitando entre a elite imperial em 03 de maio de 1870. Nesta ocasião se festejava o retorno de Conde d'Eu ao Brasil, em 27 de abril de 1870, após ter lutado na guerra contra o Paraguai. André registrou em seu diário que:

> Às 3 ½ fui com minha irmã Ana incorporar-me à comissão de senhoras que iam ofertar à coroa do Conde d'Eu. Às 5 ½ chegávamos ao Palácio Isabel, que regurgitava de povo e das comissões do Arsenal de Guerra, de Marinha, das Belas Artes, do Liceu de Artes e Ofícios (REBOUÇAS, 1870, diário pessoal Vol.9).

O evento foi promovido pelas senhoras do Arsenal de Guerra e Arsenal de Marinha conforme descreve André. Ele e a irmã estiveram no "baile organizado pelas respectivas senhoras na Filarmônica até uma hora". O trecho acima nos revela a existência de um bom trânsito dos Rebouças entre a elite do Império, fato que reforça nossa tese de que a inserção da família nesses espaços restritos dava-se de forma articulada, dada a necessidade de estarem ativos socialmente.

Sobre a outra irmã de André Rebouças, Carolina Rebouças Rios, foi possível constatar que ela nasceu em 28 de novembro de 1835, casou-se em 24 de abril de 1865 com José Severo Moreira Rios, nascido em 10 de outubro de 1829. Os dados contidos nos diários de André nos mostram que a outra irmã, Ana Rita Rebouças, chegou a morar com Carolina, na praia de São Domingos, em Niterói, hoje grande área metropolitana do

[7] Para saber mais sobre Antonio Pereira Rebouças ver: Grinberg, Keila. *A Black Jurist in a Slave Society: Antonio Pereira Rebouças and the Trials of Brazilian Citizenship.*

Rio de Janeiro. Rebouças conta que a construção da casa de sua irmã Carolina Rebouças se deu aos poucos, sendo fruto de um esforço conjunto entre as famílias dos noivos. Em 06 de abril de 1872, consta, em seu diário, a ida ao Banco do Brasil para retirar 4:000$000 réis da conta corrente. Deste valor, 3:200$000 réis foram doados ao cunhado Rios e a irmã para pagar a primeira prestação da casa em que residiriam. Essa situação demonstra que, embora Antonio pai, Antonio "filho" e André circulassem entre a elite imperial, sua família obtinha conquistas modestas, porém significativas quando pensamos em uma sociedade tão apegada aos laços de parentesco, compadrio e outros mecanismos de sustentação social.

Destarte, os dados sobre a vida íntima dos Rebouças nos revelaram que Ladislau Rebouças irmão de André, já se encontrava falecido em 1870, todavia não foi possível identificar sua causa morte ou mesmo idade por ocasião do falecimento. Neste mesmo ano, encontramos André, seu irmão Antonio e seu pai realizando a transladação de alguns familiares para o mausoléu da família. Segundo André, ele foi quem cuidou pessoalmente dos mínimos detalhes da construção do túmulo da família. Findada a obra, seu pai e irmão Antonio foram ao cemitério de "São João Batista e fez-se a trasladação dos ossos para o novo túmulo e desse-se uma missa pelo eterno repouso de minha mãe", falecida a 28 de maio de 1865, "de meu avô e do meu irmão Ladislau".

O outro irmão de André Rebouças, Antonio Pereira Rebouças Filho, casou-se com Matilde Augusta de Matos em 19 de fevereiro de 1870. André relata que apenas "Dr. André Augusto de Pádua Fleury e Dr. Jacinto Rodrigues Pereira" testemunhas, além de outras poucas pessoas e "amigos estiveram em casa dos noivos, rua de Dona Mariana nº 2 (São Clemente), em festa de família até as 10 ½". Abrimos um parêntese para esclarecer um fato bastante importante em termos sociais. Antonio irmão de André passou a residir em um bairro de elite no Rio de Janeiro. Em termos históricos, tanto a Rua dona Mariana, como a Rua São Clemente, passaram por grandes transformações com chegada da Corte Portuguesa ao Rio, em 1808. Localizadas no bairro de Botafogo, essas ruas passavam a ser, na metade do séc. XIX, o local escolhido por nobres e comerciantes ingleses para construírem suas residências, naturalmente o bairro logo se notabilizou por ser um espaço frequentado pela elite.

Lamentamos que Rebouças não entrou em maiores detalhes sobre o convívio dele e sua família de "negros" frequentando um espaço dado ao convívio da elite,

tampouco encontramos o engenheiro relatando qualquer episódio de cunho racial contra o casal. O fato é que, da união entre Antonio e Matilde, nasceu André Veríssimo Rebouças, em 02 de dezembro de 1870, e Maria Carolina Rebouças em 13 de agosto de 1872.

Os diários de André deixam evidente a sua grande admiração e afeto pelo irmão Antonio, que se tornou engenheiro responsável pelo caminho de ferro de Campinas a Rio Claro, em São Paulo, tendo trabalhado anteriormente na estrada de ferro que ligaria a província do Paraná a de Mato Grosso. Durante as obras em São Paulo, Antonio Rebouças contraiu uma febre que o levou a morte em 26 de maio de 1874. Conforme relata André, seu irmão foi "sepultado na carreira nº 173 no Cemitério de São Paulo". Por mera coincidência da vida, o mês de maio, ao longo dos anos, não reservou boas lembranças para Rebouças. Segundo ele, o mês de maio trazia a triste lembrança do falecimento de sua mãe, em 28 de maio de 1865, e agora o de Antonio. Relata que a informação sobre a morte de Antonio foi dada em 28 de maio de 1874, quando chegava à gerência da Companhia Docas Pedro II e justamente quando retornava da missa de aniversário de falecimento de sua mãe. Segundo ele, o mês de maio se tornou "um dos mais tristes dias da sua vida!".

No mês seguinte, escrevia em seu diário que falecia em 05 de junho de 1874, na Bahia, sua tia Luiza Rebouças, "irmã mais velha do seu velho pai Antonio Pereira Rebouças". Infelizmente, ele não entrou em maiores detalhes sobre a tia, contudo, os meses que seguiram à morte de Antonio foram de grande tristeza para a família. Em 10 de agosto de 1874, Rebouças pai comemorava seu 76º aniversário, porém, André menciona ter sido o mais triste dos aniversários em função da morte de seu irmão.

No que se refere a José Rebouças, temos conhecimento que nasceu em 17 de julho de 1856, tendo ganhado atenção especial de seu irmão André, principalmente nas questões educacionais. O engenheiro dividia suas tarefas profissionais com a dedicação exclusiva e diária preparando o irmão para os exames da Escola Central[8]. André quase

[8] A instituição foi criada em 1792 o quando vice-rei D. Luiz de Castro, 2º Conde de Rezende, assinou os estatutos aprovando a criação da *Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho* – começando aí o ensino de disciplinas que seriam a base da engenharia no Brasil. Mais tarde, já em 4 de dezembro de 1810, o Príncipe Regente, futuro Rei D. João VI, assinou uma lei criando a *Academia Real Militar*, em substituição a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho. Em 1858, passou a chamar-se *Escola Central*. O ensino nessa Escola abrangia três cursos distintos: um curso teórico de Ciências Matemáticas, Físicas e Naturais, um curso de Engenharia e Ciências Militares, e um curso de Engenharia

sempre no final da tarde se tornava professor do irmão – focando fundamentalmente nos ensinamentos de Matemática.

Mas um fato curioso marcou o processo de inscrição de José Rebouças (Juca como André o chamava) na Escola Central. Ao que tudo indica, houve sobressaltos quanto à permissão para que Juca prestasse os respectivos exames. Em 23 de janeiro de 1871, relata Rebouças que "foi à Escola Central indagar sobre a inscrição do Juca para os exames de entrada". Ao que tudo indica, a questão dizia respeito a problemas na documentação de Juca, fato resolvido rapidamente por seu irmão. Em 01 de fevereiro de 1871, encontramos Juca sendo inscrito para os exames e no mesmo dia, submetido a uma avaliação de caráter informal por um professor da respectiva escola. "Doutor Lóssio", segundo os diários de Rebouças, também exercia o cargo de secretário na escola e examinou Juca em Aritmética. Este professor certamente gozava de bom relacionamento com André, ou seja, Juca era sabatinado antes mesmo dos exames oficiais para ingresso na instituição de ensino.

A ação de Rebouças demonstra que o engenheiro soube fazer bom uso da sua rede de sociabilidade também em benefício de seus familiares. Pensante nos caminhos a serem abertos no que se refere à vida de José Rebouças, André fazia uso do artifício de demarcação social aproveitando seu bom trânsito político entre a elite imperial. Em 12 de fevereiro de 1871, Rebouças apresenta seu irmão Juca ao Visconde de Itaboraí (Joaquim José Rodrigues Torres). Itaboraí era um político de grande prestígio, foi Ministro da Fazenda, Conselheiro de Estado e Senador do império. No tocante ao embate imperial das influências políticas, seu contato com os viscondes decorria de intenções pela sobrevivência nesse meio, no qual José Murilo de Carvalho (2003) nos alerta para o fato de que os viscondes, condes e marqueses possuíam maior representação do que o título de barão. Com esta ação, paulatinamente tornava o irmão visível frente à alta classe política do império.

Civil, voltado para as técnicas de construção de estradas, pontes, canais e edifícios, que era ministrado aos não-militares, ou seja, aos civis que frequentavam as aulas. Em 1874, a Escola Central transferiu-se do Ministério do Exército para o Ministério do Império, e passou a ser denominada Escola Politécnica, atendendo apenas alunos civis.
Em 1937 passou a se chamar *Escola Nacional de Engenharia* e, em 1965, já na Cidade Universitária, passou a se chamar *Escola de Engenharia*. Posteriormente, em 2003, voltou a se intitular *Escola Politécnica*, por ter sido esse o nome em que ela atingiu o apogeu de sua fama e prestígio, em que se tornou reconhecida no âmbito nacional e internacional. In:< http://www.poli.ufrj.br/politecnica_historia.php>.

Coincidentemente, Juca caiu de rendimento nos estudos justamente nos meses finais de 1872 até meados de 1873, período em que André viajou para a Europa por questões de estudos e negócios pela Companhia Docas D. Pedro II. Ao retornar de viagem, Rebouças tratou logo de tomar conhecimento sobre os assuntos educacionais do irmão e, em 24 de fevereiro de 1874, escreve que havia ido à Escola Central promover a repetição do exame de José Rebouças relativo ao 2º ano, pois ele não obteve o "simplesmente" de 1872. Na oportunidade, André usou do seu bom relacionamento pessoal junto ao Ministro do Império João Alfredo, com o qual solicitava intervenção mediante a situação de Juca. A resposta do Ministro veio em 19 de março de 1874, permitindo que Juca repetisse o exame do 2º ano. Envolto com suas ideias de instrução livre para o povo e testando seu poder de persuasão, André não perdeu tempo em agradecer ao político pela ajuda dispensada a Juca e aproveitava o ensejo para articular assuntos sobre ensino técnico e reforma da Escola Central. Rebouças lembrava ao Ministro das vantagens de se criar um curso noturno para condutores utilizando os docentes da respectiva escola.

Após movimentar-se em favor do irmão, foi possível constatar que Juca realizou pela segunda vez o exame escrito do 2º ano em 07 de maio de 1874. Dois dias depois, Rebouças escreve que o irmão obteve aprovação "plenamente com grau 7". Destarte, comenta que Juca "encetava os cursos de Botânica e Astronomia", disciplinas as quais o irmão possuía grande fascínio. Este fato reflete a forte ligação entre André e Juca, demonstrando que o irmão mais velho exerceu grande influência nas escolhas do irmão mais novo.

Não obstante, a articulação de sociabilidade de André Rebouças e sua capacidade de ações políticas ampliavam-se em outras frentes. Em 28 de fevereiro de 1871, ele relata ter ido com Juca após o jantar na casa dos professores Doutor Aquino e Teófilo de Novaes Leão agradecer-lhes a instrução que haviam dado gratuitamente ao irmão em História e Aritmética. Este comportamento revela o constante jogo de sobrevivência social executado por André, no qual fazia questão da presença do jovem irmão. Envolvido neste complexo tabuleiro de interesses que se estabelecia em contatos com viscondes, deputados, senadores, vereadores, empresários nacionais e internacionais, além do próprio Imperador D. Pedro II, a Princesa Isabel e seu esposo Conde D'Eu, Rebouças não só demarcava sua permanência entre a elite, como também

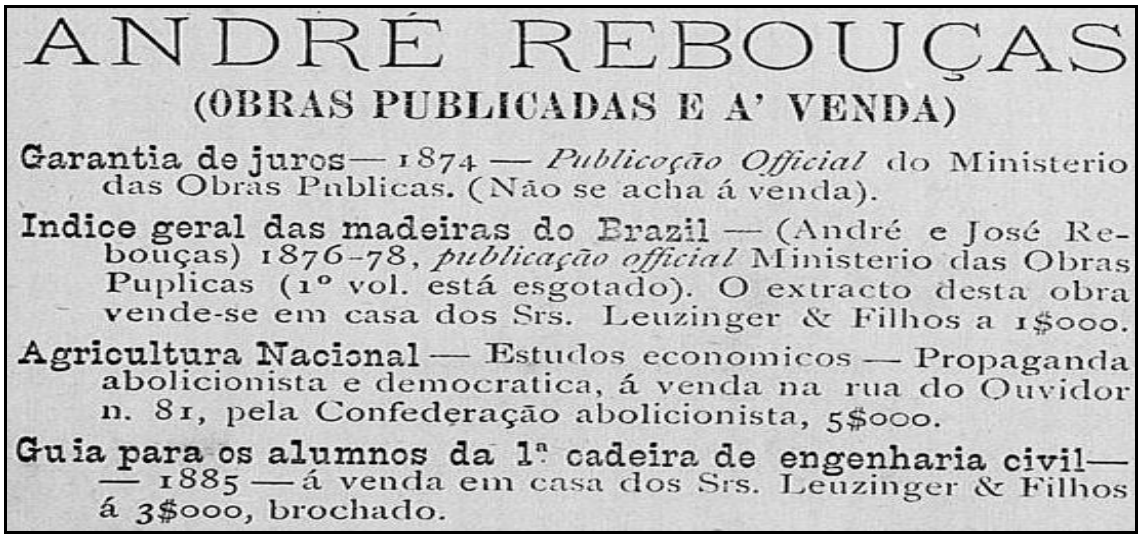
encaixava seus irmãos Juca e Antonio em círculos de contatos sociais e políticos relevantes, mediando habilmente a integração destes não só na esfera local, como também nacionalmente. Sob esta perspectiva, é possível afirmar que André possuía consciência que a "trajetória" de Juca e Antonio no mundo social e do trabalho dependeria das boas relações políticas construídas ao longo da vida. Talvez por isso tenha mediado de forma tão ostensiva seu "itinerário" social, assim como dos seus irmãos.

Estamos certos de que Rebouças possuía pleno conhecimento que o caminho a ser percorrido pelo seu jovem irmão não seria fácil. Ele mesmo, que sofrera preconceito quando aluno, como engenheiro, precisou utilizar de todos os recursos intelectuais que dispusera para persuadir políticos e empresários, quanto à importância e necessidade de modernização dos portos brasileiros. Os Rebouças (André, Antonio e seu pai) também conviveram com maldosas e rotineiras dúvidas levantadas na imprensa sobre as suas capacidades profissionais. Não faltaram insultos, estes atrelados ao preconceito de cor, como assim escrevia André em seus diários. Contra isso, André trabalhou firmemente no direcionamento dos "itinerários sociais" dos irmãos, ciente que os Rebouças necessitariam de horizontes prósperos tanto de cunho profissional como pessoal para sobreviver à turbulenta e excludente atmosfera social e política do Império.

Para finalizar, José Rebouças atendeu as expectativas do irmão e teve aprovação em 56º lugar para Escola Central, em 20 de março de 1871. Sua aprovação não representou a suspensão de André como seu professor particular, pelo contrário, ambos mantiveram a mesma rotina de estudo, quase sempre no fim da tarde e início da noite. Habilmente e pela via da intelectualidade, Rebouças trabalhou o irmão no sentido de mantê-lo inserido nas "redes de sociabilidade" do império desde a juventude. Isso passava irrestritamente pela permanência de Juca como aluno da Escola Central e posteriormente um profissional de relevância no Império, seguindo a herança dos seus tios.

Selecionamos um trecho da *Revista de Engenharia* de 1886, a título de ilustração e também um indicativo de que André Rebouças e José Rebouças atuaram juntos intelectualmente escrevendo a obra *Índice geral das madeiras do Brasil*. Este trabalho obteve grande repercussão científica e, segundo Santos (1988, p. 225), "ao que se tem notícia é o único realizado no Brasil". O estudo tratou sobre "o Índice Alfabético de

Pesos Específicos das Principais Madeiras (nacionais e estrangeiras)", resultado de uma longa pesquisa que reuniu "213 madeiras nacionais (desde o *acapú* ao jacarandá violeta)". De acordo com o autor, "há também dados de madeiras da França, Inglaterra e Estados Unidos".



ANDRÉ REBOUÇAS

(OBRAS PUBLICADAS E A' VENDA)

Garantia de juros — 1874 — *Publicação Official* do Ministerio das Obras Publicas. (Não se acha á venda).

Indice geral das madeiras do Brazil — (André e José Rebouças) 1876-78, *publicação official* Ministerio das Obras Puplicas (1º vol. está esgotado). O extracto desta obra vende-se em casa dos Srs. Leuzinger & Filhos a 1$000.

Agricultura Nacional — Estudos economicos — Propaganda abolicionista e democratica, á venda na rua do Ouvidor n. 81, pela Confederação abolicionista, 5$000.

Guia para os alumnos da 1ª cadeira de engenharia civil — — 1885 — á venda em casa dos Srs. Leuzinger & Filhos á 3$000, brochado.

Figura 3 – Revista de Engenharia, 1886, ano VIII, nº 129.
Fonte: Biblioteca Nacional – arquivo digital.

O último irmão de que temos notícias é Pedro Rebouças. Foi possível constatar que este nasceu em 03 de setembro de 1854. Era apenas dois anos mais velho que seu irmão José Rebouças "Juca", no entanto, não localizamos outras informações nos diários de seu irmão.

Outra informação que merece nossa consideração diz respeito aos laços familiares dos Rebouças, cuja herança nominal dos mais velhos reverberava não apenas no sobrenome, mas também na organização do nome completo dos entes familiares. Por exemplo: Ana Rita levava o nome "Rita" da sua avó; Carolina, a irmã de André, carregara este nome de sua mãe. Seguindo essa lógica, Antonio irmão de André não tardou em homenagear seu irmão dando ao filho o nome do tio. Antonio ainda homenageou sua mãe ao inserir Carolina ao nome composto da filha: Maria Carolina Rebouças. Essas ações são carregadas de um complexo *poder simbólico,* cujos laços familiares refletidos na simbologia emergida pelas conexões nominais dos Rebouças, tornando suas relações sociais, políticas e econômicas integrantes entre si. Isso nos

permite verificar a existência de "instrumentos de integração social" (BOURDIEU, 1989), e porque não dizer de sobrevivência.

Dessa profunda admiração pelo pai, se consolidavam não apenas as bases política, intelectual e cultural do jovem engenheiro, mas também suas convicções éticas e morais. Desde cedo, o "velho Rebouças" pensou nos filhos pela via do empoderamento intelectual, artifício que André soube usar com extrema sabedoria ao longo da sua vida como professor, jornalista e homem de negócio. A sagacidade intelectual de André Rebouças facilitou seu convívio e trânsito entre a elite imperial, permitindo que, literalmente, driblasse os sobressaltos que lhes foram impostos. A despeito do próprio caráter e diante dos entraves a que foi submetido para a instalação da Companhia Docas Pedro II, em março de 1870, André registrou em seu diário, no formato de retrospectiva dos fatos, como se desenrolaram as discussões para a instalação e construção da companhia:

> Foi afinal publicado, mil Graças a Deus, o decreto das Docas de Dom Pedro II. Esta empresa concebida em Londres a 2 de maio de 1862, estudada sobre o terreno desde 19 de agosto de 1867, requerido com data de 2 de dezembro de 1867, selada em 12 de dezembro de 1867, só veio obter essa concessão a 23 de março de 1870 vencendo muita oposição, só com as armas da persuasão e nunca com as suspeitas de suborno! (REBOUÇAS, 1870, diário pessoal Vol.9).

O fragmento acima demonstra que a ideia surgira quando os irmãos André e Antonio Rebouças realizaram sua primeira viagem à Europa. O sonho inicial dos jovens engenheiros se tornava realidade, e mais, refletia a imensa autoconfiança, inteligência, habilidade e resistência de André diante do complexo jogo de forças políticas do império.

1.3- André Pinto Rebouças

O conjunto de documentos relativo aos diários de André Rebouças compreende 26 anos ininterruptos narrados (1863 – 1889), estando sua maior parte sobre a tutela da Fundação Joaquim Nabuco (FJN). Os números correspondentes aos anos de 1887 a 89

estão disponíveis no Arquivo Nacional (AN). Até 1980, os arquivos pessoais de Rebouças estiveram restritos à sua família e, somente a partir deste ano, por intermédio de Carlos Rebouças, neto de Antonio Pereira Rebouças Filho, a documentação foi doada para consulta pública. Na FJN, o acervo de André Rebouças abrange 19 volumes de diários, nove volumes de registro de correspondências de 1873 a 1898, além de diversos manuscritos.

André Pinto Rebouças (1838-1898) nasceu na cidade de Cachoeira, região do recôncavo baiano, no dia 3 de janeiro de 1838. Era negro, assim como a grande parcela da população baiana. Filho do conselheiro Antonio Pereira Rebouças e da escrava alforriada Carolina Pinto Rebouças, chegava ao mundo em meio ao clima de dificuldades políticas e sociais que o Brasil do 2º Reinado enfrentava, em função da guerra dos Farrapos no Sul e da Balaiada no norte. Louzeiro (1968) e Ruiz (1973) salientam que André, quando pequeno, teve saúde frágil. Esta afirmação pôde ser comprovada no ano de 1875, quando Rebouças organiza suas reminiscências ao receber a notícia de falecimento do tio Ladislau de Aranha Dantas, (ao que tudo indica Ladislau era tio de consideração, sem laços sanguíneos com André). De acordo com o engenheiro, em 11 de novembro de 1875, tomou conhecimento acerca da "triste notícia do passamento do Doutor Aranha" casado com "Dona Aprígia Francisca da Costa Aranha", a quem Rebouças se referia como tia por afinidade.

Recorda André que Dona Aprígia esteve presente em seu nascimento dando "rara prova de devoção" à família em função da fragilidade com a qual nasceu. O engenheiro lembra, que, para animar sua "boa mãe que chorava ao vê-lo com ferrugem" e "doente de bexigas", Dona Aprígia o "pegou nos braços beijando-o e repetindo o incrível feito de Santa Isabel rainha da Hungria". Enfatizou que seu nascimento apresentou momentos de grande tensão, já que, mesmo doente, teve que deixar de barco a cidade de Cachoeira junto com outras famílias, todos ameaçados pelos revolucionários da Sabinada. Ao que tudo indica, com a morte do tio, sua então "tia por afinidade" passava por problemas financeiros. No ano seguinte, André escreve que foi "ao Montepio tratar da pensão da minha "mãe Aprígia", viúva do Conselheiro Aranha Dantas". Embora Rebouças não tivesse obrigação de agir nesta situação, o fato demonstra um forte laço afetivo de André com a tia, e, sobretudo a preocupação de não deixar desamparado um integrante da família Rebouças.

Em 1846, quando tinha apenas oito anos idade, sua família resolveu deixar a Bahia em direção ao Rio de Janeiro. Inicialmente, o menino aprende as primeiras letras com o próprio pai, em função da pouca saúde que o impedia de frequentar a escola. Em 1850, André e Antonio foram matriculados no Colégio de Henrique Kopke em Petrópolis, local escolhido para recuperação e fortalecimento da saúde do pequeno André, mas também refúgio contra a febre amarela que começava a se espalhar pelo Império (RUIZ, ibidem, p.16).

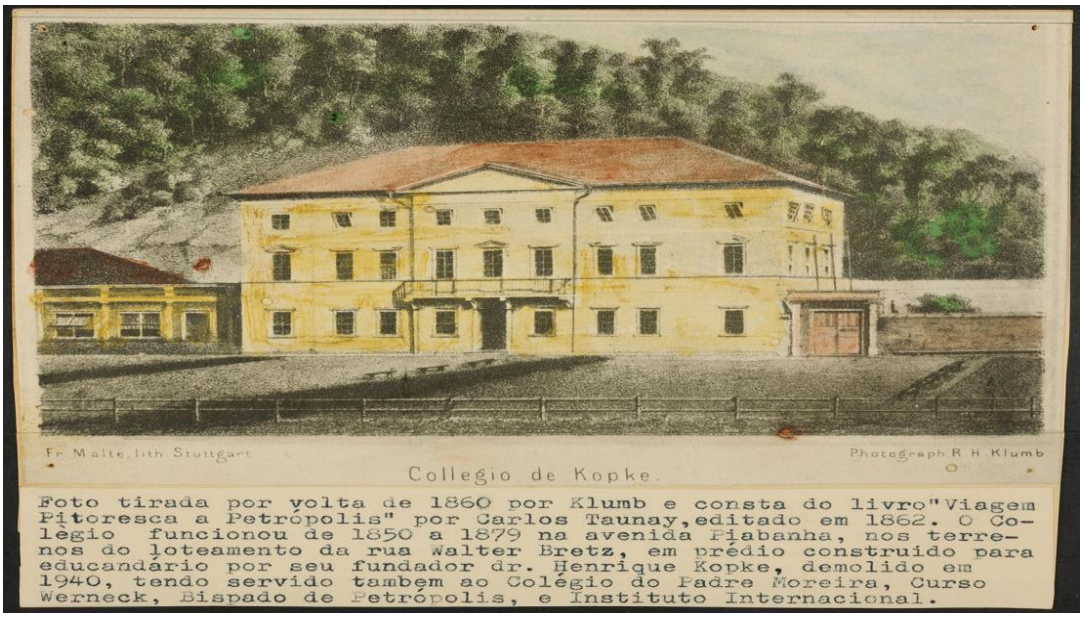


Figura 4 - Colégio Kopke
Fonte: Museu Imperial-Arquivo Histórico. ICONOGRAFIA. Notação CF-A 10 – 20

De volta à Corte, os jovens irmãos passaram a estudar no Colégio Marinho, próximo à residência da família, então instalada à Rua Mata Cavalos nº 64, no atual bairro do Riachuelo, região central do Rio de Janeiro. Perto de completarem 10 e 9 anos de idade, respectivamente, André e Antonio passaram a frequentar o colégio de Camilo Tertuliano Valtaro, então provedor da Casa da Moeda. Lá aprenderam Português, Caligrafia e um pouco de Aritmética (matemática elementar).

Em 1852, os irmãos estavam matriculados no Colégio Curiácio, onde demonstram grande interesse por Latim, Grego, Inglês (língua que abriria grandes horizontes futuramente), Geografia e Filosofia, esta última que estudou com Francisco de Sales Torres Homem, figura que viria se tornar Ministro e Conselheiro de Estado. Promovendo um olhar mais acurado sobre o percurso escolar dos irmãos André e

Antonio, é possível realizar a seguinte pergunta: o que significava o trânsito de dois garotos negros nestes espaços educacionais? Para responder esta pergunta, se faz necessário transpor os limites da historiografia brasileira, tecendo então uma narrativa transnacional a qual já falamos acerca da construção de uma "razão negra do negro" (MBEMBE, 2014). Isso quer dizer que as trocas culturais e "o lugar social e a atuação política" de Antonio Pereira Rebouças criaram uma constituinte de identidade familiar muito influenciada pelo Atlântico Negro e a necessidade de se criar uma história do negro escrito pelo negro. Rebouças pai concretizou uma contranarrativa ao matricular seus filhos em um espaço de ensino cuja presença negra certamente era ínfima.

A perspectiva familiar de Rebouças pai foi contra o *establishment* imperial e sua cultura dominante. A ação de subverter o ambiente escolar imperial reforça nossa perspectiva de que a diáspora africana e seus desdobramentos pelo mundo carecem de problematização mais ampla. Segundo Stuart Hall, "é importante ver essa perspectiva diaspórica da cultura como uma subversão dos modelos culturais tradicionais orientados para a nação" (HALL, 2003, p. 36). Olhar para diáspora nos permite romper com modelos previamente aceitos e pensar por qual motivo Antonio e André não poderiam estudar em um local frequentado majoritariamente para brancos? Essa inserção dos irmãos negros em um "não lugar" ratifica a urgência de uma escrita e a inscrição de histórias sobre uma "trans-cultura negra" do Atlântico (GILROY, op.cit). A partir desta perspectiva, é possível pensar em André Rebouças como um precursor neste processo de rompimento contra as barreiras do racismo em âmbito nacional e transnacional.

Retomando a narrativa, aos 16 e 15 anos, os irmãos André e Antonio enfrentam as provas para ingresso no curso de Engenharia da Escola Militar. Aprovados com louvor, os irmãos sempre estiveram classificados entre os primeiros alunos da turma[9].

Em 1855, André Rebouças e Antonio Pereira Rebouças Filho apresentaram-se como voluntários no 1º Batalhão de Artilharia a pé, no qual são aceitos, incorporados e aquartelados no Largo do Moura[10]. Com afinco e em paralelo a vida de soldado, André

[9] REBOUÇAS, André Pinto. Apontamentos para a biografia do engenheiro Antonio Pereira Rebouças Filho In: **Revista do Instituto Polytechnico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1875.
, p.46-54.

[10] Foi construído em 1794, pelo Conde de Rezende, no largo entre o Museu Histórico Nacional e a ladeira do Morro do Castelo. Ali fora instalado o Regimento de Infantaria de Moura, a primeira unidade da Cidade e o local passou a se chamar o Largo do Moura. Era uma fonte de forma retangular, de alvenaria cantonada e pilastras de pedra trabalhada, encimada por vasos de mármore. Tinha quatro

prosseguiu com os estudos, conseguindo avançar com grande mérito no segundo e terceiro anos do curso de Engenharia, respectivamente em 1856-57. Em 1857, termina o quarto ano do curso e, em 1858, o quinto ano. A essa altura, André e Antonio já tinham condições de ajudar o pai com algumas despesas da casa, situação registrada pelo engenheiro em seus diários. Recém-formados em Engenharia Civil e não contente com os estudos militares da Escola Militar de Aplicação, em 1858, André Rebouças vislumbrou a oportunidade de fazer carreira no magistério, concorrendo à vaga de professor substituto a sessão de Matemáticas da Escola de Marinha. Neste mesmo ano, a Congregação responsável pela Academia de Marinha passava a se chamar Escola de Marinha, em virtude da autorização concedida no parágrafo 3º do art. 5º da Lei nº 862 de 30 de julho de 1856[11]. Com isso, novos critérios para o ingresso ao magistério foram impostos, valorizando o ingresso de militares, André, que ainda cursava a academia militar, não obteve êxito no concurso e, por ora, se viu forçado a ter que permanecer no internato da Escola Militar.

A estadia de André e Antonio na escola militar é suscitada por uma polêmica ligada ao preconceito racial sofrido pelos irmãos. De acordo com Louzeiro (idem), o regulamento da Escola Militar e de Aplicação facultava aos melhores alunos o direito de viagens de estudos a Europa com o financiamento do Estado. Em 1861, os irmãos, por apresentarem bom rendimento acadêmico, reivindicam o direito de ida à Europa para estudos. André relata ter enviado requerimento para o gozo deste benefício, porém ressalta que "pelo maldito preconceito de cor, negaram a ele e Antonio o prêmio de viagem à Europa". Seus escritos deixam clara evidência de que a partida para o exterior na companhia do irmão foi financiada pelo Estado, entretanto, isso ocorreu após resistirem ao racismo dentro da instituição. Estamos certos de que Rebouças pai se envolveu na discussão e fez uso de todo aparato político que o cercava para combater o preconceito contra os filhos, paralelamente, dispôs dos seus recursos financeiros para que os jovens tivessem os melhores artefatos sociais durante seus estudos fora do Brasil.

---

longos degraus de granito colocados na frente e nos fundos. In: <http://ashistoriasdosmonumentosdorio.blogspot.com.br/2013/10/os-chafarizes-que-desapareceram-na.html>

[11] Coleção Leis do Império do Brasil de 1858. Tomo XIX, parte 2. Tipografia Nacional, Rio de Janeiro, 1858.

O fato é que, em fevereiro de 1861, os irmãos superam o racismo e partem para a primeira viagem de estudo na Europa com o financiamento do Estado[12]. Lá, fizeram uso do aparelhamento moderno disponível como técnicas para a construção de pontes, estradas e ferrovias, ao passo que gozavam destas oportunidades para anotações e aprendizado. Os irmãos Rebouças visitaram instituições de ensino, obras, fábricas, arsenais e portos na França e Inglaterra. Ao retornarem para o Rio de Janeiro, em novembro de 1862, André e Antonio havia adquirido ampla experiência profissional e certamente um significativo ganho intelectual. Todavia, a questão para os jovens engenheiros não girava somente em torno da necessidade de se estabelecerem profissional e economicamente, eles precisariam também romper com a barreira do preconceito racial. O questionamento por serem "homens de cor" e pôr terem tido a oportunidade de transitar por espaços onde poucos negros estiveram, custou-lhes esforços contínuos, principalmente baseados em estudos técnicos e científicos.

A respeito de Antonio, é preciso levar em consideração alguns fatores: (1) diferente de André, Antonio casou-se e teve filhos, situação que certamente o levou a dividir sua atenção com outros mecanismos de interação social, como, por exemplo: sustento familiar, estudo dos filhos e moradia; (2) no campo profissional, cuja relação está diretamente ligada à sobrevivência material da sua família, foi possível encontrá-lo longe do Rio de Janeiro por longos anos. Em 1872, esteve envolvido com a construção do "Caminho de Ferro de Antonina a Curitiba". André relata em seu diário que em

> 22 junho 1872, Antônio esteve das 11 horas as 12 1/;2, com o Imperador em São Cristóvão conversando e mostrando-lhe as plantas e os perfis do caminho de ferro de Antonina a Curitiba; o Imperador admirou muito estes trabalhos, que realmente creio serem os mais conscienciosos que têm sido feitos no Brasil. O Antônio o preveniu também da chegada do capitão Palm com todos os engenheiros e o material da exploração do caminho de ferro do Paraná a Mato Grosso. O Imperador disse-lhe que já tinha resolvido que fosse equiparado o pagamento destes estudos com os do Caminho de ferro do Tocantins a São Francisco (REBOUÇAS, 1872, diário pessoal Vol.12).

Grande admirador do irmão, André fez questão de exaltar as conquistas de Antonio em seus diários. Em 1875, a *Revista do Instituto Politécnico Brasileiro* publicou os apontamentos para a biografia de Antonio Pereira Rebouças Filho, cujo

[12] Boletim do Expediente do Governo: Ministério do Império (RJ) - Fevereiro de 1861. Tomo 19, p.44.

texto foi elaborado por André Rebouças logo após o falecimento do irmão. A publicação da biografia de Antonio, em uma revista de grande prestígio científico à época, possuía um duplo significado para Rebouças. Ao mesmo tempo em que homenageava o irmão falecido, ele também alçava o nome de Antonio entre os engenheiros mais respeitados e importantes do período.

Em 1874, André menciona que Antonio se tornou "engenheiro chefe do Caminho de Ferro de Campinas a Limeira e ao Rio Claro". Aliás, foi neste ano que André perderia o irmão, falecido aos 35 anos de idade. Ao passo que ganhavam experiência profissional, André e Antonio balizavam sua estratégia de sobrevivência no mundo do trabalho de forma bem definida. Antonio aproveitou as novas oportunidades profissionais fora da corte, enquanto André, dentro dela. No caso de André, o fato residia na questão de manter sociedade junto a Companhia Docas Pedro II e Alfândega do Rio de Janeiro, além de possuir outros negócios comerciais que se desenvolvia na Corte.

Ao observar as frentes de trabalho escolhidas pelos irmãos, foi possível categorizá-las com o que chamarei de *prática de sobrevivência intelecto profissional*. Ambos tinham a completa noção de que integravam uma sociedade extremamente preconceituosa, a qual impunha barreiras diárias, a exemplo do fato ocorrido quando se destacaram como os melhores alunos da Escola Militar, onde foi preciso romper com racismo dentro da instituição para viajarem à Europa com recursos do Estado. Nesse contexto, os jovens engenheiros negros ocuparam-se de uma agenda intelectual, política e de legitimidade social. Essa assertiva pode ser vista em março de 1870, quando André menciona em seu diário que "estive com o Antonio das 10 ½ às 11 ½ em casa do Ministro da Agricultura", que, a essa época, era Diogo Velho, mencionado que "como me havia prometido nomeou o Antonio para estudar o abastecimento de águas do Rio de Janeiro". De competência inquestionável, Antonio sempre dera conta das obras que assumiu, mesmo que por vezes sua habilidade e capacidade como engenheiro fosse colocada à prova. Daremos tratamento especial adiante sobre o abastecimento de água no Rio de Janeiro, uma vez que os irmãos estiveram envolvidos diretamente na solução deste problema, entretanto, foram vítimas mais uma vez de preconceito racial, que, nesta ocasião, chegou às páginas do jornal.

Santos (op.cit, p.237) afirma que, após a viagem à Europa, os irmãos André e Antonio elaboraram um estudo analítico sobre portos e mar. Este estudo técnico revelou que Antonio tendeu para construção de ferrovias, enquanto André, para obras hidráulicas. A escolha dos irmãos definiria seus caminhos profissionais, porém isso não se deu de modo estanque, mas, sim, como mecanismos de trabalho altamente operativos e conectados entre si. Por consequência, é possível identificar que os Rebouças não estavam unidos somente por laços familiares. Existia, na outra ponta, suas intensas *práticas de sobrevivência intelecto profissional.* Elas demonstram não apenas uma forte estratégia de resistência contra o racismo e, de tal semelhança, condição *sine qua non* para seu trânsito em espaços sociais, políticos e empresariais dentro e fora do Brasil.

Em 1863, André obteve sua primeira nomeação para examinar as fortalezas, desde Santos até Santa Catarina. Engenheiro militar com a patente de tenente, mesmo quando não designado para obras específicas, recebia pequenos soldos mensais. Dirigiu, com seu irmão Antonio obras nas fortalezas de Cananéa, Paranaguá e Santa Cruz.

Alistou-se como voluntário na guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai, retornando da guerra em 1866, pediu dispensa do Exército por motivo de doença, assinalou em seus diários a participação na guerra, deixando anotado o período de 15 de março a 22 de junho de 1866. Liberado da função de engenheiro militar, conseguiu, em outubro do mesmo ano, sua nomeação para a direção das obras da Alfândega do Rio de Janeiro, nomeado pelo Conselheiro Zacarias de Góes em substituição ao engenheiro inglês Charles Neate, que se tornou amigo e sócio de André na Companhia Docas D. Pedro II.

Os anos que se sucederam foram ainda mais intensos em termos de estudos, trabalho e ações políticas. André tornou-se professor substituto da Escola Politécnica, onde viria se tornar efetivo em função da sua aprovação no concurso da instituição, em 1880. Além de engenheiro civil e empresário, como gostava de se auto-representar, atuou como homem de negócios estreitando relações com investidores internacionais e brasileiros enquanto foi sócio das Docas da Alfândega do Rio de Janeiro e da Companhia das Docas Pedro II ((esta última lhe rendendo um grande desgaste financeiro e emocional, de acordo com (JUCÁ, 2001 e CARVALHO, 1998)). Em 1867, produziu a primeira versão da Lei de Imposto sobre a Escravatura e, no início de 1870,

os estatutos da Associação Geral de Protetores de Emancipados para Proteger e Educar os Emancipados do Brasil (JUCÁ, 2001, p.67).

Como já mencionamos, André Rebouças pensava em um "Brasil sem ignorância". Em função, estudou as literaturas nacionais e estrangeiras (inglesas e francesas), procurando, para o Brasil, as melhores alternativas de uma reforma agrária com fundamentos no preparo técnico da população. Segundo Rebouças, a propriedade da terra "é uma circunstância que quase modifica favoravelmente as condições morais do homem! Sobre o emancipado a ação benéfica da propriedade territorial é ainda maior que sobre o proletário" (REBOUÇAS, 1988).

O modelo de reforma social elaborado por André pretendia instruir com educação técnica os negros e imigrantes. Seu programa estava baseado em um amplo estudo desenvolvido durante anos a respeito do potencial produtivo nacional, que necessitava de centros especializados com escolas técnicas que privilegiasse, sobretudo, as especificidades de cada região. Estes centros inicialmente trabalhariam com agricultura de subsistência, porém, à medida que a produção adquirisse potencial técnico, seu excedente seria vendido a um preço justo para o governo. Estamos convictos que o programa pensado por Rebouças encontrou no componente racial um forte adversário.

Nosso estudo identificou que André desmembrou seu projeto com o intuito de colocá-lo paulatinamente em prática, todavia, vereadores, deputados, senadores e ministros se limitaram apenas em receber o projeto, sem, contudo, promover sua devida tramitação. Com o advento da República, uma nova agenda de aspirações políticas entrou em jogo, cessando por completo o audacioso programa de ensino pensado pelo engenheiro. Desta maneira, entendemos que significar o sujeito André Rebouças quanto às suas relações familiares, políticas e profissionais se faz necessário, entretanto sua construção como indivíduo não está dada isoladamente. Por este motivo, os apontamentos de Verena Alberti (2007) nos alertam para o fato de que temos a ideia de que tudo está relacionado ao indivíduo, fazendo com que o pesquisador e/ou historiador não perceba as armadilhas contidas no discurso, o que acaba por colocar este individuo como centro realizador dos acontecimentos, o único, o individual.

Sabemos que André Rebouças não foi o único a propor reformas para o Brasil em finais do séc. XIX, todavia, é nosso dever científico significar este engenheiro como

um importante intelectual e produtor de ciência do cenário brasileiro em finais do séc. XIX. Reconhecemos que a historiografia nacional tem realizado importantes estudos acerca do seu caráter inventivo, profissional e reformador. Seu nome vem recentemente recebendo as devidas homenagens. No Rio de Janeiro, um projeto desenvolvido durante a administração de Carlos Lacerda em 1962 deu início ao Túnel Rebouças, em homenagem aos irmãos André Rebouças e Antonio Pereira Rebouças Filho. Inaugurado em 1967, durante a governança de Francisco Negrão de Lima, a obra é uma das principais ligações entre a Zona Norte e Sul da cidade.

1.4- André Rebouças e a geração de 1870

Impossível pensarmos na intelectualidade de André sem levar em consideração a *geração* na qual foi formado. Este engenheiro fez parte de uma geração intelectual brasileira dos anos 70 do século XIX, que, com repertório europeu e nacional, pôs em xeque o *status quo* imperial ao propor uma série de reformas. Segundo Alonso (2002), esse novo grupo de intelectuais produziu obras filosóficas e políticas.

O movimento desencadeado, em 1870, expressaria anseios de grupos sociais novos, surgidos com o processo de modernização econômica do país. Esse raciocínio equaliza pertencimento a uma classe e escolhas intelectuais: grupos modernos, como "as classes médias" ou a "burguesia", adotariam teorias coerentes com seus interesses, isto é, variações do liberalismo ("spenceriano", "doutrinário", ou "positivismo ilustrado") (ALONSO, 2002. p.28).

De acordo com Ângela Alonso, os grupos brasileiros apresentaram estratégias de vida, opções teóricas e propostas políticas diferentes. Esta geração foi diversificada no que tange à origem social, às interpretações do liberalismo, do positivismo e das teorias racialistas. Desta diversificação, a autora identificou quatro grupos: os "novos liberais", liberais republicanos, positivistas abolicionistas e liberais federalistas (ALONSO, idem, p.165 – 222). Homens como André Rebouças e Joaquim Nabuco se enquadram na linha dos "novos liberais". Eles adotaram a estratégia que Rebouças aprendera nos Estados Unidos e Nabuco vira em atividade na França de Thiers e na Inglaterra de Gladstone: a propaganda. A autora enfatiza que "a primeira associação de contestação ao status quo saquarema foi organizada em 1880: a Sociedade Brasileira Contra a Escravidão (SBCE)[13]". Vários de seus membros faziam parte da Sociedade Central de Imigração, criada em 1882.

É importante esclarecer que, a partir de 1880, Rebouças passou a se envolver mais efetivamente com as questões políticas e sociais da sociedade escravista imperial (CARVALHO, 1998; JUCÁ, 1988; TRINDADE, 2004). Por outro lado, o engenheiro

[13] Sobre as ações políticas desta sociedade ver: SILVA, Wladimir Barbosa; BARRETO, Maria Renilda. A Confederação Abolicionista: um Centro Político organizado em favor da abolição na Corte. II CONINTER – Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades Belo Horizonte, 2013.

contribuía ativamente com a *Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional* desde o final de 1860, instituição na qual defendia o avanço e a modernização da indústria brasileira, com o incremento de imigrantes neste processo, promovendo o desenvolvimento do ensino técnico tanto para imigrantes quanto para os africanos livres ou ainda no cativeiro. Todavia, esta sociedade, por apresentar bases bem definidas muito antes de André integrar o seu corpo de sócios, não seria o caminho mais auspicioso para pôr em prático suas ideias de organização coletiva e direitos sociais para este grupo de trabalhadores que deveriam ser assalariados. Desta forma, a saída para o engenheiro estava em participar da criação de uma sociedade que abordasse o tema ensino técnico e propriedade rural para negros e imigrantes de modo mais significativo. Daí seu envolvimento com a Sociedade Central de Imigração, que, por consequência, trouxe consigo integrantes abolicionistas.

O abolicionismo de Rebouças fez com que participasse ativamente da produção do *Manifesto da Sociedade Brasileira Contra a Escravidão.* Este conjunto de ideias representou um avanço estratégico de ordem política, na qual a participação de André foi de grande importância, uma vez que se dispôs a colocar em favor desta sociedade todos os seus contatos internacionais, fruto de suas viagens a Europa e ao continente americano. O jornal *O Abolicionista,* órgão de impressa desta Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, estampou, em sua edição de n° 01, o informe de que a SBCE acabara de se dirigir a *Anti Slavery Society* de Londres e às sociedades semelhantes da América e da Europa, informando-as da sua organização no Rio de Janeiro.

Ficava claro que a ligação com sociedades escravistas internacionais advinha das conexões realizadas por Rebouças e Nabuco. A estratégia, segundo o manifesto, era unir todos os partidários em torno da abolição, a fim de formalizar um novo partido. Nesse contexto, Alonso categoriza o grupo de André Rebouças e Joaquim Nabuco como os "novos liberais", suprapartidários que estariam encarregados de tal tarefa. Como resultado, em 1883, foi criada a *Confederação Abolicionista*, que conseguiu reunir diversas sociedades em torno do assunto. Em 1888, quando finda a escravidão no Brasil, Rebouças produziu uma documentação intitulada de *Confederação Abolicionista: programa de solução após 1888*[14]. No artigo I, o engenheiro enfatiza

[14] Fundação Joaquim Nabuco (FJN) – Recife (PE) / (cópia digitalizada), Coleção André Rebouças: *Confederação Abolicionista: programa de solução após 1888.*

que, além de impedir a reescravização da "raça africana", a confederação deveria "assegurar a liberdade e o bem-estar de todos, promovendo a educação e instrução dos libertos, facilitando-lhes a aquisição de terras em que possam trabalhar, constituindo-os em lavradores proprietários[15]".

Vale lembrar que as questões discutidas no Brasil se alinhavam e nos aproximavam dos debates existentes em Portugal. Por lá, a cena literária também contava com intelectuais como Antero de Quental, Eça de Queirós, Oliveira Martins e Teófilo Braga, todos preocupados e inquietos com o estado da nação, apontando seus males políticos, econômicos, sociais e morais – buscando respostas no passado, a fim de que pudessem reinventar a nacionalidade portuguesa (MOTA, 2013). Acerca deste processo em Portugal, Machado (1986) ressalta que a chamada geração de 70 representou uma "profunda revolução cultural", na qual "até então, tinham-se criado hábitos de romantismo demasiadamente limitados aos problemas (e também às obsessões) nacionais". De acordo com o autor, ela "veio arrancar dessa modorra de degenerescência romântica não só a literatura portuguesa, mas, sobretudo, de uma maneira geral, a cultura portuguesa". Machado chama atenção para o fato de que "todo este paradoxal cepticismo-idealismo da Geração de 70", em Portugal, "tem a ver essencialmente com todo grande drama do homem moderno, que é o drama da obsessão revolucionária e das suas relações com o tempo".

Nesse sentido, Ferreira e Amando (1998, p.131-137) esclarecem que a geração seria o reflexo da inserção do homem na profundidade histórica e, por tal motivo, segue parâmetros invariáveis, cujos fatos podem resultar em "curtas" e "longas" gerações. Posto isto, o econômico, o social, o político e o cultural não avançam no mesmo passo, e as gerações, em relação a esses diferentes registros, são de geometria variável, tal plasticidade também existe verticalmente em relação ao tempo. As autoras fizeram uso do referencial teórico desenvolvido pelo historiador francês Jean-François Sirinelli para consubstanciar suas ideias.

[15] De acordo com Luiz Felipe de Alencastro (2018), "a reforma agrária não estava na pauta da maioria dos abolicionistas. Foi uma radicalização de uma parte minoritária. André Rebouças pretendia criar um imposto territorial sobre as fazendas improdutivas e fundar cooperativas de pequenos camponeses. Nabuco, nos anos 1880, foi porta-voz dessas reinvindicações. Mas no final, a ideia de reforma agrária capotou."

É importante observar que, tanto no Brasil como em Portugal, manifestava-se a necessidade contínua de decifrar, analisar, descrever e avaliar suas questões internas em torno do que era ser português e o do que significava ser brasileiro. Ambos estavam embebidos pelo mesmo movimento auto-analítico, fundamento e estratégia de um projeto político ambicioso de re (criar) a nação, cujo conteúdo crítico dirigia-se ao sistema monárquico, aos modelos de pensamento e de ensino e à produção e consumo da literatura romântica, considerada sentimental e escapista (MOTA, idem, p. 3). Podemos acrescentar que, no caso brasileiro, as elites envolvidas com a propagação desse novo modelo de pensamento tiveram que confrontar-se, contraditoriamente, com o sistema de crenças e valores que sustentavam o império brasileiro: raça *versus* civilização.

1.5- Os irmãos Rebouças e a geração de 1870: a noção de progresso, o porto do Rio de Janeiro e a crise hídrica na Corte

A partir de 1870, alguns tabus passaram a ser objeto de fortes críticas para o grupo acadêmico de André Rebouças, José do Patrocínio, Joaquim Nabuco, Quintino Bocaiuva, Machado de Assis e Sílvio Romero, Tobias Barreto e outros. Segundo Ângela Alonso (idem, 2002), estes indivíduos compartilharam objetivos pessoais, políticos e ideológicos que incomodaram a ala conservadora, principalmente em discursos no congresso e matérias na grande imprensa da Corte. Mediante essas pressões, os conservadores não pouparam esforços para atrapalhar a ascensão dessas figuras ao estratificado regime, temendo a perda do seu *status quo*. No caso de André e Antonio Rebouças, isso se tornaria latente.

Se anteriormente questões como escravidão e monarquia representavam um tabu em termos de discussão política, a necessidade de reformas e de ruptura do *status quo* imperial contribuía para a emersão de múltiplas manifestações públicas de protesto, exacerbando a demanda liberal por reformas. De acordo com Alonso, essa movimentação refere-se às associações de proprietários, manifestações populares, associações abolicionistas, militares, republicanas, literárias e outras congêneres. Essas

mudanças sociopolíticas tinham acentuado a urbanização, ampliado o acesso ao Ensino Superior e concentrado a população com recursos de mobilização nas maiores cidades do Império. A nova estrutura de oportunidades políticas propiciou, assim, a formação de coalizões de grupos politicamente marginalizados, isto é, de ações concentradas contra a elite imperial em nome de programas gerais. Centralizou o protesto. (Alonso, 2011, p. 99, 275).

Esta noção de progresso começou a dar mostras de uma intensa atividade econômico-social, e a "cena urbana" ameaçou borrar os travejamentos espirituais da civilização agrária, os cientistas tinham sido convocados, em nome das "luzes", a intervir, dando partida ao que se poderia considerar o impulso reformador do Império (CARVALHO, 1998, p.150). A autora salienta que Joaquim Nabuco, André Rebouças e outros integrantes do grupo intelectual da geração de 70 defendiam o aperfeiçoamento da representação política e o caminho concomitante da integração social dos negros tornados libertos, dos trabalhadores imigrantes e dos pobres em geral. Para eles e aqui cremos que cabe incluir Antonio Pereira Rebouças Filho, a civilização da qual falavam tinha no progresso social e institucional do país a sua principal condição.

Ao longo do séc. XIX, em especial no Rio de Janeiro, a noção civilizatória recebeu novas aspirações a partir das atividades direcionadas ao porto da cidade. Este apresentou um crescimento estratificado na sua relação com o trabalho, cujo exercício laboral estava destinado aos escravos inicialmente. À medida que o tempo avançou, tivemos escravos/libertos e imigrantes executando os serviços portuários. Aos poucos, os cativos (negros escravizados) dos proprietários de unidades portuárias (armadores), seguidos dos escravos de ganho e alugados, foram se tornando livres, porém, esta mão de obra continuou pobre e barata. Além disso, as condições de trabalho eram precárias, com locais insalubres e um alto risco de morte. De acordo com Luiz Carlos Soares,

> No carregamento e descarregamento dos navios no porto, na Alfândega e nos diversos trapiches da zona portuária da cidade, onde eram armazenadas as mercadorias, todo o trabalho era também realizado pelas mãos dos cativos e raramente se empregava qualquer espécie de máquina ou veículo. Entre os escravos estivadores, existiam muitos deles que viviam sob o regime de ganho […] (SOARES, 2007, p.129).

A explanação do autor nos leva a compreender que os escravos já carregavam e descarregavam navios mesmo antes da segmentação do processo produtivo nos portos. Segundo Soares, essas atividades de carregamento se estendiam ao círculo urbano.

> Dentro da cidade, os escravos de ganho também eram muito utilizados no transporte de mercadorias. Os comerciantes que não tinham os seus próprios escravos para realizar este transporte eram obrigados a recorrer aos escravos de ganho que se amontoavam pelas esquinas, praças e até mesmo nas praias à espera de trabalho. […] nas praias próximas à zona central, os cativos de ganho se acumulavam à espera dos barcos que traziam peixes, verduras, legumes e frutas das diversas localidades da Baía de Guanabara. [...] por volta de 1872, na rua da Alfandega muitos escravos de ganho descarregavam mercadorias nas portas dos armazéns. (idem, 2007, p. 130).

Nas palavras de Souza (1882, p. 77-78) ,"não obstante a excellencia do porto, o governo, attendendo ao augmento progressivo de suas relações commerciaes, tem reconhecido a conveniencia de melhorá-lo, no sentido de tornar mais facil e commodo o serviço de carga e descarga dos navios". A ideia de melhoramentos e infraestrutura estava diretamente ligada à inserção de processos mecanizados e técnicos. Nesse sentido, se faz necessário situar André Rebouças como um dos principais personagens do programa de modernização no porto do Rio de Janeiro.

> Na passagem do Século XIX para o XX, o porto do Rio de Janeiro era um grande complexo de unidades independentes que envolvia diversas ilhas da Baia de Guanabara e se estendia até o continente da região fronteira ao Paço Imperial até a praia das Palmeiras e São Cristóvão. Nesta orla localizavam-se as Docas da Alfândega e do Mercado, construídas entre 1853 a 1877, as Docas D. Pedro II erguida por André Rebouças entre 1871 e 1876, o dique da saúde destinado a consertos de navios, a estação marítima da Gamboa, construída pela central do Brasil entre 1879 e início da década de 1880, dois complexos privados de silo e por fim, mais de sessenta trapiches que se sucederam quase colocados um ao lado da outro na Prainha a São Cristóvão. [...] (VIEIRA, 2011).

Para fomentar o avanço de capital estrangeiro nas obras do porto, André Rebouças e outros empresários brasileiros mantiveram intensas interlocuções financeiras com ingleses interessados em investir no Brasil. Rebouças fechou negócios com Frederick Youle e Stanley Youle (ambos ingleses e irmãos), os quais se tronaram

amigos e sócios do na Companhia Docas D. Pedro II. Conforme salienta Eric Hobsbawm:

> A Grã-Bretanha era, de longe, o maior exportador de capital, de serviços financeiros e comerciais "invisíveis" e de serviços de transporte. [...] Inversamente, embora isto seja muitas vezes esquecido, a Grã-Bretanha era, de longe, o maior mercado comprador das exportações de produtos primários do mundo (HOBSBAWM, 2013, p.71).

A narrativa de Hobsbawm acerca da perspectiva capitalista dos ingleses mantém relação direta com Richard Grahan, o qual ressalta que:

> o controle do transporte marítimo brasileiro era decididamente britânico [...] os exportadores, os importadores e as companhias de navegação reclamavam melhores facilidades portuárias, e os britânicos se interessavam particularmente por essa parte da infraestrutura econômica brasileira (GRAHAN,1973).

Ao perceber a necessidade de interlocução entre as partes comerciais brasileiras e inglesas, André Rebouças se voluntaria para ser o elo e sócio dos negócios entre as partes. Há esse tempo, 1870, o engenheiro já havia adquirido *expertise* profissional. Por coincidência, figuras nacionais de grande expressão capitalista procuraram ou foram procuradas por Rebouças para fechar acordos comerciais. Entre elas estavam: Joaquim Manoel Monteiro (Conde da Estrela), amigo e sócio na Companhia Docas D. Pedro II; José Machado Coelho de Castro (Presidente Banco do Brasil), sócio na Companhia das Docas D. Pedro II; Conrado Malveiro (político/ministro do Império/ empresário), sócio na Companhia Docas da Alfândega; Anísio Salatiel (político paraibano), sócio no Caminho de Ferro da Paraíba do Norte e Irineu Evangelista de Souza (Barão de Mauá) executou negócios com Rebouças no Caminho de Ferro do Paraná. Essas parcerias contribuíram sensivelmente para alavancar o processo de expansão portuária e ferroviária dentro do Império.

Não podemos perder de vista uma questão singularmente importante: a imagem de André Rebouças como engenheiro de sucesso foi conquistada sobre o espectro racista da elite imperial. Até 1880, quando entra de vez na campanha abolicionista, o modelo de resistência racial utilizado por Rebouças era o refinamento do próprio

intelecto, ou seja, sua arma era a escrita, fosse contra o preconceito de cor ou incontáveis artigos de viés técnico e científico. Nas páginas dos seus diários, observam-se marcações acerca de temas e fatos relevantes: racismo sofrido, diálogos com o Imperador, apontamentos de viagens, recortes de jornais, além de um relatório pessoal com extensas horas de estudo, o que incluiu viagens de pesquisa técnica pela Europa e Estados Unidos. E é a partir do seu trânsito educacional pelo Oceano Atlântico que surge o desejo de interligar os portos às ferrovias no Brasil. Na Europa e América, Rebouças amadureceu essa possibilidade. Ressaltava a necessidade de se organizar os processos de cargas e descargas de mercadorias, assim como embarque/desembarque, alocação, cuidados e escoamento rápido das mercadorias via transporte ferroviário para as províncias do Império. A desenvoltura para os negócios portuários fez com que André Rebouças dirigisse

> A Companhia das Docas da Alfândega do Rio de janeiro de 1866 a 1871. Durante esse período como técnico formulou projetos para diversos portos do país (Cabedelo, Maranhão, Recife, Salvador) para a rede de águas do Rio Douro e outros. Não é fácil perceber o momento em que André Rebouças, como articulista do Império, evolui para empresário de sucesso, concebendo e viabilizando projetos importantes de infraestrutura. [...] André Rebouças é, sem dúvida, empresário pleno quando, em 1871, assume a direção da Companhia Docas Pedro II. [...] disputou e bancou o risco empresarial em seus projetos de desenvolvimento. Viveu, em toda a complexidade o papel de empresário (JUCÁ, 2001, p.3).

Em 1870, Rebouças reclamou das intrigas relacionadas à construção do seu empreendimento. Nos documentos que precederam e motivaram a organização da Companhia das Docas da Alfândega do Rio de Janeiro, o engenheiro menciona que Herman Haupt, um negociante, estava liderando as reclamações com outros colegas sobre as elevadas tarifas do armazém, incluindo queixas de morosidade dos serviços nas Docas sobre o pretexto de ela proporcionar repetida demora no processo portuário para aumentar sua receita. Nas palavras de André Rebuças,

> Procurou-se muito malevolamente para insinuar que a Companhia mandava reter as mercadorias nos armazéns para cobrar maiores taxas das armazenagens; foi se ainda além, chegou-se a dizer em presença de um Diretor, que a Companhia, mandava quebrar garrafões para cobrar as expedições de nota de avaria (REBOUÇAS, 1870).

É interessante observar que, em 1871, Herman Haupt propôs a Rebouças "sociedade em uma empresa de exploração do privilégio Windhausen para fazer gelo e resfriar edifícios". Nas páginas dos diários, o engenheiro sequer retorne a este assunto, o que nos leva a crer que sua recusa se deu pelo silêncio. Na esteira das ações empresariais conduzida por Rebouças, em 17 de setembro de 1871, foram inauguradas as obras das Docas de D. Pedro II. O evento contou com presença da princesa Isabel. André Rebouças explicou que não usaria mão de obra escrava na construção. Ao assumir mais um posto de destaque, o engenheiro se tornava suscetível a intrigas e difamações.

> A campanha contra a Companhia das Docas da Alfândega de Rio de Janeiro e contra o próprio Rebouças foi muito forte explícita. No Senado, ele foi criticado pelo ministro Zacarias de Góes Vasconcelos por sua tendência a acumular empregos. Mas Rebouças encarava esses ataques como devido às intrigas alimentadas por cartas anônimas que circulavam contra ele e contra o comerciante português Conde de Estrela, "explorando a qualidade minha de mulato e a nacionalidade portuguesa do Conde de Estrela" (JUCÁ, 2001, pág. 31).

Carlos Eugênio Líbano Soares observa a narrativa crítica contra André Rebouças a partir de outra perspectiva.

> Em 1870, cada centímetro do litoral da Saúde estava ocupado por alguma empresa particular de comércio. Este quadro ficou mais complexo com a construção da Doca Dom Pedro II. Foi a primeira grande doca do Rio, obra do engenheiro André Rebouças, que buscava monopolizar o embarque de café, o que custou severas críticas dos outros donos de trapiche. Mas a cerimônia de inauguração das obras, em 9 de setembro de 1871, contou com a presença da princesa Isabel, representante da coroa quando o imperador estava tratando de sua saúde. O projeto completo de Rebouças abarcava uma série de docas amplas e modernas até a Gamboa, incluindo a ponte sobre a enseada. Sob a pressão da classe de engenheiros brasileiros, Rebouças jamais realizou seu projeto, mas deixou registrado em texto que a glória de Pereira Passos, engenheiro construtor da Estação Marítima em 1879, tinha sido roubada dele [...] (SOARES, 2016).

Ainda em 1871, ocorre outra ofensa contra Rebouças por meio do artigo: *"Pai feitiço e pai quimbombo",* publicado no *Diário do Rio de janeiro.* Nas páginas seguintes, tratamos deste assunto de modo mais específico. Por ora, cabe ressaltar que,

apesar das intrigas políticas e jornalísticas, Rebouças não se intimidou e fundiu sua companhia com as Docas da Alfândega e consegue, enfim, encerrar suas obras em 1875, porém em escalas inferiores de sua ambição inicial, limitando-se do beco da Pedra do Sal e a Praça Municipal (LENZI, SANTOS, 2005).

Com a chegada da República, há o afundamento do cais para melhorar a chegada das embarcações. Inicia-se o uso de guindastes e novos armazéns são construídos ligando o porto à cidade. Soares (2016) enfatiza que, com a construção do cais do porto entre 1904 e 1910, as obras grandiosas erguidas com a participação de André Rebouças foram aterradas ou demolidas. Isso se deu com a chegada de Francisco Pereira Passos na prefeitura do Rio de Janeiro (Distrito Federal) em 1902, ou seja, "um investimento de milhares de contos de réis" foi "apagado em nome do progresso".

Realizada as devidas considerações históricas sobre o porto de Rio de Janeiro, é importante não perder de vista que, ao tempo da construção das docas, André Rebouças e Antonio Rebouças foram convidados pelas autoridades do Império a buscarem uma solução para o problema da seca na Corte nos idos de 1870. Diante deste grande desafio, os engenheiros contaram com o apoio do Imperador e alguns ministros envolvidos no processo pelo fim da seca na Corte. Por outro lado, foi preciso resistir aos episódios de preconceito racial que ganhavam as páginas do jornal.

Neste ponto, chamamos a atenção para um contexto bastante significativo no que diz respeito à forma como André e Antonio trabalharam para dirimir a dicotomia pessoal e intelectual das teorias racialistas presentes no Império brasileiro. Primeiro, foi possível perceber que o episódio sobre o abastecimento de água municiou os jovens engenheiros negros com mecanismos para decifrar os códigos de uma elite branca. Assim, ambos se apoiavam constantemente em estudos técnicos sólidos, usando para isso diversos recursos científicos que circulavam a época. Nesse sentido, as experiências que os irmãos obtiveram com viagens pelo atlântico negro desempenharam "um papel especial, organizando socialmente a consciência do grupo 'racial' e afetando o importante equilíbrio entre atividade interna e externa" (GILROY, op.cit, p. 370).

Este fato contribuiu sensivelmente para que irmãos continuassem seus estudos a fim de esboçar e tentar por em prática um projeto de nação que não colocasse em níveis desiguais outros negros que possuíam liberdade e instrução. Por conseguinte, à medida que enfrentavam novas barreiras impostas por uma sociedade altamente preconceituosa,

os irmãos obtinham maior reconhecimento profissional em função do preparo técnico e intelectual adquirido ao longo dos anos com estudos dentro e fora do Brasil.

Imersos no jogo de forças imperiais no início de 1870, André e Antonio aceitaram a incumbência de pensar em uma solução de engenharia que resolvesse o problema da falta d'água na Corte Imperial, que se arrastava desde 1847 e "atingia um ponto desconhecido em 1870", conforme o apontamento no diário de André Rebouças. Convidados pelo poder público e indicados pelo Ministro da Agricultura Diogo Velho, os irmãos Rebouças iniciaram seus estudos técnicos e científicos, a fim de apresentarem uma solução confiável ao problema exposto. Somado a isso, o convite surgia como uma oportunidade para que os jovens demonstrassem toda sua capacidade como engenheiros.

É importante mencionar que, embora o Rio de Janeiro fosse a capital do Império, os moradores dependiam da água oferecida no antigo chafariz localizado no Largo da Carioca[16], cujo transporte se fazia quase que exclusivamente pelos chamados escravos aguadeiros. À medida que a seca avançava, se tornava grande a insatisfação popular das famílias que a essa altura não possuíam água para sua higiene básica.

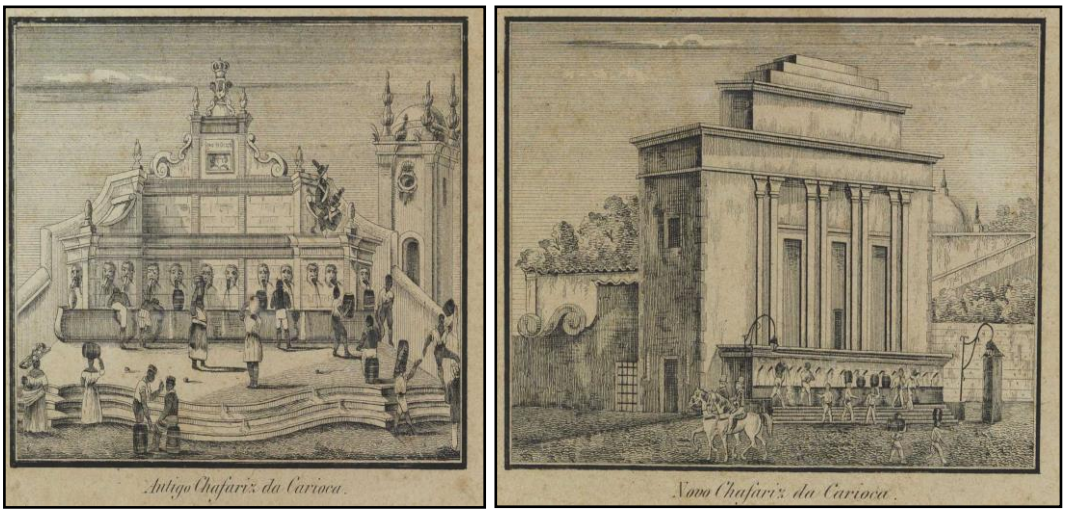


Figura 5 - Antigo Chafariz da Carioca e Novo Chafariz da Carioca.
Fonte: Biblioteca Nacional – arquivo digital.

[16] Sob o governo de Antônio de Brito Freire de Menezes (1717-1719), iniciaram-se as obras de instalação de canos de água através da antiga Rua dos Barbonos (atual Rua Evaristo da Veiga) para trazer, para a cidade, as águas do Rio Carioca. Nessa mesma época, foi erguido no Campo de Santo Antônio, pelo governador Gomes Freire de Andrade, um posto policial militar destinado a conter os frequentes conflitos entre os escravos carregadores de água no chafariz, tendo ficado conhecido pela população como Guarda Velha. Projetado pelo arquiteto Grandjean de Montigny, o novo chafariz ficou pronto em 1834, no mesmo local. A obra foi demolida em 1925. Disponível em: https://diariodorio.com/a-historia-do-largo-da-carioca/. Acessado em: 30/01/18.

André e Antonio pensaram em um sistema moderno de captação de água que, em termo metodológico, divergia dos modelos tradicionais, cujo grupo de engenheiros ligados ao governo acreditava. Contrários ao modelo de Engenharia Civil tradicional e convicto do pensamento moderno típico da geração acadêmica de 1870, os irmãos Rebouças enfrentariam dois problemas que ultrapassavam as discussões intelectuais sobre Engenharia. O primeiro dizia respeito às interferências políticas que ocorreram ao longo do processo de estudo e implementação das ações. Elas criaram entraves levando André Rebouças a chamá-las de desnecessárias. O segundo problema estava diretamente ligado à cor da pele dos irmãos, cuja pergunta explícita que se fazia era: como dois engenheiros negros chegaram ao posto de responsáveis pela obra? Rebouças relata que ele e o irmão se viram diante da "sua primeira luta contra a plutocracia" (um sistema político no qual o poder é exercido pelo grupo mais rico). Além disso, ambos tinham que lidar com questões sociais extremamente delicadas: (1) à medida que os meses avançavam, aumentava consigo o clamor popular para a solução do problema; (2) em meio à polêmica, o governo que se mostrava impotente, logo não resolvia ao menos a situação da captação clandestina de água nos poucos poços e nascentes em que a extração ainda era possível; (3) como não bastasse, André e Antonio esbarraram com alguns indivíduos ditos "espertos", os quais pretendiam tirar vantagem dos poços que lhes pertenciam, cobrando valores acima do que era esperado pelo governo. André Rebouças relata que uma dessas pessoas era a senhora "Dona Carlota Beralda da Silva Correia, moradora à Rua Silva Manoel nº 30 B", local situado na "extremidade oriental da ilha do Governador", onde existe "uma linda colina perfeitamente plantada de árvores frutíferas". De acordo com as informações do engenheiro, ali foi encontrado "água no lado leste junto a terra em profundidades de 8, 14 e 15 pés em maré vazia". Dona Carlota era proprietária dos nove poços de água potável que ali restavam. Segundo Rebouças, a senhora havia adquirido os poços "por 20:000$000 réis em função de um inventário". Entretanto, em meio à crise, Carlota pretendia vendê-los ao governo por "30:000$000 réis". Ao que tudo indica essa negociação não foi adiante.

Em 03 de junho de 1870, os irmãos Rebouças estiveram com o Imperador. A esta altura, a estratégia técnica para o problema já estava traçada: criar diversos pontos

de captação de água e distribuí-los a diversos destinos a partir de um grande reservatório.

> Às 4 ½ chegava com o Antônio ao Paço de São Cristóvão. Tivemos com o Imperador uma larga conferência para excitá-lo a promover a realização da estrada do Paraná a Mato Grosso e a mandar fazer os estudos e as construções para o abastecimento de água do Rio de Janeiro por engenheiros brasileiros. Combatemos também a falsa ideia, que tem o Imperador de dar água aos pobres gratuita nas fontes e lhe demonstramos que é muito mais liberal e higiênico dar aos pobres água em domicílio por preço mínimo (REBOUÇAS, 1870, diário pessoal Vol.9).

Embora o foco estivesse em solucionar o problema da falta d'água, a pauta sobre modernidade fez parte da conversa junto ao Imperador. Aproveitando o ensejo, André tratou de chamar a atenção do monarca sobre a necessidade de expandir as estradas de ferro pelo país. Os irmãos também reafirmaram a necessidade de engenheiros brasileiros trabalharem juntos para solução da crise hídrica da cidade, pois havia uma forte movimentação política no governo para que a obra fosse efetuada com engenheiros estrangeiros. O fragmento acima revela ainda que D. Pedro II planejava fornecer água gratuita e abundante para a população, fato combatido pelos irmãos, os quais julgavam mais moderno e higiênico se criar uma empresa para o abastecimento domiciliar de água, na qual o Estado lucraria com a concessão deste serviço.

Em 22 de junho de 1870, André relata que o Ministro da Agricultura resolveu incumbir seu irmão Antonio de redigir as instruções para o estudo das águas do Rio de Janeiro. Diante da nomeação de Antonio e a participação de André, uma comissão de engenheiros brasileiros foi formada para estudar a viabilidade técnica do projeto. O grupo chegou a conclusões importantes: a primeira dizia respeito ao destaque dado aos mananciais existentes no Jardim Botânico e Tijuca. Por conseguinte, havia o entendimento que a criação de um trapicheiro seria fundamental para o escoamento da água aos diversos pontos da cidade.

Em 27 de agosto de 1870, André escreve em seu diário que foi às obras do encanamento do trapicheiro para verificar o seu andamento.

> A parede do açude está em um metro de altura; principia-se a fazer a caixa anexa o encanamento está rebatido e pronto até o edifício da fábrica; soldado até a casa do ponto; a vala aberta até o ponto em que

> o encanamento fica encostado à margem direita do rio; principiou-se a assentar o registro de ligação ao encanamento geral; operação muito dificultada pela pressão da água por não haver registro algum de parada senão na Tijuca (REBOUÇAS, 1870, diário pessoal Vol.9).
> .

Embora as operações estivessem sobre o controle dos irmãos Rebouças, problemas de ordem política começavam a ameaçar o desenvolvimento da obra. Fazendo uso da sua rede de sociabilidade junto à elite imperial e preocupado com os rumos do serviço, André propôs um diálogo com Joaquim José Rodrigues Torres (Visconde de Itaboraí) em 20 de setembro de 1870. De acordo com o engenheiro, "das 8 ¾ às 9 ½ esteve com o visconde conversando sobre o projeto de abastecimento de água do Rio de Janeiro", e mostrando-lhe "a conveniência de construir, desde já, uma grande caixa de depósito no morro de Santo Antonio". A ideia era construir um dique e, a partir dele, lançar as bases para a criação da empresa de águas idealizada por Antonio, André Rebouças e seus sócios, os engenheiros ingleses: Webb e Frederick Youle. Vale salientar que a ação de sociedade de André não estava desconexa dos seus negócios. Pelo contrário, a empresa de água fechava uma rede de empreendimentos internacionais entre ingleses e brasileiros, já que Frederick era irmão do também engenheiro Stanley Youle, amigo e sócio de Rebouças na Companhia Docas de D. Pedro II.

Em meio às obras que corriam a pleno vapor, Diogo Velho deixa o Ministério da Agricultura cedendo lugar a Teixeira Junior, que assumia a pasta ministerial envolto em intrigas, conforme relata Rebouças. O engenheiro escreve que esteve com o novo ministro em 11 de outubro de 1870 "às 8 horas", indo acalmá-lo "cheio de uma nuvem de projetos de reformas e de tear de aranha de ministro novo". Segundo Rebouças, Teixeira Junior "para começar tinha sem a menor consulta mandado suspender os vencimentos de Antonio por achar exagerados 700$000 réis por mês!", e completa em tom de indignação que era o prêmio de Antonio Rebouças por ter trabalhado "9 meses" com afinco para resolver a "questão do abastecimento das águas do Rio de Janeiro!".

Nossa pesquisa verificou que a redução de salário não esteve ligada a reformulações orçamentárias do novo ministério. O problema em questão era evitar que dois negros recebessem o mérito pelo projeto de engenharia tão complexo. A intriga ministerial era muito menos por dinheiro e muito mais por motivos raciais.

Em 27 de outubro de 1870, o novo ministro, cedendo a pressões de opositores contrários ao trabalho dos irmãos Rebouças, resolve dissolver a comissão especial de engenheiros brasileiros encarregada dos estudos e solução para o abastecimento de água. Segundo Santos (1985), esta comissão tinha a incumbência de aproveitar mananciais, cavar poços e estabelecer adução ao centro da cidade e aos bairros atingidos pela falta d'água. André fez questão de registrar o sucesso dos trabalhos da comissão, que, a partir de estudos técnicos, fez o assentamento das águas do rio Macacos, melhorou as condições dos poços existentes, além de terem perfurado novos poços e construído a represa do trapicheiro.

O empenho dos engenheiros brasileiros liderados pelos irmãos Rebouças havia apresentado resultados significativos, e o problema da falta d'água estava em vias de ter um fim. Contudo, André e Antonio viram a ideia de a empresa de águas atravancar nas mãos de políticos opositores. Estes, por sua vez, deram lentidão ao trâmite de legalização da empresa junto ao governo, emperrando de vez o processo. Agindo junto à elite imperial, André escreve que em 23 de dezembro de 1870, "foi à tarde com Antônio à casa do Ministro das Obras Públicas", onde ficaram sabendo que o parecer para a criação da empresa ainda esperava por uma definição do "conselheiro José Agostinho, o qual iria resolver sobre a proposta de águas!!". Talvez por conhecer os códigos políticos e seu possível desfavorecimento, os irmãos já pensavam na perda da queda de braço iniciado no governo, levando André Rebouças a exclamar: "Dá-me paciência, meu bom Deus!".

De fato, o engenheiro necessitaria de paciência e outras qualidades pessoais, já que sua ideia sobre abastecimento de água com entrega em domicílio supostamente era copiada por outro colega de profissão. Este, aliado aos agentes do governo contrários ao empreendimento dos irmãos Rebouças, alegava logicamente o protagonismo da ideia. Em 03 de janeiro de 1871, André recorre a D. Pedro II e escreve que:

> Às 6 ¼ estava com o imperador; entreguei- lhe a nota escrita hoje pela manhã reivindicando a prioridade da ideia de empregar o rio do Ouro para o abastecimento do Rio de Janeiro, ideia que hoje estuda o engenheiro inglês Gotto, o concorrente mais forte para a empresa das águas.
> Disse o imperador que há muito que ele tinha essa ideia, e que reivindicava para si a prioridade; que tinha já colocado a questão das águas aos ministros no seu verdadeiro pé; que ambos os concorrentes

> (Gotto e eu) eram capazes de realizar a empresa (agradeci-lhe o elogio retorquiu que me conhecia e que gostava de fazer justiça); que era necessário discutir qual a melhor proposta, e a conveniência de importar capital inglês deixando o brasileiro para a Agricultura. Lamentei a próxima saída do Ministério da Agricultura do conselheiro João Alfredo e prometeu resolvê-lo a decidir a organização da Companhia das águas antes da chegada do novo ministro (REBOUÇAS, 1871, diário pessoal Vol.10).
> .

O decorrer dos fatos deu fim ao que já era previsto. André e Antonio não lograram êxito em suas articulações empresariais para o abastecimento de água. Aliás, nos anos que se seguiram, André Rebouças mostrava-se preocupado com as forças políticas capazes de intervir em paralisações de obras públicas, muitas das quais, segundo ele, seriam capazes de elevar o Brasil em seu desenvolvimento econômico e social. Em meio à frustração de ordem empresarial, os irmãos ainda teriam que lidar com outras duas forças bastantes presentes no Império brasileiro: a burocracia oficial, que, alinhada à oligarquia, apegava-se a modelos tradicionais pouco interessados em ações de desenvolvimento e modernidade. Este grupo foi o mesmo que impediu a abertura de novos poços para captação de água em suas terras, ignorando a crise hídrica vivida na Corte, na qual a geração de 1870 combatia buscando a quebra do seu *status quo*. A segunda força enfrentada pelos irmãos Rebouças residia em mais um episódio de preconceito racial ao qual foram submetidos. Até o ponto em que foram retirados da empreitada para solucionar o problema de falta d'água na Corte, os irmãos Rebouças se sentiam vitoriosos pelo trabalho realizado, entretanto, durante este processo, fizeram alguns inimigos. Ao escrever sobre *Portos de Comércio: novos estudos durante a viagem e Europa e Estados Unidos em 1872 – 1873*, cuja publicação ocorreu na Revista do Instituto Politécnico em 1873, Rebouças recorda que:

> Em setembro de 1870, por ocasião da extraordinária seca de agosto desse ano, projetei com o engenheiro Antonio Rebouças, de saudosa memória, a condução das águas do rio d'ouro, em proporções para colocar o abastecimento da capital do Império de par com o das mais ricas capitais da Europa. Infelizmente mudanças políticas e um sem número de circunstâncias, que seria agora doloroso e inoportuno recordar, impediram-nos de levar avante este projeto, irrecusavelmente o de mais urgente realização para a cidade do Rio de Janeiro (REBOUÇAS, 1873, p.110).

Há que se observar que, no campo da retórica intelectual, técnica e científica, os opositores a André e Antonio mostravam-se inócuos. Perdidos no campo das ideias, restavam aos inimigos publicar ofensas raciais contra os irmãos Rebouças nos jornais. Isso foi concretizado no início de 1871.

1.6- Pai feitiço e pai quimbombo[17]



Figura 6 – Busto de Antonio Rebouças Pereira Filho (à esquerda) e André Pinto Rebouças (à direita)
Fonte: https://www.geledes.org.br/a-saga-dos-engenheiros-reboucas/

Os episódios registrados nos diários de André Rebouças refletem a dificuldade de ser uma pessoa "de cor" na sociedade escravista brasileira no final do séc. XIX. O fato de serem letrados e possuírem Ensino Superior não os isentavam da rotina preconceituosa. Retirados da empreitada relativa à solução da falta d'água na Corte, André e Antonio não tiveram o devido reconhecimento pelo trabalho realizado. Seus nomes foram deixados à margem dos festejos oficiais realizados em homenagem ao fim da seca. Nas páginas dos diários pessoais de Rebouças, foi possível observar uma ação conjunta (André e Antonio), empenhados em marcar seus territórios como grandes profissionais da Engenharia. Por outro lado, direcionaram seus conhecimentos em benefício dos mais necessitados. Há que se dizer que este comportamento foi um traço

[17] Na obra de Joselice Jucá: *André Rebouças: reforma & utopia no contexto do Segundo Império: quem possui a terra possui o homem (2001)* – é mencionado o episódio Pai feitiço e pai quimbombo, no entanto, a autora optou pelo não aprofundamento da questão. Maria Alice Rezende de Carvalho: *O quinto século: André Rebouças e a construção do Brasil (1998)* – transcreveu parte do poema difamatório contra André e Antonio Rebouças. A autora também optou por tratar o assunto sem outros aprofundamentos. Em 2014, Luciana Rumão Neves em sua dissertação de mestrado intitulada: *Memória e Esquecimento: André Rebouças para o movimento negro brasileiro*, defendida na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, cita o episódio a partir da ótica de Joselice Jucá, não promovendo outras observações.

marcante da própria geração de 1870, a qual tinha, no progresso social e institucional do país, a sua principal condição (CARVALHO, idem. 1998). Esta geração também compartilhava a ideia de que avanço científico seria a porta de entrada para um país dito mais moderno, logo, o evento da crise hídrica na Corte se apresentou como um grande laboratório para os irmãos Rebouças.

Embora tivessem conquistado respeito entre os engenheiros, isso não impediu que André e Antonio tivessem seus nomes estampados nas páginas dos jornais em mais uma polêmica. Como mencionamos, os irmãos fizeram alguns inimigos enquanto trabalhavam na solução para a seca na Corte. Em função disso, seus opositores profissionais e comerciais se aproveitaram da questão racial para proferir ofensas. Segundo Rebouças,

> O Diário do Rio de hoje, fevereiro 1871, publicou injuriosos versos contra mim e o Antônio. Como estão irritados os nossos inimigos?!! Não me fizeram, porém, chorar como em 1864 o insulto diálogo do Correio Mercantil, alusivo aos meios dos Diques Múltiplos!
> Ainda então não tinha cabelos brancos!
> Deus tenha compaixão deles e nos dê força e virtude para cumprir até o fim a nossa missão! (REBOUÇAS, 1871, diário pessoal Vol.10).

Inicialmente vamos explicar o contexto racial desencadeado em 1864. No dia 02 de maio de 1864, o jornal *Correio Mercantil* publicou um artigo no qual André apresentava uma análise técnica acerca da necessidade de se implantar no Brasil o funcionamento de diques hidráulicos com funções múltiplas. O engenheiro entendia que a construção de espaços para atracar navios era demasiadamente custosa para o governo brasileiro, pois, do ponto de vista científico, o modelo tornou-se ineficiente. Assim, o país deveria seguir o bom exemplo da Inglaterra, onde os diques múltiplos criados por Edwin Clarck[18] eram menos custosos e visivelmente mais rentáveis do ponto de vista econômico.

Rebouças descrevia que o modelo múltiplo era capaz de, com apenas uma construção, possuir "diques hidráulicos, flutuantes e de alvenaria ou mesmo mortanas e

[18] Edwin Clark (7 de janeiro de 1814 - 22 de outubro de 1894). Foi um Engenheiro Civil Inglês especializado em hidráulica. Ele é lembrado principalmente como o projetista do Anderton Boat Lift (1875) perto de Northwich em Cheshire , que liga o trecho navegável do River Weaver com o Trent e Mersey Canal.

pelo um certo número de pontões acessórios ou auxiliares da construção principal". Ao que tudo indica o jornal estava alinhado com a ala tradicional da engenharia brasileira e, por casualidade, abria a matéria sobre Rebouças menosprezando seu trabalho intelectual. Realizando uma conta rápida, em 1864, André tinha 26 anos e certamente por ser inexperiente encarou com tristeza os insultos que sofreu. Agora, em 1871, com 33 anos, se via mais preparado para enfrentar injúrias e ofensas com caráter preconceituoso, como ele mesmo descreveu, os seus "cabelos brancos" eram o expoente de anos vivido sob a égide do racismo na sociedade imperial brasileira.

No auge dos seus 26 anos, ele encarou com extrema tristeza o menosprezo dado ao seu trabalho científico realizado em 1864. Sua convicção quanto à aplicabilidade do sistema de diques múltiplos era de tal forma que acabou se tornando sócio da Companhia dos Diques de Edwin Clark nos idos de 1871. Sua atuação como empresário no ramo dos portos lhe rendeu um significativo aprofundamento dos laços de sociabilidade, já que o negócio envolvia investidores brasileiros e ingleses, pessoas com capital, visão administrativa e fundamentalmente influência política no Império brasileiro.

Embora ativo no campo intelectual e profissional, o cotidiano de André era sobremaneira desafiador, primeiro devido à concorrência profissional; segundo, pelo fato de ser um homem "de cor" inserido no "*não lugar*" para negros na sociedade escravista do séc. XIX no Brasil. Esta situação reforça a ideia explanada por Guimarães (1999) de que a classificação social do indivíduo estava relacionada à sua aparência física. As injúrias seguidas de preconceito racial fizeram com que Rebouças chorasse, em 1864, sua classificação social como "homem de cor" era um estigma a ser carregado rotineiramente, por isso foi sujeitado às privações políticas e sociais em decorrência da sua origem africana.

Deste modo, estamos convictos de que o passar dos anos tornou André mais resistente às classificações discriminatórias sobre a sua cor da pele. Para decifrar os códigos da elite branca imperial, Rebouças fez uso do seu maior patrimônio: o conhecimento. Este era o principal mecanismo de resistência de André e Antonio diante das contestações de grupos que buscavam achincalhar suas imagens nos jornais, e/ou no cenário político/profissional da Corte.

Nesse tenso teatro do jogo político no Império, cujo pano de fundo racial era um elemento presente nos embates, o jornal *Diário do Rio de Janeiro* serviu como plataforma para impulsionar as críticas contra os irmãos Rebouças. Com dois artigos no formato de soneto, o jornal publicou em 09 de fevereiro e 11 de fevereiro de 1871.

Pai feitiço e pai quimbombo

Andam em ordem do dia
Dois heróis da mesma grei,
Um famoso dos feitiços
O outro no que, eu não sei.

Tem privilégios aos centos,
Estradas de *Graça e ousa*
Um dia dizer que tudo alcança
Imitando o Juca Rosa.

Com efeito a imitação
É orçada com tal manhã,
Que o Juca Rosa sucumbe,
E o pai feitiço é quem ganha.

Poços e diques e mocas,
Tudo é hipotecado
Aos dois cometas opacos,
Das águas sujas do Estado.

Dizem que até bisnaga
Querem ter privilégio,
E o pobre Dr. Freitas
Que ature um tal sacrilégio! ...

Os mil e seiscentos contos
Que a graciosa custou,
Fora os luxos e a mão de obra
Que o aguaceiro levou.

Tudo isso é compensado
Com *vinte léguas de chão*
E mais um trilho de ferro
Para a colonização.

Nas serras de Curitiba,
Já bombardeia o ribombo,
Do progresso *rebouçado*.
Nos trilhos de pai Quimbombo.

Com os cento e cinquenta contos,
Da via de Mato Grosso

Pai Quimbombo há de fundar
Uma colônia colosso...

E quem pensa de outra forma
Pode mudar de miolo.
Na época das mocas
Quem não faz troca é tolo.

Trapiches e macacos

(*Diário do Rio de Janeiro*, 09/02/1871, p.2. Atualizado para ortografia vigente. [Os grifos são originais da obra]).

Com os recortes dos sonetos colados nas páginas do seu diário, Rebouças traduziu em tom crítico as injúrias sofridas. Segundo ele, a primeira parte fazia clara referência ao embate intelectual que vinha travando no *Jornal do Comércio* com Francisco José de Freitas, então engenheiro e fiscal de obras do governo. Os engenheiros discutiam questões técnicas acerca do encanamento do trapicheiro construído para o escoamento da água captada nos poços e mananciais da cidade. Entretanto, os apontamentos de André indicam que ele e Antonio, em detrimento ao engenheiro Freitas, foram escolhidos os responsáveis pelas obras do abastecimento de água na Corte.

Ficava evidente que a relação entre André e Freitas se desenrolou por pura briga de ego entre profissionais, já que, inicialmente, Rebouças saiu vitorioso e responsável pelo serviço junto com Antonio. Na ponta contrária aos irmãos Rebouças, estava o meeiro Francisco de Siqueira Dias, o qual passou a levantar falsas acusações acerca das obras no trapicheiro.

Segundo a fala de André, ficou entendido que Siqueira Dias não foi contratado por ele e Antonio. Em função disso, Dias resolveu escrever ofensas nas páginas do jornal apoiado pelo irmão de Rafael Arcanjo Galvão. O referido irmão de Arcanjo Galvão era conselheiro do Império, além de inimigo declarado de Rebouças, fato que se estendia ao seu filho, o político Saldanha da Gama. O enredo desenhado deixa claro que Antonio e André foram contra os anseios da elite imperial, e logo as consequências viriam à tona.

Rebouças escreve que Siqueira Dias não perdoou a ele e Antonio pelos “serviços durante a seca!”, e “o velho chicanista”, segundo André, resolveu despejar seu ódio levantando falsas acusações “sobre as obras do Trapicheiro!”. De acordo com as

análises técnicas realizadas por Rebouças, o problema da obra era que, no açude do Macaco, a água havia se infiltrado "através de um rochedo que fica ao lado da muralha, que está tão perfeita como quando se terminou!!".

Embora o embate técnico tenha acontecido entre Rebouças e o engenheiro Francisco José de Freitas, um olhar menos cuidadoso acusaria Freitas como o autor do soneto. O fato é que o desenrolar da polêmica revelaria que Freitas e André mantinham um sólido respeito entre si. Este fator reforça nossa tese de que o embate entre ambos nada mais foi do que uma "briga de egos", que reuniu dois profissionais em busca de trabalho. De acordo com Rebouças, para sanar de vez a problemática com Freitas, seria necessário proceder com uma experiência nos encanamentos na caixa d'água localizada no trapicheiro, e assim foi feito em 24 de março de 1871, em que, segundo ele,

> [19]Às 6 horas parti de casa com os praticantes das obras Doutor Lopo Neto, e Doutor José Américo dos Santos. Tomei em caminho o engenheiro residente da obra Doutor Soma e o condutor Weaver. Paramos na Caixa do Barro Vermelho e aí deixamos o Weaver para tomar nota das alterações, que se produziram no escoamento dos grandes tubos de Maracanã durante as experiências.
> Examinamos em caminho os novos registros colocados nos encanamentos e chegamos ao açude do Trapicheiro as 7 ¼. O Doutor

[19] Em colaboração ao presente estudo, a engenheira civil e hidróloga Larissa Ferreira da Costa informa que a *Caixa do Barro Vermelho* se assemelha a uma chaminé de equilíbrio. São estruturas utilizadas em alguns trechos de grandes tubulações de transporte de água, como adutoras. Esta infraestrutura serve para proteger no caso de oscilações e de pressão interna ocasionadas por manobras operacionais como o acionamento e desligamento de bombas, abertura e fechamento de válvulas ou, até mesmo, em casos de falta de energia elétrica. Dessa maneira, mesmo que o fluxo de água dentro da rede reduza ou aumente repentinamente (fenômeno conhecido como golpe de Ariete), as chaminés são capazes de equilibrar a água dentro da tubulação evitando, por exemplo, rompimentos.
Na passagem em que "*O Doutor Freitas tinha mandado fechar todos os registros de derivação de sorte que a água do Maracanã com uma pressão, que avaliamos em 0,44 metros, se escoara pelo ladrão do açude"*. Larissa Ferreira da Costa informa que os registros foram fechados e o açude encheu e transbordou pelo "ladrão" ou extravasor de água (uma tubulação usada para escoar um casual excesso de água).
Na passagem em que André Rebouças demonstra *"aos circunstantes que as alterações feitas nos encanamentos da Tijuca pela colocação dos dois novos registros da ponte do Francês e da segunda-feira eram causa da elevação que se observava na coluna piezométrica. Mandei depois abrir os registros do encanamento de Maracanã de derivação e tive o prazer de demonstrar a todos que a coluna piezométrica ia baixando à proporção que eles se abriam".* Larissa Ferreira da Costa esclarece que neste momento o engenheiro comprovou tecnicamente o funcionamento dos vasos comunicantes, ou seja, recipientes geralmente em formato de U que são utilizados para analisar as relações entre as densidades de líquidos imiscíveis e executar estudos sobre a pressão exercida por líquidos.

> Freitas tinha mandado fechar todos os registros de derivação de sorte que a água do Maracanã com uma pressão, que avaliamos em 0,44 metros, se escoara pelo ladrão do açude.
> O Doutor Freitas fez uma exposição aos circunstantes. Seguiu-se depois um debate, em que demonstrei aos circunstantes que as alterações feitas nos encanamentos da Tijuca pela colocação dos dois novos registros da ponte do Francês e da segunda-feira eram causa da elevação que se observava na coluna piezométrica. Mandei depois abrir os registros do encanamento de Maracanã de derivação e tive o prazer de demonstrar a todos que a coluna piezométrica ia baixando a proporção que eles se abriam.
> Quando saí às 10 horas já a água de Maracanã não tinha força para encher o tubo; ficava 0,03 metros da borda superior do tubo; os ajudantes que lá ficavam disseram que há uma hora a água do Trapicheiro já entrava. Assistiu a experiência o Doutor Lóssio por parte do Ministro da Agricultura e tomou notas para dar seu parecer a respeito. O Doutor Freitas deu-me muitas desculpas da polêmica, que contra seus desejos promovera. Lembrou nossas relações de família. É na verdade casado com a filha do finado conselheiro Nabuco de Araújo, velho amigo de meu pai.
> Faltou à experiência o inspetor geral das Obras Públicas, de quem mais se queixa o Doutor Freitas; escreveu-me que estava endefluxado. Esteve, porém intrigando sem nunca ousar elevar a voz o Doutor Borja Castro, o anônimo Aquário, que levaria os alunos ao Trapicheiro nas férias, e que tanto tem procurado azedar esta questão. Felizmente fiz as pazes com o Doutor Freitas e resolvemos terminar a polêmica pelos jornais.
> ((REBOUÇAS, 1871, diário pessoal Vol.9) *[Atualizamos a ortografia, bem como a linguagem técnica usada pelo autor]).*

Com a experiência realizada e a paz instituída entre os profissionais, o ponto final na polêmica do trapicheiro era estabelecido, assim como selava a competência dos irmãos Rebouças no episódio da crise hídrica na Corte. A essa altura, o soneto de 11 de fevereiro de 1871 já havia repercutido.

Pai feitiço e pai quimbombo

SONETO.

Quer pai feitiço colocar um esguicho
Das águas sujo do Estado lá no esgoto;
Pai quimbombo troteia, anda de chouto,
Enquanto pai feitiço esta no nicho.

Privilégios agora? ...só do lixo
O governo concede do seu molo,
Porém do trapicheiro? Este biscoito
Há de roer trazendo seu rabicho.

> Não bastam cem ações de micas mócas?
> Pai feitiço ainda quer do trapicheiro
> Vender no cais da sua toca?!...
>
> Muito se vê no Rio de Janeiro! ...
> Nada se faz, sem tricas e sem trocas,
> *Oh sapiência, escrava do dinheiro!* ...
>
> *Trapiches e macacos*
>
> (*Diário do Rio de Janeiro*, 11/02/1871, p.2, continuação do soneto. Atualizado para ortografia vigente. [Os grifos são originais da obra]).

Chamado de "pai feitiço" numa evidente alusão à bruxaria, André Rebouças era estereotipado por apresentar um grande poder de persuasão diante dos seus colegas de profissão ou mesmo opositores. Ao utilizar os conceitos, regras e fundamentações científicas, como, por exemplo, os recursos intelectuais que colocou em prática dado o embate que travou com Francisco José de Freitas, taxativamente era considerado um privilegiado no ramo dos negócios ligados a engenheira.

Em relação a Antonio Rebouças, restou ser chamado de quimbombo, uma espécie de feiticeiro-mor ou pai de terreiro. Assim o conteúdo do soneto fazia alusão pejorativa em tom racial aos elementos da cultura africana, consequentemente relacionando preconceituosamente os irmãos Rebouças.

André conjecturou que o autor do soneto seria o irmão do conselheiro Rafael Arcanjo Galvão. Este havia sido empregado dele e de Antonio nas obras hidráulicas da cidade, das quais foi dispensado das suas atividades profissionais, justamente por dois homens negros. Na percepção de Rebouças, após este episódio, Rafael Arcanjo passou a ser um dos pretendentes na disputa pela criação da Companhia das Águas do Rio de Janeiro juntamente com a concorrência inglesa. Esta última detinha a "simpatia do Imperador", ressaltava o engenheiro.

André realizou um apanhado de evidências contra o irmão do Conselheiro Galvão, no entanto, não pode afirmar com certeza que seu ex-empregado havia sido o responsável pelos insultos contra ele e Antonio, até porque, como bem salienta Nelson Werneck Sodré (1999), diversas matérias de jornais não possuíam assinatura, ou alguns autores faziam uso de pseudônimos a fim de manter-se no anonimato. Esta estratégia foi muito bem usada no soneto contra os irmãos Rebouças. Assim, ao assinar "*Trapiches e macacos*" o autor escondia sua identidade, ao passo que ficavam livres para escrever insultos subliminares em alusão à polêmica de engenharia que envolveu a distribuição

de água por meio dos trapicheiros, cuja coordenação foi realizada por Antonio e André Rebouças. Esta passagem demonstra que não havia uma harmonia entre as raças no Brasil como defendeu Gilberto Freyre, ou seja, o clima de animosidade, ofensas e injúria racial se processava ostensivamente contra as negras.

Em função da narrativa descrita, julgamos que se faz necessário finalizarmos este tópico indicando alguns pontos de análises bastante significativos acerca da geração acadêmica dos irmãos Rebouças: (1) a geração de 70, no Brasil, dedicava-se a mesma tarefa europeia de pensar questões sobre a própria nação, projetar seu próprio futuro, imbuídos em responder *O que eram*? *(O que somos?)*. Nesse sentido, ficava claro que a exigência pela utilização de engenheiros brasileiros para a solução do abastecimento de água encaixava-se precisamente nas aspirações do grupo em termos de valorização do ser (homem) local; (2) em função da heterogeneidade dos grupos existentes, como bem ressaltou Ângela Alonso, o Imperador encontrava-se no meio de grupos sociais novos e antigos, cuja persuasão e o complexo jogo de interesses determinariam sua escolha; (3) a busca pela modernidade e ações liberais, outra característica dos homens de 70, expressava-se na visão de Antonio e André a respeito do abastecimento de água.

Diante do verdadeiro caos político instalado no Império em função das quedas e trocas de Ministros, pressões da oligarquia e injúrias de todas as formas, Rebouças exclamou: “quem escreverá um dia a história das empresas de utilidade pública neste Brasil?!!”.

CAPÍTULO 2 – ANDRÉ REBOUÇAS PARA ALÉM DO ATLÂNTICO: RACISMO E REDE DE SOCIABILIDADE

Et cognocetis veritatem
Et veritas liberabit vos

Joannis VII. 32.

2.1- Um negro produtor de ciência entre Europa e os Estados Unidos da América.

Paul Gilroy nos inspira a pensar em André Rebouças como um indivíduo negro resultante da diáspora africana. Filósofo em sua formação e britânico na origem, Gilroy criou a categoria de "Atlântico Negro" para perceber o mundo moderno como uma unidade de análise única e complexa, cujas experiências engendram uma perspectiva transnacional e intercultural. A obra de Gilroy surge com a proposta de repensar a modernidade por meio da história do Atlântico Negro e da diáspora africana no hemisfério ocidental, chamando a atenção para a necessidade de enxergar os indivíduos "como agentes", de entendê-los "como pessoas com capacidades cognitivas e mesmo com uma história intelectual – atributos negados pelo racismo moderno" (GILROY, 2001, p.40). "Sob a chave da diáspora nós poderemos então ver não a raça, e sim formas geopolíticas e geoculturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem" (idem, p.25).

Para o autor, o advento da modernidade deu origem a um sistema de comunicações globais definido por fluxos culturais, cuja construção viabilizou que as populações negras, durante a diáspora africana, dessem origem a uma cultura que não pode ser detectada exclusivamente como caribenha, africana, americana, ou britânica, mas elas são simultâneas. Isso é o que concerne à cultura do Atlântico Negro, uma cultura na qual o caráter híbrido não se encontra reduzido às fronteiras étnicas ou nacionais. Sendo assim, é indispensável pensar estes sujeitos a partir do contexto transnacional, ou seja, o processo de percepção do Atlântico Negro não pode refletir as experiências negras pelo mundo desconsiderando seus intercâmbios, que, segundo o

autor, vem acontecendo desde os séculos XVIII e XIX, e não apenas por causa do tráfico negreiro. Lembra Gilroy que o piloto de Colombo era negro e que um quarto da marinha inglesa era composta de africanos no final do século XVIII. Nesse sentido, gente, mercadoria e cultura nas mais diversas formas (música, culinária, literatura) transitaram intensamente no Atlântico de um lado para o outro, nos dois sentidos, num tráfego contínuo que mudou, mas não acabou com o fim da escravidão.

De acordo com Gilroy, é preciso "reexaminar os problemas de nacionalidade, posicionamento, identidade e memória histórica" concentrando esforços historiográficos no sentido de construir uma "herança intelectual do ocidente a partir do Iluminismo". Isso significa que é algo emergencial romper com as tradições ocidentais modernas as quais, apoiadas no pensamento iluminista silenciaram as vozes negras pelo Atlântico. Não só Rebouças, mais outras diversas vozes negras foram dotadas de narrativas que buscaram "liberdade, cidadania e autonomia social e política". Gilroy afirma que "o atlântico negro não é oposto a modernidade", mas, sobretudo, ele se configura em um outra lógica moderna, ele é por sua vez uma outra lógica, cuja fundação da cultura negra é própria e autoconsciente: "compreensivelmente invocada para sublinhar as continuidades históricas, conversações subculturais, fertilizações cruzadas intertextuais e interculturais" (GILROY, 2001, p. 353).

Pensando justamente nas proposições lançadas por Gilroy, nossa pesquisa tem em André Rebouças um importante personagem negro que experimentou o trânsito internacional de experiências culturais pelo Atlântico Negro. Este intercâmbio vivenciado pelo engenheiro lhe rendeu ganhos significativos no campo intelectual, político e de resistência ao racismo. Deste percurso de experiências marítimas transnacionais, evidencia-se a luta do próprio engenheiro para sobreviver em uma sociedade brasileira organicamente racista.

Optamos em observar suas experiências entre os anos de 1872-73, quando realiza sua segunda viagem à Europa, com passagem pelos Estados Unidos da América. Neste período, seu deslocamento internacional tinha como finalidade a descoberta de novos estudos científicos sobre Engenharia, contato com novas propostas de ensino e educação, além da manutenção e ampliação de seus contatos comerciais. Ao visitar a Universidade de Gand, na Bélgica, em maio de 1873, Rebouças exaltava seu fascínio pela ciência proferindo o que considerava sua máxima: "*Et cognocetis veritatem, Et*

veritas liberabit vos", frase encontrada no novo testamento em João 8:32. Em uma livre tradução do latim, a referida frase quer dizer: *"E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará".*

Em seu documento intitulado *Minha Fé de Ofício,* Rebouças enfatizou sua inclinação religiosa pelo catolicismo. Ao abrir suas reflexões, ele ressaltava que "sempre teve sentimento religioso, por este ser inato no homem e despertado pela contemplação da natureza". Segundo ele, sempre acreditou em "Deus, e a reflexão" o "fez sempre conciliar suas qualidades infinitas: consciência, providência e misericórdia". Mencionava que sempre teve fé e acreditou "nos dogmas, mesmo por argumento da razão".

Observando atentamente as palavras do engenheiro e concatenando-as com o período histórico em vigência, temos uma quase totalidade da elite política e/ou econômica brasileira confessando a fé católica. De modo ainda tímido, outras formas de crença como o protestantismo, o espiritismo e mesmo o positivismo se introduziam no Brasil. Nesse sentido, a geração 1870 influenciou sensivelmente muitas pessoas, incluído André Rebouças, que abraçou os ideais iluministas e a simpatia partidária ao modelo constitucionalista estadunidense. Para eles, não havia incompatibilidade entre o Catolicismo e a liberdade racional pregada pelos filósofos e pensadores. Na perspectiva de Rebouças, "o próprio Deus havia dado liberdade para os indivíduos fazerem opção por um determinado caminho".

Nesse contexto, a nova leitura das escrituras ancoradas por questões filosóficas derivadas do Iluminismo moldava o entendimento do engenheiro, no sentido de que a chave para a libertação do homem estava no conhecimento científico. Aliás, nada tão diferente do que pensavam seus pares oriundos da geração de 1870 no Brasil. Influenciado por esta atmosfera intelectual, André Rebouças segue pela segunda vez para a Europa. Se, na primeira viagem, o interesse estava direcionado aos estudos sobre Engenharia, agora o já estabelecido profissional da área buscava não só aprimorar seus conhecimentos, como também ter contato com os avanços técnicos e científicos produzidos pelo velho mundo.

Durante sua primeira passagem pelo continente europeu, nos anos de 1861 e 1862, na companhia de seu irmão Antonio Rebouças, não identificamos relatos preconceituosos contra os jovens engenheiros, todavia isso não caracteriza a

inexistência de racismo no continente. Ao que parece, André preferiu não entrar em detalhes sobre o comportamento social dos europeus. Optou em descrever o que julgou positivo no velho continente. Conforme descreveu, na Europa, pôde visitar museus e universidades, sendo possível, inclusive criar articulações intelectuais com professores e inventores, além de reuniões com empresários em diversos espaços públicos. Seus relatos não indicaram impedimentos ao buscar hospedagem em hotéis, todavia, também não quer dizer que a sociedade europeia ignorasse negros junto aos seus cidadãos, logo, estamos certos de que o apreço de André pela continente europeu ditou indubitavelmente a escrita em seus diários.

Em meados de 1872, ele seguia seu planejamento deslocando-se da Europa para América com o intuito de ampliar seus laços comerciais com diversos empresários. Além disso, nos EUA, os avanços científicos ligados aos portos e ferrovias aguçavam sua curiosidade técnico-científica.

Em 9 junho de 1873, Rebouças desembarcava em solo americano e, de acordo com os seus diários, a chegada se deu de maneira bastante constrangedora, pois enquanto seus companheiros de viagem "brancos" rapidamente foram postos em aposentos nos melhores hotéis da cidade, ele "homem de cor" encontrou dificuldade logo na hospedagem[20]. Em relação ao tratamento recebido, teceu alguns comentários

[20] De acordo com Albuquerque e Fraga Filho (2006, p.290), "nos Estados Unidos, a abolição da escravidão foi o resultado de uma guerra civil, a Guerra de Secessão (1861-65). A escravidão estava concentrada nos estados do sul do país onde se produzia principalmente algodão. Com a eleição de Abraham Lincoln, aliado dos abolicionistas, os fazendeiros do sul perceberam que a escravidão corria o risco de ser extinta, e proclamaram a região independente do restante do país. Na guerra civil que se seguiu o exército unionista do norte venceu os rebeldes federalistas do sul e a escravidão foi extinta em 1865. Depois da guerra, durante o chamado período da Reconstrução, os negros sofreram todo tipo de violência, direta e indireta, para expulsá-los da vida política e do convívio social. Várias associações secretas de brancos, dentre elas a famosa Ku Klux Klan, atacavam e assassinavam os negros, incendiavam suas residências e igrejas como forma de reafirmar a "supremacia branca". A sociedade se tornou cada vez mais segregada. Em muitos hotéis e restaurantes era terminantemente proibida a entrada de negros. Nos locais públicos, negros e brancos tinham que ocupar espaços diferenciados. Tal discriminação era referendada pela Corte Suprema americana, para a qual a segregação era legal e não representava uma violação dos direitos dos cidadãos. Ou seja, lá a discriminação racial era fundamentada legalmente até década de 1960, quando o movimento pelos direitos civis, liderado por figuras como o pastor Martin Luther King, conseguiu que o racismo fosse pelo menos legalmente desmontado. King pagou com a vida a sua militância, sendo assassinado em 1968. Outros líderes que se destacaram nessa luta, propondo uma militância mais radical, foram Malcolm X, Angela Davis, Bob Seale e Stockeley Carmichael. Entre as organizações mais radicais, se destacavam os Panteras Negras, cuja liderança foi em boa parte eliminada pelo FBI."

sobre os hotéis e o modo de higiene utilizado nos EUA. Relatou que foi "pela manhã, obrigado a tomar banho em uma loja de barbeiro por não haver banheiros no Washington Hotel". Segundo ele, "nos Estados Unidos, quase sempre as lojas de barbeiro acumulam a indústria dos banhos públicos; são assinalados por postes tricolores ordinariamente branco, azul e vermelho". Ao realizar um comparativo entre os continentes, ressaltava que "os banheiros eram de madeira; as toalhas ainda menores e mais mesquinhas que nos banhos públicos de Londres".

Nas palavras do engenheiro,

> Depois de algumas tentativas, compreendi que era a dificuldade da cor a causa das recusas de aposento; obtive o endereço do consulado brasileiro, e para aí dirigi-me em carro especial. No consulado encontrei felizmente o velho cônsul Luiz Henrique Ferreira de Aguiar e o ministro João Pedro de Carvalho Borges, que me receberam com muita amabilidade. O filho do cônsul, engenheiro Aguiar, que, por vezes, visitara-me no escritório das Obras Hidráulicas da Alfândega do Rio de Janeiro com o meu ajudante José Américo dos Santos, obteve-me um aposento no "Washington Hotel" com a condição de comer no quarto e nunca no "Restaurant". O primeiro aposento, que tive foi um quartinho muito sujo no 3º andar; deram-me depois uma sala e um quarto no andar térreo, nº 43, com saída imediata para a praça, onde principia a "Broadway". O "Washington Hotel" – Brooadway nº 1 teve a glória de receber o imortal Washington; esteve em moda por muitos anos; hoje é um hotel de 3ª classe (REBOUÇAS, 1873, diário pessoal Vol.15).

A rotina de segregação racial americana se mostrou tão ofensiva quanto à brasileira. Se, no Brasil, o racismo se processava nas entrelinhas dos jornais, em impedimentos institucionais, emperrando projetos de um engenheiro negro e criando obstáculos para que esse não estudasse fora do país, nos EUA, as ações preconceituosas eram ostensivas. Recorrendo ao estudo de Paul Gilroy, é possível compreender que, nos dois casos, há uma "classificação racial dos negros", cuja ação social os exclui e os colocam "ora como não humanos, ora como não cidadãos" (GILROY, op.cit, p.41). A perspectiva humana levantada por Gilroy encontra amparo no cenário pós-Guerra de Secessão (Guerra Civil) americana, no qual "o debate sobre cidadania e seus atributos –

No Brasil, a segregação não recebeu a legitimação oficial do governo, de certa forma isso facilitou a convivência entre indígenas, negros, brancos, pardos e imigrantes. Entretanto, criou-se um racismo disfarçado, cruelmente silencioso e requintado.

entre eles a raça" permanecia fincada na sociedade (BERLIM, 2018.p.376). André Rebouças presenciou diariamente "a coincidência entre negritude e escravidão", entre o "não humano" e "não cidadão".

Por este motivo, sua narrativa encontrou barreiras socais. Conforme relatou, "o prejuízo da cor impediu-me de assistir ao espetáculo no "Grand Opera House" magnífico edifício, construído pelo famoso banqueiro Fisk, e no Boothes Theater, que funciona também em um majestoso edifício, construído por amigos de Booth que é considerado o Talma americano"". Interessante notar que, em meio às barreiras da segregação racial, Rebouças encontrou tempo para contextualizar a trama histórica que envolvia a construção do teatro o qual foi impedido de entrar. A fim de compreender a fala de André, recorremos a Morrison (2002). Segundo o autor, Edwin Thomas Booth (1833 – 1893) foi um ator Americano do séc. XIX que percorreu a América e as principais capitais da Europa encenando Shakespeare. Alguns críticos o consideram o melhor ator que viveu a personagem Príncipe Hamlet nos teatros do século XIX. Nascido em uma família de atores, Edwin Booth fundou em 1869 o Booth's Theater, em Nova York, um prédio bastante moderno para seu tempo. Edwin Booth salvou Robert Lincoln (filho do presidente Abraham Lincoln) de um grave acidente de trem em Jersey City, Nova Jersey. O fato teria acontecido no final de 1863 ou no início de 1864, não se sabe ao certo. Curiosamente em 14 de abril de 1865, o irmão de Edwin Booth, John Wilkes Booth se tornaria o assassino de Abraham Lincoln, presidente dos Estados Unidos.

É possível dizer que, embora surpreendido com a ostensividade do racismo americano, Rebouças contornou bem seus entraves em Nova York, agindo com significativa resistência, uma vez que possuía objetivos bem definidos, ou seja, manter-se atento aos aparatos modernos avaliando quais teriam viabilidade pra serem a introduzidos no Brasil. Durante a noite, após conseguir um aposento, André aproveitou para observar as tecnologias utilizadas nas ruas americanas e, diante de uma espécie de letreiro luminoso com propagandas em frente a um teatro na "Broadway com a 5th Avenue", o engenheiro sugeria ao colega e jornalista José Carlos Rodrigues que "introduzisse no Rio de Janeiro" a respectiva "lanterna-mágica de anúncios". José Carlos Rodrigues era redator e proprietário dos jornais "*Novo Mundo*" e da "*La América Ilustrada*", e, consequentemente, integrava a rede de sociabilidade estabelecida por

Rebouças, valendo relembrar que o "*Novo Mundo*" era um periódico de Língua Portuguesa publicado em Nova York, o qual André fazia parte do seu corpo editorial.

A iniciativa do engenheiro frente ao seu colega jornalista dizia respeito a sua percepção aos detalhes comerciais e uma visão empresarial bastante sensível, já que valorizava sempre a introdução de ideias inovadoras no cenário comercial brasileiro. No caso específico dos anúncios, a intenção era expandir o interesse do público aos espaços culturais que surgiam no Rio de Janeiro em finais do séc. XIX.

Parcialmente estabelecido, Rebouças não tardou em acionar sua rede de sociabilidade para dar prosseguimento às visitações de ordem educacional e profissional. Como bem ressaltou em seu diário, foi preciso apresentar cartas de recomendações para que pudesse ter acesso aos empreendimentos. Segundo o engenheiro, as cartas partiram de

> Frederico Youle para H. H. Swift & Companhia 158 Pearl Street; do amigo Harrah para F. H. Louvel – 233 Pearl Street; do colega capitão Duarte para o cunhado Francisco Gomes Guimarães – 72 Beaver Street; de Viúva Lecomte & Companhia de Paris para Clayde & Crooks 26 Beaver Street; e do amigo Harrah para o engenheiro William Wilme Roberto, diretor do North Pacific Railroad. Estava este engenheiro ausente na linha; recebeu-me, porém, com muita amabilidade o seu secretário James H. Bartholomeu (James H.). Acompanhou-me na visita ao Instituto Cooper, à livraria Astor e ao Quartel Club do 7º Regimento da Guarda Nacional, ao qual ele pertence, e que é o mais popular em Nova York (Vide os guias). Visitamos depois os pilares em construção do lado de Nova York e Brooklin para a monumental ponte suspensa (REBOUÇAS, 1873, diário pessoal Vol.15).

O estabelecimento da rede de sociabilidade de André Rebouças em solo americano tornou-se o diferencial para que um "negro" pudesse transitar por estabelecimentos e construções, nos quais as características físicas dos investidores, empresários e engenheiros eram notadamente "brancas". Nesse entrelace de interesses econômicos e profissionais, vale destacar o perfil social das pessoas citadas por André na passagem acima. Frederick Youle era irmão de Stanley P. Youle, amigo e sócio de Rebouças na Companhia das Docas Dom Pedro II. G. J. Harrah possuía investimentos no Brasil como um dos empresários envolvidos com a Transway do Rio de Janeiro e esteve junto a Rebouças estudando ações empresárias em Londres, entre 1872-73.

Antonio Francisco Duarte (capitão Duarte) esteve com Rebouças em Liège, na Bélgica, fiscalizando uma importante encomenda de espingardas *Comblain* para o exército brasileiro, em 1873.

Como é possível observar, as relações pessoais e profissionais de André ganhavam um caráter transnacional, atravessando o Atlântico com relações sociais, econômicas e profissionais solidamente bem estabelecidas. Esse movimento executado pelo engenheiro "é a luta para tornar os negros percebidos como agentes como pessoas com capacidades cognitivas e mesmo com uma história intelectual, atributos negados pelo racismo moderno" (GILROY, op.cit, p.40). A questão do preconceito entre os americanos foi atentamente observada por André, levando a escrever em seu diário de 11 de junho de 1873 uma polêmica racial ocorrida na elite americana. A situação chegou até ele por meio de José Carlos Rodrigues quando ambos partiam para o escritório do negociante Swift, a fim de visitar as oficinas de bondes ou carros tramways do empresário John Stephenson. Segundo Rebouças:

> o mulato Douglas, velho amigo do presidente Grant, muito influente na sua reeleição, fora ultimamente rejeitado nos hotéis de Wasghinton; deu esse fato lugar a uma polêmica nos jornais e a uma moção no Senado. (Vide entre os documentos a Ata do Congresso de Louisiana) (Civil Rights Bell presentad by senator Summer (REBOUÇAS, 1873, diário pessoal Vol.15).

A situação de Douglas[21] nos reserva algumas questões que envolvem a compreensão entre racismo e identidade negra. Segundo Nilma Lino Gomes,

[21] "Frederick Augustus Washington Bailey, ou apenas Frederick Douglass (1818-1895), pseudônimo pelo qual se tornou mundialmente conhecido ao escolhê-lo para assinar suas obras, foi um cidadão afro-americano abolicionista, orador, escritor e estadista que espalhou, por meio de suas autobiografias, o que realmente significava ser um escravo em seu país. Assim, pôde descrever de forma simples, objetiva e verdadeira as experiências dolorosas que presenciou e pelas quais passou, transformando seus escritos nos relatos mais lidos em todo território nacional, fazendo de Douglass um verdadeiro líder para o combate ao sistema legal da escravidão norte-americana." DOUGLASS, Frederick. *A narrativa da vida de Frederick Douglass, um escravo americano: escrita por ele mesmo*. Trad. Leonardo Poglia Vida. Porto Alegre: [s.ed.]2012.
Para saber mais sobre Frederick Douglass, ver: COLAIACO, James. *Frederick Douglass and the fourth of july. New York*: Palgrave MacMillan, 2006 ou DOUGLASS, *Frederick. The meaning of the 4th of July for the negro* < The meaning of the 4th of July for the negro http://rbscp.lib.rochester.edu/2945 > (21 abr. 2017).

> O racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc. Ele é por outro lado um conjunto de ideias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. O racismo também resulta da vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira (GOMES, 2005, p. 39 – 62).

A situação que tolheu Rebouças e Douglas de hospedarem-se em hotéis nos quais trânsito era designado às pessoas brancas denota a percepção social dos americanos em separar os indivíduos por raças superiores e inferiores. A circunstância de ambos era semelhante do ponto de vista da construção identitária. Nas palavras de Gomes,

> A ênfase na identidade resulta, também, na ênfase da diferença. Ao mesmo tempo em que a busca da identidade por parte de um grupo social evoca a diferença deste em relação à sociedade ou ao governo ou a outro grupo e instituição, ela possui um processo de elaboração e diminuição das diferenças internas do próprio grupo e dos vários grupos que formam, naquele momento de reivindicação, um único sujeito político (idem, p.41).

Assim, Douglas e André almejavam seu momento de identificação como sujeitos políticos. Segundo Nilma Lino Gomes:

> A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares referências civilizatórias que marcam a condição humana.
> Portanto, a identidade não se prende apenas ao nível da cultura. Ela envolve, também, os níveis sócio-político e histórico em cada sociedade. (idem, p.41).

Leitor assíduo, Rebouças reconhecia a importância de Frederick Douglas para a história da escravidão americana e do abolicionismo internacional. Em 1847, Douglas fundou o jornal abolicionista *The North Star* em Rochester, no estado de Nova York. Dois anos antes, em 1845, Douglas lançou sua autobiografia: *The Narrative of the Life of Frederick Douglass, an American Slave* (“Narrativa da vida de Frederick Douglass,

escravo americano"). A vida desses dois indivíduos negros reserva a similaridade do intelecto como mecanismo de combate à escravidão. Em 1872, Frederick Douglas foi o primeiro afro-americano indicado para a vice-presidência dos Estados Unidos, participou junto com Victoria Woodhull concorrendo pela chapa do Partido da Igualdade de Direitos. André Rebouças seguiu por um caminho diferente ao evitar a participação em cargos políticos. Essa escolha política o empurrou para o trabalho nos bastidores da luta por melhores condições sociais para os negros e imigrantes.

No início da campanha abolicionista no Brasil, em 1880, observamos André Rebouças mais atuante fora dos bastidores. Há neste momento uma convergência de interesse com o grupo de "militância" contra a escravidão. A inserção de Rebouças no abolicionismo se conecta com a própria identidade negra assumida nessa interação com o mundo e na busca por mudanças sociais e políticas no Brasil.

Finalizando a discussão levantada acerca de Douglas e Grant, é importante esclarecer que Ulysses S. Grant se tornou o 18º presidente dos Estados Unidos em 1868. Grant trabalhou junto com o presidente Abraham Lincoln para liderar o Exército da União até a vitória sobre os Estados Confederados da América na Guerra de Secessão (1861 a 1865). Envolvido diretamente com as tensões raciais americanas, Grant liderou a supervisão do exército da Reconstrução dos ex-estados confederados após a guerra. Foi reeleito em 1872, conseguindo assim estabilizar a nação após um longo período de conflitos internos. Ulysses S. Grant também perseguiu a *Ku Klux Klan* (movimento de corrente reacionária e extremista, tais como a supremacia branca, o nacionalismo branco, a anti-imigração), reforçou as leis de direitos civis e de voto, contando com o apoio do exército e do Departamento de Justiça (FARINA, 2007). É importante esclarecer que as conquistas obtidas nos Estados Unidos tiveram como pano de fundo uma guerra civil sangrenta, cujo resultado foi o estabelecimento de uma fronteira racial entre brancos e negros.

O episódio do "mulato Douglas" fez Rebouças trazer para si a problemática do racismo. Por coincidência, descreveu com detalhes o episódio em seu diário, fato que demonstra sua atenção aos conflitos étnicos vividos na América. Essa movimentação realizada por Rebouças em coletar informações e relatos de experiências fora do Brasil ratifica a grande dificuldade encontrada pelos negros, principalmente em espaços onde a sua presença era repelida. Porventura, Paul Gilroy se dedica a estas reflexões. Ao

permanecer em solo americano, André transcende o formato político e cultural moderno, rompendo assim as estruturas do estado-nação. É justamente o rompimento deste limite étnico e nacional que Gilroy chama de Atlântico Negro. Em outras palavras André Rebouças torna-se o expoente brasileiro, a voz negra contra a tradição moderna de supressão da experiência negra pelo atlântico[22].

2.2- Clientelismo e rede de sociabilidade

Estabelecido minimamente em Nova York, Rebouças colocava em andamento seus planos pessoais e profissionais. Em 11 de junho de 1873, após dois dias de estadia nos EUA, ele seguia para o seu segundo encontro profissional. Desta vez, se dirigia ao escritório do negociante Swift, com o qual havia conversado na noite anterior e combinado uma visita "às oficinas de bonds ou carros tramways de John Stephenson". Stephenson fundou em 1831, a *John Stephenson Car Company*, uma importante fábrica americana de carruagens, carros com tração a cavalo, teleféricos e bondes com sede em Nova York. Em 1832, Stephenson inventou o primeiro bonde para rodar em trilhos. Ainda no escritório de Swift, localizado na "165 Pearl Street", André relata que teve o prazer de almoçar com "o amigo e colega da Auxiliadora William Van Vleck Lidgerwood e de travar conhecimento com o seu irmão mais velho John A. Lidgerwood". De acordo com as suas explicações, estavam também no escritório "o negociante Fales do Rio de Janeiro, que conhecera quando pretendia um privilégio na Sociedade Auxiliadora" (op. cit. Diário de André Rebouças - Vol. 15).

O contexto deste encontro se processava da seguinte forma: William Van Vleck Lidgerwood em 1870 propõe a construção de docas no Brasil, buscando apoio junto a *Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional* (SAIN), situação semelhante à de Fales,

[22] A esse respeito Wlamyra Albuquerque (2009) apresenta uma linha de análise diferente da abordada por Paul Gilroy. A autora prefere seguir a sugestão da professora americana Barbara Fields, optando por dar ""historicidade ao conceito de raça", descartando-a como uma "questão trans-histórica"". Para Albuquerque, "raça não é um conceito atemporal, alheio à dinâmica histórica, aos contextos que lhes conferem significados específicos". A autora lembra que o jogo de classificação racial é dissimulado, logo, é preciso ter atenção ao seu tratamento.

seu compatriota americano e também negociante. Enquanto se operava os estudos técnicos e econômicos para a viabilidade das docas, William conhece e se torna amigo de André. Naturalmente, quando Rebouças desembarca nos USA, William lhe apresenta seu irmão John. É importante observar que Rebouças, Fales, William e John compartilhavam os mesmos interesses de ordem econômica e intelectual, tendo a SAIN como ponto estratégico incomum.

A presença empresarial de Rebouças representava a assinatura de lucrativos negócios, assim era prudente manter o engenheiro bem acompanhado. Segundo André, "o John H. Lidgerwood prestou-se a acompanhar-me na excursão a fim de evitar as dificuldades do prejuízo da cor". A preocupação dos empresários "brancos" era evitar que Rebouças se deslocasse entre as cidades americanas sem uma companhia, logicamente, qualquer imprevisto racial em grande escala poderia atrapalhar ou por fim aos negócios. Rebouças completa dizendo que o Doutor J. C. Rodrigues quis acompanhá-lo até o vapor "Providence".

J.C era José Carlos Rodrigues, amigo de Rebouças e proprietário dos jornais "*Novo Mundo*" e da "*La América Ilustrada*". Mesmo sobre forte pressão racial, André embarca na "majestosa máquina do "Providence", toda envidraçada e polida como aço, era de sistema Woolf, com o "walking boam" característico de ferro fundido com reforços de ferro forjado". Segundo o engenheiro: "nunca vi máquina mais limpa" (idem, diário pessoal – V.15).

Durante a viagem com destino ao estuário "Long Island Sound", Rebouças teceu observações sobre a estética do navio e a composição étnica de quem trabalhava nele. De acordo com as suas anotações, o "vapor era realmente belíssimo; três andares; todo branco; tapetes desde a prancha da entrada; máquina toda polida, sala de jantar, como um restaurante de Paris". Percebeu que todos os criados eram "mulatos ou crioulos", ressaltando que, no interior do vapor, constava a frase: *"Beaware of Pickpockets"* (*cuidado com batedores de carteira*). Conforme consta em seu diário, sua acomodação no navio foi ao lado do "companheiro John H. Lidgerwood nos beliches números 250 e 251 no fundo da sala do restaurante". Conjecturamos que Rebouças distinguia os mulatos dos crioulos observando a tonalidade da pele, ou seja, as pessoas de pele mais escuras eram chamadas de mulatas e as de pele mais clara de crioulas.

André partiu para a cidade de Lowell, no dia 13 de junho de 1873, chegando ao mesmo dia no "elegantíssimo escritório do James Cook Ayer", a quem entregou uma carta de apresentação do amigo J. C. Rodrigues. Na ocasião, houve o convite de James Cook Ayer a Rebouças para que jantasse com sua família, fato bastante significativo em se tratando de um primeiro encontro entre um negro estrangeiro e um típico homem "branco" americano. Em Lowell, André cumpria o objetivo de conhecer as "magníficas fábricas de algodão "Sulffolk Cotton Mills" e Tremont Mills, construída em 1831 e reconstruída em 1862. Conheceu também a famosa fábrica "Mersimack print Worksonde"", onde "as explicações nos foram dadas por um menino de 12 anos de rara inteligência". Seus diários apontam que, no retorno, conheceu "o escritório do Doutor Ayer e visitou o seu interessante laboratório e a interessante fábrica vizinha de "Lewell Carpet Mills". Segundo as anotações de Rebouças, a fábrica empregava "motores a vapor e hidráulicos de 250 cavalos de força".

Da cidade de Lowell, André partiu para Boston. Durante o caminho, observou a vegetação local, deixando para si a necessidade futura de iniciar um estudo sobre a silvicultura[23]. Segundo ele:

> Fiz durante essa viagem uma singular ideia para promover a silvicultura no Brasil; aconselhar os fazendeiros plantar 1.000 árvores de madeira de lei, e legá-las aos seus descendentes com o encargo de não cortá-las antes de chegarem ao valor de 200$000 cada uma e vice-versa nas derrubadas conservarem 1.000 árvores de madeira de lei e procederem no mais identicamente; belo parque à inglesa (REBOUÇAS, 1873, diário pessoal - Vol. 15).

Em Boston, escreveu que viu "um edifício, que deixa bem longe os disparates arquitetônicos de Glasgow; seu estilo é simultaneamente egípcio – dórico – coríntio". Segundo ele, a intenção era conhecer o Instituto Tecnológico local, objetivo cumprido logo ao desembarcar. Também em Boston, Rebouças eliminava sua curiosidade em relação aos aparatos modernos utilizados nas ferrovias americanas, e pode pela primeira vez viajar "nos célebres "Sleeping Cars"". Descreveu que os vagões de dormir

[23] Ciência que se dedica ao estudo dos métodos naturais e artificiais de regenerar e melhorar os povoamentos florestais e que compreende o estudo botânico das espécies, além da identificação, caracterização e prescrição da utilização das madeiras.

possuíam “water-closet, toalete; o serviço era feito por crioulos, que fazem as camas, engraxam os botins, escovam a roupa, etc. como em um hotel”.

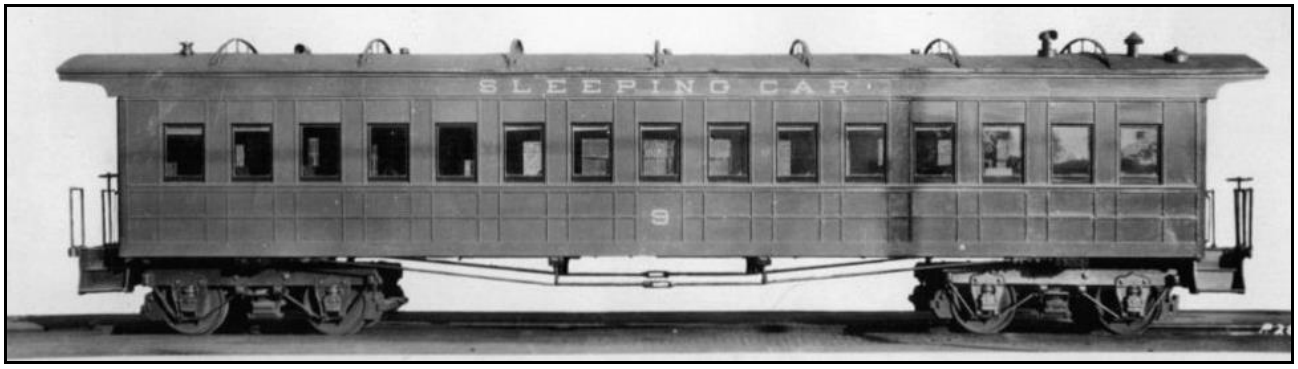


Figura 7 – Parte externa do Sleeping Cars
Fonte: https://www.google.com.br/search?q=sleeping+cars

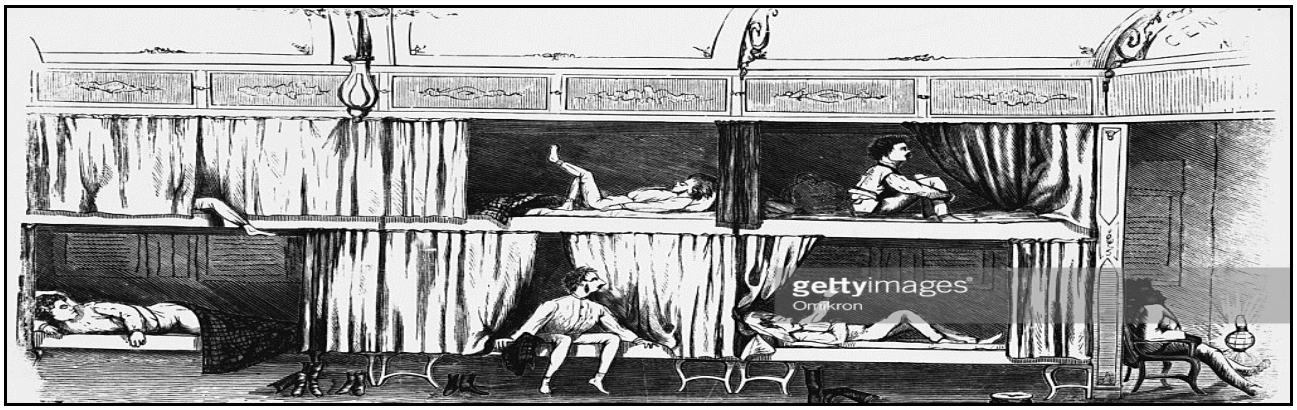


Figura 8 – Parte interna do Sleeping Cars
Fonte:http://www.gettyimages.com/detail/photo/19th-century-sleeping-car-high-res-stock-photography/543369711

A estadia de Rebouças nesses trens revela um rico cenário histórico, envolvendo um homem negro brasileiro, com educação superior, engenheiro, professor, empresário com fluência nas línguas inglesa e francesa, cuja voz sofreu com o silenciamento dentro e fora do Brasil. Na América, coube a Rebouças ocupar os espaços até então pouco frequentados por negros. Com isso, se fazia presente, rompia estigmas e desfazia rótulos específicos que, conforme Gilroy, eram “noções fixas de nacionalidade e identidade nacional”. O exemplo a seguir denota o estabelecimento rotulado do *não lugar* do negro. Conforme descreve André, “como sempre, o trem continha grande número de passageiros os dos carros-salões trajados como para visita e não com a simplicidade dos viajantes europeus; luxo e superabundância de joias nos homens e mulheres”. Enfatiza

que, no dia 14 de junho de 1873, "o trem passou por S. Framingham, Worcester, Springfield, Estfield, Pettsfield chegando às 6 horas da manhã em Albany", ali,

> Às 12 horas 30 minutos estávamos em "Wicca", onde houve uma parada de 20 minutos para refeição; pela primeira vez nesta viagem reclamou o dono do restaurante sobre a minha cor, sendo necessário ao John Lidgerwood dizer a minha nacionalidade; internacionalmente abusava este amigo a cada momento do tratamento de "Doctor" (idem, Vol. 15).

Assim como ocorria no Brasil, os negros causavam desconforto aos brancos quando transitavam por determinados espaços. Em outras palavras, André precisou resistir ao racismo no trem. Ao chegar à cidade da Filadélfia, em 18 de junho de 1873, nada se modificou em relação ao racismo. Informa que, ao hospedar-se no "Bingham – House – quarto nº 136, 2º andar; ainda aí o prejuízo da cor" obrigou-lhe "a fazer a refeição no quarto". Continua narrativa dizendo que, "às 11 da noite estava em Nova York; ainda o prejuízo de cor nos hotéis dificultando achar um aposento a essas horas; afinal dormi com o John H. Lidgerwood no "Stacey House" – 760 – Broadway – quartos números 46 e 47 em um 3º pavimento em forma de mansarda".

Estes episódios reforçam a nossa tese de que a sobrevivência social de Rebouças, em solo americano, só foi possível devido à "blindagem" executada por sua rede de apoio. Esta afirmativa tem por base o fato de que André só conseguiu um local para se hospedar "graças ao prestimoso amigo Rodrigues", que fez "mudar-me para o Fiench's Hotel, opposite the City Hall, quarto nº 263, quarto andar, aposento contíguo ao do próprio".

Chamamos a atenção para o fato de que diariamente Rebouças transcendia os limites étnicos até então estabelecidos. Este processo é que Gilroy denomina de Atlântico Negro, ou seja, a experiência negra pelo Atlântico desconstruiu as especificidades política e cultural do período moderno. Na cidade de Titusville, no estado americano da Flórida, em 16 de junho de 1873, ele relata com um misto de poesia, excitação científica e melancolia com os problemas do avanço tecnológico brasileiro, questionando, sobretudo, a burocracia da política nacional. Ao ter contato com aparatos modernos, escreve que

> A sublime ponte suspensa, dominando esta cena grandiosa. Uma locomotiva de serviço só com o seu tender atravessou lentamente esta maravilha do engenho americano; dir-se-ia uma andorinha percorrendo uma fita estendida entre as azas de uma águia gigantesca! Murmúrio delicioso e redutor; melancólico e sublime! Em 15 minutos 4 trens passaram em todos os sentidos a maravilhosa ponte. Nesse elevador, como em tudo que hei visto, só é de ferro o que é impossível fazer de madeira. Que seja também assim no Brasil, ah meu bom Deus! (idem, Vol. 15).

Em companhia do amigo José Carlos Rodrigues, Rebouças consegue desbravar as inovações tecnológicas com as quais pretendia ter contato. Assim, visita o ""Burning Spring" ou fonte de gás hidrogênio, sulfo-carbonatado; mostram o gás queimando, através de um lenço, em um tubo de 3 centímetros de diâmetro, com uma chama de quase um metro de comprimento"[24]. Minucioso, escreveu que "todas as construções estão em perfeito estado de conservação; tudo pintado e limpo, como se

[24] Em colaboração ao presente estudo, as profissionais: Claudiane Costa Canuto – mestre em Química e Renata da Matta dos Santos – mestre em Processo Químico e Bioquímico desenvolveram a seguinte análise: ainda que abordado dentro da perspectiva científica do séc. XIX, o gás verificado por André Rebouças no fenômeno do "Burning Spring" se tratou de gás natural e não gás hidrogênio. De acordo com Allen et al. (2017), as jazidas de petróleo se formam a partir de processos geológicos, nos quais os sedimentos rochosos, em especial, as rochas sedimentares ricas em carbono orgânico – decorrentes da decomposição de vegetais e animais – são soterradas por outras mais jovens, sujeitando o material da fonte orgânica ao intenso calor, pressão e a ação de bactérias anaeróbicas.

Esta ação transforma a matéria rica em carbono em gás natural e petróleo. Através do fenômeno de capilaridade, os compostos produzidos fluem, mesmo contra a força da gravidade, através das rochas subjacentes até atingirem a superfície ou se acumulam em reservatórios sob o solo (FAURE, 1998).

Neste contexto, os reservatórios consistem em rochas permeáveis, porosas, cobertas por uma vedação impermeável. Durante o processo de migração do petróleo, por apresentar elevada viscosidade, fica delimitado a região particular e o restante do espaço delimitado é preenchido com o gás natural.

Do ponto químico, tem-se por definição, que o gás natural (GN) é uma mistura de combinações entre os átomos de carbono e hidrogênio, convencionalmente classificados por hidrocarbonetos que, a temperatura e pressão atmosféricas ambientes, permanecem no estado gasoso, com predominância de moléculas de metano (CH_4) (SANTOS et al., 2007).

Na prática, o gás natural também apresenta em sua constituição compostos de massa molecular mais pesada, como etano, butano, propano, entre outras. Todos os hidrocarbonetos gasosos também podem ser extraídos do petróleo bruto, a partir de processos de refino, ou do carvão, por meio da gaseificação. Cabe destacar que os gases, oriundos do carvão, foram dominantes e constituíram o nascimento da indústria do gás em várias partes do mundo, incluindo o Brasil, entre os idos de 1700 e 1800 (SANTOS et al., 2007).

Outro aspecto verificado na descrição por André Rebouças é quanto à presença da queima de "forma livre". Tal fenômeno pode ser descrito através de uma propriedade intrínseca ao gás natural. A queima do GN possibilita uma combustão com elevado rendimento térmico (SANTOS et al., 2007), sendo verificada com a iluminação da floresta, transformando-se em ponto turístico e proporcionando alteração na economia local.

fosse o seu dia de inauguração. Taxas em toda a parte; a de 25 cents = 500 réis, proximamente, é a mais geral; é também esse o preço de quase todas as ninharias que aí vendem".

Em outro momento da visita, André se depara com a tecnologia utilizada para extração de petróleo. Escreve que "a descoberta do petróleo ao "Oil-Creek" data de 1858; foi durante a guerra da emancipação que essa indústria atingia ao máximo". No passeio científico pelas instalações, salienta que

> Encontramos excelentes operários e contramestres, que nos fizeram assistir a todas as operações – perfuração dos poços; extração do óleo; depósito nos tanques etc. Um sem número de nascentes de gás hidrogênio carburetado, queimando livremente em tubos de 3" e iluminando a floresta e o Oil-Creek; então o "Burning Spring" do "Niagara" desceu na nossa imaginação às proporções de um brinco de criança! (idem, Vol. 15).

Rebouças não perdia sua visão idealista de ter um Brasil moderno. A esse respeito, escreveu: "haverá, meu bom Deus, um ""oil-creeck" no Brasil? Em Valença, em Porto Seguro, no vale do Tubarão? Onde? Grande vantagem poderá tirar o Brasil importando da Oil- city a Pittsburg "Oil Region". Conjeturou que alguns funcionários americanos, por serem "excelentes operários mineiros", poderiam perfurar "poços artesianos nas províncias do Ceará, Paraíba do Norte e etc." André anotou com cuidado tudo que presenciou de avanços tecnológicos, sempre ponderando que desejava a difusão destes conhecimentos no Brasil. Entendia que o modelo de pensamento arcaico de alguns políticos e intelectuais brasileiros era um fator negativo para a ascensão da indústria nacional e outros ramos do comércio, passando inclusive pelo modelo de ensino adotado à época. Por isso, em seu documento intitulado *Minha Fé de Ofício*, Rebouças, ressaltava a importância da "instrução livre" e o não "sacrifício da administração à política", bem como acreditava nas "expedições científicas" como alicerce para o progresso nacional.

Próximo a retornar ao Brasil, Rebouças utilizou seus últimos dias para completar seu roteiro de estudos, entre as cidades de Franklin e Pittsburgh. No Estado da Pensilvânia, em 17 de junho de 1873, o engenheiro estabeleceu contato com "um contratador de perfuração de poços", que lhe deu "várias notas interessantes, e ofereceu-

se para ir ao Brasil perfurar poços artesianos", em regiões com possível existência de petróleo. Ao relatar outro episódio de racismo, menciona que o trem, ao fazer uma parada de 20 minutos para a refeição "ainda o prejuízo da cor no restaurante", o fez passar o dia como o anterior, ou seja, "sem alimento!". Lamentável, Rebouças havia ficado dois dias sem refeição, nesse sentido, podemos dizer que seu comportamento foi notável. Esse relato evidencia como foi difícil para ele romper as "estruturas do estado-nação e seus limites étnicos" (GILROY, 2001, p.25).

Bom observador, também se reservou ao direito de fazer uma crítica à imaginária igualdade republicana da América (EUA). Em suas palavras,

> Os caminhos de ferro americanos não têm a subdivisão de classes européia; há, contudo, trens para imigrantes, e, algumas vezes, dão passagem aos mais pobres nos carros de bagagem. Os trens de grande curso têm carros-salões e carros-sanitários [...].
> Os americanos com pretensões aristocráticas, distinguem-se pelo rigor do trajar 3 brilhantes ou 3 grandes pérolas no peito da camisa são um característico muito em voga; nas senhoras custosas jóias mesmo na viagem. No entanto, mesmo os mais presunçosos conversam com os criados; dão-lhes o tratamento de "Sir" por vezes; e dizem lhes "beg your pardon" quando cometem alguma inconveniência; é até onde tem podido chegar à prática da tão anelada "Igualdade Republicana" (idem, Vol. 15).

Ao usar ironicamente a frase: "até onde tem podido chegar à prática da tão anelada "Igualdade Republicana", Rebouças confirma as proposições de Gilroy, no que se refere à extrema necessidade de revisitar as experiências negras pelo Atlântico. Antes da partida para o Brasil, em 24 de junho de 1873, o engenheiro finalizou seu trajeto de estudos indo ao "Departament of Doks – Engineer's Bureau – 346 e 348 – Broadway", onde, segundo ele:

> Travou conhecimento com o engenheiro John Mecham. Mostrou-me todos os modelos e desenhos relativos às Docas de Nova York; encomendei-lhe uma coleção de cópias de todos os tipos de cais e pontes, encarregando ao amigo Lidgerwood do respectivo pagamento. Deixei-lhe para várias encomendas 100 libras (idem, Vol. 15).

2.3- O retorno de Rebouças ao Brasil

Em relação à estadia de André na América, é possível dizer que o ambiente racial ali existente criou uma espécie de compartilhamento afeto-intelectual, cuja motivação se deu por meio dos laços de sociabilidade e clientelismo, este último construído através da atuação empresarial de Rebouças ao longo dos anos. Segundo as reflexões de Rebecca Gontijo (2005), as redes de sociabilidade alimentam os *microclimas (*resguardado o uso do termo no campo da literatura), ela acaba por refletir as atividades e comportamentos dos intelectuais, constituindo deste modo um microcosmo particular.

No caso específico de André, essa atmosfera ou microclima antissegregacional se apresentou particularmente hostil em função do racismo americano. Todavia, é inegável destacar que seu intelecto foi um dos aspectos constitutivos para a resolução de inúmeros problemas étnicos que vivenciou fora do Brasil. Gontijo, ao refletir que "a atração, a amizade e os afetos, assim como a hostilidade, a rivalidade e o rancor desempenham um papel importante no mundo intelectual", nos remete à compreensão de que Rebouças foi amplamente atingindo pelo racismo dentro e fora do Brasil, incluindo seus pares comerciais, profissionais e intelectuais. Esse raciocínio conecta-se ao que escreve Sinirelli (2003) acerca da *sociabilidade intelectual*. Segundo o autor, esta se processa na prática que constitui os grupos de intelectuais, nos quais os objetivos e formas de associação por vezes incluem instituições e organizações que facilitam atuação ampliada na sociedade. O modo operante de sociabilidade utilizado por Rebouças era altamente complexo e ramificado, além de sabidamente preconceituoso. Primeiro, em função da profissão, já que, como engenheiro e empresário, estabeleceu contatos dentro e fora do Brasil, seguido da interlocução em rede, que se constituía nos clubes e associações, a exemplo da *Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, Sociedade Central de Imigração, Instituto Politécnico, Sociedade Propagadora das Belas Artes, Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, Confederação Abolicionista,* entre outros. Embora sua atuação em rede nestes espaços ainda careça de uma melhor atenção historiográfica, o fato é que alguns dos seus pares intelectuais eram altamente preconceituosos.

No dia 24 de junho de 1873, André deixava o solo americano com uma significativa "bagagem" intelectual e experiência de combate ao racismo, que usaria durante a campanha abolicionista a partir de 1880. Nutrido de um olhar técnico, descreveu que

> O paquete "Ontario" partiu de Nova York às 4 da tarde.
> O "Ontário" é de 3.451 toneladas; tem duas chaminés; 3 mastros; casco de madeira; movido a hélice; acomodações para 114 passageiros (54 de 1ª classe e 60 de 2ª); disposto como os velhos paquetes ingleses; sala de jantar entre os camarotes e water-closets na popa; como o vapor "São Francisco", em que fui para a guerra do Paraguai em 21 de maio de 1865. O "Ontário" faz 9 a 11 milhas por hora; leva 2.200 toneladas de carvão de pedra para a viagem de ida ao Rio de Janeiro e volta até São Thomas (idem, Vol. 15).

O paquete era um navio rápido e luxuoso, normalmente com seu funcionamento a vapor. As observações de bordo realizadas pelo engenheiro compreendem um importante conjunto de relatos históricos. Estes, por sua vez, nos ajudam a compreender melhor sobre a rotina da elite imperial em finais do séc. XIX. Nesse sentido, André tratou de relatar o perfil de alguns passageiros que saíam dos EUA para o Brasil.

> Entre os passageiros vem um sobrinho do almirante americano Porter, contratado pelo presidente Sarmiento para fabricar torpedos para a República Argentina, e também para o Observatório Astronômico de Córdoba. Seguiam entre eles, os ex-alunos do Harward College – Cambridge – Boston – Frank Hagar Bigelow of Concord (Mass) e Robert Wheeler Wilson of Salem. O diretor do Observatório de Córdoba é também o astrônomo americano Doutor Benjamin Althorp Guild (idem, Vol. 15).

No dia 07 de julho de 1873, o "Ontário" já navegava por águas brasileiras, chegando à província do Pará. Segundo escreveu, hospedou-se "com o tenente Graça no Hotel do Comércio, quarto nº 21. Hospedaram-se no mesmo hotel o professor James Orton e seus ajudantes Henry Walter Webb e Edward I. Frost, excelentes companheiros de viagem". O perfil racial de Rebouças (negro) chamou a atenção de um grupo de americanos, que, habitualmente, não viam negros ocuparem espaços sociais no navio. Rebouças escreveu que "o professor James Orton tinha-me tanta amizade, que me consultava a bordo a todo o momento"; dizendo a um seu compatriota que nunca havia

conversado com uma pessoa que conhecia mais sobre a botânica dos Estados Unidos do que ele. De modo modesto, André completou: “Elogio evidentemente exagerado!”.

Embora tenha recebido os elogios com modéstia, é importante ressaltar que o engenheiro possuía grande fascínio e dedicação por estudos sobre botânica nacional e internacional. De acordo com Santos (1985), André Rebouças escreveu um importante estudo sobre as madeiras do Brasil, devendo a nós abrir um adendo, pois José Rebouças (Juca) também participou desta obra. Além disso, o próprio livro escrito pelo engenheiro, *Agricultura Nacional: estudos econômicos; propaganda abolicionista e democrática*, traz consigo um denso estudo sobre a flora brasileira.

Durante a estadia na Província do Pará, Rebouças comentou:

> A cidade de Belém deve inúmeros embelezamentos ao general Jerônimo Francisco Coelho, o mais prestimoso dos seus presidentes; muitas alamedas de manguezais e palmeiras; as estradas ou largas ruas de São Jerônimo, São João, São José, São Braz, Glória, Príncipe e Princesa; o cemitério, o quartel da Polícia etc. Foi o marquês de Pombal do Pará. Os carros urbanos do Pará são puxados por vapor, uma máquina vertical montada sobre um truck; os trilhos são de sistema vigonolas de pequeno modelo. Para suceder à velha capela de Nazaré, estão construindo uma igreja de pesada e ruim arquitetura; está ainda por acabar, mas já coberta de limo. As cercas no Pará são feitas de maçaranduba e acapú, cuja fibra é venenosa. Visitamos a fábrica de gás, que não prima pelo asseio; tem dois gasômetros de 18 a 20 metros de diâmetro; os lampiões são ainda de pior modelo que os do Rio de Janeiro (idem, Vol. 15).

André foi enfático sobre a carência estética da província. A parte moderna do local atribuía a Jerônimo Francisco Coelho, pelo qual Rebouças tinha profunda admiração. Jerônimo foi engenheiro, jornalista, militar, conselheiro do imperador, presidente das províncias do Pará e do Rio Grande do Sul, ministro da Marinha e da Guerra do Brasil, entre outras funções militares exercidas no séc. XIX. É possível observar que a fala de André vinha carregada de corporativismo, ou seja, ambos, com exceção do envolvimento na política por parte de Rebouças, guardavam semelhanças profissionais no campo da Engenharia e Jornalismo. Ademais, André também havia sido militar servindo ao exército brasileiro na guerra contra o Paraguai.

Quando o navio fez sua parada na Bahia, Rebouças aproveitou para visitar seus familiares. Segundo ele,

> Desembarquei às 9 ½. Visitei as minhas tias Luiza e Ana Rita, já muito velhas e doentes; visitei também a família do finado Rios conselheiro Maurício Rebouças e do tio conselheiro Aranha. Estive, depois, com o correspondente de meu pai Francisco Bruno Pereira para providenciar sobre socorros às pessoas da família e consertar a casa [...]. Tomei um esboço da elevação dessa casa, que Deus me concedera elevar à "Escola Rebouças" (idem, Vol. 15).

Ao que tudo indica, havia, por parte de André e seu pai, o intuito de instalar uma escola no local com o nome da família. Infelizmente não localizamos outras menções acerca da construção da respectiva escola. Repetindo o gesto de solidariedade que realizou ao ajudar economicamente sua irmã Carolina Rebouças Rios, a qual necessitava de apoio para comprar da sua casa, houve, por parte do engenheiro, apoio financeiro aos velhos tios. Em 19 de julho de 1873, André chegava ao Rio de Janeiro.

> Ao meio dia entramos a barra; a uma hora estávamos fundeados junto a ilha das Enxadas. Pouco depois chegou o "Vaporzinho – Stanley Youle" das Docas de Dom Pedro II com os ajudantes Doutor Lopo e Magalhães Castro, os empreiteiros Agostinho, Adriano Mullics e Paim e o escriturário Anglada.
> Desembarcamos, às 3, no cais das Docas de Dom Pedro II e examinamos os movimentos produzidos pelo empuxo do aterro e sub-pressão da vasa. Às 3 ¾ concedia-me Deus a graça de rever o meu bom pai, um pouco mais velho e abatido, a mana Ana Rita e os irmãos Pedro e José. Às 6 ¾ entregava à família do amigo Doutor José Carlos Rodrigues as cartas, que lhes trouxera de Nova York; por um singular acaso era o dia de seu aniversario.
> [...] Ao chegar a casa encontrei os amigos Doutor Melo e Santos, Jones e desembargador Magalhães Castro. Passei a tarde com meu bom pai e os manos em São Domingos, visitando a família do Doutor Veríssimo de Matos, a senhora do Antônio e os filhinhos André e Maria Carolina, e a mana Carolina, com o seu marido Rios e sobrinha Etelvina. Acha-se o Antônio em São Paulo, dirigindo o caminho de ferro de Campinas ao Rio Claro. (Idem. Diário de André Rebouças - Vol. 15).

Esse comportamento zeloso no âmbito profissional reforça o empenho do engenheiro em manter coesa sua rede de clientes. Porventura, escreve que: "à noite visitei o Doutor Herculano Veloso Ferreira Pena, excelente amigo, ao qual deve o Antonio a direção do caminho de ferro de Campinas ao Rio Claro". Um dia depois,

visitou “os amigos conselheiro Otaviano e Doutor Taunay, aos quais se deve a lei de pensão a Carlos Gomes”.

O relacionamento clientelista organizado por André beneficiou amigos e parentes, reforçando sobremaneira as boas comunicações. Ao chegar de viagem, dirigiu-se a Herculano Veloso, inspetor de tráfego da inspetoria do tráfego do caminho de ferro de Dom Pedro II, homem de relativo poder decisório em indicações para cargos nas estradas de ferro da companhia. Dirigiu-se também a Otaviano, este era Francisco Otaviano de Almeida Rosa (político, conselheiro do império, jornalista e poeta). Francisco Otaviano integrou a cadeira de número 13 na Academia Brasileira de Letras, sucedendo Taunay. Otaviano, na ocasião, atuava como senador e recebeu de Rebouças um pedido de ajuda para auxílio financeiro no exterior a Carlos Gomes. Foi André quem batizou, neste mesmo ano (1873), Carlos André Gomes, filho do maestro Carlos Gomes. O bebê recebia o nome Carlos em homenagem ao próprio pai e André, devido aos laços de amizade que nutria com Gomes.

Os problemas econômicos de Gomes tornaram-se sérios e logo seu amigo e compadre Rebouças tomou para si a difícil tarefa de buscar uma pensão junto ao governo imperial. André se dedicou com afinco para buscar o respectivo benefício para o amigo. Esta ação colocava a prova seu arsenal intelectual para persuadir políticos e o próprio Imperador em favor de Carlos Gomes. A relação entre Rebouças e Carlos Gomes é um capítulo parte na historiografia nacional, isso porque Gomes e outros artistas brasileiros tiveram dificuldades artísticas devido às tensões sociais e econômicas em finais do séc. XIX. André também menciona que buscou apoio financeiro em benefício do flautista Joaquim Antonio da Silva Callado Júnior, amigo da família Rebouças. Articulou-se igualmente buscando recursos para o maestro Henrique de Mesquita, que, em novembro de 1873, desejava ir à “Itália acompanhar as glórias do Carlos Gomes”. Estes contatos se articulavam, em sua maioria, por meio da *Sociedade Propagadora das Belas Artes*.

Seguindo com a identificação dos indivíduos ao redor do engenheiro, estava Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay, político, nobre, escritor e engenheiro militar. Foi ele um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e, assim como André e Otaviano, também havia atuado na guerra contra o Paraguai. A intimidade entre

estes indivíduos explica sensivelmente o perfil intelectual daqueles que integravam os salões imperiais.

Rebouças articulava um trabalho em rede, no qual unia clientelismo a intelectualidade. Nesse sentido, segundo ele, escreveu cartas "também para Campinas ao Antonio e para Nova York aos amigos Doutor Rodrigues e Lidgerwood; cartas de recomendação para o Doutor Pena aos amigos Charles Neate, Frederick Youle e Jonathan Brandon de Londres, e Charles Rabeau de Paris". Havia, por assim dizer, um tráfego de clientelismo em duas vias. Ao indicar Pena, que também era engenheiro, André retroalimentava sua rede expandindo seus negócios. Assim, é possível compreender que Charles Neate era um importante engenheiro inglês, que fechou sociedade com Rebouças na Companhia das Docas da Alfândega e D.Pedro II. Frederick Youle era irmão de Stanley Youle, se tornou amigo e sócio de André na empresa das Docas Dom Pedro II. Jonathan Brandon buscava negócios no Brasil junto aos seus compatriotas. Charles Rabeau era um jovem empresário atuante na Lecomte & Companhia de Paris, ele e Rebouças estudaram juntos no Colégio Kopke, em Petrópolis. Rabeau estava avaliando investimentos em sociedade no Brasil.

No dia 22 de julho de 1873, André escreve que "ao anoitecer estive na Sociedade Auxiliadora em sessão especial sobre a construção do seu edifício." Completa informando que visitou "depois o velho amigo Doutor Correia de Sá, reitor do Colégio de Dom Pedro II, e a família do conde da Estrela, cuja senhora tem estado doente". Na prática, estas visitas representavam a manutenção das relações sociais de Rebouças. O fortalecimento dos laços com Correia de Sá seguia uma lógica de interesse duplo. Havia o interesse profissional de Rebouças com o colégio, já que buscava se tornar professor. Por outro lado, seu irmão Juca ainda era aluno da instituição, logo manter um bom relacionamento com o reitor poderia ajudá-lo caso houvesse algum problema com seu irmão mais novo. Quanto ao Conde da Estrela (Joaquim Manoel Monteiro), este era o Diretor da Companhia das Docas Dom Pedro II, naturalmente como sócio, André buscava informações sobre a empresa em função dos seus investimentos nela.

André não era um sujeito de elegante cortesia por acaso. Suas ações não estavam desconexas do que se praticava na sociedade imperial. O próprio barão de Cotegipe, certa vez, disse que "não se faz política sem bolinhos". Autores como Alencastro

(1997), Pinho (2004), Schwarcz (2012) e Carvalho (2012) discutem como a rotina social brasileira se construía a partir de cortesias, festas, bailes, jantares e reuniões, cuja inspiração vinha da Europa. Segundo Shwarcz (2012, p. 115), "com ou sem imperador a sociedade carioca experimentava as maravilhas da convivência social e fazia dos trópicos o último grito da moda parisiense". Grandes escritores como José de Alencar e Machado de Assis escreveram críticas contra a elite imperial, devido ao estilo de vida baseado no modelo europeu. Na introdução do seu livro *Salões e Damas do Segundo Reinado*, Wanderley Pinho ressalta que "num salão esmeram-se várias artes: a de receber ou preparar um ambiente de cordialidade e espírito; a de entreter a palestra ou cultivar o 'humor'; dançar uma valsa ou cantar uma ária; declamar ou inspirar versos, criticar com graça e sem maledicência (2004, p; 11).

De acordo com Schwarcz (op,cit. p. 110), "a cidade fluminense, sede da corte, passará a funcionar como um pólo centralizador e difusor de hábitos, costumes e até linguagens para todo o país, além de se transformar no cenário principal em que se desenrolava a dramatização da vida social da *boa sociedade*. Seguindo estes exemplos, é possível compreender que Rebouças era fruto desta elite imperial e, como tal, executava os mesmos mecanismos da boa convivência. Certamente, suas ações eram calculadas no sentido de garantir as boas relações com pessoas cujos interesses familiar, político, intelectual e empresarial eram mais frutíferos do ponto de vista econômico.

A chegada de Rebouças ao Brasil também chamou a atenção de D. Pedro II. O encontro com D. Pedro II aconteceu em 25 de julho de 1873. André planejou falar sobre diversos assuntos, entre os quais estavam os ligados à ciência e a pensão destinada a Carlos Gomes. De acordo com seu diário,

> Às 11 horas estávamos juntos no gabinete, que precede os aposentos de Sua Majestade a Imperatriz.
> Conferência com o imperador. Descrevi-lhe a viagem a Portugal, e aos Estados Unidos; a Exposição de Viena, demorando-nos muito tempo na discussão das memórias do engenheiro Louis Barret de Marseile sobre a construção de Docas de Dom Pedro II; tudo à vista de desenhos, mapas e os meus cadernos de notas. Impressionou ao imperador os estudos para a nova indústria da restauração de ferro. Conversamos sobre a instrução pública nos Estados Unidos; ficou de mandar realizar a idéia de reduzir o novo teatro do Pará para salão de leituras e cursos públicos noturnos. Conversamos também sobre o Carlos Gomes, o pianista Itiberê, adido em Berlim, e o pintor Zeferino de Roma. Ficou de falar aos ministros em favor das Docas de Dom

> Pedro II; isenção de décimas urbanas dobradas; embarque de café e prolongamento até o Arsenal de Marinha.
> A conferência durou até 1 ½ da tarde (idem, Vol. 15).

Deste encontro, extraímos um recurso muito utilizado por Rebouças ao conversar com pessoas de grande relevância política no Império. Sabedor da pauta a ser discutida, no decorrer das conversas, sempre buscava criar meios para introduzir suas propostas de caráter reformador. Na conversa com o Imperador, levantou a ideia de se organizar cursos públicos noturnos, direcionados ao aperfeiçoamento educacional e técnico para a grande de massa de negros e imigrantes.

No capítulo seguinte, apresentamos o mapeamento das ligações intelectuais executadas por Rebouças nos clubes e associações dentro de fora Brasil. Nossa pesquisa identificou que, em muito desses espaços, André atuava como um dos principais protagonistas intelectuais. Não por acaso, seu nome aparece como fundador, sócio fundador ou membro permanente de decisões em alguns desses espaços, a exemplo da *Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional*, *Sociedade Central de Imigração e Instituto Politécnico.* Essa importância e notoriedade faz parte do nosso conjunto argumentativo, o qual defende que Rebouças foi um dos mais importantes intelectuais do seu tempo.

CAPÍTULO 3 – AÇÃO POLÍTICA, INTELECTUALIDADE E O MAGISTÉRIO NA PERSPECTIVA DE ANDRÉ REBOUÇAS

Neste capítulo, discutimos algumas perspectivas que abarcaram a luta de Rebouças por espaço social e profissional no império brasileiro em finais do séc. XIX. No que se refere ao aspecto da ação política, tecemos uma análise dos recursos utilizados pelo engenheiro para manter-se ativo na sua rede de sociabilidade, incluindo, obviamente, seu círculo clientelista.

Em relação à intelectualidade, observamos seus recursos intelectuais para manter-se ativo quanto à produção de conhecimento teórico e de prática profissional, no momento em que buscava sua aprovação no magistério público. Quanto ao racismo e educação, apontamos como a questão racial esteve presente na trajetória de André como professor, verificando seu impacto sobre o projeto social que idealizava, pois entendia que o ensino de nível técnico e a especialização profissional seriam a base para uma mudança de caráter socioeconômico no Brasil. Segundo ele, democratizando a atividade rural e universalizando o ensino primário, secundário e técnico entre a população degradada, seria possível pensar um país mais moderno, industrial e forte economicamente.

Vale ressaltar que Rebouças não enxergava o atraso social brasileiro dissociado da escravidão. Para ele, o modelo escravista era o grande responsável pela paralisação econômica do país. Assim, entendia que os governantes do Império possuíam total responsabilidade pelo retrocesso nacional em comparação a Europa e a América.

3.1- Ação Política

As fontes históricas sobre André Rebouças evidenciam a associação entre atuação política e intelectualidade. Embora pareça confuso, vale explicar que a grande maioria dos espaços frequentados pelo engenheiro possuía uma vertente direcionada a

ciência ou divulgação artística, o que lhe rendia quase sempre a confecção de textos abordando os mais variados assuntos.

Optamos por separar ação política de intelectualidade, para assim mostrar ao leitor o material lido por André entre os anos de 1870-76. Alertamos que foi preciso desconsiderar os incontáveis artigos de jornais, uma vez que, no escopo temporal dessa pesquisa, não houve tempo hábil para realizar a identificação.

O mapeamento em seus diários indicou uma significativa ação política nos bastidores da elite imperial. Este levantamento nos permitiu identificar contatos políticos, profissionais e sociais com aproximadamente 643 indivíduos. Essas articulações dedicavam-se, em grande parte, ao trabalho político de persuadir integrantes do governo (Ministros, Deputados e o Imperador D. Pedro II), com o intuito de torná-los apoiadores do seu programa de reforma social e ensino técnico. Na outra ponta, seus contatos intelectuais e conexões profissionais serviam para fomentar a sua própria sobrevivência econômica. Segundo José Murilo de Carvalho (2003), em meio ao complexo jogo de influência social e política do Império, os viscondes, condes e marqueses possuíam maior representação do que o título de barão. Deste modo, a tabela abaixo mostra as denominações das pessoas conforme Rebouças as descreveu. Do montante identificado, separamos os 339 indivíduos com maior influência política e profissional. Condensamos em dois grupos – nacionais e internacionais – os empresários e engenheiros.

Tabela 1 - Ação Política de André Rebouças entre os anos de 1870 a 1876

Posição social dos indivíduos	Nº de contatados entre 1870 a 1876
Ministros	35
Políticos (Senador/Deputado/Vereador)	62
Nobres	4
Empresários e engenheiros nacionais	123
Empresários e engenheiros internacionais	72
Magistrados (Desembargadores)	5
Banqueiros	14
Diplomatas	6
Professores	18
TOTAL	339

Fonte: Diários Pessoais de André Pinto Rebouças de 1870 a 1876.

Atuante entre a elite imperial, mas sem explicar o desejo de assumir cargos no Estado como deputado, senador ou vereador, Rebouças manteve um intenso convívio com pessoas de grande prestígio na Corte. Resguardados os diversos episódios de racismo dos quais foi vítima, nos parece que o fato de se tornar um político profissional não o seduzia. Basta lembrar que seu pai foi deputado pela província da Bahia e Conselheiro do Império, se tornando, ao longo da vida, um político bastante respeitado, principalmente na luta contra a escravidão. Nossa conjectura supõe que André não nutria interesse intelectual pela rotina política de um governante, muito por não acreditar no caráter daqueles que dirigiam o país. Por diversas vezes, reclamou, em seus diários, sobre o trabalho extenuante de seu pai enquanto este se dedicou à política pública. Por essas razões, acreditamos que André via, na política de bastidores, um modelo menos desgastante de se fazer política, o que, na prática, não aconteceu.

Manteve uma sólida articulação com pessoas de grande expressão política na corte, tais como José Maria da Silva Paranhos (Visconde de Rio Branco), Joaquim José Rodrigues Torres (Visconde de Itaboraí), príncipe Conde D'Eu e o imperador D. Pedro II. Nos diários de Rebouças de 1870, consta que o engenheiro entregou pessoalmente a estes indivíduos seu programa educacional, no entanto, as fontes revelam o seu insucesso político nesta articulação. Encontramos uma correspondência trocada entre André e Conde D'Eu em 1869-70, cuja localização deu-se nos arquivos do Museu Imperial. Na carta, André pedia uma intervenção de Conde D' Eu junto a Câmara dos Deputados, com a intenção de evitar que seu projeto se perdesse durante a tramitação e nos meandros burocráticos da câmara dos deputados. O engenheiro ressaltava que a intervenção, inclusive, poderia partir do Imperador. Conde D'Eu só respondeu a carta de André em 1883. Na ocasião, o príncipe pedia desculpas por não ter dado a devida atenção ao projeto entregue pelo engenheiro.

Este fato torna-se bastante significativo do ponto de vista das intervenções burocráticas e interesses difusos do alto escalão do Império, pois uma resposta só foi dada 13 anos depois. Rebouças remeteu a carta em 1870 e só obteve retorno em 1883. Além disso, seu projeto realmente não foi bem acolhido pela Câmara dos Deputados. De imediato, sofreu diversas interrupções e cortes de artigos durante o processo de tramitação. Nossa apuração indica que o programa de reforma social de André não foi bem aceito pelos deputados, daí o profundo silenciamento tanto das fontes, como do

engenheiro. Mais adiante, vamos nos dedicar à organização das principais ideias do programa de educação e reforma social, mostrando paralelamente, como se processou o seu desmantelamento junto a câmara dos Deputados.

Retomando a discussão sobre as interlocuções estabelecidas por Rebouças, é possível verificar que, embora represente 1% dos contatos realizados, os nobres estavam diretamente ligados à família imperial, com especial atenção ao Imperador D. Pedro II, cuja amizade com André se estreitou ao longo dos anos. Dos demais contatos, 10% foi constituído de ministros, 18% de políticos (senador, deputado e vereador), 57% de empresários e engenheiros nacionais e internacionais, 1% de magistrados, 4% de banqueiros e 2% de diplomatas. Estes dados reforçam nossa defesa de que Rebouças executou estrategicamente a política de bastidores. Não obstante, os 30% de contatos de engenheiros nacionais e estrangeiros e os 5% de professores evidenciam sua inclinação técnica e intelectual por pessoas ligadas ao universo científico, em especial a engenharia. Esses indivíduos se disseminaram intelectualmente em diversas frentes de contatos, atuando como jornalistas, integrantes de clubes e associações de caráter científico, além de redatores de revistas técnicas e professores de instituições técnica pública (Escola Politécnica).

3.2 Intelectualidade

Na tabela abaixo, registramos o envolvimento do engenheiro com alguns centros de divulgação do conhecimento científico, técnico e artístico.

Tabela 2 – Atuação intelectual de André Rebouças em clubes e associações entre 1870 a 1876

Sociedades/Clubes	Articulação no Império	Ano	Ocupação de André Rebouças
Sociedades Protetoras dos Emancipados	Libertação e educação de escravos e imigrantes	1870	Sócio Fundador
Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional	Desenvolvimento da indústria nacional e educação técnica	1870	Sócio/membro da comissão de redação em 1872

Sociedade Central de Imigração	Defesa da imigração europeia e interesses nacionais	1870	Sócio/participação na produção de artigos
Instituto Politécnico	Promoção da engenharia nacional	1870	Sócio/1º membro da comissão de redação em 1872
Ateneu Central	Promoção de exposição Artística	1870	Sócio
Sociedade Propagadora das Belas Artes	Promoção de exposição Artística	1870	Sócio/membro do conselho em 1872/ comissão de redação em 1874
Sociedade Amante da Instrução	Promoção do ensino técnica e interesses empresariais	1870	Sócio
Sociedade Velosiana	Divulgação das ciências naturais	1870	Sócio
Sociedade do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro	Divulgação de Ciências, Letras, Artes etc	1870	Sócio
Associação Comercial	Promotora dos interesses comerciais nacional	1870	Sócio
Club Mosart	Divulgação musical	1871	Sócio
Liceu de Artes e Ofícios	Divulgação das letras, artes e ofícios	1872	Sócio
Sociedade de Aclimação / Associação Brasileira de Aclimação / Revista Agrícola do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura (RJ)	Promoção da agricultura e jardins botânicos	1872	Sócio Fundador/participação na produção de artigos
Societá Geográfica Italiana	Promoção dos estudos geográficos	1875	Sócio Honorário
Associação dos Engenheiros Civis Portugueses	Promoção da engenharia em Portugal	1875	Sócio Honorário
Clube Literário Curitibano	Divulgação das Letras e Artes	1875	Sócio Honorário

Fonte: Diários Pessoais de André Pinto Rebouças de 1870 a 1876.

É importante observar que Rebouças participava ativamente das seções que ocorriam nestes espaços. Podemos afirmar com absoluta certeza de que o envolvimento profissional, político e intelectual do engenheiro nestes locais possuía um lugar de destaque, situação que não o isentava de sofrer ofensas raciais.

Uma evidência significativa quanto ao lugar de notoriedade ocupado por André Rebouças nestes ambientes de difusão intelectual ocorreu no ano de 1878, quando os integrantes do Instituto Politécnico discutiam o grave problema da seca que atingia as províncias da Região Norte[25], cujas informações davam conta de mortes provocadas pela estiagem. O objetivo do encontro era apresentar soluções técnicas e implementar se

[25] No início do séc. XX (entre os anos de 1913 a 1943), o Brasil passou por algumas mudanças nos nomes das regiões, Estados que antes integravam a Região Norte foram reposicionados na região Nordeste. O processo de organização territorial se intensificou em 1936, com a criação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

possível o chamado *Plano Gabaglia*, título em homenagem póstuma a Giacomo Raja Gabaglia, o qual elaborou estudos sobre reflorestamento, estradas e construção de açudes. Gabaglia foi integrante da Comissão Científica de Exploração remetida ao Ceará em 1859. Suas pesquisas possuíam grande consistência técnica, por essa razão seria utilizada como suporte factível para solucionar os problemas ocasionados pela seca.

De acordo com ata da reunião, os engenheiros ficaram incumbidos de elaborar um plano para as áreas atingidas pela estiagem, levando em consideração propostas que contribuíssem para o desenvolvimento econômico dos locais atingidos pela falta de chuvas. Dois engenheiros que se conheciam de longa data, Manuel Buarque de Macedo e André Rebouças, tomaram a dianteira do encontro, presidido na ocasião por Conde d'Eu. Manuel Buarque de Macedo, ao responder um questionamento sobre a necessidade de se realizar estudos mais sérios sobre o assunto, sugeriu o seguinte:

> Proponho que o Instituto Politécnico represente ao Governo Imperial sobre a conveniência de se construírem quanto antes no interior da Província do Ceará represas nos rios, e açudes nas localidades que para este fim forem mais apropriadas ao abastecimento de água no mesmo interior; e de fazer executar, por si ou por uma companhia, a estrada de ferro de Baturité; e bem assim mandar estudar as medidas indicadas pelo finado Dr. Gabaglia ou quaisquer outras que forem complementares das primeiras, para serem oportunamente apresentadas ao Poder Legislativo que melhor resolverá em sua sabedoria
> (REVISTA POLITÉCNICA – *Ata da sessão do Instituto Politécnico*, de 18 de outubro de 1878, p. 28).

A empresa do que trata Buarque de Macedo refere-se ao caminho de ferro da Paraíba, São Paulo ao Rio de Janeiro e Ceará (de Fortaleza a Baturité). Rebouças pediu a palavra logo em seguida, declarando apoio ao colega Manuel Buarque de Macedo. O engenheiro reconheceu a importância da reunião, mencionando que o elevado grau de necessidade do encontro não podia terminar sem que se votasse uma representação aos poderes competentes. Interessante notar que André foi a referida assembleia munido de um mapa (figura que segue abaixo), contendo a região flagelada pela seca. Aliás, cabe esclarecer que Rebouças tratou deste assunto no *Jornal do Comércio*, e, na compilação dos textos, foi publicado o livro: *A seca nas províncias do norte*, em 1877. É possível

verificar nesta obra o perfil de reformador social do engenheiro. Sua inquietação estava direcionada para as prioridades da região. Destacou que o governo deveria com a máxima urgência socorrer os flagelados. Seus cálculos estimavam números acima dos dois milhões de pessoas carecendo de auxílio, destacando que era uma questão de caridade e um dever constitucional do Império cuidar das pessoas desamparadas.

No que se refere ao mapa, Rebouças esclareceu que "colorido em verde" estava a "faixa que sempre conserva água e vegetação: tem cor amarela a superfície absolutamente em seco". Descreveu que estavam marcados em "preto as povoações onde, nas últimas datas, em agosto e setembro de 1877, já se morria de fome".



Figura 9 – Mapa da região flagelada pela seca de 1877
Fonte: Biblioteca Nacional – acervo digital

O engenheiro conclui sua fala informando que:

> Hoje, 30 a 60 dias depois, quem tinha que morrer, morreu; outros arrastaram-se semi-nus, febris e famintos até a zona de vegetação perpétua.
> Assim é que o próprio rigor do flagelado tornou mais praticável socorrer de pronto as vítimas da seca, os retirantes, como expressivamente dizem os homens do norte.
> Nem por isso o problema deixa de ser momentoso e digno da máxima devoção de todos os brasileiros.
> Segundo as opiniões mais autorizadas, ainda que neste momento esteja chovendo no Ceará tão abundantemente como no Rio de Janeiro – o que Deus permita –, são necessários quatro a seis meses antes que se tenha colheita de milho e feijão, isto é, das plantas alimentícias mais precoces.
> Assim, pois, o problema de máxima urgência a resolver se pode resumir nestes termos:
> – Dar aos retirantes abrigo, alimentos, cuidados médicos, trabalho e salário durante quatro a seis meses.
> Já foi demonstrado que o número de retirantes orça de um a dois milhões, algarismos que dão perfeitamente a medida da importância das providencias a tomar (idem, 1878, p.30).

A fala de Rebouças procurou de provocar as autoridades quanto à tomada de decisão em função da emergência que assolava a Região Norte. Destacamos que este episódio compõe uma pequena fração do envolvimento de Rebouças nestes espaços de discussão, nos quais alguns não se abstinham dos dramas sociais. Também há que se perceber que a congregação destes indivíduos apresentava uma conexão nos moldes do que Jean-François Sirinelli denominou de "*sociabilidade intelectual*". A prática que constitui os grupos de intelectuais, cujos objetivos e formas de associação por vezes inclui instituições e organizações que facilitam atuação ampliada na sociedade (SIRINELLI, 2003). Essa movimentação intelectual dispunha de ramificações clientelistas, políticas e familiares que facilitavam a movimentação de Rebouças na sociedade. Nos clubes e associações, o engenheiro agia como um mediador cultural ou intelectual mediador, isto é, aquele que contribui para a difusão e vulgarização da criação artística e literária do progresso do saber (SIRINELLI, 1998). É justamente nestes espaços que ele atuou diversificando sua atuação intelectual, ora com a organização de um centro de luta abolicionista na Escola Politécnica, ora produzindo artigos científicos para a Revista de Engenharia na mesma instituição. Ao trabalhar pela divulgação artística na Corte, Rebouças movimentava sua complexa rede de clientes,

amigos e profissionais, no sentido de permanecer entre a elite imperial. Paralelamente, seus negócios com empresários e engenheiros nacionais e internacionais acirravam o clima de disputa profissional. É possível também que, nestes locais de divulgação artística, André buscou recursos financeiros em apoio a pintores e músicos brasileiros. Desse movimento, surge o convívio pessoal com o maestro Carlos Gomes, que, no início de carreira, precisou de auxílio financeiro do governo para manter-se fora do Brasil.

Essa solidariedade intelectual direcionada a Carlos Gomes utilizando sua extensa rede de amigos, clientes e políticos representa a complexa dimensão do envolvimento de Rebouças no seio da elite imperial. Sua intelectualidade sempre esteve direcionada para ampla divulgação das recentes descobertas científicas pelo mundo. Escreveu no documento intitulado *Minha fé de ofício*, que trabalhou e buscou sempre criar no Brasil centros de ensino fundamentado no que de mais moderno havia na Europa e América. Também exaltou o melhor "desenvolvimento da ciência nacional", entendendo que este era o caminho para termos um Brasil "sem ignorância".

Retomo a discussão, inspirando-me em Sirinelli, com o intuito de entender o que é ser um intelectual? O autor esclarece que não é tão fácil estabelecer um conceito fechado e definitivo para a palavra, no entanto, ao se aventurar nesta difícil tarefa, Sirinelli ressalta que inicialmente é possível pensar em duas acepções para o termo. Primeiro, observando o caráter mais amplo e sociocultural que abrange os criadores, ou seja, todos os que "participam na criação artística e literária, ou no progresso do saber" (SIRINELLI, idem, 1998, p. 261), e também os "mediadores culturais, categoria composta pelos que contribuem para difundir e vulgarizar os conhecimentos dessa criação e desse saber". A segunda acepção, de caráter mais restrito, refere-se à noção de engajamento na vida da cidade como autor, por meio da intervenção do intelectual em questões que lhe legitime ou privilegie, tomando-as a serviço das causas que defende.

É justamente sobre este último que trago ao leitor uma tabela contendo as bibliografias lidas por Rebouças entre os anos de 1870 a 1876. Esta relação foi construída seguindo as pistas de leituras realizadas pelo engenheiro. Era o costume de André ler ao mesmo tempo mais de uma obra. Assim, atentamos se houve prosseguimento ou não nas apreciações dos livros. Mantivemos a ordem das leituras conforme foram postas em cada ano. Por último, estabelecemos o critério de

desconsiderar os jornais e artigos avulsos lidos pelo engenheiro, uma vez que não obtivemos com fidelidade seus conteúdos e origem.

Tabela 3 – Leituras realizadas por André Rebouças entre os anos de 1870 a 1876

AUTOR	LIVRO	CONTEÚDO
ANO 1870		
Cândido Batista	Sistema Financial do Brasil	Economia
Alexander von Humboldt	Cosmos	Científico
Eduardo de Moraes	Navegação interior do Brasil	Técnico
Reonce Reynaud	Arquitetura	Técnico
Gracff	Memória sobre reservatórios	Técnico
Delaunay	Mecânica	Técnico
Philippe Gauckler	Movimento da água nos tubos	Técnico
Louis Reyband	Les Reformateurs	Político
Bartherlony	Garantia de Juros	Técnico
ANO 1871		
Taislie	Caminhos de ferro estreitos	Técnico
Barthélémy Chantepie	Travaux publics	Técnico
Garrett	Frei Luís de Souza	Drama
Edouard Laboulaye	Discours Populaires	Político
V. Schaelchr	Abolition de l'esclavage	História
Fénelon	Philosophes de l'Antiguité	Filosofia
Victor Hugo	Ruy Blas	Drama
Tavares Bastos	O Vale do Amazonas	Político
Moussy	Navegação do Alto Uruguai	Técnico
Edmond Roy	Chemins de fer d'interêt local	Técnico
Reyband	Visconde de Bentham	Político
Alphonse de Lamartine	Entretien du Cours de litterature	Literatura
	Litterature de la Chine	
	Entretien sur Dante	
	Biografia de Petrarca	
Mr. C. Hippeau	Instrução nos Estados Unidos	Pedagógico
Ferreira Soares	Estatística do Brasil	Técnico
Ernest St. Edme	Telegrafia	Técnico
José de Alencar	O Guarani	Romance
Basbytonia	Tradução: Salmo CXXV dos votos dos cativos	Religioso
Francisque Sarcey	Siège de Paris	História
ANO 1872		
Abade Barthelemy	Voyages d'Anachareis	Político

Vigário Padre Gay	Missões jesuíticas do Paraguai, Corrientes e Guaíra	História
Edmond About	Le Progrès	Político
M. Stéphane Flachat	Travaux Publics de France	Técnico
Louis Figuier	Les Merveilles de la science	Científico
Auguste de Saint-Hilaire	Voyages dans l'intérieur du Brésil	História
R. Mupiz	Favor e Travos	Romance
Doutor Saldanha da Gama	Memória sobre o pinho do Paraná (Araucária brasiliana)	Técnico
Julien François Turgan	Description du Creusot	História
Figuier Louis	Les Grandes Inventions	Científico
Charles Reade	Put yourself in his place (Coloque-se em seu lugar)	Romance
José Palmella	A Aristocracia do Genio Belleza Feminil na Antiguidade	Literatura
Júlio César Machado	Do Chiado a Veneza	Crônicas
Alexandre Dumas	Monte Cristo	Literatura
Sir Edward Bulwer Lytton	The Last Days of Pompeii	Romance
Vitor Hugo	Misérables	Romance
Adolphe Bobierre	Revista Científica	Científico
Rienzi	The last of the Roman Tribunes	Político
Eduard Laboulaye	Paris en Amérique	Político
Temístocles	Metastasso	Filosofia
Padre Seechi	Sugli Epettri Prismatici de Corpi Celesti	Científico
Padre Seechi	Descriscione Del Meteroegrafo delle Oservatorio Del Collegio Romano	Científico
ANO 1873		
William Shakspeare	Cleópatra	Peça Teatral
Victorien Sardou	Rabagas	Político
Desconhecido	Guia de Nápoles	Guia de Viagem
Mr. Monnier	Pompei a les Pompeions	História
Duma Pai	Teresa	Drama
George Gordon Byron	Lara	Romance
Paolo Montegazza	Enciclopédia de higiene popular	Científico
Desconhecido	Scientific American	Científico
Antônio Madureira	Guerra do Paraguai	História
Ossian	Nina e Colan	Poema
Giovanni Capellini	**Obra não informada**	***
C. E. Spooner	Narrow Gauge Railways	Técnico
C. Oppermann	Annales de La Constrution	Científico
Alexis de Tocqueville	Democratie en Amérique	Político
ANO 1874		
Henry Morford	Morfords Short Trip Guide to América	Guia de Viagem
Harriet Becher Stowe	Uncle Tom's Cabin	Romance
Horace Greeley	The American Conflict	História

Brigadeiro Cunha Matos	Memória sobre a província de Goiás	História
Desconhecido	Exposição em Viena do Corpo de Pontes e Calçadas	Técnico
Hugues F. R. de Lamennais	Le Peuple	Político
Schoffner	The Coffe – Trader	Técnico
Friedrich Schiller	Joana d'Arc	Drama
Diversos autores	Revista dos engenheiros de Portugal	Técnico
Couto de Magalhães	Selvagens do Brasil	Antropologia
ANO 1875		
	Constitution of the U. States	Político
John Bigelow	Life of Benjamin Frankiln - written by Ihimself – Philadelphia	Político
Sílvio Pellico	Deveres do Homem	Literatura
Mr. Mongeon Quetigny	Apicultura	Técnico
ANO 1876		
Lucas, o Evangelista	Ato dos Apóstolos	Religioso

Fonte: Diários Pessoais de André Pinto Rebouças de 1870 a 1876.

O trabalho de catalogação entre os anos de 1870 a 1876 identificou aproximadamente 81 livros que André mencionou ter lido. Este aspecto literário demonstra o empenho intelectual de Rebouças. Para esta pesquisa, nos interessa analisar a relação entre as obras em questão e o momento de interação social e profissional vivido por Rebouças dentro e fora do país, seja participando de clubes e associações científicas, seja dialogando com professores, cientistas e engenheiros internacionais. Dentro desse contexto, foi possível perceber que suas escolhas literárias seguiram um padrão uniforme com 21 livros técnicos, 12 com conteúdo político, 9 com abordagem científica e 9 com contorno histórico. Essa movimentação literária segue as perspectivas profissionais de André dentro e fora do Brasil, isso porque precisou manter contatos especificamente técnicos, ou que chamou de "travar conhecimento" com brasileiros e estrangeiros.

Essa conjuntura marca circunstancialmente os anos de 1870-71. Neste período, Rebouças concluiu as bases do seu programa de reforma social, no qual optou por leituras com estrutura de pensamento liberal, incluindo um conteúdo sobre abolição da escravidão e outro relacionado ao sistema financeiro nacional. Consequentemente, sua escolha por livros mais técnicos mantinha intencionalmente propósitos profissionais, bastando lembrar que, em 1871, ele e seu irmão Antonio Rebouças foram os engenheiros escolhidos para solucionar o problema da crise hídrica na Corte.

Em 1872, André partiu para sua segunda viagem internacional passando pelos Estados Unidos da América e Europa. Neste período, encontramos leituras com conteúdos bastante diversificados, tais como romance, filosofia, política e ciência. Um dos motivos para essa diversidade literária eram as longas viagens de barco. Notamos também que, em algumas ocasiões, o lugar a ser visitado influenciava diretamente em sua leitura. Nesse sentido, antes de entrar em contato com cientistas, professores e inventores, Rebouças já havia lido previamente, por exemplo, o livro *Les Grandes Inventions* (As grandes invenções) e *Les Merveilles de la science (*As maravilhas da ciência*)*, escritos por Louis Figuier. Este autor francês atuava como cientista e escritor. Além disso, possuía uma forte inclinação racista. Evidentemente que, para Rebouças, importava mais o conteúdo da obra, do que o alinhamento racial de Figuier.

Ainda em 1872, houve, por parte do engenheiro, a leitura de três obras internacionais com conteúdo histórico-científico, além de outros cinco livros exclusivamente científicos. Este aspecto indica-nos um norte intelectual muito bem organizado pelo engenheiro, determinando, sem dúvida, seu itinerário profissional e social quando esteve na Europa e na América. Em 1873, já muito próximo de terminar sua viagem, contabilizamos a leitura de mais três livros de caráter científico. Notadamente, o contato com intelectuais de matizes diferentes lhe exigiu atualização contínua, principalmente nas áreas técnicas e de conhecimento científico.

Entre os anos de 1874 a 1876, Rebouças preservou instigantemente suas predileções por temas mais abertos como romances, dramas, poesias e religião. Rotineiramente lia os textos originais em inglês e francês e, ao que percebemos, André preferia traduzir seus livros, separando cuidadosamente os trechos que julgava relevante. Esse perfil detalhista se refletia em seus textos, isto é, procurava sempre fazer um apanhado histórico-científico antes de abordar o ponto especifico o qual estava tratando. Fez isso em sua tese para ingresso na Escola Politécnica, em artigos de jornais falando sobre imposto territorial, agricultura nacional, economia rural, árvores do Brasil, entre outros textos.

3.3- O magistério na perspectiva de André Rebouças

Após o período de organização do seu projeto de reforma social e viagem para aperfeiçoamento profissional fora do país, os anos seguintes foram ainda mais intensos em termos de estudos, trabalho e ação política para André Rebouças. Em 1876, ele atuou como professor substituto da Escola Politécnica a convite de José Maria da Silva Paranhos (Visconde de Rio Branco), que, na ocasião, era o diretor. Rebouças lecionou Botânica, Cálculo e Geometria. Em seus diários, é possível encontrar um pouco desta rotina que conciliava em paralelo ao trabalho na Companhia Docas D. Pedro II. Ao longo da pesquisa, é perceptível notar seu empenho e dedicação ao magistério, bastando lembrar que auxiliou o irmão José Rebouças no período em que este foi aluno da Escola Central. Juca era submetido a uma rigorosa rotina de estudos com descanso apenas nas férias e alguns feriados.

No início de 1878, Rebouças começava a contabilizar prejuízos devido aos seus negócios, que incluía o trabalho nas Docas D. Pedro II e alguns investimentos. Este cenário trouxe problemas financeiros, levando-o a criar outras possibilidades de renda, assim, sua primeira opção era justamente trabalhar como professor. Em meados do mesmo ano, é anunciado um dos concursos mais esperados da Escola Politécnica, os cargos para o magistério. Obviamente, Rebouças correu para juntar seus documentos e realizar o quanto antes sua inscrição.

É importante esclarecer que o engenheiro possuía estreita relação com a escola devido aos diversos contatos com professores, secretários e diretores em decorrência da sua atuação profícua como professor substituto. André

> Ingressou a 8 de março de 1867 como Coadjuvante Interino de Ciências Físicas e Naturais; por determinação da diretoria assumiu as funções de Lente e Repetidor da Cadeira de Zoologia e Botânica. No mesmo ano dirigiu a turma de alunos do 2º e 3º anos em exercícios práticos. Em 1868 teve a regência e a repetição da segunda cadeira do 4º ano, Zoologia e Botânica, da qual foi dispensado em março mediante o retorno do titular Dr. Saldanha da Gama (SANTOS, 1985, p.187).

Interessante observar que seu percurso até a Escola Central passou pela apreciação de um político. Em fevereiro de 1867, o ministro da guerra João Lustosa da Cunha Paranaguá interveio junto ao Marechal Bittencourt, diretor da escola, em favor de Rebouças. Aproveitando a viagem do professor titular Saldanha da Gama à Europa até março de 1868, André assumia a respectiva vaga como professor substituto (idem, p.186). Em 1876, o engenheiro, novamente, fez uso de mediação política junto ao Visconde de Rio Branco, que, à época, dirigia a escola. Rio Branco nutria grande admiração e boas relações com André, em função desse laço de sociabilidade e da comprovada competência. André retornou à escola como professor. A essa altura, a Escola Central passou a se chamar Escola Politécnica. Vale ressaltar que, à época, não bastava ao professor ser altamente competente para trabalhar na renomada escola, era preciso também possuir bons relacionamentos políticos. Rebouças mantinha sua expertise em construir pertinentes contatos sociais e políticos ao longo dos anos.

No tocante ao concurso, seu perfil altamente técnico, com um vasto conteúdo intelectual, cumpria todos os requisitos do edital publicado em setembro de 1878. Aliás, em março de 1879, localizamos nos arquivos da Escola Politécnica um despacho interno contendo a seguinte informação:

> Continuando doente o Bacharel Ernesto Henriques Ennes Bandeira, lente interino da 1ª cadeira do 1º ano do Curso Geral (cálculo), e declarando-me o bacharel Américo Leônidas Barbosa de Oliveira, substituto interino do curso que regeu a cadeira ano passado, que havendo inscrito para o concurso e tendo de defender a tese não poderia por ora se encarregar daquela regência; convidei ao engenheiro André Rebouças, lente interino do 1º ano de Engenharia Civil, a assumir o exercício da regência durante este impedimento [...] (Arquivo Nacional-RJ – Ata relativa a substituição de professores, Escola Política, 19/03/1879).

Pelo que apuramos, Rebouças aceitou o convite. Por conseguinte, esta atitude bem próxima ao início das provas para o concurso nos leva a algumas inferências: (1) sua competência profissional era indubitavelmente reconhecida e certamente optou em mantê-la; (2) Rebouças sempre se mostrou responsável com os seus compromissos e logicamente optou em não deixar um grupo de alunos sem professor; (3) ao assumir outra turma certamente, teria um adendo em seu soldo, algo que, no momento, era

muito bem vindo, (4) é possível dizer que uniu o útil ao agradável, pois ao lecionar cálculo, estudava simultaneamente para o concurso.

Durante as nossas pesquisas nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), localizamos uma publicação da Revista de Clube de Engenharia intitulada *André Rebouças: textos biográficos.* O texto foi escrito por Virgílio Alves Corrêa Filho (1887-1973)[26] em 1941. Segundo as informações do IHGB, Virgílio atuou como engenheiro e jornalista. Sua carreira foi marcada por uma vasta produção intelectual com grande relevância para a Engenharia. Em seu artigo, o autor alega que Rebouças encontrou problemas para se inscrever no concurso em 1878.

Nas palavras de Virgílio:

> Rebouças ocupava-se de bem desempenhar as suas obrigações docentes, quando se anuncia o concurso de 1879, um dos mais famosos da Escola. Entre os concorrentes, que justificariam, na vida prática renome conquistado entre os colegas, assinalavam-se Paula de Frontin, Belfort Duarte logo inscritos.
> Rebouças, ao revez, viu seu requerimento condicionado a exigências irritantemente regulamentares.
> Possuía os mais expressivos diplomas de competência, e soubera provar-lhe a valia, tanto nas atividades exclusivamente profissionais, como igualmente no magistério, que lhe dera relevo e personalidade baseado, porém, na diversidade de programas escolares, entre o que vigorava ao tempo de sua matrícula e vigente, a congregação exige-lhe previamente a aquisição de cursos por meio de exames vagos de todas as cadeiras.
> E assim, o professor interino, que já lecionava mais de uma disciplina, com agrado geral, teve que tomar ao seu tempo de estudar arquitetura, construção e resistência de materiais, tecnologia das profissões elementares, mecânica aplicada às máquinas, estradas de rodagem, estrada de ferro e portos, hidráulica, portos do mar, navegação interior, economia política, finanças, direito administrativo e desenhos correspondentes, ao final todos os ramos de engenharia civil, como se praticava.
> Por memorável semana de 7 a 15 de novembro, alongaram-se os exames ao termo dos quais Rebouças, com o máximo grau em cada matéria, apenas obteve permissão para ver arrolado entre os concorrentes, ao encerrar-se a inscrição em 17 de fevereiro de 1879.
> A 2 de março cabe-lhe uma sorte o ponto – **"Estudos das leis de equilíbrio molecular dos sólidos, sua aplicação ao empuxo da terra"** *[grifo seguindo o texto original],* assunto da tese que a 12 de abril entrega à escola, e defende no mês seguinte.

[26] Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Fundo do Arquivo nº 74 de 1941. André Rebouças: Textos biográficos – Revista do Clube de Engenharia, por Virgílio Alves Corrêa Filho.

> Em outras provas trato dos "processos para mediação da velocidade da água" e de resistência dos materiais à flexão.
> Classificado em primeiro lugar, vê-se nomeado lente da 1º cadeira do 1º ano do curso de engenharia civil, por decreto datado do mesmo dia do transpasse do seu venerado pai Antonio Pereira Rebouças.
> Empossado na cátedra, em que teria Frontin por substituto, assume também a redação da Revista do Instituto Politécnico em 13/04/1881 (CORRÊA FILHO, Revista do Clube de Engenharia, 1941).

O texto é bastante ilustrativo sobre diversos aspectos, entretanto, o que mais nos chamou atenção foi à suposta dificuldade que Rebouças encontrou durante o processo de inscrição. Se verdade fosse, teria o engenheiro sofrido preconceito por parte da congregação da Escola Politécnica, então responsável por organizar o concurso? Joselice Jucá (2001) realizou uma pesquisa de grande fôlego e complexidade sobre Rebouças, todavia, não há menção da autora sobre este aspecto. Sidney M. G. dos Santos (1985), ao tratar de André Rebouças, não aborda a perspectiva levantada por Virgílio. José Inácio Veríssimo e Ana Flora Veríssimo (1938), ao trabalharem com os *Diários e notas autobiográficas de André Rebouças*, também não levantaram proposições acerca da problemática sugerida por Virgílio Alves Correa Filho.

A fim de sanar nossas dúvidas em relação ao possível problema enfrentado por André Rebouças, buscamos no AN as atas relativas ao certame. De antemão, cabe esclarecer que não localizamos fatos substanciais que apontassem ações preconceituosos contra Rebouças. Ademais, vale esclarecer que o edital para o magistério da Escola Politécnica foi publicado em 6 de setembro de 1878, por meio do decreto nº 7029. Três meses antes, em 20 de julho, o Ministério dos Negócios do Império, na seção nº 439, publicou a seguinte mensagem: "a diretoria da Escola Politécnica aprova o ato pelo qual a congregação, reconheceu nos Bacharéis pelas extintas Escola Central e Militar o direito de pretenderem o grau de Doutor em ciências físicas e naturais que confere a Escola Politécnica". Este parecer apenas regressou no tempo e, assim, conferia aos alunos que estudaram na antiga escola central e agora politécnica o título necessário para participarem do concurso.

Em relação a Rebouças, vale recordar que se formou pela Escola Militar de Aplicação do Exército. Este local não possuía ligação direta com a Escola Politécnica, embora tivesse grande prestígio educacional. Enfim, o engenheiro não foi contemplado pelo decreto. No tocante aos critérios de seleção, temos o seguinte:

> CAPITULO II
> DAS HABILITAÇÕES PARA ADMISSÃO
>
> Art. 9º Só poderão ser admitidos a concurso para o provimento das vagas de Substituto ou Professor os cidadãos brasileiros que estiverem no gozo dos direitos civis e políticos, e possuírem os requisitos especificados nos parágrafos seguintes:
>
> § 1º Se a vaga de Substituto for da aula preparatória, o candidato deverá ter aprovação nos preparatórios exigidos para a matrícula no curso geral e nas matérias das 1ª cadeiras do 1º e do 2º ano do mesmo curso;
>
> § 2º Se a vaga pertencer ao 1º ou 2º curso especial, o candidato deverá ter o grau de Bacharel ou de Doutor conferido pela Escola Politécnica ou por outra escola nacional ou estrangeira de igual categoria, em que se ensinem as ciências físicas e naturais, ou as ciências físicas e matemáticas.
>
> No caso de ser o candidato graduado por escola estrangeira, será sujeito a uma prova prévia de sustentação de tese perante a Congregação.
>
> § 3º Se a vaga pertencer a algum dos outros cursos, o candidato deverá ter aprovação em todas as matérias desse curso, obtida na Escola Politécnica ou em outra escola nacional ou estrangeira de igual categoria, e cujos cursos sejam análogos aos daquela.
>
> Na hipótese de habilitação dada por escola estrangeira, o candidato será sujeito a uma prova preliminar por meio de exame vago.
>
> As disposições deste parágrafo não podem aproveitar a candidato que tenha aprovação simples em alguma das matérias do último ano do curso (BRASIL, 1878. parte 2).

André Rebouças prestou concurso para a 1ª seção do curso de Engenharia Civil. De fato, seus concorrentes foram Viriato Belfort Duarte e André Gustavo Paulo de Frontin. Para que Virgílio Alves Corrêa estivesse correto, o diploma de Rebouças obtido pela escola militar teria de ser entendido como inferior ao mesmo curso ministrado na Escola Politécnica, o que não aconteceu. Nas atas concernentes ao concurso, não consta que o engenheiro tenha se submetido a exames nos moldes sugeridos por Virgílio, aliás, para que André fosse posto a realizar as provas de caráter "vago", este precisaria ter diploma obtido fora do Brasil, o que também não procede.

Os documentos históricos indicam tranquilidade em todo o processo do certame. De acordo com os critérios de seleção, "o ponto sorteado incluía a prova de defesa de tese, um assunto para "*Dissertação"* e dois pontos que se chamavam *Proposições,* em que o candidato fazia uma exposição sintética, equivalente quase à atual prova de súmula" (SANTOS, op.cit.,p.196). No ponto relativo à dissertação, foi sorteado para Rebouças o tema *Estudo das leis de equilíbrio molecular dos sólidos e sua aplicação ao empuxo das terras*. Conforme consta na ata do concurso, a "sustentação de tese" de André foi realizada em 2 de abril de 1880. Na ocasião, estiveram presentes os integrantes da congregação da Escola Politécnica e o Imperador D. Pedro II. Por ordem de sorteio, Rebouças foi o primeiro a defender a tese, seguido de Viriato Belfort Duarte e André Gustavo Paulo de Frontin.

As predileções orais (ou proposições) aconteceram no dia 14 de abril. Em 29 de maio de 1880, o despacho Imperial sacramentou o fim do concurso.

> Ao provimento das vagas da 1ª seção do curso de engenharia civil da Escola Politécnica concorreram os bacharéis André Pinto Rebouças e André Gustavo Paulo de Frontin e o engenheiro Viriato Belfort Duarte. Concluído o concurso, o qual correu regularmente, foram os candidatos assim classificados:
> Em 1º lugar o bacharel André Pinto Rebouças;
> Em 2º lugar o bacharel André Gustavo Paulo de Frontin;
> Em 3º lugar o bacharel Viriato Belfort Duarte.
> Depois de prestar informações sobre cada um daqueles candidatos a congregação nos termos do artigo 40 do Decreto nº 7029 de 6 de setembro de 1878, propõe o bacharel Rebouças para o lugar de lente da 1ª cadeira do 1° ano do mencionado curso e o bacharel Frontin para o substituto da respectiva seção.
> A aludida informação só tenha a acrescentar que da ata da sessão da congregação que assistiu a prova prática concluiu seu parecer, declarando haver sido ótimo o trabalho do bacharel Frontin, bom o do bacharel Rebouças e regular o do engenheiro Belfort Duarte.
> Em 29 de maio de 1880
> Candido Rosa
> (ARQUIVO NACIONAL-RJ – ata relativa ao concurso para a Escola Política em 1880).

Identificamos que a tese de Rebouças foi publicada na íntegra em 10 de junho de 1880 pela *Revista de Engenharia*. Em 15 de junho, o trabalho recebeu elogios em um pequeno artigo na *Gazeta de Notícias.* Em 18 de dezembro, a *Gazeta da Tarde* anunciou que havia recebido da revista de engenheira o exemplar nº 6, de 10 de junho, no qual

constava a respeitada tese de Rebouças. Talvez o leitor se pergunte: e a tese dos outros candidatos? Nossa pesquisa não localizou publicações que mencionavam os trabalhos apresentados por Paulo de Frontin e Belfort Duarte.

Ainda em 1880, analisamos os balancetes de pagamento da Escola Politécnica, buscando observar se havia diferenciação entre o soldo de Rebouças e os dos demais professores aprovados no concurso. As planilhas de pagamento indicam uniformidade salarial até os meses finais de 1880.

Por fim, é possível dizer que o percurso intelectual de André Rebouças, com suas idas e vindas pelo Atlântico colaborou para o rompimento do *status quo* Imperial. Sua entrada via concurso público em uma das escolas mais respeitadas do Império representa para nós um ato concreto de resistência contra o racismo fortemente institucionalizado e multifacetado que modelou a sociedade brasileira, sendo mais duro no período escravista. Ao andar pelos salões imperiais, ao participar de clubes e associações artísticas e científicas, ao viajar para a Europa e EUA contatando indivíduos majoritariamente "brancos", Rebouças enfrentou as barreiras institucionais de perfil eurocêntrico predominante.

Compreendendo que os negros atravessados pela diáspora reinventaram estratégias de sobrevivência e contribuíram substancialmente na construção das sociedades onde foram inseridos (Gilroy, 2001), depreendemos que André Rebouças estabeleceu a seu modo, um modelo de "resistência e reexistência" negra entre a elite imperial brasileira. O resultado deste processo de decodificação racial pode ser visto de maneira efetiva em seu programa de reforma social. Além deste fator, a presença de um negro, no magistério técnico nacional, rompia os padrões sociais. Em diversas passagens, encontramos inúmeros elogios ao trabalho que ele desempenhou como professor, incluindo a viagem que fez junto aos alunos para o Pico do Itatiaia (Rio de Janeiro). Deste relatório de campo, Rebouças publicou, em 1878, seu livro: *Ao Itatiaia*, após realizar algumas revisões. Carvalho (1998) escreve que André incluiu citações de Stuart Mill no trabalho acima citado, como forma de demonstrar sua admiração ao liberalismo. Para nós, a obra *Ao Itatiaia* sintetiza o arcabouço teórico-prático de um professor empenhado com a produção do conhecimento científico. Ela surge como fruto de uma pesquisa de campo e compilação de relatórios técnicos.

Sabemos que José Rebouças (Juca) esteve com o irmão durante a viagem. André Rebouças retornou para Corte com alguns alunos, enquanto Juca ficou no local acompanhando outro grupo de estudantes. Sua missão era terminar as explorações e o relatório de pesquisa. Ao final de *Ao Itatiaia,* Rebouças escreveu:

> Esperamos que essa tosca descrição da viagem de reconhecimento, que fizemos ao Itatiaia, servirá para **vulgarizar**, não só suas belezas naturais, como também o futuro pastoril e agrícola, que lhe compete.
> O Itatiaia não é somente um monte Rigi, ou um monte Washington, isto é, um pico elevadíssimo com infinitos panoramas; é uma região inteira a povoar; um cantão suíço, situado nos limites da província do Rio de Janeiro, que as vias férreas aproximarão de horas da capital do Império.
> Só espera o Itatiaia vias de comunicação para ser um dos mais belos pousos de salubridade e alcançar o grandioso futuro, que lhe asseguram seu clima ameno e a fertilidade do seu solo (REBOUÇAS, 1878) [Os grifos são nossos. Atualizamos a ortografia].

Por fim, seus contatos internacionais contribuíram para a construção de outros tipos de conhecimento, que, inegavelmente, ganharam mais substância devido às trocas culturais que obteve em suas viagens. Sua resistência racial reescreve não apenas para o magistério, mas também para Engenharia e ciência nacional, uma história intelectual a partir da "razão negra do negro", para usar a expressão de Mbembe (2014).

CAPÍTULO 4 – INCLUSÃO SOCIAL E O LUGAR DE FALA DE ANDRÉ REBOUÇAS NA EDUCAÇÃO TÉCNICA NACIONAL

> Um grande problema tem o Brasil de resolver a espera da sua indústria: a substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre, sem quebrar a grande produção.
>
> André Pinto Rebouças (Jornal do Agricultor, 1879. p.86)

4.1- Inclusão Social

De acordo com Jucá (2001, p. 210), Rebouças vinha maturando suas ideias e o seu pensamento social desde os anos de 1860. Ele produziu um estudo sobre a "Lei de Imposto sobre a Escravatura", em 1867 e, no início de 1870, já mostrava evidentes preocupações com a sorte dos escravos após a emancipação, ao produzir um documento chamado "*Estatutos de uma Associação Geral Protetora de Emancipados para proteger e educar os emancipados no Brasil*". Os elementos encontrados durante este estudo indicam que o empenho político do engenheiro não foi suficiente para sensibilizar as pessoas mais influentes do Império. Na prática, seu programa de reforma social não aconteceu com a amplitude esperada.

As ações sociais defendidas por André não se voltavam unicamente para a massa de escravizados que compunham as fileiras da sociedade imperial. Para ele, o imigrante trazido para substituir a mão de obra escrava também merecia especial atenção, já que poderia haver um novo tipo de escravo, este preso a terra por condições de trabalho, mas que traziam vantagens na visão dos proprietários. Para Jucá, André Rebouças não foi tão eloquente quanto Joaquim Nabuco ao defender suas ideias. Conforme menciona a autora:

> Rebouças provavelmente teve mais dificuldades em disseminar suas ideias de reformador social e isto se deveu a diferentes fatores: o **primeiro** se vinculou ao fato de que ele só se tornou abolicionista e reformador social após uma longa carreira como empresário e homem de negócio, na qual se encontrava profundamente envolvido com o mundo empresarial das décadas de 1860 a 1870. Em outras palavras ele não tinha, até então, tradição como intelectual e pensador social. Em **segundo** lugar. Rebouças nunca foi um político no sentido de filiar-se a partidos políticos, não tendo, portanto, a tribuna nem assento na Câmara dos Deputados ou no Senado, de onde ele

> divulgasse as suas ideias. Nem mesmo no jornalismo onde ele pontificou como articulista, ele o foi no sentido de militar um jornalismo panfletário ou atuar como orador à maneira de um Patrocínio. **Finalmente**, quando as suas ideias começaram a emergir nos anos setenta na imprensa, elas provocaram certa crítica e até mesmo certa incompreensão quanto à essência da sua proposta de "nacionalização do solo" (idem, p.211) [grifo original da obra].

Ao longo da pesquisa compreendemos que Rebouças não viu suas ideias como não assimiladas, principalmente entre a classe política e a elite. Para ele, havia má vontade dos políticos, uma vez que reformas sociais – em particular as educacionais e agrárias não se enquadravam nas aspirações ideológicas da elite brasileira. Para André Rebouças, era necessário criar mecanismos sociais e econômicos em favor dos imigrantes e dos negros, por meio de um programa de instrução educacional em nível técnico, cuja aplicabilidade se daria por intermédio da nacionalização do solo. Seus anos atuando na construção de portos e ferrovias, bem como professor de uma instituição técnica, trouxeram-lhe a percepção de que os negros continuariam executando trabalhos e ocupações marginalizadas, impossibilitados de se especializarem em atividades que melhorariam suas vidas. Sua proposta era gerar um novo *status* para este segmento por meio da liberdade e do uso da terra. Este pensamento é refletido no artigo IV, do seu programa de soluções, proposto à *Confederação Abolicionista* em 1888, cujos princípios fundamentais eram:

> Promover a nacionalização do solo pelo Imposto Territorial e pela liberdade de conservação da terra.
> Facilitar a todos os nacionais e imigrantes a aquisição de um lote de terra, com propriedade garantida pelo Sistema Torrens; com apólice transmissível por endosso e livre de litígio, demandas e complicações judiciais, pela segurança do registro e do cadastro nacional (REBOUÇAS, 1888 - *Confederação Abolicionista. Programa de solução depois da lei de 13 de maio de 1888*).

Duas questões estão postas no artigo de Rebouças. A primeira está relacionada ao fato de que, entre 1870 a 1880, ele maturou suas ideias sobre o imposto territorial e nacionalização do solo, compreendendo-os como mecanismos de transformação social. Este aspecto, segundo seus apontamentos, estava próximo de que entendemos hoje

como Reforma Agrária[27]. A segunda questão relaciona-se ao fato de que André Rebouças apresentou fortes argumentos contrários à Lei nº 601 de 18 de setembro de 1850, também conhecida como Lei de Terras. Em termos oficiais, ela

> Dispõe sobre as terras devolutas no Império, e acerca das que são possuídas por título de sesmaria sem preenchimento das condições legais. Bem como por simples título de posse mansa e pacifica; e determina que, medidas e demarcadas as primeiras, sejam elas cedidas a titulo oneroso, assim para empresas particulares, como para o estabelecimento de colônias de nacionais e de estrangeiros, autorizado o Governo a promover a colonização estrangeira na forma que se declara (BRASIL, 1850).

Cabe refletir sobre a opinião de alguns autores a respeito da Lei de Terras. Conforme dito por José Murilo de Carvalho (1996), havia intrínseco, por parte do governo imperial, o objetivo de vender terras públicas para trazer imigrantes em substituição ao trabalho escravo. Luis Felipe de Alencastro (1985) observa a respectiva lei sobre a ótica de que os pequenos agricultores ligados à subsistência estavam sujeitos à perda de suas terras, com indicativo de serem impedidos de adquiri-las futuramente. Para Márcia Motta (1998), "a lei de Terras veio para tão somente salvaguardar os interesses dos grandes proprietários". De acordo com a autora, diversas Câmaras Municipais das províncias do Império "reiteravam os pressupostos que haviam consagrado o poder dos *senhores de terras.* Enquanto vereadores, os grandes fazendeiros nada mais faziam do que impedir a regularização da estrutura fundiária, capaz de limitar seus poderes." Para ela, a lei não possibilitou a divisão agrária e tampouco resolveu o problema fundiário brasileiro. Seu contexto diversificado e coberto por diversos interesses se tornou o divisor de águas para o pensamento agrário da sociedade brasileira.

Na perspectiva de André Rebouças, a lei de terras abria um precedente para um novo modelo de escravização, a do imigrante preso a terra. Além disso, segundo ele, era

[27] Para Luiz Felipe de Alencastro (2018), a relação de forças não era favorável a André Rebouças. Não havia um movimento camponês a favor da reforma agrária, ou uma base popular lutando pelo o direito à terra. No final das contas, o Brasil é um dos únicos grandes países agroexportadores que nunca fez reforma agrária.

imprescindível preservar a agricultura de subsistência e o escoamento de produtos excedentes. Desta maneira, se garantiria o avanço produtivo brasileiro.

Em abril de 1879, André Rebouças publicou um longo artigo no jornal *O novo mundo*, no qual apresentou um conjunto de argumentos em defesa da viabilidade do imposto territorial. Na prática, o imposto proposto pelo engenheiro buscava reorganizar os valores cobrados na compra e venda das propriedades rurais, que, contra a lógica econômica, eram valorizadas por meio da sua renda líquida, então determinada pelos proprietários. Segundo Rebouças, isso determinava valores difíceis de serem calculados, por isso era a favor do cálculo pela superfície possuída.

> Assim nós demonstramos a última evidência, que o imposto territorial deve ser estabelecido em proporção à superfície possuída, e jamais em relação a renda líquida das propriedades rurais:
> 1º - porque há meio exato, simples e matemático, de avaliar a superfície de uma propriedade rural quando é dificílimo avaliar a renda líquida;
> 2º - porque a superfície é fixa e constante para cada propriedade e a renda liquida é móvel e variável de cultura em cultura, e de ano em ano;
> Evidentemente um hectare, plantado de capim, não produz o mesmo plantado de café, de açúcar ou de algodão;
> 3º - o imposto territorial, pago por superfície, impede o monopólio do solo arável, impossibilita as florestas para caça, as matas conservadas para os netos e bisnetos dos aristocratas, quando o povo morre de fome por falta de pão, ou o imigrante é obrigado a ir combater com os bugres para ir conquistar área, onde plante um pouco de milho;
> 4º - calculado sobre a superfície, o imposto territorial estimula o aperfeiçoamento das alturas, a drenagem, o emprego dos melhores estrumes e das máquinas agrícolas mais aperfeiçoadas, a escolha racionada da cultura mais lucrativa em cada zona rural; é, em uma só palavra, um estímulo constante para o progresso da agricultura, e, portanto para o acréscimo do bem estar de toda a família humana;
> 5º - a base da renda líquida necessita de declarações dos proprietários; a base do imposto por superfície está escrita indelevelmente sobre o próprio solo; está registrada em todos os contratos de compra e venda, em todos os testamentos, em todas as escrituras de hipotecas; pode ser verificada, a todo o momento com um teodolito e com uma trena;
> 6º - o pagamento do imposto territorial por superfície obrigará a subdivisão do solo; o pagamento pela renda líquida eternizará as propriedades enormes, as sesmarias de doação dos velhos reis, os *latifúndios* dos barões escravagistas desse Império;
> 7º - o imposto sobre a renda favorece aos ociosos, nada produz, nada paga; ao passo que o imposto sobre a superfície acoroçoa os diligentes; quanto mais produz menos paga relativamente; um eterniza a aristocracia, o monopólio e o parasitismo; outro desenvolve a

> democracia rural, promove a subdivisão do solo e anima o talento, a iniciativa e o trabalho;
> 8º - o imposto sobre a superfície da terra aperfeiçoa incessantemente a planta cadastral e, portanto a planta geral do país; o imposto sobre a renda líquida obriga as operações topográficas de cadastro, e, no entanto abandona a melhor base do imposto territorial;
> 9º - quando o imposto territorial é assaz elevado para o necessário atender a capacidade produtiva de cada terra, é muito possível avaliá-la em relação a mais produtiva das culturas, e proporcionar assim o imposto territorial por superfície, estabelecendo uma per equação, análoga ao do imposto sobre a renda; mas é dever dos Governantes jamais atingir tal limite;
> 10º - a imposição territorial, calculada sobre a superfície, mesmo um pouco elevada, tem a vantagem de atrair os lavradores para as terras mais férteis; de elevar consequentemente seu preço; de fazer, ao mesmo tempo, baixar o preço das terras menos férteis, permitindo que sejam compradas pelos imigrantes e pelos emancipados inteligentes, capazes de dar-lhes artificialmente condições de fertilidade;
> 11º - o imposto territorial, estabelecido em relação a superfície do solo, é, pois, em tudo e por tudo democrático e progressista; ao passo que o imposto territorial calculado sobre a renda líquida, é aristocrático, estacionário e até retrogrado, maquinado expressamente para conservar e eternizar os monopólios e os privilégios dos tempos bárbaros! (REBOUÇAS, 1879 - Jornal *O novo mundo*, Vol.IX nº 100, p.82,83. Abril de 1879) [os grifos são originais da obra]

Ao escrever contra o poderio da grande propriedade rural, Rebouças "comprava briga" contra os poderosos e influentes senhores de terra e de pessoas escravizadas. Seus argumentos pretendiam dissolver as alegações favoráveis à manutenção de longas áreas, concentrada em um pequeno grupo de pessoas. No decorrer do texto, são formalizadas inúmeras críticas ao ineficiente sistema de divisão territorial, com apontamento indicando que o mecanismo em vigência era retrógado e afetava a paridade social no Império. Além do mais, dificultava o aperfeiçoamento educacional e técnico de negros e imigrantes.

Ao dizer que "o pagamento do imposto territorial por superfície obrigará a subdivisão do solo", André Rebouças colocava seu discurso liberal em contraposição ao da aristocracia rural brasileira. Sua crítica dizendo que "o pagamento pela renda líquida eternizará as propriedades enormes, as sesmarias de doação dos velhos reis, os latifúndios dos barões escravagistas desse Império" tocava em um dos pontos mais sensíveis do Império: a quebra do monopólio rural e, por conseguinte do próprio *status quo* Imperial. O engenheiro completou seus argumentos dizendo que "o imposto sobre a renda favorece aos ociosos, nada produz, nada paga". Ao encampar um discurso

contrário à manutenção de privilégios territoriais pela aristocracia rural, isto é, de quem comandava a política, Rebouças tomava para si uma luta, cujo resultado político não lhe foi favorável.

É importante ressaltar que este modelo ideológico reivindicatório foi típico da geração de 1870, no entanto, o engenheiro almejava mais do que as perspectivas convencionais. Compreendia que o uso racional da terra era o escopo fundamental para haver, no Brasil, mudanças sociais importantes e isso passava em, por fim, imediato ao regime de servidão no país. A respeito desta perspectiva, escreveu ao final do seu artigo:

> Cumpre terminar dizendo que, depois da emancipação dos escravos, não há reforma social econômica e financeira mais importante para o Brasil do que o estabelecimento do imposto territorial por superfície: será o alfa de um sem número de reformas liberais e democráticas, destinadas a promover a união, a grandeza e a prosperidade da família brasileira (idem, 1879).

Outra questão acerca do programa social do engenheiro tem relação direta com o *Sistema* Torrens, desenvolvido por Robert Torrens na Austrália, em 1858. No Brasil, o sistema entrou em vigor por meio do Decreto 451-B, em 31 de maio de 1890, sob a governança de Rui Barbosa, então Ministro da Fazenda. Este decreto tornou facultativo o registro pelos moldes da Lei de Terras e das Ordenações do Reino e, dada à vigência dos modelos anteriores, o documento inaugurou uma nova modalidade de registro, que por sua vez, dispensava os tabeliães notariais tornando assim a transmissão da propriedade rural e constituição de ônus reais mais simples (DINIZ, 2012).

Em junho de 1888, Rebouças retomou o debate sobre o Sistema Torrens no jornal *A Cidade do Rio*. Na ocasião, defendia a importância deste sistema para os pobres.

> - Pobre proletariado brasileiro!
> - Que miserável vida no mais rico dos continentes! Esse deserto feudal é uma tortura para o fazendeiro – nem recursos médios nem conveniência social.
> Cada latifúndio de légua aumenta a distância dos transportes de seis quilômetros em pura perda. Caminhos de ferro de cem quilômetros só servem a três ou quatro fazendeiros em cada margem.
> Vai-se a centenas de léguas do litoral buscar produtos, que podem ser obtidos a alguns quilômetros do Rio de janeiro.

> Caminhos de ferro sem renda e produtos agrícolas sobrecarregados de fretes por distâncias estupidamente fabricadas pelo hediondo monopólio territorial.
> Todos os países do Novo Mundo e da Oceania auferem importantes rendas da venda de terras [...] (REBOUÇAS. A cidade do Rio, nº 153, julho de 1888).

Concluiu seus argumentos criticando a escravidão e o sistema de divisão de terras,

> Si a terra do Brasil estivesse dividida e parcelada; si houvesse liberdade de comércio da terra nos moldes da lei Torrens; o Estado venderia de 20 a 30.00 contos por ano de terras.
> Toda esta soma emigra quotidianamente para a Europa, trazendo o cambio em contínuo sobressalto e com ele todas as transações comerciais (idem, 1888).
> Quando findar a Monopólio Territorial todos dirão como hoje da Escravidão: - Como consentimos por tanto tempo essa injustiça, essa iniquidade e essa barbaria em nossa bela Pátria?!... (idem,1888).

André Rebouças atuou na vanguarda dos seus contemporâneos em questões específicas no campo da Engenharia, área na qual se atualizou constantemente, fosse buscando transversalmente soluções sociais a partir do uso racional da terra. Aliás, no que tange a este último aspecto, observa-se Rebouças defendendo a implantação do Sistema Torrens três anos antes da sua circulação governamental, em 1890. Entretanto, quando olhamos especificamente para a operacionalização do Sistema Torrens no Brasil, percebemos que Rui Barbosa o tornou oficial e André Rebouças, não.

Também em 1879, no *Jornal do Agricultor*, André Rebouças dedicou um extenso trabalho sobre a economia rural. No artigo, explicou detalhadamente o processo de ganhos industriais em diversas partes do mundo. Sobre a Alemanha e Bélgica, comentou:

> As instituições agrícolas e exemplos da Alemanha concorrerão para o grande aperfeiçoamento da agricultura na Bélgica, que pela sua posição geográfica, pela qualidade do seu terreno, e por outras muitas circunstâncias, devida à natureza e a arte, chegou ao estado florescente em agricultura (REBOUÇAS, *Jornal do Agricultor*, Tomo I Ano I, 1879, p.19).

Os argumentos para alavancar a economia rural brasileira baseavam-se, fundamentalmente, nas escolas agrícolas, que ensinariam os fundamentos produtivos

aos filhos das escravas, estes chamados de ingênuos, mediante a da Lei de 28 de setembro de 1871, conhecida com Ventre Livre. Rebouças pretendia fornecer a essas crianças um caminho social frutífero, retirando-as do caminho da degradação social, por meio do conhecimento agrícola.

> Ensinar-lhes todas as operações da lavoura, escolha das terras apropriadas a certas e determinadas culturas; a semeação, transplantação, podas, enxertias, colheitas, melhoramento do solo por meio de adubos, estrumes, irrigação, drenagem, e etc.
> Interessá-los nas pequenas criações, com vantagem sua e do estabelecimento.
> Dar-lhes ensino apropriado naqueles lugares em que dominar a indústria pastoril: arte veterinária, curtumes, fabricação de queijos e manteiga. Nas proximidades do mar ou de rios importantes, exercitá-los na navegação, pesca, salga e conserva de peixe e outros produtos marítimos ou fluviais.
> Provar aos alunos, por todos os meios práticos, que em um estabelecimento agrícola bem dirigido e onde haja ordem e economia, pode o lavrador viver em tal ou qual abasteça, e ainda ter sobras para o mercado.
> Mostrar-lhes as vantagens do trabalho associado, como único meio de evitar o salário, a guisa do que praticam os pequenos lavradores em algumas províncias do Brasil.
> Eis o que em geral proponho, com o fim de habilitarmos a generalidade dos ingênuos a serem um dia homens moralizados, dignos cidadãos de um país civilizado. Se os filhos dos escravos forem criados à laia de cativos, podemos afirmar que, quando chegarem a época da sua definada libertação, estarão tão embrutecidos como seus progenitores (idem, p.88).

Sobre a organização do espaço, Rebouças explicou que "a organização dessas escolas devem ser o mais elementar possível", deveria conter "mestres e nada mais, um dos quais já esteja à testa do estabelecimento, e os outros encarregados de outros serviços, sem nunca deixarem de exercer o professorado". Em 1881, André voltou a defender no mesmo jornal, a economia rural dizendo que "ainda que só se fundem quinhentos engenhos centrais, não parece difícil que cada um deles se encarregasse de vinte ingênuos, e assim teríamos 10 mil pessoas recebendo excelente educação rural" (REBOUÇAS, *Jornal do Agricultor*, Tomo IV, Ano II, 1881, p.17). A intenção do engenheiro era que as escolas rurais fossem capitaneadas pelo governo, talvez um dos pontos mais delicados do seu programa e, ao que tudo indica, não recebeu apoio. Enfim, no caso de ocorrer o pretendido apoio financeiro, este seria direcionado às fazendas que

emancipasse “o maior número de escravos... a manter o melhor sistema de educação técnica nos seus estabelecimentos”.

Em resumo, Rebouças sabia que, com o advento da abolição, a discriminação e a falta de instrução empurrariam o negro para trabalhos inferiores. O que, de fato, ocorreu, ou seja, a ausência de um projeto político-social maior que atendesse a população recém-liberta contribuiu para a tradicional presença do negro (até os dias atuais) em profissões marginalizadas, cujo trabalho é fortuito, em muitos casos, relegados à precária situação de sobrevivência.

4.2- Educação técnica e Modernidade: o lugar de fala de André Rebouças

Na segunda metade do século XIX, abria-se o campo de discussão acerca da influência da ciência na construção de saberes. Na Europa, Spencer expressava sua concepção moderna do papel social da ciência na sociedade e na educação. Para o autor, a ciência era o conhecimento que melhor revelava o sentido do progresso e da sociedade civilizada, por isso dizia:

> Assim, para a pergunta que formulamos – quais são os conhecimentos de maior valor? – há uma resposta uniforme – a Ciência. É o veredicto para todas as interrogações. Para a direta conservação própria, para a conservação da vida e da saúde, o conhecimento mais importante é a Ciência. Para a indireta conservação própria, o que se chama ganhar a vida, o conhecimento de maior valor é a Ciência.
> Para o justo desempenho das funções da família, o guia mais próprio só se encontra na Ciência. Para a interpretação da vida nacional, no passado e no presente, sem o qual o cidadão não pode justamente regularizar o seu procedimento, a chave indispensável é a Ciência. Para a produção mais perfeita e para os gozos da arte em todas as suas formas, a preparação imprescindível é ainda a Ciência, e para os fins da disciplina intelectual, moral e religiosa – o estudo mais eficaz é, ainda, uma vez, a Ciência. (SPENCER 1884, p. 67 *apud* SOUZA 2000, p.12).

Compartilhando da crença científica europeia, em 1883, Rebouças e outros intelectuais envolviam-se com a promoção de debates acerca da instrução pública nacional. Assim, seguindo o alinhamento moderno de manifestações intelectuais delineadas para o benefício da educação, inicia-se a programação para ter início em 1º de junho, o 1º Congresso destinado a instrução nacional. De acordo com Carlos Leôncio de Carvalho (1884)[28],

> a direção dos trabalhos do Congresso, cuja presidência honorária compete ao Ministro do Império, foi incumbida a uma mesa composta de sua Alteza Real o Sr. Conde d'Eu, como presidente, dos Conselheiros Visconde Bom Retiro e Manoel Francisco Corrêa, na qualidade de vice-presidentes, e dos conselheiros Carlos Leôncio e

[28] CARVALHO, Carlos Leôncio de. *Primeira exposição pedagógica do Rio de Janeiro: Relatório.* Rio de janeiro: Typographia Nacional, 1884.

> Américo Franklin de Meneses Doria, na de secretários (CARVALHO, 1884).

As reuniões preparatórias que pretendiam organizar o Congresso se iniciaram em janeiro de 1883, com encerramento em 29 de maio do corrente ano. No dia 29 de maio, houve uma sessão extraordinária convocada por Conde d'Eu, objetivando dar conhecimento aos integrantes da Mesa do Congresso sobre dois avisos do Ministério do Império. O primeiro, datado de 27 de maio, comunicava que, se desse o adiamento da abertura do Congresso, para que o Poder Legislativo avaliasse as despesas de crédito a serem utilizadas. O segundo, editado no dia 29, considerava que, por ter sido adiado a abertura do Congresso, a impressão dos Pareceres deveria ser suspensa, bem como as outras despesas autorizadas. Lidos os avisos, a Mesa decidiu enviar um ofício dando cumprimento ao referido documento e também se colocou à disposição para continuar prestando serviços na organização da Exposição Pedagógica. O fato é que, seguindo o planejamento, "os governos e cidadãos estrangeiros foram solícitos em corresponder ao convite que, para tal fim, lhes foi dirigido em nome do Governo Imperial, achando-se já nesta Corte muitos dos objetos enviados para a dita Exposição, que assim participa de caráter internacional"[29]. Em relação ao segundo aviso, a Mesa informou que nada poderia deliberar, uma vez que não havia autorização e dinheiro para as despesas.

Em função das dificuldades apresentadas, houve a decisão de não se realizar o Congresso restando dois dias para a sua abertura. Segundo Collichio (1987), uma mudança no governo atrapalhou todo o processo, quando dias antes do início da exposição, houve a queda do Gabinete Conservador. Com isso o Ministro do Império Leão Veloso foi substituído por Francisco Antunes Maciel, de perfil liberal e representante da Província do Rio Grande do Sul. Conforme indica a autora,

> O recém empossado Ministro Maciel considerou inoportuna a realização do evento, em face das despesas extraordinárias que acarretaria, visto não ser suficiente a verba votada por seu antecessor, e, para espanto da Mesa do Congresso e dos convidados brasileiros e estrangeiros, suspendeu sua realização até que o Legislativo concedesse créditos pedidos, que ainda não estavam legalmente

[29] *Actas e Pareceres do Congresso da Instrucção do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1884.

> aprovados e autorizasse a abertura do Congresso, que D. Pedro II antecipara à medida legal (idem, p.07).

Assim, os impeditivos levantados pelo Ministro Maciel deram fim ao primeiro fórum de discussão acerca dos problemas educacionais brasileiros, entretanto, os pareceres não se perderam. Estes se encontram distribuídos da seguinte forma: 29 questões destinadas ao estudo da instrução primária, secundária e profissional e 17 questões sobre a instrução superior. Segundo previa o Regulamento do Congresso, era preciso existir "... uma exposição dos fatos atestados pelas estatísticas e relatórios concernentes a instrução pública e terminar por uma proposta que sirva de base as discussões e deliberações do congresso". Segundo Schelbauer (2000), não foram publicados os pareceres da 1ª questão (1ª sessão) e 4ª questão (2ª sessão), sendo assim, para efeitos de organização,

> O Regulamento previa, ainda, que após o término dos trabalhos, as questões do Programa que o Governo julgasse de maior interesse, seriam organizadas e apresentadas ao Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, através de relatório, contendo apreciação das discussões e deliberações sobre cada um dos pontos tratados, com a indicação de meios práticos para levar a efeito as providências e reformas consideradas necessárias e convenientes para a instrução pública do país.
> Para a discussão de cada questão foram emitidos de 3 a 4 pareceres, em algumas questões o posicionamento dos pareceristas era convergente, em outras, divergente (idem, p.5).

De modo a compreender melhor a disposição destes pareceres, a autora os organizou conforme a tabela abaixo:

Tabela 4 – Atas e pareceres do Congresso da Instrução do Rio de Janeiro - 1883

Primeira Sessão: Instrução primária, secundária e profissional.

Questão	Temática	Pareceristas
1a	Estado do ensino primário, secundário e profissional. Vícios e lacunas de sua organização. Providências e reformas necessárias	**Não informado**
2a	Liberdade do ensino primário e secundário	Dr. Antonio C.da Cunha Leitão Dr. Sylvio Roméro

		Prof. Antonio Bahia da Silva Araujo
3a	Ensino primário obrigatório. Meios de torná-lo efetivo	Dr. Sylvio Roméro Prof. Antonio Bahia da Silva Araújo Dr. Antonio C.da Cunha Leitão
4a	Organização dos jardins da infância	Dr. Menezes Vieira Dr.Joaquim Teixeira de Macedo D. Maria Guilhermina Loureiro de Andrade
5a	Classificação das escolas primárias. Disciplinas que devem ser ensinadas. Material escolar	Sr. Januário dos Santos Sabino Dr. José Manoel Garcia Sr. Manoel O. Rodrigues Costa D. Rosalina Frazão
6a	Métodos e programas de ensino nas escolas primárias. Sua reforma. Adoção de livros	Sr.Januário dos Santos Sabino Dr. José Manoel Garcia Sr.Manoel O. Rodrigues Costa Dr. Antonio Henriques Leal
7a	Ensino de moral e religião nas escolas primárias, nos estabelecimentos de instrução secundária e nas escolas normais	Dr. Lopo Diniz Cordeiro Cons. Rodolpho Dantas Cônego João Pires Amorim
8a	Educação física nos jardins de infância, nas escolas primárias e nos colégios	Dr. João Pedro de Aquino Dr. Antonio Henriques Leal
9a	Higiene escolar	Dr. Antonio Henriques Leal
10a	Sistema disciplinar e meios de emulação para os alunos dos jardins da infância, das escolas primárias e dos estabelecimentos de instrução secundária	Sr. Alberto Brandão Sr. Augusto C. Xavier Cony Dr. Rosendo Muniz Barreto
11a	Medidas conducentes a tornar efetiva a inspeção do ensino primário e secundário	Cons. Josino Nascimento Silva Dr.Manoel J.de Menezes Prado Cons. José B. de Cunha e Figueiredo
12a	Coeducação dos sexos nas escolas primárias, nos estabelecimentos de instrução secundária e nas escolas normais	Dr. João Barbalho Uchoa Cavalcanti Dr. Teóphilo das Neves Leão
13a	O regime de internato nos estabelecimentos de instrução secundária e nas escolas normais	Barão Homem de Mello Dr. João Carlos de Oliva Maya Dr. Manoel Antonio Duarte Moreira Azevedo
14a	Organização de bibliotecas e museus escolares e pedagógicos. Caixas econômicas escolares	Sr. Manoel José Pereira Frazão Dr. L. R. Vieira Souto
15a	Organização do ensino secundário para o Sexo feminino	D. Thereza Pizarro Filha Dr. M. T. Alves Nogueira
16a	Mesas de exames gerais de preparatórios na Corte; processos dos exames. Exames gerais nas províncias	Dr. José Antonio Filgueiras Jr. Dr. José Aldrote Mendonça Rangel de Queiroz Carreira Dr. José Bento da Cunha Figueiredo

17a	Criação de um fundo escolar na Corte e nas províncias para auxiliar as despesas da instrução primária	Cons. Afonso Celso de Assis Figueiredo
18a	Concessão aos estabelecimentos de instrução secundária, mediante certas garantias e condições de prerrogativas de serem válidos os respectivos exames para a matrícula nos cursos superiores	**Não informado**
19a	Concessão, mediante certas garantias e condições, da prerrogativa de que goza o Imperial Colégio de Pedro II aos estabelecimentos de instrução secundária que seguirem o mesmo plano de estudos	Dr. José Aldrete de Mendonça Rangel de Queiroz Carreira Dr. José Bento da Cunha Figueiredo
20a	Escolas normais. Sua organização, plano de estudos, métodos e programas de ensino	Dr. Carlos Maximiniano P.Laet Dr. Antonio Herculano de Souza Bandeira Filho Dr. Benjamin Constant Botelho Magalhães
21a	Imperial Colégio de Pedro II. Sua organização e plano de estudos	Dr. Manoel Thomas Alves Nogueira
22a	Organização do professorado para os Jardins de Infância e para o ensino primário e secundário. Seus direitos e prerrogativas. Incompatibilidades e medidas disciplinares a que deve estar sujeito. Meios de animação	Dr. Menezes Vieira
23a	Organização e atribuições do Conselho Diretor da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte	Dr. André Gustavo de Paula Frontin Sr. Boaventura Plácido Lameira de Andrade
24a	Escolas profissionais e de aprendizado. Sua organização. Material técnico	Dr. Pedro Dias Godilho Paes Leme Engenheiro André Rebouças
25a	Educação dos cegos	Dr. Feliciano Pinheiro de Bittencourt
26a	Educação dos surdo-mudos	Dr. Menezes Vieira Dr. Tobias Rabello Leite
27a	Educação dos adultos e das adultas	Dr. José Manoel Garcia Dr. Pedro Dias Gordilho Paes Leme
28a	Meios de desenvolver a instrução primária nos municípios rurais	Dr. Amaro Cavalcanti Dr. João Barbalho Uchoa Cavalcanti Antonio Bahia da Silva Araujo
29a	Competência dos Poderes Gerais para criar estabelecimentos de ensino primário e secundário nas Províncias	Cons. Afonso Celso de Assis Figueiredo Dr. Ernesto Ferreira França

Segunda Sessão: Instrução superior

Questão	Temática	Pareceristas
1a	Estudo do ensino superior. Vícios e lacunas de	Cons. Francisco Rodrigues da

	sua organização. Providências e reformas necessárias	Silva Dr. A. V. de Borja Castro Cons. Cristiano Benedito Otoni
2a	Criação de uma Universidade. Sua organização. Faculdades que a devem constituir. Condições de autonomia das Faculdades existentes nas Províncias e da Escola de Minas de Ouro Preto em relação à Universidade	A . de Almeida Oliveira Cons. Antonio Joaquim Ribas
3a	Organização do Conselho Universitário e do Conselho Superior de Instrução Pública. Atribuições de cada um deles. Criação de uma Inspetoria Geral de Instrução Superior	A . de Almeida Oliveira Cons. Antonio Joaguim Ribas
4a	**Não foram publicados**	**Não informado**
5a	Faculdades de Medicina. Cursos especiais que devem compreender. Plano de estudos de cada um deles. Ensino prático	Cons. Barão de Itapoan Dr. Vicente Saboia Dr. José Pereira Guimarães Dr. Antonio Pacífico Pereira
6a	Escola Politécnica. Cursos especiais que deve compreender o seu plano de estudos. Ensino prático	Dr. Manoel Pereira Reis Dr. José de Saldanha Gama Dr. Antonio de Paula Freitas
7a	Criação de uma Faculdade de Letras. Sua organização e plano de estudos	Dr. Carlos Maximiano Pimenta de Laet
8a	Criação de uma Faculdade de Ciências Religiosas. Sua organização e plano de estudos	Dr. João Capistrano Bandeira de Melo Monsenhor João Esberard
9a	Escola de Minas de Ouro Preto. Sua organização e ensino	Dr. Ennes de Souza
10a	Organização do professorado dos estabelecimentos de ensino superior. Seus direitos e prerrogativas. Incompatibilidades a que deve estar sujeito. Meios de animação	Dr. Epifanio Candido de Souza Pitanga
11a	Processo e julgamento dos exames nos estabelecimentos de ensino superior	Dr. Alvaro Joaquim de Oliveira Dr. João Pereira Monteiro
12a	Sistema disciplinar e meios de emulação para os alunos dos estabelecimentos de ensino superior	Cons. Joaquim Monteiro Caminhoá Dr. Licínio Chaves Barcelos Dr. Joaquim de Almeida Leite Moraes
13a	Coeducação dos sexos nos estabelecimentos de ensino superior	Cons. Francisco Rodrigues da Silva
14a	Liberdade de ensino superior	Dr. Nuno de Andrade Dr. Afonso Celso de Assis Figueiredo Junior
15a	Cursos livres nos estabelecimentos de ensino superior	Dr. Francisco Pereira Passos Dr. A . Coelho Rodrigues Dr. João Batista Pereira
16a	Faculdades Livres, suas prerrogativas. Limites da fiscalização que sobre elas deve exercer o Estado	Dr. Agostinho José de Souza Lima

17a	Competência dos Poderes Provinciais para criar estabelecimentos de ensino superior	Dr. Tarquinio B. de Souza Amaranto Visconde de Jaguary

Fonte: *Actas e pareceres do Congresso da Instrucção do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1884 *apud* SCHELBAUER 2000, p.05-09. [*os grifos são nossos*]

André Rebouças e Pedro Dias Godilho Paes Leme emitiram o 24º parecer relativo à sessão de instrução primária, secundária e profissional, propuseram melhorias acerca das escolas profissionais e de aprendizado. Observando atentamente as atas, constatamos que Paes Leme defendeu a ideia da

> Difusão, pelas escolas primárias, de conhecimento elementares de agricultura; criação de internatos agrícolas para meninos maiores de 15 anos, onde a par da instrução primaria e técnica se familiarizem com o uso de instrumentos e trabalhos da terra; os estabelecimentos de liceus de artes e ofícios modelados pelo Rio de Janeiro, em todas as cidades onde a atividade industrial comercial a manifestar-se; criação de três escolas de arte e ofícios (plano de chalons-sur-marne) em Pernambuco, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul". Conclusões do relatório do doutor Pedro Dias Gordilho Paes Leme (*Atas e pareceres do Congresso da Instrução do Rio de Janeiro, p.567) [Atualizamos a ortografia]*.

Rebouças propôs as seguintes questões para o ensino técnico popular:

> a) Completar o edifício atual do Liceu de Artes e Ofícios da Côrte, dando-lhe todo o quarteirão compreendido entre as ruas da Ajuda, Guarda Velha, Santo Antonio e Carvalho;
> b) Estabelecer nessa área as oficinas, de há muito projetadas por Betencourt da Silva;
> c) Dar um vasto edifício, com parque e jardim, para a secção Liceu dedicado ao sexo feminino e a infância, proporcionando os meios para a criação de oficinas das artes mais adequadas às mulheres; para um estabelecimento de um vasto jardim no plano do Froebel, com piscinas de natação, aparelhos ginásticos, jardins geográficos e zoológicos, museus de ciências naturais etc;
> d) Aproveitar a raríssima devoção de Betencourt da Silva, encarregando-o de criar, nas capitais das províncias e nas suas cidades principais, instituições análogas do Rio de Janeiro (Idem,p.567).

É possível perceber que alguns assuntos atinentes à pauta de Pedro Dias Gordilho Paes Leme já faziam parte da agenda de reformas discutidas por André Rebouças nove anos antes. Ao que tudo indica, Paes Leme e André uniram-se para

produzir seus pareceres, assim como tantos outros indivíduos que almejavam a melhoria educacional do país. No que concerne ao ensino técnico, é importante ressaltar que Rebouças já vinha tratando desta temática nos jornais em que escrevia. Na sequência dedicada ao estudo da agricultura nacional, cuja publicação foi diária no *Jornal do Comércio*, entre os anos de 1874 e 1875, André propunha um audacioso programa de educação nacional, no qual a reorganização da terra seria a base elementar do projeto. Segundo ele, "a falta de conhecimentos profissionais é uma fatal realidade para a Agricultura Nacional". Para o engenheiro, "não só a Agricultura, como a Indústria, como o Comércio sofre a penúria extrema de conhecimentos técnicos e profissionais". E completava: "em todo esse vastíssimo Império, repitamos: não há só uma escola técnica! Não há uma só escola de Agronomia! Não há um só museu industrial" (REBOUÇAS, 1988, p. 374).

Rebouças entendia que ensino em nível técnico e a especialização profissional eram a base para uma mudança de caráter social e econômico do Brasil. Segundo ele, democratizando a atividade rural e universalizando o ensino primário, secundário e técnico entre a população degradada, seria possível pensar um país mais moderno, industrial e forte economicamente, capaz de deixar para trás o atraso social.

> Necessitamos de instrução e capital. E como não é possível construir escolas, comprar livros e pagar mestres sem capital, é preciso resolver simultaneamente o problema do capital e o problema da instrução: "*não se pode ensinar a ler quem tem fome*." É preciso capital para instrução, e capital para a indústria. É preciso dar simultaneamente ao povo – instrução e trabalho. Dar instrução aos brasileiros para que eles conheçam perfeitamente toda a extensão de seus direitos e de seus deveres: dar-lhes trabalho para que eles possam ser realmente livres e independentes! Repitamos: é necessário, é urgente, é indispensável **educar esta nação para a agricultura**, **para o comércio**, **para o trabalho** em uma só palavra! Deve ser esse o principal escopo de todo esse Império. (REBOUÇAS, 1988, p. 284) [*os grifos em negrito são nossos*]

Em 1887, *a Sociedade Central de Imigração* – criada em 14 de outubro de 1883 por André Rebouças, Alfredo Escragnolle Taunay e Carlos Koserits, durante reunião no Liceu de Artes e Ofícios no Rio de Janeiro, lançava seu estudo econômico e social acerca do ensino técnico no Brasil. Esse extenso programa de ensino profissional considerava também o relatório apresentado por Rui Barbosa, em 1883. À época, Rui

apresentou pareceres acerca da Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições Complementares da Instrução Pública (1883). Ele foi relator da Comissão de Instrução Pública e esse documento serviu de subsídio para discutir o projeto de Reforma do Ensino Primário e Secundário em substituição à Reforma Leôncio de Carvalho, de 1879. Algumas concepções e propostas desse documento foram adotadas tanto na reforma de instrução pública imperial quanto na republicana (SOUZA, 2000).

Rebouças era secretário da *Sociedade Central de Imigração*, o mesmo papel que exercera na *Sociedade Brasileira Contra a Escravidão*, situação que nos leva a crer que o engenheiro também agia articulando-se politicamente em favor de seus interesses capitalistas e de suas aspirações para a universalização do ensino profissionalizante. Outro fator importante a esclarecer refere-se ao fato de que a organização administrativa dessa sociedade sofreu algumas alterações ao longo dos anos, o que atendia ao previsto no Art. 7º de seu estatuto. Cada diretoria teria a duração de um ano (A IMIGRAÇÃO, 1883-1884, p.1); entretanto as fontes revelam que Rebouças, desde a fundação até o referido programa de ensino técnico, esteve presente e fixo no cargo de secretário.

A proposta de renovação do ensino profissionalizante também fez com que André Rebouças sugerisse a criação de Caixas Escolares, assim como fora feito na França, Itália e Bélgica. Estas Caixas serviriam como uma caderneta de poupança para os pais, cujo objetivo maior seria o de incutir nos alunos uma cultura de educação econômica vinculada à Caixa Econômica Brasileira. Segundo Rebouças, "os efeitos serão ainda mais sensíveis no futuro quando os alunos atuais, tornando-se adultos, formarem uma geração de operários já inteiramente familiarizados com a caderneta da caixa econômica, clientes numerosos, honestos e produtivos" (O NOVO MUNDO, abril de 1879, p. 83).

Embora Rebouças tenha salientado que o ensino secundário combinava com o técnico e a organização de um não poderia ser indiferente à do outro, o caráter enciclopédico então enfatizado por Rui Barbosa mereceu críticas. Entre elas, havia o indicativo de que "a principal necessidade em matéria de ensino público, diremos, sintetizando todo o nosso pensamento em uma fórmula incisiva é, – menos bacharéis e mais industriais, menos ensino clássico e literário e mais ensino técnico e científico" (SOUZA FILHO, 1887, p.72).

É importante frisar, contudo, que a proposta de reforma do ensino técnico, elaborada pela Sociedade Central de Imigração, possui diversas semelhanças com os escritos de Rebouças publicados nos jornais nos idos de 1870. Para o engenheiro, o projeto brasileiro de futuro vinha ao encontro da necessidade de implementação de uma reforma agrária atrelada ao ensino, cujo objetivo era emancipar todos os negros do Brasil. Ao escrever a esse respeito, André abria caminho para propor um programa educacional de alcance nacional atrelando os níveis de ensino primário e secundário. Ele defendia um ensino técnico a partir de financiamento privado, oferecendo aos escravos, imigrantes e indígenas os conhecimentos científicos e técnicos, cujos princípios fundamentais das ciências e suas aplicações os colocariam na trajetória da modernidade.

Para ele, o modelo estrutural da educação brasileira possuía falhas, por isso reafirmava sua posição alegando que:

> O problema social máximo do século anuncia-se assim: "Educar os povos para serem soberanos"; "Educar os reis para serem cidadãos". Tudo isto demonstra que é necessário educar a geração que cresce, para a agricultura, para a indústria, para o comércio, para o trabalho em uma só palavra! Até aqui a educação era meramente política. Saia-se da academia para os colégios eleitorais, e muitas vezes para as assembleias legislativas provinciais, e até para o parlamento nacional. Daí essa repugnância geral para o trabalho produtivo. É preciso reformar tudo isso radicalmente [...] (REBOUÇAS, 1988, p. 323).

Nesse trecho, é possível observar como as ideias de Rebouças estavam incutidas no cerne do projeto de reforma do ensino técnico. Anos antes, o engenheiro mencionava a importância de preparar o sistema educacional para mudanças necessárias, visando ao desenvolvimento da agricultura nacional e a reorganização da terra em seu sentido mais amplo. Em 1887, a proposta do grupo de Rebouças, oriunda da Sociedade Central de Imigração, ressaltava que "antes de tudo cumpre admitir que o estado atual de nosso desenvolvimento industrial e econômico não comporta ainda uma organização completa do ensino técnico, desde o seu grau mais elementar até o superior para todos os diferentes ramos ou grupos profissionais" (SOUZA FILHO, 1887, p. 177). A partir dessa afirmativa, o grupo de reformadores alertava que a inserção do ensino técnico deveria ser gradativa, seguindo assim as necessidades e as demandas sociais e econômicas da sociedade brasileira.

Esse fato reforça nossa afirmativa acerca da grande influência de Rebouças no que se refere à elaboração inicial da proposta do ensino técnico. É possível observar que a proposta seguia rigorosamente a estrutura de projeto sobre os estudos econômicos da agricultura nacional escritos por Rebouças já no início dos anos de 1870. Todavia, a memória e/ou historiografia que trata da reforma do ensino técnico não registrou/explicou os intelectuais que trabalharam com afinco durante longos anos, entre eles o engenheiro, professor, homem de negócios e abolicionista André Pinto Rebouças.

A nossa argumentação baseia-se no fato de que, entre os anos de 1874-1875, o projeto de agricultura nacional publicado por Rebouças no *Jornal do Comércio*, enfatizava que era "necessário, urgente e indispensável educar a nação para a agricultura, comércio e trabalho". Como é possível observar, as ideias do engenheiro eram inseridas na proposta do ensino técnico brasileiro e obedeciam à divisão em três grupos principais: 1º ensino técnico agrícola, 2º ensino técnico industrial e 3º ensino técnico comercial (SOUZA FILHO,1887, p.182). Na tabela abaixo, se encontra a relação das disciplinas a serem ministradas em cada curso proposto.

Tabela 5 – Quadro de disciplinas a serem ministradas nos cursos constantes na reforma do ensino técnico em 1887

ENSINO TÉCNICO AGRÍCOLA	ENSINO TÉCNICO INDUSTRIAL	ENSINO TÉCNICO COMERCIAL
Disciplinas		
Língua nacional	Língua nacional	Língua nacional
Línguas ·estrangeiras	Línguas ·estrangeiras	Línguas ·estrangeiras
História e Geografia	História e Geografia	História e Geografia
Matemáticas	Matemáticas	Matemáticas
Ciências naturais	Ciências naturais	Ciências naturais
Ciências agrícolas	Cursos industriais	Contabilidade e escrituração mercantil
Contabilidade e escrituração agrícola	Contabilidade e escrituração industrial	Ciências comerciais
Desenho	Desenho	Economia política
Economia política	Economia política	Desenho
Legislação usual e estudo das instituições nacionais	Legislação usual e estudo das instituições nacionais	Legislação usual e estudo das instituições nacionais
----------	----------	Direito comercial

Fonte: *O Ensino Público no Brasil: Reforma do ensino secundário - organização do ensino técnico nacional - Ação do estado e da iniciativa privada na organização do ensino técnico.* Souza Filho, Tarquino de. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1887.

O escopo dos cursos e a dinamização das disciplinas resumem bem o que Rebouças pretendia com o seu programa de ensino. De acordo com ele, as fábricas, as fazendas, os engenhos centrais seriam capazes, minimamente, de ensinar os ex-escravos, imigrantes e indígenas, na condição de aprendizes, a ler e escrever, a lavrar e estrumar a terra, a efetuar todas as boas práticas rurais, a dirigir máquinas agrícolas, a empregar e consertar, e mesmo fabricar os utensílios e as máquinas destinadas à exportação, ao consumo do café, do açúcar, do algodão e do fumo, e de todos os outros produtos da agricultura brasileira (REBOUÇAS, 1988, p. 323).

Defendemos que o pensamento educacional de André Pinto Rebouças transitou na vanguarda das ideias para a transformação do ensino no país. Rebouças nos deixou um vasto e complexo estudo pautado em pensamento científico, reforma social e reorganização educacional. Suas ideias como reformador social, homem de negócios e pensador educacional revelam-nos o pensamento político e social de membros da elite intelectual brasileira na segunda metade do século XIX.

Negro, Rebouças superou as barreiras impostas por uma sociedade sistematicamente racista. Talvez por isso suas ideias tenham sido ignoradas com o término da monarquia e a perda de um de seus principais aliados ideológicos, D. Pedro II. Com o fim da escravidão, o exílio junto ao amigo D. Pedro e a instauração da República, o programa de ensino profissionalizante pensado por Rebouças e outros intelectuais perdia espaço para novos interesses de um Brasil agora republicano, porém não menos racista.

Considerações Finais

A análise da trajetória familiar de André Pinto Rebouças nos permitiu observar as estratégias de mobilidade social de homens negros e as interdições oriundas da estrutura racista que se consolidou ao longo dos séculos. Muitos já estudaram sobre o engenheiro André Rebouças, mas quase nenhum trabalho problematizou a estrutura escravista e racista que atravessou negros qualificados nos moldes da sociedade imperial, a exemplo da família Rebouças onde havia médico, músico, político e engenheiros. Estes contribuíram para romper com uma das questões políticas e sociais mais sensíveis do Império brasileiro, o bloqueio racial.

A experiência de André Rebouças em decifrar os códigos racistas da elite imperial brasileira, remonta o período em que ele e seu irmão Antonio ainda eram estudantes de engenharia na Escola Militar e de Aplicação do Exército. Neste local, foram submetidos ao que chamamos hoje de racismo institucional. À época, o desempenho acadêmico dos irmãos lhes garantiu uma viagem de aperfeiçoamento para a Europa, entretanto, ao longo do processo se depararam com obstáculos que André Rebouças atribuiu ao preconceito de cor.

Trabalhamos com a desconstrução do que denominados: *consenso historiográfico* criado sobre Rebouças e seus parentes, qual seja, a repetição dos seus laços familiares em diversas bibliografias seguindo um mesmo padrão, mencionando apenas fragmentos da sua infância, a origem de seus pais, o convívio com seu irmão Antonio Pereira Rebouças e de modo discreto a relação com seu irmão mais novo José Pereira Rebouças. Nenhum estudo se preocupou em reconstruir as relações de uma família de negros levando em consideração seus mecanismos de sobrevivência entre a elite imperial. Trouxemos à tona episódios de significativa carga simbólica para a família, levando em consideração seus elementos genotípicos (compreensão hereditária africana e portuguesa) e fenotípicos (características físicas: cor da pele e tipo de cabelo, por exemplo). Nesse capítulo, exploramos os impeditivos sofridos por André Rebouças e alguns dos seus familiares, demonstrando a constante luta por reconhecimento social e político, algo que se fazia constante tendo em vista sua inserção em uma sociedade notadamente estratificada e preconceituosa.

A elaboração do conceito “homem de cor” surge como uma possibilidade de reflexão para pensarmos a questão racial brasileira nos anos finais de séc. XIX. Rebouças, seu pai e irmão Antonio, assim como outros indivíduos de ancestralidade africana foram submetidos a pauperização da própria imagem. Isso porque, aos olhos de grande parte da sociedade, essas pessoas eram vistas como seres inferiores, fosse física, moral e intelectualmente. André e Antonio Rebouças, desde jovens sofreram com investidas de cerceamento social, quando adultos viram-se diante de injúrias raciais nos periódicos, seus adversários utilizavam a prerrogativa cor da pele para subjulgar a competência intelectual e a qualidade moral dos irmãos engenheiros.

Essas experiências sistemáticas de preconceito racial contribuíram para o perfil combativo de André Rebouças às desigualdades sociais. O desagrado racial vivido nos Estados Unidos da América também pode ser considerado um “divisor de águas” na percepção antirracista do engenheiro. A partir destes aspectos, foi possível perceber uma relação direta entre luta contra o racismo e o programa de reforma social.

Entre os anos de 1870 a 1888, Rebouças trouxe à baila uma discussão nevrálgica de reforma social que atingia dois pilares da sociedade brasileira: o latifúndio e a escravidão. Essas mudanças seriam executadas pelo estado a partir da educação, da ciência e do direito, através de uma proposta de ensino técnico para libertos, livres e imigrantes; e da revisão da Lei de Terras.

Rebouças viu nas áreas improdutivas um local para o acolhimento social de negros e imigrantes, ao mesmo tempo em que visualizava esses espaços rurais como áreas para o desenvolvimento da agricultura de subsistência, difusão do conhecimento científico e qualificação profissional de caráter técnico, voltado para a indústria, comércio e agricultura. As fontes revelaram que o trabalho de vanguarda elaborado pelo engenheiro não foi bem recebido pela classe política e sofreu esvaziamento, perceptível nas correspondências não respondidas, nos entraves burocráticos e no silenciamento do seu programa de reforma social. Identificamos que este material foi produzido a partir de um rigoroso critério científico, que levava em consideração a evolução histórica da sociedade, quadros estatísticos, literaturas nacionais e internacionais, além de dados obtidos em pesquisas de campo. Esse conjunto de ferramenta analítica também foi utilizado por Rebouças para acompanhar o desenvolvimento da ciência ao longo do tempo.

Como parte da estratégia de enfrentamento e resistência, André Rebouças levou a discussão política sobre as desigualdades sociais para diferentes jornais, alguns com grande tiragem interna e outro com alcance internacional. Aos leitores brasileiros residentes fora do Brasil, Rebouças apresentava através do periódico *O Novo Mundo*, um cenário crítico, principalmente direcionado a liberdade dos ingênuos (nome associado aos filhos das mulheres escravizadas nascidos após a Lei do Ventre Livre), elencando os malefícios educacionais que este comportamento causaria às futuras gerações. Observamos escolhas temáticas bem definidas nos jornais brasileiros, quando o engenheiro, por exemplo, se dirigia especificamente aos leitores interessados na vinda de imigrantes para o país, em artigos publicados no jornal *A Imigração*, textos estes frutos de discussões realizadas na Sociedade Central de Imigração, entidade que André Rebouças fundou na companhia de outros intelectuais, e se tornou um dos principais articuladores.

No *Jornal do Agricultor*, Rebouças escreveu especificamente para os interessados em obter informações recentes sobre o desenvolvimento da agricultura, onde produziu um artigo defendendo o ensino da economia rural. Nos outros periódicos reforçou as temáticas que julgava mais sensíveis: educação dos ingênuos, reorganização fundiária, imposto territorial, desenvolvimento da agricultura nacional e avanço tecnológico das lavouras a partir da difusão coletiva do conhecimento.

André Rebouças demonstrou uma grande capacidade de se articular em atividades distintas, ao mesmo tempo. Esse comportamento lhe ajudou a construir uma extensa rede profissional e social dentro e fora país. Embora pesasse contra si a condição racial, seu trânsito dentro e fora do país, em espaços frequentados principalmente por uma elite branca, assim como a sua atuação em representativos postos nas sociedades científicas e culturais do Império, evidenciam um homem bastante articulado socialmente. Entre 1870 a 1876, Rebouças realizou aproximadamente 630 contatos com indivíduos diferentes.

Boa parte dessas interlocuções possuía ligação direta com a sua condição de homem de negócios. Durante os anos em que trabalhou como empresário, Rebouças foi um implacável competidor no ramo portuário e ferroviário dentro do Brasil. Ele compreendia as dificuldades de ser considerado uma "pessoa de cor" em um ambiente altamente seletivo e racista. Para tanto, restava ser o melhor, o mais dedicado, o mais

estudioso, o mais bem formado e informado dentre aqueles ao seu redor. Esse modelo de comportamento foi utilizado para desconstruir a ideia de que as "pessoas de cor" eram inferiores física e intelectualmente. Mestiça em sua origem, a família Rebouças incomodou a elite imperial, rompeu as barreiras raciais impostas por esta sociedade, revindicou para si seus direitos sociais, políticos e jurídicos, e fizeram da intelectualidade a sua arma mais poderosa. Com extrema sabedoria, Rebouças resistiu ao racismo, criou e recriou opções políticas para desenvolvimento do país, defendeu a educação livre e o direito a terra para os negros, de modo incansável demonstrou que a falta de oportunidade para as "pessoas de cor" era a causa para o atraso brasileiro.

Essa atuação intelectual nos permite visualizar um indivíduo bastante preocupado com as questões sociais e raciais presentes no final do séc. XIX. Evidentemente esta pesquisa não possui a pretensão de esgotar a atuação de André Rebouças como reformador social. Entretanto, vislumbrar sua trajetória intelectual, profissional e familiar nos ajuda a compreender melhor a dinâmica de atuação de tantos indivíduos negros, que no final do séc. XIX encabeçaram a difícil tarefa de engajamento político.

André Rebouças foi sem dúvida um dos mais importantes intelectuais e produtor de ciência do seu tempo. Com a chegada da República, D. Pedro II e sua família seguem para o exílio na Europa em 17 de novembro de 1889. Rebouças seguiu com a comitiva do imperador deposto, deixando o Brasil para não mais retornar. Nem mesmo os laços familiares e de amizade conseguiram manter o engenheiro em solo nacional. Para trás, deixou uma vasta produção intelectual que merece novos estudos no campo da engenharia e da história dos intelectuais. Seus escritos dedicados à transformação científica, social, política, cultural e econômica do país, ainda reservam horizontes desafiadores para se pensar o séc. XIX pela ótica de um cientista, professor e empresário negro, que teve o racismo brasileiro como o seu principal obstáculo.

Referências

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FRAGA FILHO, Walter. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

_____. *O jogo da dissimulação: Abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. (319 p.) .

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *Abolição da escravidão em 1888 foi votada pela elite evitando a reforma agrária, diz historiador***.** Entrevista a BBC Brasil em São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44091474>. Acesso em: 20 de Janeiro. 2020.

_____. O trato dos viventes : formação do Brasil no Atlântico Sul, Séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *História da Vida Privada no Brasil*. – São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. 2.

_____. Le commerce des vivants: traite d'esclaves et "pax lusitana" dans I 'Atlantique Sud. Paris : [s.n.], 1985-1986. 3v.

ALLEN, Bernard L.; MATCHEN, David. *Gás natural e petróleo.* Enciclopédia da Virgínia Ocidental, 2017. Disponível em: < https://www.wvencyclopedia.org/articles/1600> Acesso em: 07 jul. 2020.

ALONSO, Ângela. *Associativismo avant la lettre – as sociedades pela abolição da escravidão no Brasil oitocentista.* Sociologias, Porto Alegre, ano 13, no 28, set./dez. 2011, p. 166-199.

_____. *Ideias em Movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo, Paz e Terra, 2002.

ATA RELATIVA AO CONCURSO PARA A ESCOLA POLÍTICA EM 1880. Arquivo Nacional – AN, Rio de Janeiro, RJ. Série educação – notação *IE²87.

AZEVEDO, Thales de. *As elites de cor: um estudo de ascensão social*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional. 1955.

BARBOSA, Rui. *Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional 1883. In: <http://www2.senado.leg.br>.Acesso Acesso em: 13 de Outubro. 2018.

BARRETO, Maria Renilda N; SILVA, Wladimir Barbosa da. *Mulheres e Abolição: protagonismo e ação.* Revista da ABPN. v. 6, n. 14 . jul. – out. 2014, p. 50-62

BERLIM, Iran. *A quase centenária falência da escravidão nos Estados Unidos. In: Instituições nefandas: o fim da escravidão e da servidão no Brasil, nos Estados Unidos e na Rússia* / organizadores Ivana Stolze Lima, Keila Grinberg, Daniel Aarão Reis. – Rio de Janeiro : Fundação Casa de Rui Barbosa, 2018. [recurso eletrônico]

BLOCH, MARC. Apologia *da História, ou, O ofício de historiador*; Prefácio: Jacques Le Goff; Apresentação à edição brasileira: Lilia Moritz; Tradução: André Telles – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOSI, Alfredo. A escravidão entre dois liberalismos. Estud. av. vol.2 no.3 São Paulo Sept./Dec. 1988.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. Cap. 1, 2 e 3, pp.7-16. (coleção memória e sociedade).

BRAGA, Marcos, GUERRA, Andreia, REIS, *José Claudio. O papel dos livros didáticos franceses do século xix na construção de uma concepção dogmático-instrumental do ensino de física*. Cad. Bras. Ens. Fís., v. 25, n. 3: p. 507-522, dez. 2008.

BRASIL, Coleção Leis do Império do Brasil de 1878. Partes 1 e 2. Tipografia Nacional, Rio de Janeiro, 1878.

_____. *Coleção Leis do Império do Brasil de 1850*. Tipografia Nacional, Rio de Janeiro, 1850.

BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais - A Longa Duração*. In: Escritos sobre a História. SP: Perspectiva, 1992. p.41-78.

CARDOSO, Tereza Maria Rolo Fachada Levy. *As luzes da educação: fundamentos, raízes históricas e prática das aulas régias no Rio de Janeiro (1759-1834)*, 1998. Tese de doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CARVALHO, Carlos Leôncio de. *Primeira exposição pedagógica do Rio de Janeiro*: Relatório. Rio de janeiro: Typographia Nacional, 1884.

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial e Teatro de sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, José Murilo de (coord.). *A Construção Nacional: 1830-1889*. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, v.2.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. *O quinto século: André Rebouças e a Construção*. Rio de Janeiro, Revan: IUPERJ-UCAM, 1998.

CASTRO, Celso. *A trajetória de um arquivo histórico: reflexões a partir da documentação do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil*. Estudos Históricos, nº36, jul.-dez. 2005, p.33-42.

CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

COSTA, Joaze Bernardino; Torres, Nelson Maldonado; GROSFOGUEL, Ramóm (Org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico* - 2. ed. Rio de Janeiro: Autêntica, 2018.

COLLICHIO, Therezinha A. Ferreira. *Dois eventos importantes para a história da educação brasileira: a Exposição Pedagógica de 1883 e as Conferências Populares da Freguesia da*

Glória. In: Revista da Faculdade de Educação da USP. São Paulo, vol.13, n. 2, jul./dez.. 1987, pp.05-14.

DAMATTA. Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DINIZ, Maria Helena. *Sistemas de registros de imóveis*. 10. ed. São Paulo: Saraiva, pág. 2012, págs. 564-565).

ELEMENTO SERVIL: PARECER E PROJETO DE LEI SOBRE O ELEMENTO SERVIL APRECIADO PELA COMISSÃO ESPECIAL NOMEADA PELA CÂMARA DOS DEPUTADOS EM 24 DE MAIO DE 1870. Typographia Nacional. Rio de Janeiro, 1870.

EYFERTH, Giralda. *Racismo e o ideário da formação do povo no pensamento brasileiro*. In. OLIVEIRA, Iolanda (org.). Relações raciais e educação: temas contemporâneos. Niterói: EdUFF, 2002. (Cadernos PENESB; 4).

FARINA, William Ulysses S. Grant, 1861–1864: *His Rise from Obscurity to Military Greatness*, 2007.

FAURE, G. *Principles and applications of geochemistry.* 1998, 2edição. Prentice Hall.

FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina; (org). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FILHO, Virgílio Alves Corrêa. *Revista do Clube de Engenharia. André Rebouças: Textos biográficos*. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Fundo do Arquivo nº 74 de 1941.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência*, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos. 2001.

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (orgs). Intelectuais *Mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GOMES, Flávio e SOARES, Carlos Eurgênio. *Sedições, haitianismo e conexões no Brasil escravista: outras margens do Atlântico Negro*. In: Novos Estudos, nº 63, 2002.

GOMES, Nilma Lino. *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão*. In: BRASIL. Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005, p. 39 - 62.

GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. *Educação, poder e sociedade no Império brasileiro*. São Paulo: Cortez, 2008. 320 p.

GONTIJO, Rebeca. História, *cultura, política e sociabilidade intelectual*. IN: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda B.; GÔUVEA, Fátima S. Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. Parte III: cultura política e sociabilidade. P. 259-284.

GRAHAN, Richard. Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil – 1850-1914. São Paulo, Editora Brasiliense, 1973.

GRINBERG, Keila. *Em defesa da propriedade: Antonio Pereira Rebouças e a escravidão*. Afro-Ásia, 21-22. (1998 – 1999), 111-146.

GUIMARÃES, Antonio Sergio A. (1999c). *Racismo e Antirracismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora 34.

HALL, Stuart. *A questão multicultural*. In. HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HEINZ, Flávio M.(org). *História social de elites*. Oikos editora. 2011.

HOBSAWM, Eric J. *A Era das Revoluções 1789 – 1848*. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

_____. *Era dos Impérios (1875-1914)*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2013, p. 71.

JUCÁ, Joselice. *André Rebouças: reforma & utopia no contexto do Segundo Império: quem possui a terra possui o homem*. Rio de Janeiro: Odebrecht, 2001.

_____. *A questão abolicionista na visão de André Rebouças*. Cadernos de Estudos Sociais,Recife, v. 4, n. 2, p. 207-218, jul./dez. 1988.

KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. Capítulos 5 e 6. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

LAMARÃO, Sérgio Tadeu. *Dos trapiches ao porto: um estudo sobre a área portuária do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro*: Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural/Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 1991.

LENZI, Maria Isabel; SANTOS, Nubia Melhem (Orgs.). *O porto e a cidade: o Rio de Janeiro entre 1565 e 1910*. Rio de Janeiro. Casa da Palavra. 2005.

LISBOA, Araci Gomes. *O Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil: expedições sob suspeita*. Niterói, UFF, Departamento de História (Monografia de Graduação), 1998.

LOUZEIRO, José. *André Rebouças*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1968.

MACHADO, Álvaro Manuel. *A Geração de 70: uma revolução cultural e literária*. Biblioteca Breve, Vol.4. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1986.

MANIFESTO DA SOCIEDADE BRASILEIRA CONTRA A ESCRAVIDÃO. Rio de Janeiro, Typographia de G. Leuzinger & filhos, 1880. In: http://www2.senado.leg.br. Acesso em: 15 de Fevereiro. 2014.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014.

MORRISON, Michael A. *Shakespeare in North America*. Edited by Stanley Wells, Sarah Stanton, Cambridge University Press.2002, p.235-237.

MOTA, Maria Aparecida Rezende. *A Geração de 1870 e a invenção simbólica do Brasil*. XXVII simpósio Nacional de História (ANPUHL), Rio Grande do Norte, 2013.

MOTTA, Márcia Maria Menendes Motta – *Nas Fronteiras do Poder*. Conflito e Direito à Terra no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro, APERJ/Vício de Leitura, 1998a.

MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 2003.

_____. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

NOVAES, Silvia Caiuby. *Jogo de espelhos*. São Paulo:EDUSP,1993.

OLIVEIRA JUNIOR, Gilson Brandão. *África Afetiva e Efetiva: breve reflexão conceitual acerca dos diferentes olhares lançados ao continente*. In: Estudos Africanos: múltiplas abordagens / Alexandre Vieira Ribeiro, Alexsander Lemos de Almeida Gebara. – Niterói : Editora da UFF, 2013. – 5518kb ; e-book. – (Coleção História).

OLIVEIRA, Nora de Cassia Gomes de. *Democracia, liberdades, utopias: a elite política da Bahia no século XIX: perfil dos membros do conselho geral de província (1828-1834)*. XVI encontro estadual de História, ANPHU RS, 2018. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil.In: SPINK, Mary Jane Paris(Org.) A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994, p. 177-187.

PATROCÍNIO, José. *Manifesto da Confederação Abolicionista*. Rio de Janeiro: Typographia da Gazeta da Tarde, 1883. In: http://www2.senado.leg.br. Acesso em: 04 de Outubro. 2014.

PINHO, Wanderley. *Salões e damas do Segundo Reinado*. – 5ª ed. São Paulo: GRD, 2004.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *De pele escura à tinta preta - a imprensa negra no século XIX (1833-1899)*. 197 f. Brasília: UNB, 2006. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, 2006.

POLIAKOV, Léon.. *O Mito Ariano: Ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

REBOUÇAS, André. *Abolição Imediata e sem Indenização*. Rio de Janeiro, Evaristo R. da Costa, 1883.(Confederação Abolicionista, panfleto.1).

_____. *Agricultura Nacional: estudos econômicos; propaganda abolicionista e democrática*. Recife: Massangana, 1988.

_____. *As secas nas províncias do Norte*. Rio de Janeiro: Tipografia G. Leuzinger e Filhos. 1877.

_____. *Ao Itatiaia*. Rio de Janeiro. Typ. e Livraria Lombaert & Companhia, 1878.

_____. *Portos de Comércio: novos estudos durante a viagem e Europa e Estados Unidos em 1872 – 1873.* Rio de Janeiro: Revista do Instituto Politécnico, 1873.

_____. *Companhia Doca da Alfândega do Rio de Janeiro*: Publicação dos Documentos que Precederam e Motivaram sua Organização. Rio de Janeiro: Typ. J. C. de Villeneuve & C., 1870.

_____.*Companhia das Docas de Dom Pedro II nas enseadas da Saúde e da Gamboa no porto do Rio de Janeiro*: Publicação dos Documentos que Precederam e Motivaram sua Organização. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger, 1871.

_____. *Confederação Abolicionista. Programa de solução depois da lei de 13 de maio de 1888*. Acervo do Instituto de Documentação (CEHIBRA) da Fundação Joaquim Nabuco – FJN, Recife, PE.

_____. *Diário de André Rebouças. Vol. 9 – 2 de fevereiro de 1870 a 10 de outubro de 1870.* Acervo do Instituto de Documentação (CEHIBRA) da Fundação Joaquim Nabuco – FJN, Recife, PE.

_____. *Diário de André Rebouças. Vol. 10 – 10 de outubro de 1870 a 3 de junho de 1871*. Acervo do Instituto de Documentação (CEHIBRA) da Fundação Joaquim Nabuco – FJN, Recife, PE.

_____. *Diário de André Rebouças. Vol. 11 – 4 de junho de 1871 a 13 de dezembro de 1871*. Acervo do Instituto de Documentação (CEHIBRA) da Fundação Joaquim Nabuco – FJN, Recife, PE.

_____. *Diário de André Rebouças. Vol. 12 – 12 de dezembro de 1871 a 17 de junho de 1872*. Acervo do Instituto de Documentação (CEHIBRA) da Fundação Joaquim Nabuco – FJN, Recife, PE.

_____. *Diário de André Rebouças. Vol. 13 – 17 de junho de 1872 a 30 de novembro de 1872*. Acervo do Instituto de Documentação (CEHIBRA) da Fundação Joaquim Nabuco – FJN, Recife, PE.

_____. *Diário de André Rebouças. Vol. 14 – 1 de dezembro de 1872 a 30 de abril de 1873*. Acervo do Instituto de Documentação (CEHIBRA) da Fundação Joaquim Nabuco – FJN, Recife, PE.

_____. *Diário de André Rebouças. Vol. 15 – 1 de maio de 1873 a 16 de novembro de 1873*. Acervo do Instituto de Documentação (CEHIBRA) da Fundação Joaquim Nabuco – FJN, Recife, PE.

_____. *Diário de André Rebouças. Vol. 16 – 17 de novembro de 1873 a 3 de março de 1875*. Acervo do Instituto de Documentação (CEHIBRA) da Fundação Joaquim Nabuco – FJN, Recife, PE.

_____. *Diário de André Rebouças. Vol. 17 – 4 de março de 1875 a 3 de novembro de 1876*. Acervo do Instituto de Documentação (CEHIBRA) da Fundação Joaquim Nabuco – FJN, Recife, PE.

_____. *Federação Territorial*. Acervo do Instituto de Documentação (CEHIBRA) Fundação Joaquim Nabuco (FJN), Recife, PE.

_____. *Minha fé de ofício*. Acervo do Instituto de Documentação (CEHIBRA) Fundação Joaquim Nabuco (FJN), Recife, PE. AR PI, p.4, Doc 15, a1, g1.

_____. *Recordações da Vida Parlamentar*, Volumes I e II. Rio de Janeiro: TYP Universal de Laemmert, 1870.

_____. *Registro de correspondência trocada entre André Pinto Rebouças e Conde d'eu*. Museu Imperial – Petrópolis, RJ. Maço 152, Doc.7229,Ano 1869.

REVISTA POLITÉCNICA – *Ata da sessão do Instituto Politécnico*, de 18 de outubro de 1878, p. 28. versão digitalizada disponível em < http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Biblioteca Nacional – Hemoroteca Digital. Acesso em: 13 de Fev. 2020.

REIS, JOÃO JOSÉ. *Rebelião escrava: a história do levante dos malês em 1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ROGIER, L. J. (Dir.). *Nova História da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1975. v.5. t.1.

RUIZ, Roberto. *André Rebouças: sua vida, sua obra, seus ideais*. Rio de Janeiro: Ministério dos Transportes, 1973.

SANTOS, Edmilson Moutinho; FAGÁ, Murilo Tadeu Werneck; BARUFI, Clara Bonomi; POULALLION, Paul Louis. *Gás natural: a construção de uma nova civilização*. ESTUDOS AVANÇADOS 21 (59), p. 68-90, 2007.

SANTOS, Sydney M. G dos. *André Rebouças e Seu Tempo*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1985.

SCHELBAUER, Analete Regina. *Fonte para o estudo da História da Educação Brasileira: o Congresso da Instrução do Rio de Janeiro*. Disponível em http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/022_analete_regina.pdf. Acesso em: 25 de Março. 2020.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. – 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Wladimir Barbosa da. *Escravidão, imprensa e sociedade: o protagonismo feminino na campanha abolicionista*. Dissertação de Mestrado – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca , 2014.

SIRINELLI, J. A geração. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (org.). *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 131-137.

_____. *As elites culturais*. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (org.). Para uma história cultural. 8. ed. Lisboa: Estampa, 1998. p. 259-279.

_____. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Tradução Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-269.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro, 1808–1850*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

SOARES, Luiz Carlos. *O Povo de Cam na Capital do Brasil: a Escravidão Urbana no Rio de Janeiro do Século XIX*. Rio de Janeiro: Faperj/7Letras, 2007.

_____. *Geografia Histórica da região do valongo, 1713-1904*. Acervo, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 150-161, jan./jun. 2016.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*, Rio de Janeiro, Ed. Mauad, 1999.

SPENCER, H. Educação*: Intellectual, moral e physica*. Porto: Casa Editora Alcino Aranha, 1884.

SOUZA, Augusto Fausto de. *A Baía do Rio de Janeiro: sua História e Descrição de suas Riquezas*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1882.

SOUZA FILHO, Tarquino de. *O Ensino Público no Brazil: Reforma do ensino secundário - organização do ensino técnico nacional - Ação do estado e da iniciativa privada na organização do ensino técnico.* Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1887. In: http://www2.senado.leg.br. Acesso em: 13 de Outubro. 2018.

SOUZA, Rosa Fátima de. *Inovação educacional no século XIX: A construção do currículo da escola primária no Brasil*. Cadernos Cedes, ano XX, no 51, novembro/2000

VASSILIEFF, Irina, *André Rebouças: um negro de destaque no Brasil do século XIX : homem moderno, engenheiro, escritor, abolicionista, amigo de D. Pedro II, defensor da democracia rural, sócio participativo da Sociedade Central de Imigração, professor da Politécnica-RJ*. São Paulo: Plêiade, 2009.

VERÍSSIMO, Ana Flora; VERÍSSIMO, José Inácio. André Rebouças: *Diários e notas autobiográficas. Coleção Documentos Brasileiros*, v.12. Editora José Olympio. Rio de Janeiro, 1938.

VIEIRA, Nívea Silva. *A ACRJ, o Porto e o Estado Imperial brasileiro*. Anais do I Círculo de debates acadêmicos. IPEA, Code 2011.

WINTER, William. *Life and Art of Edwin Booth*. MacMillan e Co., New York. 1893. p. 48-49.

Periódicos

A Nação. 1874 a 1875: versão digitalizada disponível em < http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Biblioteca Nacional – Hemoroteca Digital. Acesso em: 01 Março. 2016.

Jornal do Comercio. 1871 a 1875: versão digitalizada disponível em < http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Biblioteca Nacional – Hemoroteca Digital. Acesso em: 01 Fevereiro. 2015.

Jornal a Imigração. 1883. versão digitalizada disponível em < http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Biblioteca Nacional – Hemoroteca Digital. Acesso em: 01 de Maio. 2018.

Mercantil. 1875: versão digitalizada disponível em < http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Biblioteca Nacional – Hemoroteca Digital. Acesso em: 01 de Fevereiro. 2015.

O Novo Mundo. 1875 e 1879: versão digitalizada disponível em < http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Biblioteca Nacional – Hemoroteca Digital. Acesso em: 01 de Maio. 2018.

Revista de Engenharia: edição de 10 de junho de 1880, 1886, ano VIII, nº 129: < http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Biblioteca Nacional – Hemoroteca Digital. Acesso em: 20 de Maio. 2017.